

**UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM INOVAÇÃO NA
COMUNICAÇÃO DE INTERESSE PÚBLICO**

MILENA POSSAR GARCIA

**JOVENS NO INSTAGRAM:
Um estudo sobre a exposição nos *stories***

São Caetano do Sul

2021

MILENA POSSAR GARCIA

JOVENS NO INSTAGRAM:

Um estudo sobre a exposição nos *stories*

Trabalho de Conclusão apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação – Mestrado Profissional em Inovação na Comunicação de Interesse Público da Universidade Municipal de São Caetano do Sul, como requisito parcial para obtenção do título em Mestre em Comunicação.

Áreas de concentração: Inovação na gestão e produção da comunicação de interesse público.

Linha de Pesquisa: Produção e Recepção da Informação Pública.

Orientador: Prof. Dr. Alan César Belo Angeluci

São Caetano do Sul

2021

FICHA CATALOGRÁFICA

GARCIA, Milena Possar

Jovens no Instagram: um estudo sobre a exposição nos *stories* / Milena Possar Garcia.
– São Caetano do Sul: USCS / Universidade Municipal de São Caetano do Sul, 2021.

187 p.

Orientador: Prof. Dr. Alan César Belo Angeluci

Dissertação (Mestrado) – USCS, Universidade Municipal de São Caetano do Sul

Programa de Pós-Graduação em Comunicação – Mestrado Profissional em
Inovação na Comunicação de Interesse Público – 2021

1. Instagram. 2. *Stories*. 3. Perfis Principais e Dix. 4. Jovens. 5. Exposição nas Redes Sociais. 6. Comunicação de Interesse Público. I. ANGELUCI, Alan. II. Universidade Municipal de São Caetano do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação. III. Título.

Dissertação defendida e aprovada em ____/____/____ pela Banca Examinadora
constituída pelos professores:

Prof. Dr. Alan César Belo Angeluci (orientador)

Prof. Dr. Rodrigo Eduardo Botelho Francisco (Departamento de Ciência e Gestão
da Informação da Universidade Federal do Paraná - UFPR)

Profa. Dra. Priscila Ferreira Perazzo (Universidade Municipal de São Caetano
do Sul - USCS)

RESUMO

Imersos em uma era hiperconectada, com um leque de dispositivos à disposição para criar e compartilhar suas histórias, os jovens configuram-se hoje como os principais atores nesse cenário de efervescência da cultura digital, em que se percebe cada vez mais a força das narrativas imagéticas no contexto das redes sociais virtuais. Acompanhando o ritmo acelerado das novas tecnologias e dos interesses da audiência – sem falar de fatores econômicos e políticos inerentes às plataformas digitais que lhes exigem constante renovação para não perderem espaço para as concorrentes – o Instagram tem trazido atualizações periodicamente, implementando novos recursos, que vêm atraindo a adesão das novas gerações. Dentre as funcionalidades oferecidas pela rede, os *Stories* se destacam na preferência dos usuários. Considerando essa realidade, este estudo se propõe a compreender as apropriações feitas da ferramenta *Stories* do Instagram pelo público jovem através de seus perfis principais e perfis Dix. Para tal, apoiou-se em percurso netnográfico formado por três passos: *Web Scraping*, observação participante e entrevistas por vídeo. Fizeram parte do estudo 41 jovens da Região Metropolitana de São Paulo, com idade entre 15 e 18 anos, possuidores de contas no Instagram, sendo 29 perfis principais e 12 perfis Dix. A análise dos dados seguiu os pressupostos da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2016), a partir da técnica de categorização. Em linhas gerais, os resultados apontam que os jovens postam em seus perfis principais conteúdos bonitos, estrategicamente pensados, utilizando recursos multimídia e filtros para melhorar esteticamente a qualidade das imagens. Já os perfis Dix privilegiam o humor e a sexualidade, sendo considerados pelos participantes um ambiente seguro para o compartilhamento de emoções negativas, além da exposição de conteúdos delicados, como álcool, drogas e fotos do corpo. Ainda, evidenciou-se que as noções de privacidade mudam com o passar das gerações. Para os jovens investigados, a privacidade é vista de uma forma muito própria, logo, eles não abdicaram de sua privacidade, lidam com ela de um jeito particular. Com relação ao produto desta dissertação, o site “Exposição Digital”, foi desenvolvido para se tornar um espaço memorial, mapeando, a princípio, discussões sobre a exposição dos usuários envolvendo 10 redes sociais de destaque em diferentes épocas, e mostra que este comportamento acompanha gerações. Também, trata-se de um produto expansível e colaborativo, que poderá ser ampliado a partir das contribuições dos usuários e se tornar uma referência para estudos relacionados a comportamento e exposição nas redes sociais virtuais.

Palavras-chave: Instagram. *Stories*. Perfis Principais e Dix. Jovens. Exposição nas Redes Sociais. Comunicação de Interesse Público.

ABSTRACT

Immersed in a hyperconnected era, with a range of devices at their disposal to create and share their stories, young people today are configured as the main actors in this effervescence scenario of digital culture, in which the strength of imagery narratives is increasingly perceived. in the context of virtual social networks. Keeping up with the fast pace of new technologies and the interests of the audience - not to mention the economic and political factors inherent to digital platforms that require constant renewal so as not to lose space for competitors - Instagram has periodically brought updates, implementing new features, which come attracting the support of new generations. Among the features offered by the network, Stories stand out in the preference of users. Considering this reality, this study aims to understand the appropriations made of the Instagram Stories tool by young audiences through their main profiles and Dix profiles. To this end, it relied on a netnographic path formed by three steps: Web Scraping, participant observation and video interviews. The study included 41 young people from the Metropolitan Region of São Paulo, aged between 15 and 18 years, who have Instagram accounts, with 29 main profiles and 12 Dix profiles. Data analysis followed the assumptions of Content Analysis (BARDIN, 2016), based on the categorization technique. In general, the results show that young people post beautiful, strategically designed content on their main profiles, using multimedia resources and filters to aesthetically improve the quality of images. Dix profiles, on the other hand, favor humor and sexuality, being considered by participants as a safe environment for sharing negative emotions, in addition to the exposure of delicate contents, such as alcohol, drugs and body photos. Still, it became evident that the notions of privacy change over the generations. For the young people investigated, privacy is seen in a very unique way, so they did not give up their privacy, they deal with it in a particular way. Regarding the product of this dissertation, the website "Digital Exhibition", was developed to become a memorial space, mapping, at first, discussions about the exposure of users involving 10 prominent social networks at different times, and shows that this behavior accompanies generations. Also, it is an expandable and collaborative product, which can be expanded based on users' contributions and become a reference for studies related to behavior and exposure on virtual social networks.

Keywords: Instagram. Stories. Main profiles and Dix. Young. Social Media Exhibition. Communication of Public Interest.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Percurso metodológico.....	39
Figura 2 - Autorização	41
Figura 3 - Persona dos entrevistados.....	45
Figura 4 - Desenho feito por uma das participantes.....	48
Figura 5 - Postagem de brincadeira entre amigos.....	49
Figura 6 - Brincadeira entre amigos em Dix compartilhados.....	51
Figura 7 - Contas Privadas.....	61
Figura 8 - Uso de hashtags	61
Figura 9 - Uso de Carrossel.....	62
Figura 10 - Uso de apelidos.....	62
Figura 11 - <i>Hashtags</i> seguidas.....	63
Figura 12 - Uso de destaques dos <i>Stories</i>	64
Figura 13 - Ferramentas de interação no perfil principal.....	66
Figura 14 - Recursos de compartilhamento de músicas nos <i>Stories</i>	67
Figura 15 - Postagens com templates temáticos no perfil principal	68
Figura 16 - Postagens com templates temáticos no perfil Dix.....	69
Figura 17 - <i>Reposts</i> para a promoção dos próprios perfis	70
Figura 18 - <i>Repost</i> de conteúdos de perfis de fora	71
Figura 19 - <i>Repost</i> de conteúdo do próprio perfil no Dix.....	72
Figura 20 - Filtros com brincadeiras no Dix	73
Figura 21 - Postagens com templates sobre a escola no perfil principal	74
Figura 22 - Filtros feitos por participante	75
Figura 23 - Postagens sobre a família no Dix.....	77
Figura 24 - Postagens com exposições de sentimentos no Dix	79
Figura 25 - Postagens que demonstram sentimentos extremos no Dix	81
Figura 26 - Postagens com desabafos no Dix.....	83
Figura 27 - Postagens sobre aceitação do corpo no Dix.....	84
Figura 28 - Postagens sobre consumo de álcool e drogas no Dix	89
Figura 29 - Postagens feitas no recurso Melhores Amigos	94
Figura 30 - Postagens sobre a COVID – 19	97
Figura 31 - Postagens sobre tédio e interações	98
Figura 32 - Postagens sobre Política.....	100
Figura 33 - Postagens com lembranças	101
Figura 34 - Postagens sobre a nova rotina.....	102
Figura 35 - Postagens sobre voltar a sair de casa	103
Figura 36 - Página Inicial do Exposição Digital	104
Figura 37 - Esboço do <i>layout</i> do site	106
Figura 38 - Histórico do Twitter.....	110
Figura 39 - Exposição do Twitter	110
Figura 40 - Relatos do Twitter	111

LISTA DE SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
FINSTA	<i>Fake Instagram</i>
LGBTQIA+	Lésbica, Gay, Bissexual, Transexual, Travesti e Transgênero, Queer e Intersexo, Assexual e outras possibilidades de orientação sexual
PIB	Produto Interno Bruto
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
TDIC	Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação
UFF	Universidade Federal Fluminense
UNICEF	Fundo Internacional de Emergência para a Infância das Nações Unidas
USCS	Universidade Municipal de São Caetano do Sul

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
Origem do estudo	10
Problematização e Pergunta-Problema	11
Objetivo Geral.....	12
Objetivos Específicos.....	12
Justificativa da Pesquisa	12
Delimitação do Tema	14
Vínculos com a Área de Concentração e Linha de Pesquisa	15
CAPÍTULO I – REFERENCIAL CONCEITUAL.....	17
1. Panorama dos Trabalhos Relacionados	17
2. Síntese do Referencial Conceitual	18
2.1 Redes Sociais Virtuais, Imagem e Sociedade Contemporânea.....	18
2.1.1 Instagram	24
2.2 A Identidade Juvenil na Sociedade Contemporânea.....	29
2.3 Privacidade e Exposição de Si na Era Digital	34
CAPÍTULO II – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	38
1. <i>Web Scraping</i>	40
2. Observação Participante	40
3. Entrevistas Semiestruturadas	42
CAPÍTULO III - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	46
1. Conhecendo o Dix.....	46
2. O Olhar do Jovem para o Instagram como Plataforma Digital	52
3. A Percepção da Privacidade e Intimidade do Jovem Atual	76
4. Melhores Amigos e Dix: Listas Seletas para Objetivos Diferentes	92
5. Consumo e produção de conteúdo no Instagram em tempos de pandemia	96
CAPÍTULO IV - PRODUTO	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
REFERÊNCIAS	116
APÊNDICES	127
APÊNDICE 1 - Roteiro de entrevistas semiestruturadas.....	127
APÊNDICE 2 - Entrevistas semiestruturadas	128

INTRODUÇÃO

Origem do estudo

Durante o período da graduação em Publicidade e Propaganda (2015-2018), cursada na Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS), atuei por dois anos como bolsista PIBIC-CNPq¹ no programa de Iniciação Científica da mesma universidade, desenvolvendo a pesquisa “*Phubbing*, tensões entre mídias móveis e a interação face-a-face”, sob a orientação do professor Alan Angeluci. O objetivo do projeto era descrever como os jovens brasileiros compreendem e lidam com as tensões entre as mídias móveis e a interação face-a-face durante a prática de *phubbing*, que se caracteriza como o ato de ignorar uma ou mais pessoas em conversas presenciais pelo uso do *smartphone*.

No primeiro ano do estudo, foi feita uma coleta de dados com 43 jovens, dos gêneros masculino e feminino, na região do ABC Paulista, Brasil. Os dados foram levantados a partir da distribuição de questionários *on-line*, sendo recrutados estudantes de escolas públicas e privadas, com idades entre 15 e 24 anos. Já no segundo ano da pesquisa foram realizadas entrevistas semiestruturadas por *Skype* e/ou *Google Hangouts* com cinco jovens, pertencentes a cinco grandes cidades brasileiras, a partir de um roteiro de perguntas criado com base na análise preliminar dos dados quantitativos.

O desenvolvimento da pesquisa me possibilitou ter contato com o consumo excessivo das tecnologias de informação e comunicação pelos jovens e despertou o meu interesse por temáticas como comportamento e cibercultura. Dessa forma, ao ingressar no Mestrado Profissional em Inovação na Comunicação de Interesse Público da USCS, vi a oportunidade de seguir estudando as novas tecnologias, que estão cada vez mais intrínsecas ao cotidiano da sociedade, bem como prosseguir as investigações sobre o público jovem, visto como aquele mais dinâmico ao lidar com novos artefatos tecnológicos, mas dessa vez direcionando o foco para seus hábitos no Instagram, rede social que tem se apresentado como uma das mais preferidas desse público.

¹ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), mantido pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Problematização e Pergunta-Problema

A sociedade contemporânea está cada vez mais conectada e dependente das tecnologias, que são responsáveis por promoverem grandes alterações culturais e comunicacionais, sobretudo por conta dos dispositivos móveis e das redes sociais virtuais.

Pode-se dizer que é natural ao público jovem adaptar-se às novas tecnologias. Atividades que gerações anteriores faziam no grupo de amigos da rua, da escola, do condomínio, atualmente são desenvolvidas no ambiente virtual. Passarelli, Junqueira e Angeluci (2014, p. 176) caracterizam essa geração como “conectada, multitarefa, pronta para lidar com a agilidade e superar fronteiras entre o lúdico e o conhecimento”. Logo, trata-se de um público que apresenta familiaridade com as imagens digitais nas redes sociais virtuais, encontrando nestes ambientes formas de socializar com seus amigos, flertar, conhecer pessoas novas e, conseqüentemente, se sentir parte de um grupo. Da mesma forma, utilizam os dispositivos móveis para produzir fotos e vídeos, de modo a expressar sua personalidade de forma criativa.

Nesse sentido, o Instagram tem se mostrado uma rede social em constante crescimento, sempre se atualizando e criando ferramentas que se destacam no cotidiano da população, principalmente do público jovem. Diante das inovações proporcionadas pela plataforma, torna-se necessária a investigação de suas novas formas de interação e a percepção da sociedade frente a elas. Considerando que o recurso *Stories* tem se estabelecido como um dos principais, sendo explorado por 400 milhões de usuários todos os dias em 2018², a funcionalidade vem ganhando cada vez mais força, se tornando parte constante das atividades *on-line* dos usuários. Falandes (2020) também pôde identificar em seus estudos que o recurso *Stories* do Instagram é o mais utilizado pelos jovens para compartilhar imagens.

Assim, com base no exposto, esta pesquisa tem a intenção de responder: como os jovens se apropriam da ferramenta *Stories* do Instagram através de seus perfis principais e perfis Dix?

² ROSA, Natalie. Instagram Stories completa 2 anos; veja como a ferramenta evoluiu. **Canaltech**, 2 ago. 2018. Disponível em: <https://canaltech.com.br/redes-sociais/instagram-stories-completa-2-anos-veja-como-a-ferramenta-evoluiu-119358/>. Acesso em: 18 nov. 2019.

Objetivo Geral

Compreender as apropriações feitas da ferramenta *Stories* do Instagram pelo público jovem através de seus perfis principais e perfis Dix.

Objetivos Específicos

- Identificar quais são os conteúdos mais produzidos pelos jovens na ferramenta *Stories* do Instagram;
- Comparar as principais semelhanças e diferenças entre os perfis Dix e perfis principais;
- Verificar as percepções e comportamentos dos jovens no que se refere à exposição na plataforma Instagram;
- Criar um site com as principais formas de exposição ocorridas nas redes sociais nos últimos vinte anos.

Justificativa da Pesquisa

Na atualidade, as redes sociais ganham cada vez mais força em uma sociedade altamente conectada, sendo inquestionáveis as mudanças causadas pela Internet e mídias móveis, tanto em uma perspectiva nacional como internacional. Em âmbito nacional, segundo o relatório *Digital in 2019*³, 66% da população brasileira utiliza as redes sociais, o equivalente a 140 milhões de usuários ativos, tornando o Brasil um dos países com maior aumento no número de usuários nas redes, com mais de 10 milhões de novos membros. Também, de acordo com o levantamento realizado pela *Cuponation*⁴, o brasileiro está entre os dois primeiros no ranking da população que fica mais tempo nas redes sociais, em média, mais de 3 horas e meia por dia.

³ COSTA, Thais. Quais são as redes sociais mais usadas no Brasil em 2019? **Rock Content**, 20 set. 2019. Disponível em: <https://rockcontent.com/blog/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>. Acesso em: 15 nov. 2019.

⁴ PROXIMA. **Instagram ganha mais de 230% de usuários em dois anos**. 9 dez. 2019. Disponível em: <https://cutt.ly/RhkTTTW>. Acesso em: 15 dez. 2019.

Quando se trata especificamente do público jovem, a *TIC Kids Online 2018*⁵ aponta que 86% das crianças e dos jovens brasileiros, entre 9 e 17 anos, acessam a internet, e na faixa etária entre 15 e 17 anos, o percentual é de 94%. Já o Instagram se mostra em constante crescimento e cada vez mais presente nos *smartphones* dos usuários. De acordo com o relatório *Social Media Trends 2018*⁶, a plataforma conta atualmente com 69 milhões de usuários no Brasil e o maior índice de engajamento entre as redes sociais. Além disso, 47,1% dos respondentes declararam que o Instagram é sua rede social preferida. Entre o público jovem a rede também é muito popular. Segundo a *TIC Kids Online 2018*, 45% dos brasileiros na faixa de idade de 9 a 17 anos utilizam o Instagram.

Diferentemente das análises que se dedicam a estudar perfis de *Digital Influencers*, este estudo se propõe a direcionar o olhar para os perfis de jovens comuns, além de investigar os usos da ferramenta Instagram por esse público, que está ostensivamente presente nas redes sociais e retrata seu cotidiano sem a pretensão de transformar a ferramenta em um modo de trabalho, o que difere da realidade apresentada por perfis de pessoas públicas.

Relativamente ao *Stories* do Instagram, segundo pesquisa do *Opinion Box*⁷ de 2019, 63% dos respondentes gostam muito do recurso e 34% dos usuários afirmam postar pelo menos uma vez por dia, enquanto 77% assistem diariamente as postagens. Vale ressaltar que foram encontrados poucos trabalhos relacionados à ferramenta *Stories* e nenhuma pesquisa contendo a participação de perfis DIX, ou mesmo citações de tais perfis, o que torna o estudo aqui proposto inovador e fortalece sua contribuição para o meio acadêmico.

Ainda, pode-se dizer que as pessoas estão mais suscetíveis nas redes sociais para dividir suas opiniões, seu modo de vida, anseios e angústias, do que em outros

⁵ MATSUURA, Sérgio. WhatsApp supera Facebook como rede social preferida de crianças e adolescentes no Brasil. **O Globo (Tecnologia)**, 17 set. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/tecnologia/whatsapp-supera-facebook-como-rede-social-preferida-de-criancas-adolescentes-no-brasil-23953366>. Acesso em: 13 nov. 2019.

⁶ COSTA, Thais. Quais são as redes sociais mais usadas no Brasil em 2019? **Rock Content**, 20 set. 2019. Disponível em: <https://rockcontent.com/blog/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>. Acesso em: 15 nov. 2019.

⁷ D'ANGELO, Pedro. Pesquisa sobre Instagram 2019: dados exclusivos sobre o Instagram no Brasil. **Opinion Box**, 24 jul. 2019. Disponível em: <https://blog.opinionbox.com/pesquisa-sobre-instagram-2019/>. Acesso em: 18 nov. 2019.

meios de comunicação ou pessoalmente, mesmo tendo a consciência do risco em relação à segurança de seus dados, conforme preconiza o Paradoxo de Privacidade (NAGY; PECHO, 2009). Desse modo, discutir sobre privacidade em redes sociais faz-se necessário, uma vez que a percepção e os modos de obtenção desta mudam constantemente de acordo com os meios em que os usuários estão inseridos, porém, não menos importante é o entendimento de que as noções de público e privado são particulares e por essa razão tomam cores e proporções diferentes para cada um.

Assim, este estudo traz um olhar multidisciplinar ao relacionar temas presentes no cotidiano da maioria da população, como cultura digital e psicologia, com o objetivo de gerar novas contribuições às ciências da comunicação.

Delimitação do Tema

A presente pesquisa destina-se a descrever a utilização da ferramenta *Stories* da rede social Instagram, com foco nos usos e apropriações dos usuários, investigando perfis principais e perfis Dix. Os perfis Dix se caracterizam como perfis privados, que são criados para a disseminação de conteúdos destinados a um grupo seleto de amigos, e se diferenciam dos perfis principais pela extensão “.dix”, adicionada pelos próprios usuários ao criar sua conta.

Tendo em vista que o público jovem é o grupo que melhor se apropria das redes sociais, este estudo concentra-se na compreensão das percepções e comportamentos dessa parcela da população sobre o Instagram. Assim, tem como público-alvo indivíduos com idade entre 15 e 18 anos, faixa etária inserida na definição de “jovens” estabelecida pelo Fundo Internacional de Emergência para a Infância das Nações Unidas (UNICEF, 2017).

No que se refere ao *lócus* desta pesquisa, foi escolhida a Região Metropolitana de São Paulo, também conhecida como Grande São Paulo. A região concentra 39 municípios e é o maior polo de riqueza nacional, onde vivem, aproximadamente, 21,6 milhões de habitantes, com um Produto Interno Bruto (PIB) correspondente a quase metade do PIB paulista (54,35%) em 2016⁸. Predominantemente urbana, a região

⁸ EMPRESA PAULISTA DE PLANEJAMENTO METROPOLITANO. **Região Metropolitana de São Paulo**. 2019. Disponível em: <https://emplasa.sp.gov.br/RMSP>. Acesso em: 19 jan. 2020.

favorece a pesquisa, pois como demonstram os dados da PNAD Contínua 2018⁹, nas regiões urbanas, a conexão é um pouco maior do que a média, com cerca de 83% dos domicílios conectados. Também, está localizada na região sudeste, que, segundo a pesquisa, conta com telefones celulares em, aproximadamente 94%, dos domicílios.

Por fim, a região indicada pode ser entendida como um ambiente propício para a análise das práticas digitais dos jovens, uma vez que, de acordo com o levantamento Juventude Conectada (FUNDAÇÃO TELEFÔNICA, 2014), os maiores indicadores de acesso à internet costumam estar centralizados em regiões metropolitanas.

Vínculos com a Área de Concentração e Linha de Pesquisa

De acordo com Banfield (1955, apud MCQUAIL, 2012, p. 42), “alguma coisa pertence ao interesse público se serve aos objetivos de todo o público em vez de apenas alguns setores do público”. Portanto, este projeto se caracteriza como de interesse público por investigar uma plataforma em constante atualização, que tem alcançado números cada vez maiores de usuários, dos diversos setores sociais.

Também, a proposta de estudar o público jovem e gerar reflexões sobre a alta exposição potencializada pelo uso das mídias móveis reforça a relação da pesquisa com o interesse público, que Costa (2006, p. 20) define: “comunicação de Interesse Público é toda a ação de comunicação que tem como objetivo primordial levar uma informação à população que traga resultados concretos para se viver e entender melhor o mundo”.

Nessa perspectiva, Rossetti (2013, p. 64) afirma que a inovação é encontrada no campo da comunicação “nas interfaces tecnológicas e nas novas mídias”, além de estar presente também “no impacto social das novas tecnologias de comunicação e informação”. Logo, o estudo em questão apresenta caráter inovador, pois se propõe a investigar uma ferramenta nova e em ascensão, o *Stories* do Instagram. Da mesma forma, tem a intenção de entender o fenômeno dos perfis DIX, ainda pouco explorado no campo acadêmico.

⁹ IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Acesso à internet e a televisão e posse de telefone móvel para uso pessoal 2017. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101631>. Acesso em: 15 out. 2019.

Também, o presente estudo integra a linha de pesquisa Produção e Recepção da Informação Pública, por compreender os eixos temáticos “Linguagens Midiáticas e Comportamento” e “Cultura Digital”.

CAPÍTULO I – REFERENCIAL CONCEITUAL

1. Panorama dos Trabalhos Relacionados

Para investigar o cenário atual das produções acadêmicas relacionadas ao tema deste estudo, foram filtrados por meio do Google Acadêmico estudos realizados entre os anos de 2014 a 2019, a partir das seguintes palavras-chave: “Instagram”, “*Stories*”, “Comportamento”, “Jovens”, “Exposição” e “Privacidade”, que resultaram na obtenção de 45 pesquisas do Brasil e de Portugal.

Os artigos publicados em periódicos correspondem a maior parte dos materiais encontrados, representando 35,5% dos conteúdos. Na sequência, aparecem os trabalhos de monografias, equivalentes a 31,1%, seguidas pelas dissertações, que correspondem a 29%. Com menor expressividade, aparecem as teses e trabalhos realizados em iniciação científica, que juntos representam 4,4% dos materiais analisados. Também, foi percebido que a maioria das pesquisas encontradas utilizava metodologia qualitativa (71,1%).

No que se refere aos temas dos estudos, foram encontrados trabalhos multidisciplinares envolvendo as seguintes áreas do conhecimento: Ciências da Saúde, Ciências Humanas, Linguística, Letras e Artes e Ciências Sociais Aplicadas, conforme a classificação do Portal de Periódicos CAPES. A maior parte das pesquisas encontradas pertence a área de Ciências Sociais Aplicadas, mais especificamente a área de comunicação, e seus assuntos abordam, em linhas gerais, os usos e apropriações do Instagram, principalmente por crianças e jovens, a autorrepresentação do público no Instagram e suas formações identitárias, e o impacto do Instagram em diferentes esferas da comunicação, como o fotojornalismo. Também foi percebido um número relevante de análises feitas em perfis de pessoas públicas, celebridades ou *Digital Influencers*.

Os conteúdos encontrados nas pesquisas da área de Ciências Humanas discutem as consequências da exposição de crianças e jovens nas redes sociais, além de tratar da utilização das redes sociais na educação. Na área de Ciências da Saúde, foram encontrados temas sobre a influência das redes sociais na saúde dos usuários, na construção de padrões de beleza e no comportamento alimentar das pessoas. Por fim, na área de Linguística, Letras e Artes foram encontrados temas como a influência

de *Digital Influencers* no desejo de compra e o Instagram como ferramenta de ensino de artes visuais.

É importante destacar que estudos que se dedicam a investigar a ferramenta *Stories* no Instagram ainda são incipientes no Brasil, uma vez que foram encontradas poucas publicações sobre a temática. Já sobre os perfis *Dix*, não foi identificada nenhuma pesquisa.

2. Síntese do Referencial Conceitual

Depois de fornecer um panorama acerca dos trabalhos brasileiros e portugueses que tratam de assuntos relacionados a esta investigação, apresenta-se uma análise dos principais conceitos que fundamentam as reflexões aqui realizadas, utilizando diferentes fontes bibliográficas nacionais e internacionais. Inicialmente, são abordados temas referentes a relação da sociedade contemporânea com as redes sociais e a imagem, além de discussões sobre a rede social Instagram. Posteriormente, destaca-se o papel das transformações tecnológicas na vida do jovem e como elas influenciam na construção de sua identidade. Por fim, é proposta uma reflexão sobre a percepção que os jovens possuem sobre privacidade e exposição e como a definição desses conceitos pode mudar de acordo com cada geração.

2.1 Redes Sociais Virtuais, Imagem e Sociedade Contemporânea

Com o crescente avanço na popularização das tecnologias na atualidade, observam-se transformações constantes no cotidiano social. Ao mesmo tempo que a sociedade acompanha as inovações, impulsiona a indústria midiática a estar sempre se renovando, uma vez que grande parcela utiliza as tecnologias em seus afazeres diários. Henry Jenkins (2009) explica que a cultura da convergência se dá pelo encontro das mídias antigas com as novas mídias, além da interação entre produtor de mídia e consumidor, sem que um anule o outro, mas sim complementem-se, proporcionando novos patamares interacionais. Desta forma, o autor, além de tratar das novas demandas tecnológicas, também chama a atenção para a relação do público com elas, como destaca:

A convergência representa uma mudança de paradigma, uma mudança do conteúdo específico para o meio que flui através de múltiplos canais dos *media*, para a interdependência crescente dos sistemas de comunicação, para múltiplas formas de aceder o conteúdo mediático e para relações cada vez mais complexas entre os *media* corporativos - de cima para baixo e a cultura participativa - de baixo para cima (JENKINS, 2009, p. 243).

Esse cenário midiático se faz presente nos espaços cotidianos. Para Lemos e Lévy (2010, p. 62), as tecnologias móveis transpassam a camada abstrata do *on-line* e atingem também os espaços concretos das cidades, fazendo com que o indivíduo se torne um “nômade informacional em deslocamento”, pois enquanto está conectado à rede, se move tanto pelos espaços físicos, quanto pelo espaço *on-line*, onde compartilha informações e produz conteúdos. Dessa forma, Urresti (2008) aponta que as transformações tecnológicas gradativamente vão deixando de ser percebidas como uma revolução constante, e sim como hábitos ordinários, que os jovens entendem como certezas. Nessa perspectiva, Lévy (1999, p. 12) avalia que é necessário identificar as “mudanças qualitativas na ecologia dos signos”, de modo que a humanidade possa utilizar em seu benefício o potencial de convivência e até mesmo a vivência cibercultural. O autor reitera que a grande marca da cibercultura está no:

[...] transbordamento caótico das informações, a inundação de dados, as águas tumultuosas e os turbilhões da comunicação, a cacofonia e o psitacismo ensurdecedor das mídias, a guerra das imagens, as propagandas e as contra-propagandas, a confusão dos espíritos (LÉVY, 1999, p. 13).

A internet como tecnologia de transformação social (OLIVEIRA, 2017) e a chegada das redes sociais trouxeram novas formas de interação na sociedade moderna. Os dispositivos móveis ultrapassam as barreiras domésticas, potencializam e favorecem as conexões em rede, possibilitando uma comunicação mais síncrona e presente no dia a dia das pessoas.

A mobilidade da rede, ao permitir a conexão em deslocamento, torna turva a diferença entre a vida “real” e a vida “virtual”, pois como afirma Pellanda (2005), durante um bom tempo era necessário estar na frente do computador para interagir com outras pessoas em um ambiente *on-line*, o que de certa forma facilitava a percepção do que era *on-line* para o que era *off-line*, característica que foi se esvaindo em um ambiente de mídia *Always on*. Nesse sentido, Souza e Silva (2006) reitera que

os usuários de dispositivos móveis não têm a sensação de “entrar na internet”, visto que estão sempre conectados.

A “domesticação tecnológica”, que Silverstone *et al.* (1989) definem como a capacidade de incorporar e controlar dispositivos tecnológicos na cultura tecnológica, foi preponderante no adiantamento da “sociedade em rede” (CASTELLS, 1999), uma vez que as tecnologias passaram a ganhar importância no cotidiano das pessoas e possibilitaram novas experiências no ambiente virtual, para além do convívio presencial. Ao apropriar-se das novas tecnologias utilizadas a partir de um aparelho, é conferido um sentimento de materialidade e o seu valor simbólico representado por tudo o que este significa, ou seja, o acesso ao conteúdo que ele possibilita. Ainda, Turkle (2008) afirma não ser mais pertinente a separação entre mundo *on-line* e *off-line*, uma vez que vive-se um contexto de oscilação muito acelerada e contínua entre as interações mediadas e não mediadas. Katz e Aakhus (2004) evocam o conceito de contato perpétuo para caracterizar essa capacidade de estar conectado o tempo todo, sem distinções de ambientes, horários ou plataformas.

As redes sociais contemporâneas trouxeram uma forte demanda de imagem. Fontenelle (2002) afirma que vivemos na “sociedade da imagem”, em que “estar na imagem é existir”. Consoante a isso, Medeiros (2018) comenta:

O acesso às imagens fixas e em movimento a partir dos dispositivos móveis é uma demanda contemporânea. Até pouco tempo a visualidade se fazia presente na vida das crianças e dos jovens a partir da mídia impressa e, principalmente, a partir da mídia televisiva (MEDEIROS, 2018, p. 46).

A relação entre texto e imagem, de acordo com Almeida e Valente (2012, p. 336), inspirou a produção de “narrativas digitais” e a exploração de novas linguagens, “a produção de narrativas de experiências por meio das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) cria novas condições de produção do saber e de práticas culturais de leitura e escrita, que incorporam imagens e signos”.

Sistematizando uma filosofia de comunicação visual por meio de discussões sobre as discrepâncias entre textos e imagens, Flusser (2007, p. 105) apresenta reflexões sobre o assunto, quando expõe que “a diferença entre ler linhas escritas e ler uma pintura é a seguinte: precisamos seguir o texto se quisermos captar sua mensagem, enquanto na pintura podemos apreender a mensagem primeiro e depois tentar decompô-la”. O autor também faz uma consideração sobre códigos imagéticos e códigos conceituais:

[...] Até agora a situação tem sido mais ou menos esta: o pensamento imagético era uma tradução do fato em imagem e o pensamento conceitual era uma tradução da imagem em conceito. No princípio era a pedra. Depois, a imagem da pedra. E, então a explicação dessa imagem. No futuro a situação poderá ser a seguinte: o pensamento imagético será a tradução do conceito em imagem e o pensamento conceitual, a tradução da imagem em conceito. Nessa situação de retroalimentação (feedback) pode-se elaborar um modelo de pensamento que venha finalmente a se adequar a um fato. Primeiramente haverá uma imagem de alguma coisa. Depois, uma explicação dessa imagem. E, por fim, haverá uma imagem dessa explicação (FLUSSER, 2007, p. 117).

Já para Perez (2008, p. 208), o uso das imagens “[...] de maneira sistemática, ordenada e objetiva ainda é algo inconsistente se considerarmos sua trajetória histórica. Não conseguimos em muitos casos lidar objetivamente com seu potencial polissêmico”.

O extremo destaque da linguagem visual nos dias de hoje é alvo de diferentes argumentos. Acaso (2009) avalia que se vive na era do hiperdesenvolvimento dessa linguagem e atribui essa demanda visual a evolução da técnica, ao hiperconsumo e a espetacularização das mensagens visuais. Também, aponta que o desenvolvimento dos *softwares* de retoque de imagem são responsáveis por esse hiperdesenvolvimento. Logo, o fácil acesso às câmeras digitais e o baixo custo facilitam a produção de imagens por grande parte das pessoas, características extremamente presentes na rede social Instagram.

Assim como ocorreu quando do surgimento da fotografia, o compartilhamento de imagens nas redes sociais virtuais traz uma desconfiança quanto a realidade mostrada, não apenas em relação a representação realizada, mas também em relação ao tempo e o espaço, uma vez que nesses ambientes aspectos como instantaneidade e modulação são predominantes e possibilitam que, por meio de edição e composição, a imagem digital sofra uma construção do real. Sobre isso, Català-Domènech (2011, p. 89) expõe:

As imagens atuais são essencialmente fluidas, líquidas, poderíamos dizer, para empregar uma metáfora popular no momento. Consequentemente, o que determina as visualidades das imagens contemporâneas, o que as agrupa apesar da diversidade de meios que as veiculam, não é tanto a digitalização, seu aspecto tecnológico, mas a fluidez que caracteriza a aparência visual dos produtos dessa tecnologia particular. Essa condição fluida é, portanto, o resultado das características técnicas dos equipamentos digitais: as imagens adotam o aspecto de um líquido que flui e se adapta a seu entorno porque sua condição digital o permite, mas não só por isso, já que o

cinema também era fluido em essência e, no entanto, tinha um suporte analógico de caráter fotoquímico.

Consoante a isso, o autor ressalta que existe uma hiper realidade através da imagem, uma vez que os suportes técnicos buscam superar a percepção do próprio olho humano, contudo, destaca que essa tentativa em superar não deveria acontecer pois, a relação visual da imagem floresce no contato entre indivíduo, cultura e a experiência de vida. Já Susan Sontag (2012, p. 173) vê as “fotografias enquanto meios poderosos de pôr em xeque a realidade, de a transformar numa sombra”. Ainda, a autora discorre sobre a importância dos elementos de construção visual:

As câmaras definem a realidade em duas maneiras essenciais para o funcionamento de uma sociedade industrial avançada: como espetáculo (para as massas) e como objeto de vigilância (para os dirigentes). A produção de imagens fornece igualmente uma ideologia dominante. As alterações sociais são substituídas por alterações nas imagens.

O ambiente digital possibilitou uma pluralidade de cenários, com a característica da reprodutibilidade por meio do compartilhamento *on-line* (SERAFINELLI, 2018). Nesse contexto, o compartilhamento das imagens torna-a semipública, ainda que seu acesso esteja restrito à uma audiência parcial. Seu valor simbólico possibilita a dominação do espaço em que as pessoas se sentem inseguras (SONTAG, 2012), logo, paralelamente assume a obrigação de comprovar a realidade e ampliar a experiência por meio de fotografias.

A conectividade possibilitada pelo advento da internet permite a hiper representação do mundo (SERAFINELLI, 2018), o que torna conteúdos visuais, como a fotografia de refeições, do jantar com a família ou de um passeio no parque, registros rotineiros para muitos usuários de redes sociais. Nesse contexto, ocorre frequentemente a intenção, por parte dos sujeitos, em repetir noções de beleza aceitas (SONTAG, 2012), e a criação de estereótipos, conferindo à fotografia o caráter de alegoria (BOURDIEU, 1965). Também, pode-se subentender a necessidade de cada um em estabelecer uma imagem idealizada, ou seja, uma fotografia com o melhor aspecto possível (SONTAG, 2012), que ampara uma segunda identidade, reformulada e descentralizada (TURKLE, 2005).

O condicionamento estabelecido pelo uso dos aparelhos tecnológicos e seus recursos faz com que as pessoas confundam comportamentos característicos do

ciberespaço, como é o caso dos retoques estéticos em imagens, e os transponham para suas vidas fora do ambiente virtual. Nesse sentido, Català-Domènech (2011) considera que é possível afirmar que novos suportes de visualidades sustentam essa nova forma de perceber o mundo. Assim, pode-se refletir sobre o uso e o cultivo que é feito desses aparelhos e a relação com a dependência do ciberespaço. O autor destaca:

Não apenas nossa visão estaria culturalmente condicionada para agir de determinada maneira, mas a própria sociedade, em confabulação com a visão, estabelecerá uma determinada visibilidade, um regime do visível. [...] o real não coincide com a totalidade do mundo, mas que é uma forma social, uma forma construída socialmente. É o que constata, com mais contundência, Deleuze, a partir das ideias de Foucault (1986, p. 66) – “cada formação histórica vê e deixa ver tudo que pode em função de suas condições de visibilidade” –, de onde se conclui que o visível é aquilo que se pode ver, o que a sociedade deixa ver e institui que há de ser visto (CATALÀ-DOMÈNECH, 2011, p. 22).

Ainda, sobre a relação entre as novas tecnologias e suas funções que contribuem para o fluxo de dados em forma de imagens, Català-Domènech (2011, p. 22) refere-se a cultura como modo de influenciar a percepção do indivíduo e também afirma que “não apenas nossa visão estaria culturalmente condicionada para agir de determinada maneira, mas a própria sociedade, em confabulação com a visão, estabelecerá uma determinada visibilidade, um regime do visível”.

Levando em consideração o universo entre a intencionalidade e a cultura visual praticada nos mecanismos móveis, Deleuze (2005) relata não ser possível ter a real percepção do que existe na imagem, em razão de se inserir nos encadeamentos sensório-clichês. O autor complementa:

Percebemos sempre menos, percebemos apenas o que estamos interessados em perceber, ou melhor, o que temos interesse em perceber, devido a nossos interesses econômicos, nossas crenças ideológicas, nossas exigências psicológicas. Portanto, comumente, percebemos apenas clichês (DELEUZE, 2005, p. 31).

Trazendo esse conceito para o Instagram, o fluxo de imagens é tão grande que a exibição se torna insignificante. O formato clichê dessas imagens transforma a exibição em rotativa, e só sai desse carrossel quando fogem deste formato. Dessa forma, entende-se que, quem foge do clichê, foge da lógica da plataforma, ou seja, do algoritmo programado e, conseqüentemente, não tem suas fotos entregues a um número maior de pessoas, perdendo relevância na rede.

Assim, o Instagram veio validar o fato de que as fotografias e vídeos são utilizados como uma moeda social *on-line* (RAINIE *et al.*, 2012), sendo as informações postadas nos perfis e os conteúdos compartilhados objeto que desperta preocupação em muitos usuários, em virtude do julgamento alheio.

2.1.1 Instagram

Lançado em 2010, o Instagram é uma rede social que permite a construção de narrativas visuais e a interação entre os seus usuários (DABAS *et al.*, 2017). A plataforma surgiu com o principal objetivo de permitir o compartilhamento de fotos em formato quadrado, em que as edições necessárias para a imagem podiam ser feitas no próprio aplicativo, sem a necessidade da utilização de aplicativos externos para isso. Para criar um perfil, é preciso preencher alguns dados básicos, como primeiro e último nome, e-mail e nome de usuário (FROMMER, 2010), porém, o uso de uma fotografia de perfil é opcional. Também existe a opção de o usuário seguir outros perfis de forma não recíproca (LUP; TRUB; ROSENTHAL, 2015), fazendo dela uma rede assimétrica.

Em um primeiro momento, o acesso era permitido apenas para dispositivos com sistema operacional *IOS* e somente dois anos mais tarde, quando foi comprado pelo *Facebook*, a versão para dispositivos com sistema operacional *Android* foi disponibilizada, além de ser lançada uma versão *desktop* para a rede social.¹⁰ A partir de então, o Instagram virou um fenômeno, crescendo cada vez mais e se tornando o quarto aplicativo mais baixado da década.¹¹

As ferramentas de edição e filtros são recursos tradicionais da plataforma, que permitem ao usuário escolher a melhor forma de modificar suas imagens antes da publicação, com o propósito principal de mostrar suas melhores versões (CALDEIRA, 2016). Esses recursos não deixaram de ser atualizados e melhorados com o tempo. Em 2012, eram disponibilizadas apenas quatro opções de filtros, mas, atualmente,

¹⁰ GIANTOMASO, Isabela. Instagram: relembre as maiores mudanças da rede social de foto. **TechTudo**, 23 abr. 2018. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2018/04/instagram-relembre-as-maiores-mudancas-da-rede-social-de-foto.ghtml>. Acesso em: 19 jan. 2020.

¹¹ GOGONI, Ronaldo. Facebook é o dono dos 4 apps mobile mais baixados da década. **Meio Bit**, 2019. Disponível em: <https://tecnoblog.net/meiobit/415497/facebook-dono-4-apps-mais-baixados-decada/>. Acesso em: 19 jan. 2020.

esse número subiu para 25 opções, que permitem modificar e personalizar as imagens para criar o estilo visual desejado (FERWERDA; SCHEDL; TKALCIC, 2016). Além disso, o usuário também ganhou a opção de regular manualmente características como brilho, contraste, temperatura, cor, sombras e a opção de corrigir ângulos para realizar o ajuste de imagens tortas ou invertidas.

Hochman e Manovich (2013, s/p) notam que cada filtro provoca uma “sensação diferente” e tem a capacidade de modificar o que se deseja comunicar por meio da imagem. Um bom exemplo disso é o filtro 1977, que permite a produção de imagens com a estética das câmeras da década de 1970. Sobre isso, os autores comentam: “assim, ao fazer a fotografia de um tempo e lugar específicos, nela aplicamos um filtro a fim de sugerir um período ou uma atmosfera diferente [...]” (HOCHMAN; MANOVICH, 2013, s/p).

A partir de 2013, a rede social passou a modificar algumas de suas características principais, além de adicionar novos formatos. Foi lançado o Instagram *Direct*, função que permite aos usuários conversar de forma privada, tanto individualmente quanto em grupos de até 15 pessoas. Também foi acrescentado o suporte para vídeos de até 15 segundos no *feed*, restrição que foi estendida para um minuto em 2015 e se mantém até hoje. Ainda, em 2015, foram liberadas as publicações em formato paisagem ou retrato, acabando com a obrigatoriedade do formato quadrado utilizado até então. Já em 2017, era possível a realização de postagens com mais de uma imagem, fossem fotos, vídeos ou ambos.¹²

O Instagram também apresenta um forte caráter comercial. Seu rápido crescimento chamou a atenção de diversas marcas, trazendo para a plataforma publicidades em meio as publicações dos usuários. Para reforçar essa característica comercial, a rede oferta vários formatos para a realização de conteúdos patrocinados, além do mais, uma atualização disponibilizada desde março de 2019 nos Estados Unidos, permite que compras sejam finalizadas dentro do aplicativo do Instagram com apenas alguns cliques e informações disponibilizadas pelos consumidores.¹³

¹² KURTZ, João. Instagram Updates: as mudanças da rede social do Direct ao Stories. **TechTudo**, 12 abr. 2017. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/listas/noticia/2017/04/instagram-updates-mudancas-da-rede-social-do-direct-ao-stories.html>. Acesso em: 19 jan. 2020.

¹³ ALVES, Paulo. Instagram testa Checkout, função para fazer compras e pagar dentro do app. **TechTudo**, 19 mar. 2019. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/03/instagram-testa-checkout-funcao-para-fazer-compras-e-pagar-dentro-do-app.ghml>. Acesso em: 19 jan. 2020.

Estudos mostram que entre os motivos apontados para o uso do Instagram, estão: o conhecimento acerca dos outros, a criatividade, a documentação e o fato de ser interessante (SHELDON; BRYANT, 2016). Os usuários também pontuam que as principais razões para compartilhar conteúdo na rede são a informação, o apoio da comunidade, a procura de estatuto e a auto apresentação (LEE *et al.*, 2015).

A plataforma vem sendo constantemente atualizada ao longo dos anos e novos recursos foram criados para acompanhar as tendências do mercado. Dentre os principais lançamentos, estão as transmissões ao vivo, sendo também possível dividir a tela da *live* com amigos. O IGTV, ferramenta criada em 2018, permite vídeos com duração entre 15 segundos e 10 minutos, além de possibilitar interações como curtir e comentar. E os *Stories*, recurso criado em 2016 para “compartilhar todos os momentos do dia, e não somente aqueles que se quer manter no perfil”¹⁴, que possibilita a publicação de fotos ou vídeos de até 15 segundos, disponíveis para visualização por 24 horas. Também é possível ter controle sobre quem assiste as publicações graças a lista de “melhores amigos”, em que o usuário pode listar apenas as pessoas que ele permite ter acesso ao conteúdo. Tal opção traz uma sensação de privacidade aos usuários, como ressaltam Hage e Kublikowsk (2019, p. 14): “em relação aos significados atribuídos às postagens, encontramos a noção de privacidade, com a possibilidade de gerenciar com mais facilidade o conteúdo publicado e a quem ele se destinará, tornando o aplicativo mais intimista e reservado”. Souza, Couto e Bonilla (2018) comentam que as características da plataforma criam essa sensação de ambiente seguro e sem registros:

Nesse sentido, a funcionalidade *Stories*, especificamente, pode potencializar ainda mais essa realidade, já que além de propiciar ampla participação, este recurso fomenta publicações mais espontâneas e desinibidas da juventude. O pudor de se expor dá lugar à criatividade, à liberdade, pois não há preocupação com o registro que pode constranger no futuro (SOUZA; COUTO; BONILLA, 2018, p. 89).

O recurso vem se tornando um dos mais famosos da plataforma. Assim que foi lançado, os *Stories* foram apontados por diversos usuários como uma inspiração do aplicativo pré-existente Snapchat, criado em 2011, caracterizado como uma rede

¹⁴ BUSINESS, Facebook For. **Apresentando o novo Instagram Stories**. 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/business/news/apresentando-o-novo-instagram-stories>. Acesso em: 05 dez. 2019.

social de mensagens instantâneas para o envio de textos, fotos e vídeos com duração de até 10 segundos, que ficam disponíveis durante o tempo estimado pelo remetente. Entretanto, com o constante lançamento de funcionalidades dentro do próprio recurso *Stories*, este atraiu um número cada vez maior de usuários, fazendo com que o Snapchat perdesse força com o passar do tempo.

Entre as principais funcionalidades do *Stories* do Instagram estão os adesivos, que podem ser colocados na tela durante as postagens e permitem a realização de contagem regressiva, localização, temperatura e até um espaço destinado a perguntas deixadas pelos espectadores para serem respondidas posteriormente pelo dono da publicação. O recurso também permite a utilização de música, em que os usuários podem escolher, além da trilha de sua preferência, o trecho que os seguidores ouvirão e se deseja que a letra fique disponível na tela ou não.

Seguindo o sucesso na utilização de música nos *Stories*, a rede social lançou o *Cenas (Reels)*, que tem por objetivo a criação de vídeos de até 15 segundos e possibilita ao usuário editar clipes curtos com música de fundo. A funcionalidade foi lançada exclusivamente no Brasil em novembro de 2019 como um teste e foi apontada por diversos usuários como uma inspiração do aplicativo chinês *TikTok*, rede social criada em 2016, que permite a gravação de vídeos curtos, geralmente com dublagens musicais, danças ou clipes e tem se tornado um fenômeno entre os jovens, com mais de 1 bilhão de usuários no mundo.¹⁵

Os *Stories* apresentam características de uso que estão em conformidade com as preferências das gerações mais novas, como o imediatismo, ou seja, com poucos toques seus desejos são prontamente atendidos. Outra característica é o cotidiano como conteúdo para o entretenimento, uma vez que ao fazer uma postagem com duração de apenas um dia, o que mais é registrado são as atividades realizadas no dia a dia, como destacam Souza, Couto e Bonilla (2018, p. 4):

A sequência de publicações neste recurso tem como objetivo contar a história de um dia, uma narrativa efêmera que logo é substituída pela história do dia seguinte. São registros do presente, fugazes, instantâneos, cuja intenção é exibir o devir da vida.

¹⁵ LAVADO, Thiago. Instagram escolhe Brasil para testar nova ferramenta dos Stories que lembra o TikTok. **G1**, 12 nov. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2019/11/12/instagram-testa-cenas-no-brasil-nova-ferramenta-de-edicao-de-stories-que-lembra-o-tiktok.ghtml>. Acesso em: 19 jan. 2020.

Além das ferramentas e recursos lançados pelo próprio Instagram, existem também formas de apropriação não oficiais da plataforma feitas por grupos de usuários, como é o caso dos perfis Dix, que se caracterizam como perfis privados criados por jovens com a finalidade de reunir um grupo seleto de amigos, considerados íntimos e sem a presença de familiares ou pessoas não desejadas. Os perfis surgiram a partir de 2016, quando o Instagram permitiu o *login* de mais de uma conta simultaneamente no aplicativo. Desse modo, os usuários podem manter as contas principais e Dix concomitantemente, sendo necessários poucos toques para migrar de uma para outra.

A criação de contas secundárias não são práticas novas no universo das redes sociais, uma vez que os primeiros relatos desse tipo de perfil ocorreram no *Friendster*¹⁶, com os chamados “Fakesters”, que eram utilizados como um jogo de identidade (BOYD; HEER, 2006; BOYD, 2004; MARWICK, 2005). Em âmbito internacional, os perfis Dix são bastante semelhantes as contas Finstas, nome com origem na junção da palavra *Fake* com a palavra Instagram, e são percebidos como:

um espaço para compartilhar conteúdo que não seria considerado aceitável em outras plataformas mais públicas e para postar autorrevelações com maior grau de controle. Os Finstas costumam ser espaços protegidos que apenas outros Finstas seguem. Em segundo lugar, descobrimos que as normas sociais em Finsta ditam o que é aceitável ou normal, incluindo: humor, autenticidade, frivolidade e autodepreciação (DEWAR *et al.*, 2019, p. 2).

Os conteúdos postados no Dix tem um caráter mais intimista, como um diário *on-line* compartilhado com um grupo seleto de pessoas, característica também percebida por Hage e Kublikowsk (2019, p. 531) em um estudo sobre estilos de uso dos autorretratos no Instagram: “se no passado o diário era mantido em total sigilo, atualmente, ele migra para o cenário online e os sentimentos e pensamentos passam a ser divididos com aqueles que são devidamente autorizados à leitura”. Os autores também explicam que as fotos postadas funcionam como um registro de memória desse diário virtual “aberto para aqueles que fazem parte do âmbito privado de experiência desses jovens, o que para alguns colaboradores, exclui os familiares que

¹⁶ *Friendster* foi uma rede social criada em 2002 por Jonathan Abrams, na Califórnia, que se pautava na técnica do “círculo de amigos”. Informações disponíveis em: <https://www.techtudo.com.br/artigos/noticia/2012/07/historia-das-redes-sociais.html>. Acesso em: 19 jan. 2020.

poderiam cercear essa liberdade de expressão” (HAGE; KUBLIKOWSK, 2019, p. 535).

2.2 A Identidade Juvenil na Sociedade Contemporânea

Durante a adolescência, o processo de construção da identidade torna-se mais intenso. Erikson (1968) aponta este período como responsável por mudanças radicais envolvendo o corpo, a imaginação e a intimidade com o outro sexo, o que exige do jovem a tomada de decisões, por muitas vezes conflitantes. O autor explica que o adolescente “deve fazer uma série de seleções cada vez mais específicas de compromissos pessoais, ocupacionais, sexuais e ideológicos” (ERIKSON, 1976, p. 245). Nessa perspectiva, Amante *et al.* (2014, p. 27) indicam a necessidade que os adolescentes têm de se descobrir “por oposição ou identificação com o meio familiar e com o grupo de amigos ou colegas da escola”, gerando situações de conflito, que os obrigam a se impor e fazer escolhas.

Voltando-se para a definição de juventude, pode-se dizer que vai além do entendimento de classificar um grupo dentro de uma mesma faixa etária. Groppo (2000, p. 8) a descreve como:

categoria social, compreendendo-a como representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos. Ao mesmo tempo, é uma situação em comum vivida por certos indivíduos.

O autor explica que as mudanças de significados e vivências sociais juvenis possibilitam a compreensão da modernidade em setores como a arte, a cultura, o mercado de consumo, entre outros. Feixa (1999) também considera a juventude como uma construção cultural, que varia de acordo com a sociedade em que está inserida, por isso adota a expressão “culturas juvenis”, atribuindo a pluralidade do termo à diversidade de culturas.

Os jovens são notoriamente o grupo com maior interesse e que se predispõe a entender as mudanças ocorridas no mundo, chamados também como “nativos digitais” (PRENSKY, 2001) e geração *millennials* (STRAUSS; HOWE, 1991). Mostram-se sempre curiosos com relação às novidades que aparecem, fazendo dos

dispositivos móveis extensões de seus corpos¹⁷ (MCLUHAN, 2007). Tais características não se mostram diferentes no que se refere às tecnologias visuais. Campos (2010) considera que os jovens apresentam maior dinamismo e criatividade na produção, manipulação e consumo das imagens. Segundo o autor:

[...] as tecnologias visuais e audiovisuais, e mais recentemente as linguagens e tecnologias digitais, continuam a representar terrenos onde as gerações mais jovens, incluindo as crianças, fazem uma série de aprendizagens e adquirem competências, constroem imagens do mundo, comunicam e experimentam identidades (CAMPOS, 2010, p. 120).

Para Katz e Aakhus (2004), os jovens, ao estarem constantemente conectados, têm suas dinâmicas sociais afetadas e, por isso, apresentam um alto grau de individualidade. Segundo os autores, “amizade, intimidade, família e os vizinhos deixam de ser as principais fontes de significado, e tornam-se os objetos de deliberação de mais um domínio da realidade” (KATZ; AAKHUS, 2004, p. 232, tradução nossa).

Por integrarem o grupo que apresenta maior interesse e apropriação dos dispositivos móveis, os mais jovens são chamados de “*app generation*” por Gardner e Davis (2013), tanto por serem imersos em aplicativos, como por perceberem o mundo como um conjunto deles. De acordo com os autores, um grupo de aplicativos é formado pela “[...] combinação de interesses, hábitos e conexões sociais que identificam uma pessoa” (GARDNER; DAVIS, 2013, s/p).

Outra característica predominante nos dispositivos móveis é o seu poder de proporcionar a socialização *on-line*, como explica Urresti (2008), quando afirma que em rede os jovens participam de jogos que envolvem socialização, subjetivação e construção de identidade. Segundo Santaella (2013), os celulares fascinam por deixarem de ser vistos apenas como um dispositivo para comunicação oral e passarem a ser contemplados como um sistema de comunicação multimídia e portátil.

Nesse contexto, as redes sociais desempenham papel importante na socialização dos mais jovens, uma vez que, como acreditam Gardner e Davis (2013), suas vidas *on-line* e *off-line* estão cada vez mais entrelaçadas. Sobre o aspecto da

¹⁷ McLuhan (2007) interpreta os meios de comunicação como extensões do homem, declaração válida para o cenário midiático contemporâneo, mesmo concebida a partir de outro contexto tecnológico. Deve-se esclarecer que a primeira edição da obra em referência foi publicada em 1964.

socialização, Boyd (2014, p. 5, tradução nossa) explica que “costumava ser o shopping, mas, para a juventude discutida nesse livro, sites de redes sociais como Facebook, Twitter e Instagram são os lugares ‘legais’”. Ainda, a autora afirma que os sites de mídia social estimulam o estabelecimento de laços, não apenas *on-line*, mas também o contato com pessoas já conhecidas do cenário físico:

hoje, muitos adolescentes estão *on-line* para socializar com amigos que conhecem de cenários físicos e para se retratar em contextos *on-line* que são mais fortemente ligados a comunidades sociais não mediadas. Essas práticas, que incentivam uma maior continuidade entre os mundos *on-line* e *off-line* dos adolescentes, eram muito menos comuns quando eu estava crescendo (BOYD, 2014, p. 38, tradução nossa).

Deve-se ressaltar também que para participar das redes é necessário fazer publicações, caso contrário, fica-se de fora das dinâmicas propostas por ela, como afirma Urresti (2008, p. 61, tradução nossa):

entre os adolescentes, e também os jovens, ter uma página no Facebook ou MySpace ou ter um Fotolog, faz parte das coisas que os identificam e os distinguem entre seus pares: ao longo do tempo, torna-se uma obrigação, exceto para aqueles que querem ficar de fora e perder todos os encantos das promessas que acompanham a inclusão.

Ademais, o uso de cada rede não se fundamenta em suas características técnicas, mas sim na maneira como são apropriadas por cada grupo de jovens, como explica Boyd (2014, p. 39, tradução nossa):

eles se conectam com as pessoas que conhecem, observam como as pessoas estão usando o site, e em seguida, reforçam ou combatem essas normas através de suas próprias práticas. Como resultado, as normas de mídia social são moldadas por efeitos de rede; os pares influenciam uns aos outros sobre como usar um determinado site e, em seguida, ajudam coletivamente a criar as normas desse site.

Dessa forma, ao se apropriarem das tecnologias digitais, esses jovens tornam-se produtores de conteúdo. Segundo Porres Pla (2013), isso ocorre devido aos jovens estarem diariamente imersos na produção de imagens que circulam e são compartilhadas na rede social. O autor considera que as representações visuais “vinculam-se a experiências de prazer e se relacionam com as formas de socialização” (PORRES PLA, 2013, p. 165). Consoante a isso, Medeiros (2018, p. 15) comenta

sobre a importância da fotografia na vida dos jovens: “além de registrar e, de certa forma, validar os acontecimentos, a fotografia permite revê-los infinitamente. E isso é algo que os adolescentes fazem com destreza”. Ainda, a autora complementa:

O uso irrestrito dos aparelhos celulares permite aos adolescentes acessar, produzir e publicar imagens de forma frenética. Assim, viver um momento e imortalizá-lo com um registro fotográfico tornou-se um hábito, uma necessidade, quase uma obrigação (MEDEIROS, 2018, p. 21).

De acordo com Gardner e Davis (2013), as ferramentas de mídias digitais permitem que os jovens se expressem e explorem suas identidades. Para os autores, a influência dos aplicativos na formação de identidades pode seguir em duas direções: a primeira consiste no sujeito transformar-se em um avatar de outra pessoa e a segunda se caracteriza na facilitação da formação de identidade de forma deliberada e ponderada. Ainda, entendem que “é possível acabar com uma identidade forte e mais poderosa, ou sucumbir a uma identidade ‘pré-embalada’ ou à interminável difusão de papéis” (GARDNER; DAVIS, 2013, s/p). Os autores acreditam que as identidades dos jovens estão sendo cada vez mais pensadas para que transmitam uma imagem desejada do sujeito em questão. Mesmo que essa imagem não se dissocie completamente de sua personalidade *off-line*, ao possibilitar recursos como assincronia e anonimato, o ambiente *on-line* permite que os jovens desenvolvam representações estratégicas, decidindo quais informações destacar e quais omitir.

Campos (2012) considera que a imagem, individual ou em grupo, permite aos jovens externarem suas filiações identitárias, seus gostos, práticas e valores, logo, a imagem se localiza no centro da afirmação de culturas juvenis. O autor também ressalta que a visualidade é um elemento fundamental na constituição da representação da juventude da forma como a conhecemos hoje, pois ao observar as fotos que os adolescentes produzem e fazem circular pela *Web* e àquelas que eles compartilham, encontram-se pistas sobre como esse grupo se sente e age.

Os conteúdos compartilhados nos perfis de redes sociais demandam atenção ao se considerar as audiências que se pretende atingir. Nesse sentido, é importante levar em conta o conceito de audiência imaginada. Marwick e Boyd (2011) explicam que no ambiente das redes sociais, se tem uma compreensão limitada quanto ao público e que por isso os usuários têm uma audiência imaginada, que pode ser muito

diferente da audiência real daquele perfil. Para Boyd (2007, p. 131), “na ausência de um certo conhecimento sobre a audiência, os participantes têm pistas a partir do ambiente de media social para imaginar a comunidade”. Afirmar que a noção tida do público das redes sociais é limitada pode aparentar, em um primeiro momento, ser simplória, uma vez que esta seria composta pela lista de amigos de cada perfil. Boyd (2011, p. 6) explica:

Ao servir como a audiência imaginada, a lista de amigos funciona como o público intencionado. Claro que apenas porque essa coleção de pessoas é o público intencionado não significa que seja o público real. Ainda assim, o valor de imaginar a audiência ou público é para ajustar o comportamento e auto-apresentação de alguém para se adequar às normas intencionadas daquela coletividade.

Desse modo, muitos usuários buscam se adaptar às audiências, de forma a se apresentar da maneira que acreditam ser a mais adequada, de acordo com o público que deseja alcançar, atitude alinhada ao conceito de “cultura de simulação” de Turkle (1996). Assim, com o advento da Internet e a criação de diversas plataformas interacionais, os usuários podem assumir uma multiplicidade de identidades, rompendo padrões estabelecidos no cenário *off-line*.

Sobre a importância que o mundo *on-line* tem para os jovens e adolescentes, Livingstone (2012, p. 97) explica:

Para os adolescentes, o mundo on-line pode ser adotado com entusiasmo por representar o espaço “deles”, mais visível aos seus “pares” (peers) do que à vigilância dos adultos, uma oportunidade emocionante e relativamente segura de conduzir a tarefa social e psicológica de ser adolescente.

Diferente de gerações anteriores, a exposição da intimidade faz parte de como os jovens socializam. Urresti (2008) acredita que as gerações mais novas são consequência de uma cultura mais permissiva em relação a sexualidade e vida afetiva, em que o sujeito não está comprometido com instituições, as quais acabam por reprimir gerações anteriores, que ficam relutantes em compartilhar. O autor expõe:

Estes conteúdos podem ter tons diferentes, referir-se ao aspecto físico ou à sexualidade, mas também aos estudos, à família, ao transporte, à amizade, aos esportes, ao trabalho e a qualquer outra área da atividade humana, seja em seus conteúdos mais comuns e inocentes, seja em seus conteúdos mais raros e sinistros. De modo que, tudo o que é íntimo, por ocultável, inconfessável ou por fazer parte da mais banal existência singular, pode passar das cavernas antigas da

privacidade para as grandes planícies de publicidade (URRESTI, 2008, p. 58, tradução nossa).

A exposição constante nas redes sociais e a forma com que os mais jovens encaram o tema são frequentes em discussões sobre privacidade *on-line*, onde se articulam reflexões acerca das diferentes formas de se relacionar com esse mundo novo e dos conflitos de gerações. Fatores que podem tanto aproximar como afastar as pessoas, o que vai estabelecer essa diferença é o modo como cada um interage no ambiente *on-line*.

2.3 Privacidade e Exposição de Si na Era Digital

O alto nível de exposição visto com frequência nas publicações dos jovens nas redes sociais e a necessidade que esse público apresenta de pertencer a um grupo, acaba por fazê-los transcender o limite da privacidade ao expor freneticamente seus corpos, suas emoções e detalhes de seu cotidiano no geral, mostrando tudo o tempo todo, mas a visão de onde está o limite varia principalmente de geração a geração.

Margulis e Urresti (2008) consideram que o aspecto geracional do jovem não se limita apenas a sua relação com a idade e suas características biológicas, mas também ao seu vínculo com a história e a cultura em que esses sujeitos foram socializados, fazendo com que estes formem uma irmandade frente aos estímulos de cada época: “aqui é onde devem se inscrever as tecnologias como genealogias, ou seja, como um parentesco de cultura e história, e não uma mera categoria estatística” (MARGULIS; URRESTI, 2008, p. 26, tradução nossa). Ainda, os autores reiteram:

A geração refere-se à época na qual cada indivíduo é socializado, e, assim, às rápidas mudanças culturais que caracterizam o nosso tempo. Cada geração pode ser considerada, até certo ponto, como pertencente a uma cultura diferente, na medida em que incorpora em sua socialização novos códigos e habilidades, linguagens e formas de perceber, apreciar, classificar e distinguir (MARGULIS; URRESTI, 2008, p. 18, tradução nossa).

Segundo os autores, as gerações mais novas não compartilham da memória e das experiências vividas pela geração anterior, “para o jovem, o mundo se apresenta novo, aberto às próprias experiências, livre das memórias de gerações anteriores, despojado das inseguranças ou certezas que não provêm da própria vida”

(MARGULIS; URRESTI, 2008, p. 19, tradução nossa). Já Gardner e Davis (2013) afirmam que as crianças e adolescentes de hoje nasceram em tempos de conexão ubíqua e pervasiva, e, possivelmente, não conhecem outra realidade, assim, acabam por normalizar altos níveis de exposição.

No contemporâneo, com as redes sociais virtuais impulsionando cada vez mais a exibição e visibilidade, torna-se necessário adequar os conteúdos que serão compartilhados *on-line*, ação que Goffman (1993) já observava ao apontar o conceito de “gestão de impressões”, referindo-se aos cuidados com a imagem de si a ser projetada para os outros. Ainda, o autor utiliza o conceito de "*Frontstage*" e "*Backstage*" para descrever como os indivíduos agem de diferentes formas quando estão em vista de um público e como aderem a normas e modos de comportamento relevantes com o objetivo de gerir uma impressão, diferentemente de seus comportamentos quando estão em ambientes mais privados, escondidos da visão do público (GOFFMAN, 1956).

O gerenciamento de impressões torna-se mais complexo no ambiente *on-line*, uma vez que as pessoas precisam lidar frequentemente com contextos sociais que estabelecem normas e expectativas diferentes no mesmo lugar, criando assim um colapso de contexto (BOYD, 2014; MRWICK; BOYD, 2011). O conceito de colapso de contexto está diretamente ligado ao entendimento que os usuários de redes sociais têm de seu público e o quanto de esforço despendem para atraí-lo.

Zhao *et al.* (2013) argumentam que as pessoas não utilizam as redes sociais exclusivamente como palco para atuar, mas também como uma exibição de si, bem como um arquivo pessoal. Nesse contexto, os egos nas redes sociais podem ser considerados, além de uma forma de performance (GOFFMAN, 1956), como conceito de “animação”, que implica em uma “projeção de si mesmo no ambiente” (SILVIO, 2010, p. 426), fazendo assim com que um objeto possa ser simultaneamente a representação dele mesmo e não. Os “eus” retratados muitas vezes nos perfis não são “verdadeiros”, mas isso não os torna menos reais, pois as redes sociais não são meras criações virtuais, são na realidade instâncias onde “personas online e offline estão perfeitamente interligadas” (MANNING; GERSHON, 2013, p. 126).

Para Gadlin (1978), as gerações mais novas estão vivendo uma “juventude prolongada”, no que diz respeito a aspectos históricos, permanecendo dependentes economicamente por mais tempo, mas mostram-se mais independentes em termos de sexualidade, consumo e lazer. Já Livingstone (2012, p. 94) acredita que esses

jovens estão prontos “para se despirem de corpo e alma”, não tendo “senso de vergonha. Nenhum senso de privacidade”, além de serem narcisistas e falarem demais sobre si mesmos. Consoante a isso, Medeiros (2018, p. 123) comenta:

É como se, para eles, não houvesse mais segredos e nem receio de se exporem de forma demasiada. Os jovens publicam na rede seus interesses e anseios mais íntimos, publicizando o que seria da ordem do privado, do particular.

Nesse contexto, Kerckhove (2015) considera que os jovens são conscientes dos riscos inerentes à divulgação de informações na *web*, porém, mesmo assim, publicam conteúdos sensíveis sem preocupação. Seguindo esse raciocínio, Santaella (2015, p. 98-99) argumenta:

as redes estão prenhes de paradoxos, contradições e ambivalências. Basta um exemplo, enquanto governos e indivíduos comuns reclamam da invasão da privacidade, jovens hoje se expõem e se exibem até o limite da obscenidade, sem qualquer preocupação com valores próprios da privacidade, o que transforma a defesa pessoal desses valores em reivindicação de tiozinhos e vovozinhas.

Por outro lado, na interpretação de Livingstone (2006), esse grupo apresenta uma definição de privacidade que está centrada no controle das informações ao seu respeito, ou seja, há uma preocupação sobre quem sabe o que a seu respeito e não uma definição centrada na revelação de algumas informações. Já Stein e Sinha (2002, p. 414) caracterizam privacidade como “os direitos dos indivíduos de gozarem de autonomia, de serem deixados em paz, e de determinarem se e como as informações sobre eles mesmos são reveladas aos outros”. Nesse contexto, Fahey (1995, p. 688) defende que:

(...) em vez de falar de um único limite de público/privado, talvez fosse mais exato falar de uma reestruturação mais complexa em uma série de zonas de privacidade, das quais nem todas se ajustam facilmente às imagens-padrão do que é o limite de público/privado.

Relativamente aos jovens, Boyd (2014) comenta que, apesar da preocupação dos pais dessa geração com o compartilhamento excessivo de informações, os jovens não estão preocupados com vigilâncias do governo ou de corporações, eles buscam privacidade de quem detêm poder sobre eles, como é o caso de pais e professores, “muitas das estratégias de privacidade implementadas pelos adolescentes se

destinam a combater a dinâmica de poder que surge quando pais e outros adultos sentem que têm o direito de ver e ouvir” (BOYD, 2014, p. 70, tradução nossa).

Sobre as políticas de privacidade do Instagram direcionadas ao público adolescente, observa-se a apresentação de dicas para pais gerenciarem os perfis dos filhos, além da exigência da idade mínima de 13 anos para a criação de perfis.¹⁸ No que se refere às possibilidades oferecidas pela rede para controle de privacidade dos conteúdos, pode-se destacar as configurações da funcionalidade *Stories*, como o recurso Melhores Amigos.

Assim, em tempos de transformações tecnológicas cada vez mais rápidas, faz-se necessário a compreensão das diferentes visões sobre conceitos como privacidade e exposição, que se tornam dissonantes por conta de fatores geracionais, culturais, entre outros.

¹⁸ Informações extraídas da Central de Privacidade e Segurança do Instagram: [https://help.instagram.com/154475974694511/?helpref=hc_fnav&bc\[0\]=Ajuda%20do%20Instagram&bc\[1\]=Central%20de%20Privacidade%20e%20Seguran%C3%A7a](https://help.instagram.com/154475974694511/?helpref=hc_fnav&bc[0]=Ajuda%20do%20Instagram&bc[1]=Central%20de%20Privacidade%20e%20Seguran%C3%A7a). Acesso em: 19 jan. 2020.

CAPÍTULO II – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa se caracteriza como exploratória (GIL, 2010), uma vez que tem como objetivo primordial aprofundar os conhecimentos sobre perfis Dix do Instagram e como são apropriados pelo público jovem. No que se refere ao delineamento, optou-se pelo netnográfico, que Kozinets (2014, p. 72) define:

A netnografia é uma abordagem da pesquisa online de observação participante que segue um conjunto de procedimentos e protocolos distinto. A netnografia é apropriada para o estudo tanto de comunidades virtuais quanto de comunidades e culturas que manifestam interações sociais importantes virtualmente.

Para a realização de uma pesquisa netnográfica ética, Kozinets (2014) destaca alguns passos fundamentais, que foram seguidos rigorosamente neste estudo, como: identificar-se e informar os constituintes relevantes sobre a pesquisa; pedir permissões apropriadas; e obter consentimento quando necessário. Assim, todos os participantes foram informados dos objetivos da pesquisa e concederam autorização, permitindo a análise de suas contas. Também, todos os envolvidos nesta investigação têm o anonimato garantido. Para tal, foram censurados elementos nas falas dos entrevistados que poderiam identificá-los, como os nomes de perfis, de amigos e família, além dos nomes dos próprios entrevistados e da instituição onde estudavam. O material gráfico coletado durante o período de Observação Participante está arquivado sob posse da pesquisadora e estão protegidos por *login* e senha. As imagens utilizadas para ilustrar o presente estudo foram editadas de forma que não expusessem nome e foto do perfil, bem como foi utilizado um efeito *Blur*¹⁹ para camuflar os rostos dos jovens.

Portanto, a partir da netnografia, foi possível extrair dados via *Web Scraping* dos perfis analisados no Instagram, bem como utilizar a técnica de observação participante nos perfis principais e Dix dos investigados. Complementarmente, foram feitas entrevistas por vídeo com parte dos jovens. Todas as fases, conforme demonstradas na Figura 1, serão detalhadas na sequência.

¹⁹ É uma ferramenta amplamente utilizada em programas de edição de imagens e têm o objetivo de borrar e/ou disfarçar elementos de uma imagem.

Figura 1 - Percurso metodológico



Fonte: Autora

1. Web Scraping

Durante o mês de novembro de 2019 foi realizado um *web scraping*²⁰ no perfil do Instagram de 41 jovens (29 perfis principais e 12 perfis Dix), que tiveram o perfil analisado na etapa de observação participante, através do *Gram Up*, uma extensão do *Google Chrome* que se conecta a conta do Instagram do usuário de quem se deseja extrair os dados e disponibiliza as informações do grupo de seguidores desse perfil. O *Gram Up* possibilita a extração de, aproximadamente, 60 variáveis previamente estabelecidas pela plataforma, como a utilização de *hashtags* ou de carrosséis, recurso que permite a postagem de mais de uma foto em uma mesma publicação. Os dados extraídos foram filtrados através de planilhas, o que acarretou na redução de 60 para, aproximadamente, 13 variáveis. Após a filtragem, foi utilizada a ferramenta *Google Data Studio* para a criação de um *dashboard* que facilitasse a visualização dos dados. A presente etapa possibilitou a coleta de dados arquivais, que, segundo Kozinets (2014, p. 95), podem ser classificados como:

Dados que o pesquisador copia diretamente de comunicações mediadas por computador preexistentes dos membros de uma comunidade online, dados em cuja criação ou estimulação ele não está diretamente envolvido.

Em linhas gerais, este levantamento permitiu a compreensão dos principais recursos utilizados pelos jovens em seus perfis do Instagram, além de possibilitar a comparação entre as semelhanças e diferenças de utilização dos perfis principais e perfis Dix.

2. Observação Participante

A presente etapa consistiu na observação participante de perfis de jovens no Instagram. Para a obtenção de um grupo de participantes que preenchessem os pré-requisitos determinados, foi estabelecido contato com um professor que leciona em escolas de ensino médio de São Paulo, responsável pela intermediação do processo, explicando o tema e objetivos da pesquisa aos alunos. Deve-se ressaltar que foi necessária uma relação de confiança pré-estabelecida entre os alunos e o professor para que os jovens permitissem o acesso da pesquisadora a seus perfis do Instagram.

²⁰ É o processo de extração utilizado para coletar automaticamente dados relevantes de sites, convertendo as informações desestruturadas em estruturadas, para serem analisadas posteriormente.

Após os esclarecimentos e a garantia de anonimato, os jovens interessados em fazer parte da investigação forneceram seu nome, idade e usuários de suas contas para futuro contato. Os participantes, dos sexos feminino e masculino, pertenciam à faixa etária de 15 a 18 anos e cursavam o 2º e 3º anos do ensino médio, sendo que alguns ingressaram na faculdade durante o período da pesquisa, que se estendeu por mais de um ano. Apesar de estudarem na capital paulista, alguns moravam fora da cidade, na região metropolitana.

Para a coleta de dados, foi criada uma conta com o nome da pesquisadora, que explicou brevemente os objetivos da pesquisa. Para evitar interferências de perfis externos, foi criado um perfil privado, uma vez que o algoritmo da rede social privilegia a divulgação de seus perfis para o aumento no número de seguidores, prática que prejudicaria o acompanhamento dos perfis dos participantes.

Após seguir todas as contas fornecidas pelos interessados, foi enviada uma mensagem (Figura 2) via *Direct* explicando mais uma vez os objetivos da pesquisa e pedindo a permissão por escrito para cada conta seguida, obtendo-se assim a permissão de 45 contas, sendo 30 perfis principais e 15 perfis Dix, de 30 jovens, sendo que 6 contas não responderam ao contato, consequentemente ficando fora do grupo de contas analisadas.

Figura 2 - Autorização



Fonte: Captura de tela feita pela autora

A coleta de dados ocorreu no período de setembro de 2019 a junho de 2020, sendo necessário acessar a conta todos os dias no mesmo horário para evitar que postagens se perdessem, visto que publicações feitas na ferramenta *Stories* deixam de ser visíveis dentro de 24 horas. Ao final da coleta, foram obtidos, aproximadamente, 1.100 prints que, posteriormente, foram analisados a partir de análise de conteúdo (BARDIN, 2016), por meio da técnica de categorização.

Os resultados foram classificados em cinco seções: 1. Conhecendo o Dix; 2. O olhar dos jovens para o Instagram como plataforma digital; 3. A percepção da intimidade e privacidade do jovem atual; 4. Melhores Amigos e Dix: listas seletas para objetivos diferentes; e 5. Consumo e produção de conteúdo no Instagram em tempos de pandemia. Na primeira seção, há uma descrição dos perfis Dix, como estes são organizados e percebidos pelos participantes. Na segunda seção, são comparadas as diferentes utilizações dos perfis Dix e perfis principais; as diferenças entre o *feed* e o *Stories* na visão dos jovens; e os principais conteúdos consumidos e produzidos em ambos os perfis. Na terceira seção é discutida a ressignificação do que é público e o que é privado pelo jovem contemporâneo, além do Dix ser retratado como um ambiente seguro para o compartilhamento das particularidades desses jovens. Na quarta seção é descrita a migração de alguns dos participantes para o recurso Melhores Amigos, os assuntos abordados e a diferença do público de cada um. Por fim, na quinta seção, é retratado o impacto que a pandemia de COVID-19 exerceu na relação dos jovens com o Instagram.

3. Entrevistas Semiestruturadas

A terceira etapa da pesquisa baseou-se na realização de entrevistas semiestruturadas (N=5) gravadas em vídeo com os participantes que se destacaram durante o período de observação participante. O Entrevistado 1 foi selecionado devido ao seu trabalho com a criação e divulgação de filtros personalizados para a utilização no Instagram, visto que um de seus filtros já foi baixado mais de 10 mil vezes. A escolha da Entrevistada 2 deu-se pelo fato de terem sido observadas postagens sobre seu relacionamento homossexual exclusivamente em seu perfil Dix, não constando nada a respeito em seu perfil principal. A Entrevistada 3 foi escolhida por ter migrado de seu perfil Dix para a ferramenta Melhores Amigos de seu perfil principal, durante o período de observação participante. O significativo volume de postagens ativistas e

com críticas sociais chamaram a atenção sobre a Entrevistada 4. Por último, as postagens ostensivas sobre a exposição do corpo e sobre o consumo de drogas contribuíram para a escolha da Entrevistada 5.

Semanas antes do período das entrevistas, optou-se por estabelecer interação com os participantes pela primeira vez desde a solicitação da autorização. Tal estratégia teve como objetivo a aproximação da pesquisadora com a rotina de postagens dos participantes, possibilitando também a seleção dos jovens mais propensos a contribuir com as entrevistas, uma vez que seriam abordados temas sensíveis a cada um. Assim, o desafio foi interagir com os *Stories* postados de duas maneiras, primeiramente por meio de reações, funcionalidade disponibilizada pela plataforma que permite o envio, via *Direct*, de *Emojis* que simbolizam sentimentos como alegria, tristeza, raiva, entre outros. A segunda forma de interação estabelecida foi realizada por meio das respostas de tais postagens, que funcionam através de comentários enviados aos usuários, também via *Direct*, sobre o assunto postado e, a partir daí, poderia ser estabelecida uma conversa entre a pesquisadora e os participantes, sem pretensões. Outras estratégias adotadas para que os participantes se sentissem mais à vontade foram a utilização de um “quebra-gelo” inicial, uso de linguagem informal durante a entrevista, a reafirmação do compromisso de anonimato e a opção de não falar sobre algum assunto proposto.

A observação diária, por um longo período, aliada às estratégias citadas, permitiu que fosse estabelecida uma conexão com os participantes, uma vez que durante a conversa houve uma aproximação por parte da pesquisadora à realidade dos entrevistados, possibilitando assim o melhor entendimento das características de cada jovem. Como exemplo, pode-se citar a Entrevistada 4, cujas postagens evidenciavam tons muitas vezes agressivos, principalmente referente a críticas sociais. No entanto, após a conversa e exposição de suas motivações para realizar tais conteúdos, foi possível entender o contexto em que suas publicações estavam inseridas. Ainda, sobre a conexão criada com os participantes, existe o caso da Entrevistada 3 que, dias após a entrevista, enviou mensagens via *Direct* relatando o desenrolar da história que ela estava contando anteriormente, demonstrando assim a relação de confiança firmada, uma vez que se sentiu à vontade em mandar a mensagem.

As entrevistas duraram em média 45 minutos e tiveram o objetivo de aprofundar temas que foram observados durante os meses em que os perfis foram

acompanhados, verificando as percepções dos jovens no que se refere à exposição no Instagram, de forma a validar as interpretações sobre as observações realizadas, além de permitir que os entrevistados pudessem apresentar suas opiniões sobre as percepções da pesquisadora e se estas estavam de acordo com o contexto em que vivem. As entrevistas possibilitaram a obtenção de dados extraídos. Kozinets (2014, p. 95) explica:

Temos os dados extraídos, que o pesquisador cria em conjunção com os membros da cultura por meio de interação pessoal e comunal. Postagens e comentários do pesquisador, bem como entrevistas por correio eletrônico, bate-papo ou mensagens instantâneas, seriam procedimentos comuns para extrair dados netnográficos.

Dessa forma, para facilitar o entendimento de cada perfil entrevistado, foi feita uma ilustração (Figura 3), com o objetivo de contribuir para a visualização das características principais desses perfis:

Figura 3 - Persona dos entrevistados



Fonte: Ilustração feita pela autora

CAPITULO III - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para a análise e discussão dos resultados, os conteúdos foram categorizados em cinco seções, de forma a favorecer uma melhor leitura dos dados levantados. Deve-se ressaltar também que as discussões a seguir foram apoiadas em entrevistas, postagens, *Web Scraping* e fundamentação teórica.

1. Conhecendo o Dix

A partir da popularização das redes sociais, tornou-se comum que muitos sites exijam que seus usuários se apresentem em perfis com estruturas rígidas e que seja mostrado sempre um eu “real” e “autêntico” (HAIMSON *et al.*, 2016; MARWICK, 2005), chegando ao ponto de algumas das principais redes sociais adotarem em suas políticas a remoção de contas inautênticas, como é o caso do Facebook, que além de excluir tais contas, também fornece aos seus usuários meios de denunciar contas falsas (HAIMSON *et al.*, 2016). Entretanto, essas políticas frequentemente divergem das necessidades de seu público, conflitam com suas estratégias de auto apresentação, além de diminuir a responsabilidade do usuário (MARWICK, 2005). Nesse contexto, ao possibilitar o *Login* de mais de uma conta simultaneamente pelo aplicativo, parece que o Instagram abriu espaço para que seus usuários burlassem tal regra e escolhessem como se apresentar de diferentes formas, em diferentes contas.

Relativamente aos perfis Dix, foi constatado que se propagam por meio de redes interpessoais, visto que os entrevistados relatam que tiveram contato com eles através de pessoas do seu círculo social que já tinham uma segunda conta, como exemplifica o Entrevistado 1: “os meus amigos estão fazendo, faz um bom tempo, acho que faz uns 3 anos já, porque meus amigos estavam fazendo e eu pensei ‘vou fazer um também’”. Já a Entrevistada 3 se interessou pelo perfil Dix por ser uma conta menos polida, compartilhada apenas com um grupo seletivo de amigos, e pelo tipo de conteúdo postado, como relata:

Meu Instagram era privado no primeiro ano, agora eu estou no terceiro, então foi 2018. E meu Instagram normal tinha muito Dix me seguindo e eu acompanhava esses Dix e falava “nossa, muito legal”, porque o pessoal postava coisa de rolê, coisa engraçadinha, coisa que não tinha nos *Feeds* normais. Aí eu falei “cara, vou criar um Dix pra mim”.

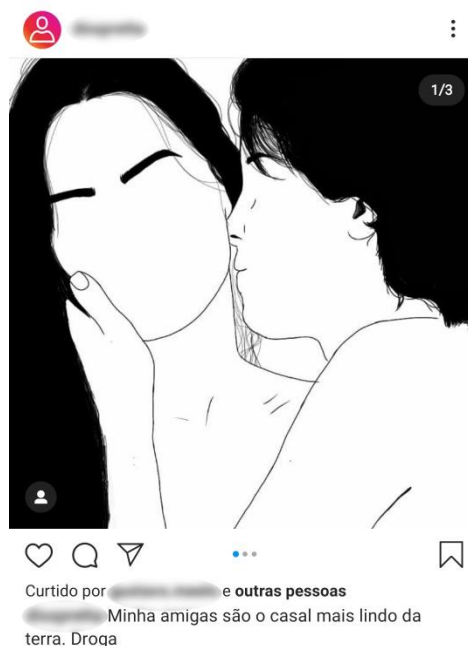
[...] E aí eu fiz o Dix com esse intuito de seguir os Dix com o Dix e os normais com o normal.

Outro ponto importante levantado pela Entrevistada 3 é o costume das contas Dix seguirem apenas contas do mesmo tipo, separando o conteúdo e contribuindo para a formação de um ambiente mais íntimo. Além disso, a separação também contribui para evitar possíveis constrangimentos com os amigos, como explica a Entrevistada 2:

Antes de entrar na [nome da escola], eu já tinha esse Dix, mas não usava. Eu não usava direito ou tipo assim, eu criei porque todo mundo estava criando, aí eu falei “ah vou criar também”. Só que o meu celular, a câmera não era tão boa, então eu não tirava muita foto. Eu não era de tirar foto, quase nunca postava nada. Aí depois que eu ganhei um celular novo e entrei na [nome da escola], vi que o pessoal usava muito, aí eu meio que voltei a usar, mas mais para interação também e para coisas do dia a dia. Eu via que o pessoal postava muito “ah eu estou aqui fazendo um monte de trabalho” ou postando uma foto zoada do seu amigo no dia do aniversário, por exemplo, que ele ia te matar se você postasse no Instagram normal, em que todo mundo está lindo, maravilhoso. Ele ia te matar se você postasse no normal, então, vai lá e posta no Dix uma foto zoada, uma foto mais engraçada assim [...].

Ainda sobre possíveis constrangimentos evitados, percebeu-se a utilização de perfis Dix como um ambiente seguro para expor assuntos delicados e que podem criar qualquer tipo de problema para as pessoas envolvidas na postagem. Como exemplo, pode-se citar o caso ocorrido com a Entrevistada 2, em que um desenho (Figura 4), retratando ela e a namorada, foi postado por uma amiga, também participante da pesquisa. Essa postagem está no perfil Dix, pois há dificuldades na abordagem sobre a sexualidade da entrevistada com a família.

Figura 4 - Desenho feito por uma das participantes



Fonte: Captura de tela feita pela autora

Sobre essa postagem, a Entrevistada 2 esclareceu que sempre alertou a amiga, desenhista há bastante tempo, sobre os locais mais propícios para compartilhar conteúdos comprometedores:

E ela fez e me mandou primeiro no WhatsApp e eu falei “amiga, pelo amor de Deus, se você vai postar isso, você posta no seu Dix, não vai postar no normal” e ela “não, para, não sou doida, não vou postar não”, “então tá”, aí ela foi lá e postou no Dix. E eles respeitam bastante, quando é para postar alguma foto com alguma legenda, posta uma legenda mais tranquila assim, sem falar “ah é sapatãozinho”, ou alguma coisa assim.

Durante o período de acompanhamento das contas Dix, também foi percebido uma atmosfera leve e descontraída. Com postagens humoradas e despreocupadas, os jovens compartilham suas rotinas, expressam seus sentimentos e interagem com os amigos, como explica o Entrevistado 1: “[...] o meu perfil privado do Dix é mais para postar coisas pessoais, com os amigos, piadas, coisas que só os meus amigos vão entender”. Fato que se traduz também nas fotos que são postadas, longe de olhares julgadores ou de pessoas que não vão entender a intenção da postagem, os usuários se sentem livres para postar o simples cotidiano ou se apresentar de um modo

desinibido e, muitas vezes, aproveitam para tornar esse momento uma piada entre amigos, como demonstrado na Figura 5.

Figura 5 - Postagem de brincadeira entre amigos



Fonte: Captura de tela feita pela autora

No entanto, o costume de postar apenas fotos engraçadas e sem produção nenhuma é tão frequente que vira uma espécie de norma entre os usuários, sendo motivo de estranhamento conteúdos que fogem de tal temática, como comenta a Entrevistada 3: “é uma coisa que era bem louco, a gente abria o Instagram 7 horas da manhã e pá, já tinha alguém tipo posando, “acordei assim”, sete da manhã e a pessoa posta um negócio desse, que loucura que está acontecendo?”. Nessa perspectiva, a Entrevistada 2 também expressa essa percepção como um julgamento e completa:

[...] acho que no Dix não tem muito esse problema de postar foto bonita também. É que aí o pessoal fica assim “ah você tem Dix para isso? você posta foto bonita no seu Dix? Não faz sentido nenhum”. Aí te julga por você postar fotos bonitas no Dix. [...] o que você seria julgado se postasse uma foto zoada no seu Insta normal, acho que as pessoas nem comentariam, mas elas ficariam meio tipo: “nossa você está postando isso? Qualquer coisa...”.

Os perfis Dix não deixam de ser um espaço de atuação para o público, em que os usuários se mostram de formas diferentes, de acordo com a norma de cada perfil

e o público para quem eles acreditam estar consumindo aquele conteúdo. Enquanto nos perfis principais o considerado correto é mostrar suas melhores fotos e os momentos mais felizes, no Dix o correto é mostrar como é o cotidiano verdadeiro daqueles jovens, seus medos e problemas, além de suas piadas e brincadeiras.

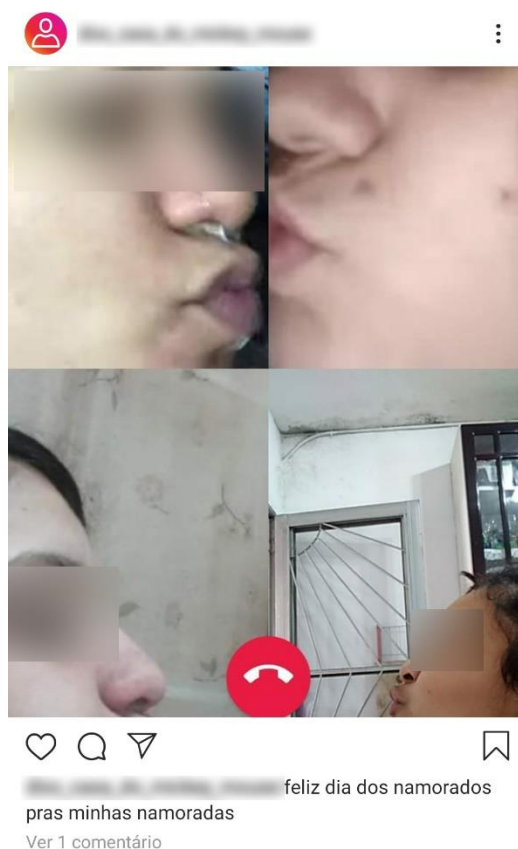
Outra diferença das normas estabelecidas no Dix em relação aos perfis principais é o fato de o número de seguidores não importar aos usuários, sendo mais significativa a relação de confiança estabelecida entre os jovens e seu público. A Entrevistada 5 informa o critério utilizado para deixar que alguém faça parte do seu Dix:

Pessoas que estudam comigo agora, que já estudaram, conhecido de fora, sabe? Da minha vida. São, na maioria, amigos meus, que eu conheço pessoalmente. Acho que tempo é irrelevante se você teve uma conexão boa com a pessoa, isso é o importante.

Ao criar um espaço alternativo, esses jovens, conseqüentemente, formaram um público paralelo (DEWEY, 2009). Desse modo, a maneira como o público é percebido afeta fortemente como esses jovens escolhem apresentar sua identidade nas redes sociais (HEARN, 2010; LITT, 2012; RANZINI & HOEK, 2017). Para que o Dix fosse considerado um espaço seguro para curtir com os amigos, grande parte dos seguidores foi reduzido, deixando de fora familiares e pessoas conhecidas, como exemplifica a Entrevistada 3: “Assim, primeiro eu tenho que conhecer essa pessoa de verdade, porque tem gente que eu só conheço, né? Tipo, já ouvi falar [...]”.

Outro costume entre os participantes é a criação de perfis compartilhados entre um grupo de amigos ou mesmo com a turma de uma sala de aula. Esses perfis também são considerados Dix e têm como principal objetivo a postagem de conteúdos divertidos entre os amigos donos daquele perfil que compartilham a senha da conta criada conjuntamente, conforme ilustra a Figura 6.

Figura 6 - Brincadeira entre amigos em Dix compartilhados



Fonte: Captura de tela feita pela autora

Esse comportamento pode estar relacionado ao fato de uma mesma pessoa ter múltiplas contas, além dos seus perfis individuais, pois a quantidade de contas depende de quantos grupos diferentes cada pessoa tem, como é o caso da Entrevistada 3, que chegou a manter quatro contas, e justifica:

E no meu primeiro ano, no meu Instagram tinham 4 contas. A minha normal, o Dix, o [terceiro Dix] e o [segundo Dix], que era só eu e uma das [amigas], porque as [amigas] se juntaram mais depois do meio do ano do primeiro ano e o [segundo Dix] é do primeiro semestre do primeiro ano e assim no [segundo Dix] não tinha nada, era só eu e a [nome da amiga], né? [...], Mas assim, a gente usou ele só até a metade e quando veio o [terceiro Dix], a gente meio que largou e ele virou só um álbum de recordações. Nossas fotos e vídeos estão lá, os *Stories* eram impagáveis, a gente morria de rir e aí a gente parou e foi para o [terceiro Dix] [...].

É importante ressaltar também que, apesar de as contas Dix serem uma apropriação feita pelos próprios usuários, elas não são sistemas rígidos e fechados, possibilitando assim que sirvam de inspirações para a criação de outros formatos de perfis, como é o caso da Entrevistada 4, que se inspirou nos perfis Dix para criar uma

conta secundária para postar conteúdos pessoais, visto que seu perfil principal era voltado principalmente para seu trabalho com *Graffite*, como explica:

Aí veio esse lance do Dix, que eu vi que muita gente está criando uns Dix e eu não sabia o que era. [...] eram umas continhas pessoais que você postava as coisas que você queria sem mostrar para os pais. Aí eu fiquei “vou lá”, só que aí eu acabei criando [...] não criei realmente um Dix, mas eu criei uma continha onde eu ia mostrar mais eu mesmo, sabe? Mais o meu rosto, não ia ser um bagulho mais profissional, tipo “eu vou mostrar só isso aqui e ninguém vai ver meu rosto”. Queria mesmo ter aquela ideia ilusória de rede social, tipo “quero mostrar meu rostinho aqui, olha minha roupinha, galera”.

Por ter uma relação aberta com sua família, a jovem não viu problema em manter seu perfil público, porém relatou períodos em que manteve seu perfil privado, por postar conteúdos com temáticas mais delicadas e sexuais, comportamento semelhante aos jovens com perfis Dix. Outra semelhança é encontrada quando a Entrevistada 4 descreve como considera que seja seu público nesse perfil em comparação ao seu perfil principal, destacando um caráter mais intimista:

No [segundo perfil] é mais amigo mesmo, amigos do cotidiano que eu tive um tipo de contato, são mais colegas assim que eu vejo no dia a dia. [No perfil principal] tem uns que eu conheço presencialmente, que é a maioria, agora tem alguns que eu não conheço, mas vivem ao redor do meu bairro. Tipo eu não conheço, mas estão por aqui, estão pertinho de casa, mas é bem pouco assim, no [segundo perfil] é mais um foco mesmo para quem eu conheço.

Nesta seção, pôde-se apresentar as diversas formas de utilização dos perfis Dix pelos jovens, seus conteúdos, o respeito às normas criadas pela própria comunidade como um código de conduta, e as semelhanças e diferenças entre estes perfis e os perfis principais, o que será aprofundado no decorrer desta análise.

2. O Olhar do Jovem para o Instagram como Plataforma Digital

O Instagram, como outras plataformas, possui ambientes cujas regras podem não ser cumpridas, dando margem a adaptações. Os perfis Dix se apresentam como uma forma de os jovens se apresentarem no Instagram de um jeito diferente de seus perfis principais. Segundo Ross (2019, p. 2, tradução nossa), “os usuários possuem múltiplas ideologias e alternam entre diferentes formas comunicativas dentro da mesma plataforma, direcionadas a diferentes públicos”. Assim, as ideologias de mídia

do Instagram criam maneiras de utilizar a rede social que detêm estética, mensagens e públicos próprios. Deste modo, se antes o Instagram era visto como um meio único, agora ele se reconfigura em várias formas, pois se “cada meio é distinto ao permitir algumas estruturas de participantes... ao invés de outros” (GERSHON, 2017, p. 16), os meios existentes também podem ser modificados de novas maneiras.

As lacunas intertextuais preconizadas por Briggs e Bauman (1992) podem ser observadas na atualidade a partir da relação entre os perfis Dix e principais, quando os jovens relatam suas percepções entre os dois perfis, sendo o perfil principal visto como um local rígido, em que é esperado um perfil criativo e de certa forma perfeito, e o Dix é visto como um local despreocupado para curtir com os amigos, como resume o Entrevistado 1:

hoje em dia, todo mundo quer ter um perfil legal, um perfil que é reconhecido, ser blogueiro. E é por isso que as pessoas tentam ter esse *feed* perfeito, para tentar chamar a atenção do público ou também para aparentar essa pressão estética que todo mundo bota. Você tem que ter um *feed* que combina cores e tem que ter tudo certinho. E no Dix você faz o que você quiser, porque você não quer fazer nada, você só quer divertir seus amigos.

Os jovens relatam sentir uma pressão para apresentar uma versão refinada e idealizada de si em seus perfis principais, e isso resulta em uma grande preocupação em relação as suas postagens, que devem apresentar sempre uma boa aparência e uma estética consistente. Para tal, muitos dos usuários frequentemente buscam a opinião de seus amigos antes de postar determinada foto, para ter certeza de que ela é aceitável, prática que não foi observada nos perfis Dix, o que indica que os usuários sentem uma pressão menor vinda desses perfis. Essa prática causa insegurança em alguns dos usuários, que chegam a desistir de postar algo por medo de não serem aceitos por seu público, como reflete a Entrevistada 4:

Eu tenho muita insegurança em questão do conteúdo que eu estou postando no Instagram porque eu não sei me expressar direito [...] então como eu sou difícil de me expressar falando, para formar isso em uma escrita bonitinha... então a minha insegurança, nada mais é do que um medo de estar postando um negócio e que ninguém está entendendo [...] um medo do que os outros vão pensar. Várias vezes eu paro para olhar um “trampo” e pensar “nossa, eu achei feio, não vou postar, não” e depois passaram uns anos, eu achar que estava bonito e vacilei.

Este comportamento demonstra como a insegurança está relacionada com a autoestima, visto que nos casos em que a autoestima é baixa, como o exemplo da Entrevistada 4, a insegurança para postar nas redes sociais limitam a produção de conteúdo, chegando a interrompê-la pelo medo do julgamento. Segundo Bruno (2013), a importância da visibilidade está ligada a relação consigo e com o outro, e aponta:

a noção de autoestima também aponta para a importância da visibilidade e da imagem na relação consigo e com o outro. A autoestima é uma espécie de autoimagem que deve ser elaborada e melhorada no sentido de garantir uma boa reputação frente a si mesmo. Curioso que o cuidado consigo tome uma forma bastante próxima do que se cultiva na relação com o olhar do outro – imagem, reputação, admiração. Não por acaso a autoestima tende a tornar-se uma condição para a realização tanto pessoal quanto social (BRUNO, 2013, p. 73).

Feldman (2004) atenta-se para o caso de pessoas que se consideram tímidas, com baixa autoestima e insegurança, mas conseguem se expor para as câmeras com facilidade. Sobre isso, ao ser questionada a respeito de se sentir mais à vontade ao se expor mais em seu perfil Dix e não utilizar seu perfil principal, a Entrevistada 5 se justifica: “eu tenho mais intimidade com as pessoas que eu tenho no meu Dix, são pessoas que convivem comigo ou já conviveram muito, daí eu não tenho, tipo, toda essa pressão, também porque no meu Instagram normal tem familiares [...]”.

Muitas vezes, a pressão sentida pelos jovens para aparecerem em suas redes sociais sempre impecáveis vem do desconforto de estarem sendo assistidos por pessoas que não são próximas, nem confiáveis ou que eles sabem que vão julgá-los. Porém, eles não rompem esse vínculo, pois sentem que precisam respeitar uma norma social para não passarem por situações desconfortáveis ao encontrar fisicamente com essas pessoas ou darem a impressão de serem metidos e soberbos. Nesse sentido, a Entrevistada 2 relata:

Acho que a gente sempre fica com esse receio, né? De tipo, “ah vou postar esse negócio aqui e aí fulano vai ver, ciclano vai ver”. O ruim é que você fala isso e a pessoa fala assim “por que você só não deixa de seguir? Por que você só não bloqueia?” porque não funciona assim, né? Tipo, só bloquear uma pessoa, não, principalmente se for uma pessoa da família ou amigo de amigo que te segue [...].

Tal comportamento vai ao encontro da visão de Goffman (1956), ao propor que a vida humana seja vista como uma performance teatral, onde os indivíduos assumem

papéis e tentam manter suas performances adaptadas a cada público que interagem, e com os ambientes sociais em que habitam. Mais especificamente, o conceito de *Frontstage* e *Backstage*, em que o autor descreve a forma de agir diferente dos indivíduos quando estão sob o olhar de seu público, devendo aderir as normas do ambiente. Assim, pode-se caracterizar os perfis principais como *Frontstage*, uma vez que há o relato de estresse, além da necessidade de seguir normas de etiqueta como relatado pela Entrevistada 2, enquanto os perfis Dix se apresentam como *Backstage*, visto que são percebidos como um ambiente sem amarras, em que podem ser autênticos e divertidos despreocupadamente.

Outro conceito pertinente é o de colapso de contexto (BOYD, 2014; MARWICK; BOYD, 2011), utilizado para discutir os desafios causados por contextos sociais sobrepostos, como é comumente percebido em ambientes digitais, onde os usuários frequentemente lidam com diversas normas e expectativas em um mesmo lugar. Entretanto, apesar de descrever uma dificuldade comum nas redes sociais, os perfis Dix aparecem como uma tentativa dos usuários de superá-la, ao fragmentar e segregar seus públicos e conteúdos.

Por sentirem cada vez mais essas pressões, muitos usuários optam por fragmentar a sua vida, deixando para o perfil principal uma encenação de si, em que todos os ideais esperados para eles são alcançados e, conseqüentemente, são aceitos como parte da comunidade, pois “no ciberespaço, não basta o indivíduo ter acesso à internet ou criar um perfil que o permita ser espectador das histórias da vida alheia. Mais do que ver, é preciso ser visto” (QUEIROZ; REZENDE, 2019, p. 3).

Sodré (2013, p. 153) também explicita que no ciberespaço a representação de si passa por diversas distorções, pois “o midiático virtual demanda outros véus, peles, personas, máscaras que, multiplicadas, podem atribuir uma realidade fantasmática ou espectral aos sujeitos”. Desse modo, nesses perfis, “os novos mecanismos de construção e consumo identitário encenam uma espetacularização do eu que visa ao reconhecimento nos olhos do outro e, sobretudo, ao cobiçado fato de ser visto” (SIBÍLIA, 2003, s/p).

Entretanto, separar as contas e os conteúdos que serão postados não quer dizer que uma conta apresente um eu mais real ou que algum dos perfis seja falso. Para esses jovens, seus perfis são autorrepresentações para diferentes propósitos e públicos (GOFFMAN, 1956). De acordo com Silvio (2010, p. 428), a teoria da performance era restrita ao entendimento de que “um corpo só pode habitar um papel

de cada vez”, porém, ao ocupar múltiplas facetas simultaneamente, esses jovens superam tal conceito.

O esforço constante dos jovens para entender e se adequar a diferentes contextos sociais no ambiente digital torna evidente como o mundo virtual não é um local desconectado do ambiente físico. As questões que permeiam a mente dos jovens através das gerações são as mesmas, porém, no contemporâneo, os contextos estão colapsados, seus públicos, muitas vezes, são invisíveis e suas ideias podem facilmente ser retiradas de contexto. Os adolescentes lidam “com as batalhas que os adultos enfrentam, mas fazem-no sob uma vigilância constante e sem uma compreensão firme de quem são. Em resumo, estão a atravessar um labirinto cultural infernal” (BOYD, 2014, p. 72).

Acompanhar a rotina de postagens e compartilhamentos permite armazenar facilmente as informações cotidianas dos usuários, esse é um amplo traço das sociedades informacionais (GANDY JR., 1996) e vem se intensificando rapidamente nos últimos tempos. Com ferramentas cada vez mais disponíveis, os usuários têm a possibilidade de produzir diversos conteúdos em uma mesma plataforma e, conseqüentemente, percebem cada recurso de maneiras diferentes. Nesse sentido, os *Stories* são percebidos pelos participantes como uma ferramenta para a produção de um conteúdo menos pensado, como expõe o Entrevistado 1: “os *Stories* é uma maneira mais rápida de postar as coisas, eu mostro os filtros que eu faço, eu posto o que eu faço [...] Nos *Stories* não tem que combinar nada com nada, não tem esse pensamento”. A Entrevistada 5 também expressa a mesma opinião e reflete sobre o caráter cotidiano da ferramenta:

Os *Stories* são uma coisa mais cotidiana mesmo, você não vai postar algo que te marcou mesmo para deixar lá [...] os *Stories* são uma coisa mais simples, só para postar o que você está fazendo no momento. Acho que é tipo uma ferramenta do dia a dia para mostrar o que está acontecendo mesmo na sua vida, diferente do *feed*, que é mais importante.

O comentário da Entrevistada 5 sobre o *feed* ser percebido como um espaço para a inserção de conteúdos de maior importância em relação aos *Stories*, condiz com pesquisas prévias que sugerem que os usuários de mídias sociais gastam mais tempo e esforço ao produzir conteúdos que serão vistos por um público mais amplo, uma vez que é necessário mais esforço para conciliar as necessidades de vários contextos sociais (ANDALIBI *et al.*, 2016; BORDO, 2004). Nesse sentido, por ficarem

disponíveis por apenas 24 horas, além de depender da ação do público para acessar as publicações de cada usuário, os *Stories* acabam frequentemente possuindo menos visualizações do que fotos postadas no *feed* do Instagram. Por possuir como característica o acompanhamento da rotina dos usuários, o conteúdo dessas postagens tende a mudar conforme essas rotinas também mudam, como relata a Entrevistada 3:

E aí eu comecei a fazer outras coisas. Na minha fase da Selena Gomez eu estava de férias, então era isso que eu pensava o dia todo, aí eu comecei a [nome da escola] e era o dia inteiro. Eu faço monitoria e comecei a trabalhar na mesma escola de inglês e aí tipo assim, eu saía da [nome da escola] 4 horas, chegava lá 5 horas e saía de lá 10 horas, então eu meio que não tinha nem tempo para pensar em outras coisas, o que que eu postava? Eu postava coisas do meu dia a dia, então “cara, eu estou ouvindo muito essa música”, postava, postava, “aí estou dando essa aula, olha esses alunos que fofinhos”, postava com eles, então foi mudando assim [...].

Segundo a entrevistada, houve um aumento significativo na quantidade de *Stories* publicados em seu perfil: “eu uso todo dia, eu estava vendo os arquivos e eu postava tipo 2 ou 3 *Stories* por semana. Hoje é tipo 10 por dia e está tudo bem, está tranquilo e conheço bastante gente que posta bem mais, posta um filme”. Dessa forma, conforme a ferramenta começa a fazer parte da rotina dos usuários, se torna tão comum que quando alguém que é acostumado a postar para de postar por algum motivo, os amigos estranham e procuram saber o que está acontecendo, como afirma a Entrevistada 3:

[...] tem dias que eu falo “não, hoje não vou postar não”, sabe? “hoje eu não estou muito bem” e aí eu não posto nada. Mas já chegou uns negócios tipo assim “ó, eu não estou bem” e eu fiquei uma semana sem postar e aí veio gente “amiga, você está viva? Você está bem?”. E eu “estou bem, gente” e aí eu comecei a perceber que os meus amigos, a gente não precisa conversar, eles sabem que eu estou viva pelos meus *Stories*.

Esse comportamento evidencia uma exigência pelo arquivamento de si, que, segundo Artières (1998, p. 14), não tem apenas uma função ocasional, “o indivíduo deve manter seus arquivos pessoais para ver sua identidade reconhecida. Devemos manter arquivos para recordar e tirar lições do passado, para preparar o futuro, mas sobretudo para existir no cotidiano”.

Em contraste aos *Stories*, o *Feed* é percebido como um local que demanda um planejamento maior ao postar. Os conteúdos respeitam um padrão estético, uma

paleta de cores, além das fotos serem sempre editadas, logo, a ferramenta é vista como “uma coisa mais pensada, uma coisa mais conceituada”, como define o Entrevistado 1. Consoante a esta definição, a Entrevistada 3 compara sua coleção de postagens no *feed* com um álbum de fotos:

No *feed* eu sempre penso “eu vou querer ficar vendo isso depois?”, porque o meu *feed* é tipo o meu álbum. É óbvio que eu posso arquivar foto, tirar ela dali, mas eu penso: “cara, esse momento aqui foi tudo legal e tal”, ou senão eu fico: “faz tempo que eu não posto nada”, aí eu posto assim só por nada [...]

Essa correlação entre espaço virtual e tempo pode ser entendida também como uma necessidade de arquivar a própria vida, prática percebida em décadas anteriores, porém, com o aparecimento das redes sociais, foi transportada para o ambiente *on-line*. Para o jovem contemporâneo, o arquivamento de acontecimentos e lembranças se tornou um costume inato, tornando-se parte do que são e do que fazem cotidianamente. Nesse sentido, Artières (1998, p. 32) comenta:

Sempre arquivamos as nossas vidas em função de um futuro leitor autorizado ou não (nós mesmos, nossa família, nossos amigos ou ainda nossos colegas). Prática íntima, o arquivamento do eu muitas vezes tem uma função pública. Pois arquivar a própria vida é definitivamente uma maneira de publicar a própria vida, é escrever o livro da própria vida que sobreviverá ao tempo e à morte.

Ao fazer uma postagem no *feed* do Instagram, os usuários estão pensando em fatores que compõem uma boa imagem e a mensagem que ela passa, além de como o seu público reagirá a ela. Esse conjunto de fatores corroboram com o conceito de economia visual de Deborah Poole (1997, p. 8), pois a autora nos ajuda a entender “as imagens como parte de uma organização abrangente de pessoas, ideias e objetos”. Para cumprir essas expectativas, os participantes utilizam algumas estratégias para manter a estética de seus perfis, como organizar seus perfis de acordo com temas e cores, a exemplo do que descreve a Entrevistada 3:

[...] antes meu *feed* era organizado por cor, cada *post* tinha que ter três, porque não podia desandar meu *feed*. Depois eu falei “cara, o Instagram é meu e eu não estou nem aí” e eu comecei a colocar ele como se fosse um álbum de fotos. Claro que eu não coloco qualquer foto, porque tem fotos que eu falo “não vou pôr aqui, essas pessoas não têm que ver isso, essas têm, aí vai no Dix”. Eu só posto se eu estou viajando, eu estou com a minha família e coisas assim, de festa

também. Às vezes, quando é aniversário de alguns amigos, eu posto, porém, depende, não posto para todos, só alguns.

A Entrevistada 3 também conta que fazia uso de ferramentas externas para ajudá-la na organização de suas fotos: “eu tenho um aplicativo que organiza o *feed*, então no aplicativo eu postava foto antes de ela ir para o Instagram para eu ver como ela ficaria no meu *feed* e aí, se eu gostava, eu postava no *feed*”.

Essa preocupação com o *feed* pode ser causada pela própria dinâmica de funcionamento do Instagram, que promove os conteúdos mais populares de acordo com o consumo de cada usuário, portanto, através de curtidas e comentários a postagem em questão ganha maior visibilidade. Deste modo, o Instagram efetiva um sistema em que as imagens são avaliadas e valorizadas, fazendo com que seja importante “perguntar não o que as imagens específicas significam, mas, ao contrário, como as imagens agregam valor” (POOLE, 1997, p. 10).

Mesmo não fazendo mais uso de aplicativos para auxiliar na organização de seu *feed* atualmente, a Entrevistada 3 expressa preocupação, ainda que em menor nível, com a estética de seu *feed*:

[...] todas as fotos têm a mesma paleta, assim, meio alaranjada, meio amarelada, uns tons de verde acho que por causa do meu cabelo, e a outra parte embaixo estava mais rosa, com roxo e azul. Aí eu fiquei “gente, organizei sem saber que estava organizando”. Mas eu percebi que foi muito da fase, então, assim, naquela época, estava muito na fase roxo, azul, rosa, então as fotos que eu achava bonitas eram roxo, azul, rosa e depois eu comecei a vir para uma *vibe* mais amarelo. Não sei explicar por que a *vibe* amarela, mas eu estava nela e aí está assim agora [...] então, eu percebi que organizo e que eu gosto daquela organização, mas eu parei até de olhar o meu próprio *feed*, eu não procuro muito.

Intuitivamente, os jovens organizam o *feed* de modo a comunicar suas preferências, seus gostos e traços de sua personalidade e, desse modo, montam a forma como querem que as pessoas o vejam e, em troca, esperam a aprovação de seu público por meio de interações, pois traçam estratégias sobre a melhor forma de se apresentarem para receber em contrapartida mais curtidas. Tais ações podem ser alinhadas ao gerenciamento de impressões proposto por Goffman (1993).

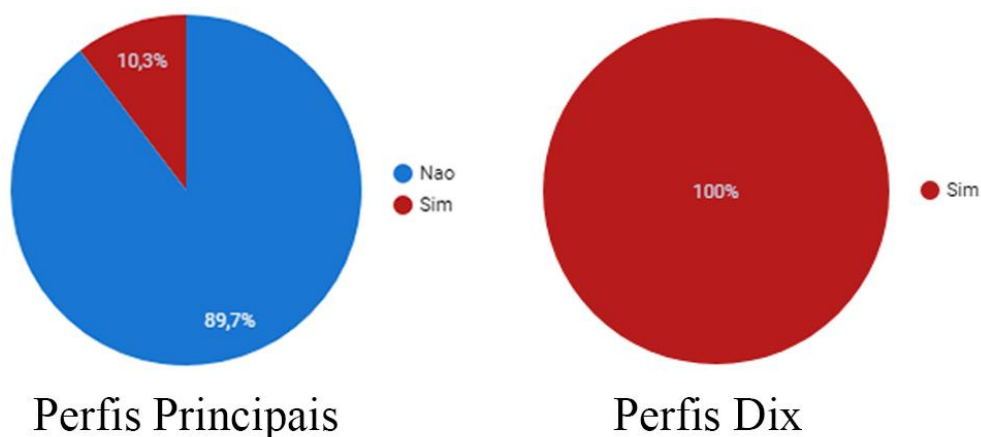
Outra estratégia para manter a estética de seus perfis é o costume de editar as fotos, além da escolha de ângulos que favoreçam a imagem, como conta a Entrevistada 3:

[...] eu gosto bastante de editar foto, tirar foto. Então eu sempre procuro um ângulo legal, um lugar legal, e aí eu sempre falo “nossa, essa foto aqui está muito bonita”, então eu posto [...] então eu acho que meu conceito é esse, eu acho a foto que eu editei muito bem, que ela está muito bonita, aí eu posto e acho que por isso que fica organizado, porque eu edito quase tudo do mesmo jeito, até eu descobrir uma nova edição, com uma nova ferramenta, aí evolui [...].

Ao reunir várias ferramentas para editar as imagens, os usuários acabam por produzir uma fotografia densa (DEGER, 2016), uma vez que ao misturar diferentes atributos na imagem, constroem a mensagem a ser comunicada.

A partir da realização de um *Web Scraping*, primeira etapa metodológica deste estudo, pôde-se compreender os principais recursos utilizados pelos jovens em seus perfis do Instagram, bem como comparar as semelhanças e diferenças de utilização dos perfis principais e perfis Dix. Para tal, foram analisados o perfil do Instagram de 41 jovens (29 perfis principais e 12 perfis Dix). Das contas analisadas, constatou-se que 75% pertenciam a mulheres, enquanto 25% eram contas masculinas. Tal resultado é consistente com trabalhos anteriores sobre perfis privados, como os Dix e os Finstas, que chegaram à conclusão de que tais perfis são compostos em grande parte por mulheres (DEWAR *et al.* 2019). Na sequência, serão demonstradas as principais semelhanças e diferenças entre os perfis Dix e perfis principais, envolvendo: contas privadas (Figura 7); uso de *hashtags* (Figura 8); uso de carrossel (Figura 9); uso de apelidos (Figura 10); *hashtags* seguidas (Figura 11); e uso de destaques dos *Stories* (Figura 12).

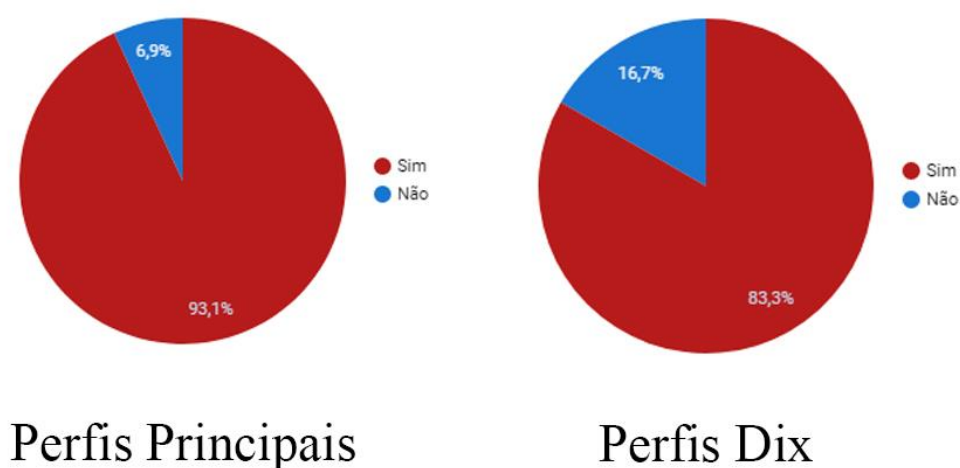
Figura 7 - Contas Privadas



Fonte: Autora com base nos dados do Google Data Studio

Pôde-se constatar na análise da Figura 7 que dos 29 perfis principais, 26 (89,7%) eram contas abertas e somente 3 (10,3%) contas privadas. Já os 12 (100%) perfis Dix analisados eram contas privadas, o que fortalece seu caráter restrito. Porém, os perfis principais se mostram na maioria abertos, reforçando uma dualidade público/privado entre os perfis.

Figura 8 - Uso de hashtags

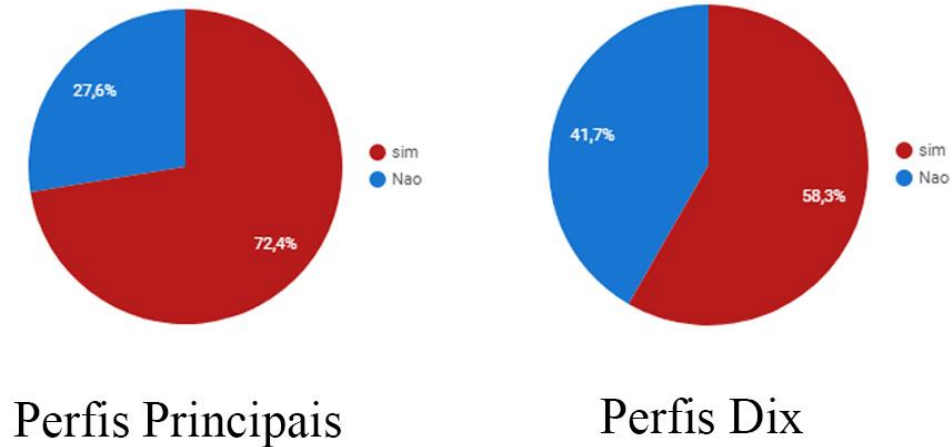


Fonte: Autora com base nos dados do Google Data Studio

A Figura 8 mostra que, dos 29 perfis principais analisados, 27 (93,1%) utilizavam *hashtags* e 2 (6,9%) não. Em relação aos perfis Dix, 10 (83,3%) usavam *hashtags* e 2 (16,7%) não. Tal resultado denota que os dois perfis apresentam alto

índice de utilização de *hashtags* pelos usuários. Ainda, pôde-se constatar uma média de 30 *hashtags* por perfil nas contas principais e 20 *hashtags* por perfil nas contas Dix.

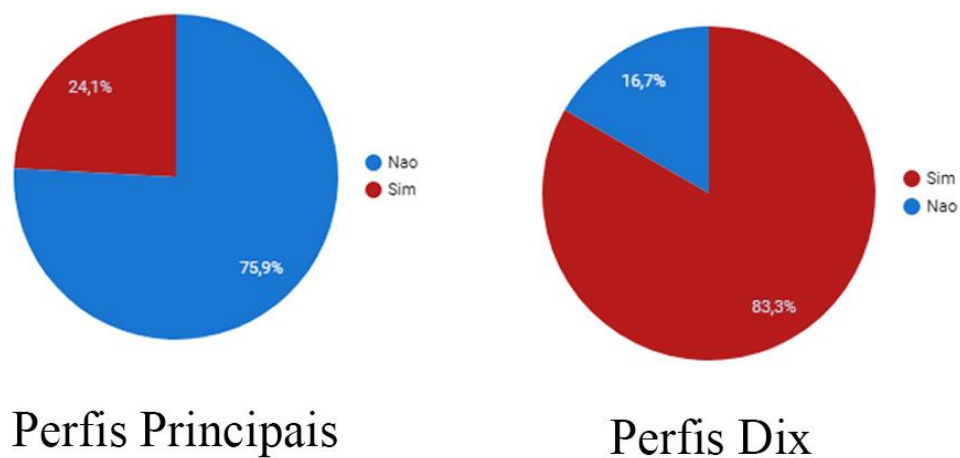
Figura 9 - Uso de Carrossel



Fonte: Autora com base nos dados do Google Data Studio

De acordo com a Figura 9, 21 perfis principais (72,4%) usam o carrossel e 8 (27,6%) não. Relativamente aos perfis Dix, 7 (58,3%) usam o carrossel e 5 (41,7%) não. Pôde-se perceber que o recurso, que permite a publicação de duas ou mais imagens na mesma postagem, é utilizado pela maioria dos perfis analisados, mostrando uma maior recorrência nos perfis principais.

Figura 10 - Uso de apelidos



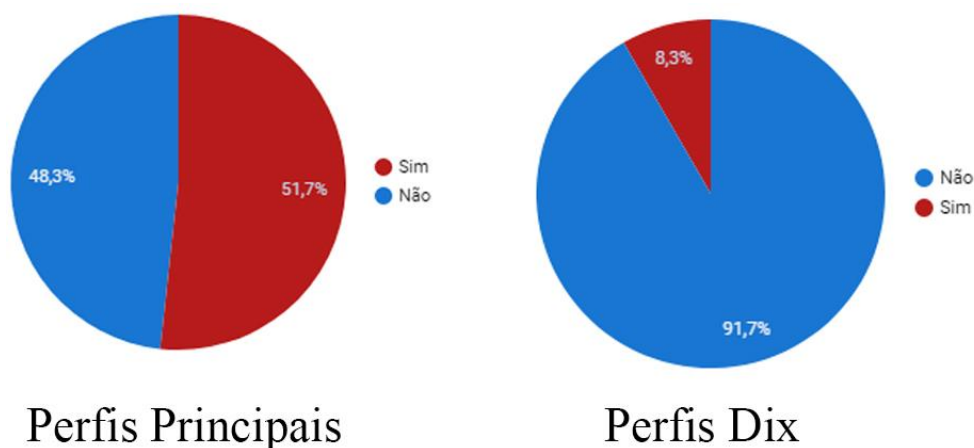
Fonte: Autora com base nos dados do Google Data Studio

Os dados apresentados na Figura 10 apontam que 22 (75,9%) perfis principais não se identificam por apelidos e 7 (24,1%) utilizam apelidos. Já nos perfis Dix, 10 (83,3%) de 12 participantes são identificados por apelidos. Pode-se concluir que os apelidos são utilizados em sua maioria nos perfis Dix, reforçando a intenção dos usuários em dificultar o encontro desse tipo de perfil por familiares ou conhecidos. Segundo Boyd (2014), esse comportamento é constantemente adotado pelos adolescentes e não é considerado como um ato de mentir e sim de seleção das informações que serão fornecidas, como explica:

Quando Mickey, um jovem americano de origem mexicana, de quinze anos, residente em Los Angeles, afirma, “Não é que minta [no MySpace], mas não forneço as minhas informações reais”, está a sublinhar que a sua escolha de fornecer dados falsos lhe permite controlar a situação social. Não quer ser pesquisável facilmente pelos seus pais ou professores, nem quer ser encontrado por “canalhas” que podem andar a navegar pelo site à procura de adolescentes vulneráveis. Quer estar num espaço com amigos e assim fornece apenas as informações suficientes para os seus amigos poderem encontrá-lo sem aumentar a sua visibilidade para os adultos (BOYD, 2014, p. 66).

Já nos perfis principais, a maioria não utiliza de apelidos, mantendo seus nomes reais. Ainda, segundo Boyd (2014), essa decisão de manter diferentes nomes em seus perfis se deve a tentativa de se auto apresentar de maneiras distintas, pois desse modo o adolescente “está a decidir representar-se de formas diferentes em sites diferentes com a esperança de audiências diferentes e normas diferentes” (BOYD, 2014, p. 57).

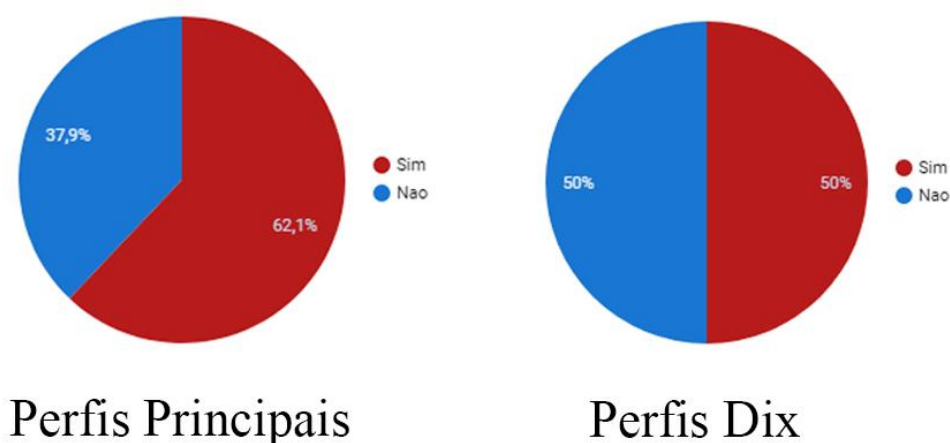
Figura 11 - *Hashtags* seguidas



Fonte: Autora com base nos dados do Google Data Studio

A Figura 11 indica que 15 (51,7%) perfis principais seguem *hashtags*, enquanto 14 (48,3%) não seguem. Relativamente aos perfis Dix, 11 (91,7%) em 12 não seguem *hashtags*, logo, apenas 1 (8,3%) segue *hashtags*. Dessa forma, é possível perceber que o costume de seguir *hashtags* é mais comum em perfis principais, pois é praticado pela maioria dos participantes. Em contrapartida, nos perfis Dix uma parcela muito pequena de perfis apresenta a prática.

Figura 12 - Uso de destaques dos *Stories*



Fonte: Autora com base nos dados do Google Data Studio

Pôde-se constatar na análise da Figura 12 que 18 (62,1%) dos perfis principais utilizam destaques dos *Stories* e 11 (37,9%) não utilizam. Já nos perfis Dix, 6 (50%) utilizam e 6 (50%) não utilizam, caracterizando um empate. Deve-se esclarecer que os destaques dos *Stories* é uma ferramenta que possibilita que estes não desapareçam depois de 24 horas, ficando salvos no perfil do usuário. Referente aos resultados, foi percebido que a utilização desse recurso é mais presente nos perfis principais. Nos perfis Dix, essa relação é mais equilibrada, uma vez que incidem igualmente, onde metade faz uso e metade não.

O levantamento a partir do *Web Scraping* também apontou outros resultados. Foram encontrados uma média de 687 seguidores nos perfis principais e de 135 seguidores para os perfis Dix, o que representa uma redução considerável de usuários em relação aos perfis principais, entretanto, ainda é um número relativamente alto para perfis que são considerados apenas para pessoas íntimas.

Também, constatou-se uma média de 33 mídias por perfil nas contas principais e 58 mídias por perfil nas contas Dix, bem como a não ocorrência de utilização dos

efeitos de realidade aumentada ou de vídeos postados no IGTV no período da coleta de dados.

Já por meio da observação participante, foi possível perceber às ferramentas utilizadas nos *Stories*, os principais recursos utilizados e conteúdos produzidos e consumidos pelos jovens, bem como as diferenças entre os perfis principais e os perfis Dix. A seguir, serão demonstradas aplicações dessas ferramentas pelos investigados.

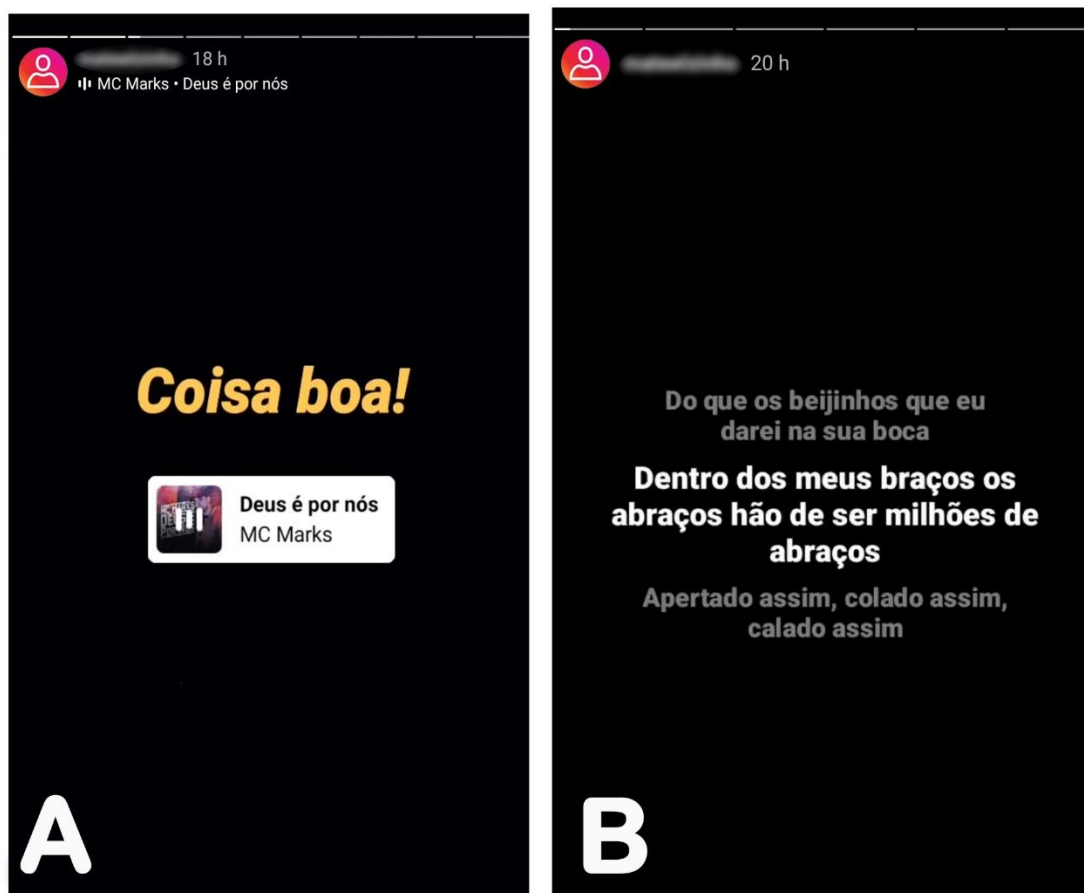
A Figura 13 é um exemplo de como os participantes se apropriam das ferramentas disponibilizadas pelo Instagram. Percebeu-se uma grande utilização de ferramentas pelos usuários para promover interação com seu público. Conforme a Figura 13 (a), a participante disponibiliza uma série de opções de fotos, em que seus seguidores escolhem a temática e mandam o número correspondente através da caixa de perguntas, para, posteriormente, serem postadas pela dona do perfil. As opções são extremamente variadas, abrangendo temáticas como família, amigos, preferências individuais e vivências. Já na Figura 13 (b), o uso da ferramenta é mostrado de uma forma muito mais simples, em que a usuária convida seus seguidores a interagirem com ela para livrá-la do tédio, sem necessariamente uma temática prévia. É importante mencionar que o uso de tais ferramentas é visto frequentemente nos perfis principais dos participantes, não sendo utilizadas regularmente nos perfis Dix.

Figura 13 - Ferramentas de interação no perfil principal



Fonte: Capturas de tela feitas pela autora

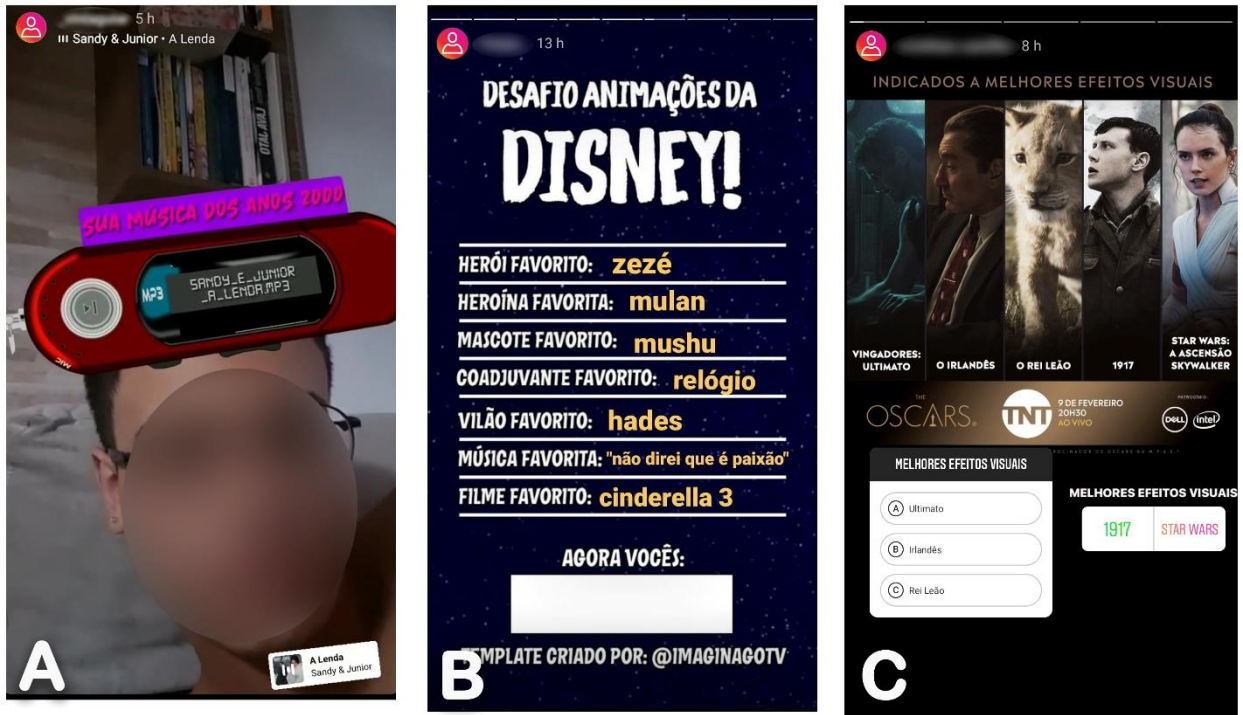
Outra ferramenta comumente utilizada nos perfis principais é a que permite adicionar trechos de músicas aos *Stories*. Com ela, é possível complementar fotos ou vídeos com músicas da escolha do usuário ou fazer da canção o tema principal da postagem, como é demonstrado na Figura 14. Nela, pode-se observar que os usuários utilizam o recurso de dois modos distintos. Na Figura 14 (a), a música é postada como um *Sticker*, mostrando o título e o nome do artista da faixa. Na Figura 14 (b), a letra do trecho escolhido aparece na tela e o usuário pode mudar a animação e estilo do texto, mover as letras na tela, girar e redimensioná-las.

Figura 14 - Recursos de compartilhamento de músicas nos *Stories*

Fonte: Capturas de tela feitas pela autora

Foi constatado também que um tema muito recorrente entre os *Stories* dos participantes é o compartilhamento de temáticas relacionadas ao entretenimento, mais especificamente filmes, séries e músicas. Os usuários utilizam diversos recursos para falar sobre o assunto. Na figura 15 é possível visualizar três exemplos de postagens sobre o assunto. Na postagem da Figura 15 (a), o usuário utiliza um filtro que se sobrepõe sobre seu rosto e sorteia aleatoriamente uma música lançada no início dos anos 2000. Para tornar a postagem mais completa, o jovem adiciona um *Sticker* com a música sorteada pelo filtro. Na Figura 15 (b), a usuária utiliza um *Template* criado por um perfil especializado em animações da Disney para preencher seus personagens preferidos dos filmes. Por fim, na Figura 15 (c) o usuário une uma imagem com dois recursos de enquete disponibilizados pelo Instagram, para interagir com seus seguidores sobre os filmes indicados ao Oscar 2020 na categoria “melhores efeitos visuais”.

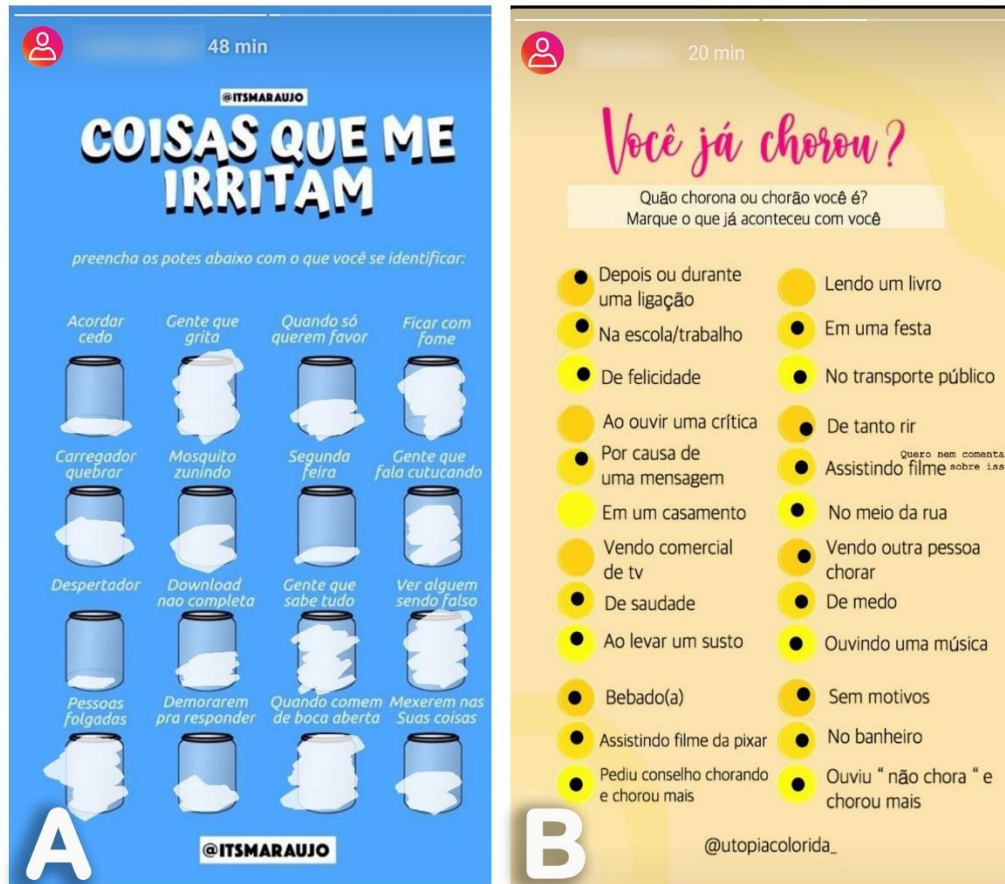
Figura 15 - Postagens com templates temáticos no perfil principal



Fonte: Capturas de tela feitas pela autora

Nos perfis Dix, os *Templates* são utilizados com frequência, porém, ao invés de abranger temáticas diversas, como ocorre nos perfis principais, os temas abordados são voltados para o lado pessoal dos usuários. A Figura 16 exemplifica postagens em que os sentimentos são os assuntos principais. Na Figura 16 (a), a usuária preenche diversas situações que a irritam, bem como o quanto a irritam de acordo com o quanto ela desenha o pote cheio ou vazio. Enquanto na Figura 16 (b), a usuária marca diversas situações em que já chorou, compartilhando seu lado emocional.

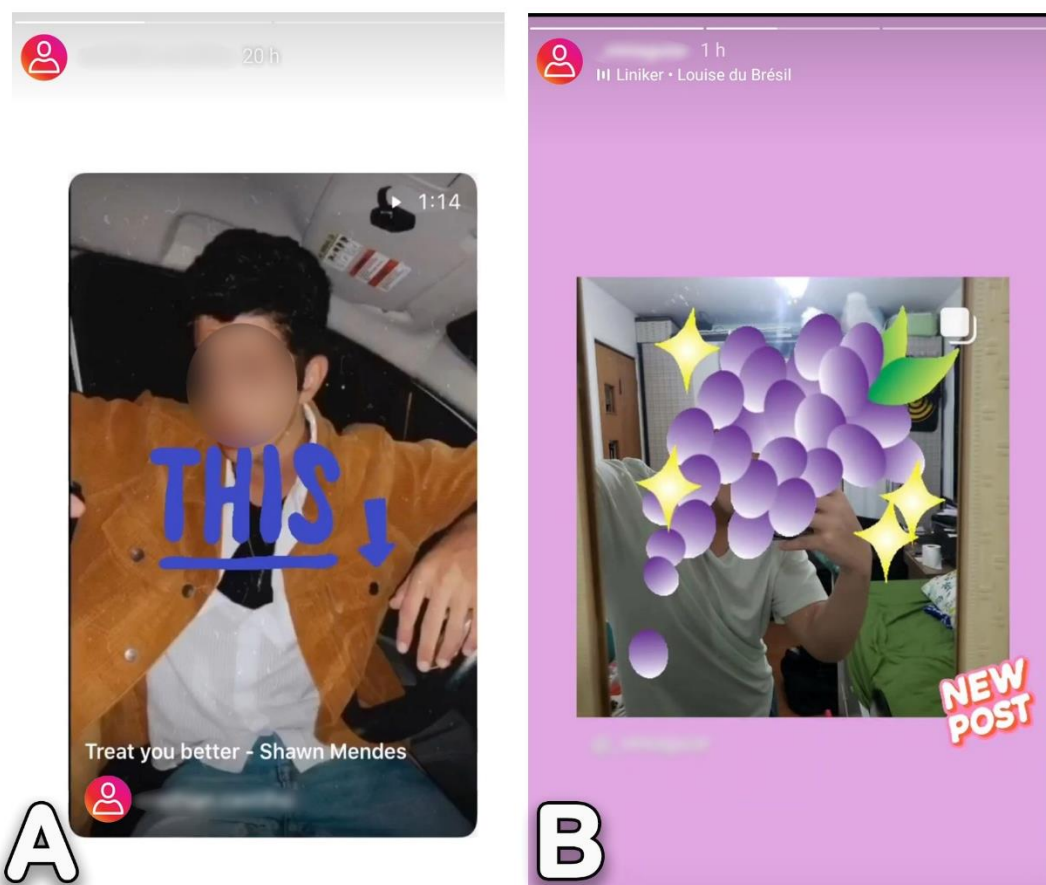
Figura 16 - Postagens com templates temáticos no perfil Dix



Fonte: Capturas de tela feitas pela autora

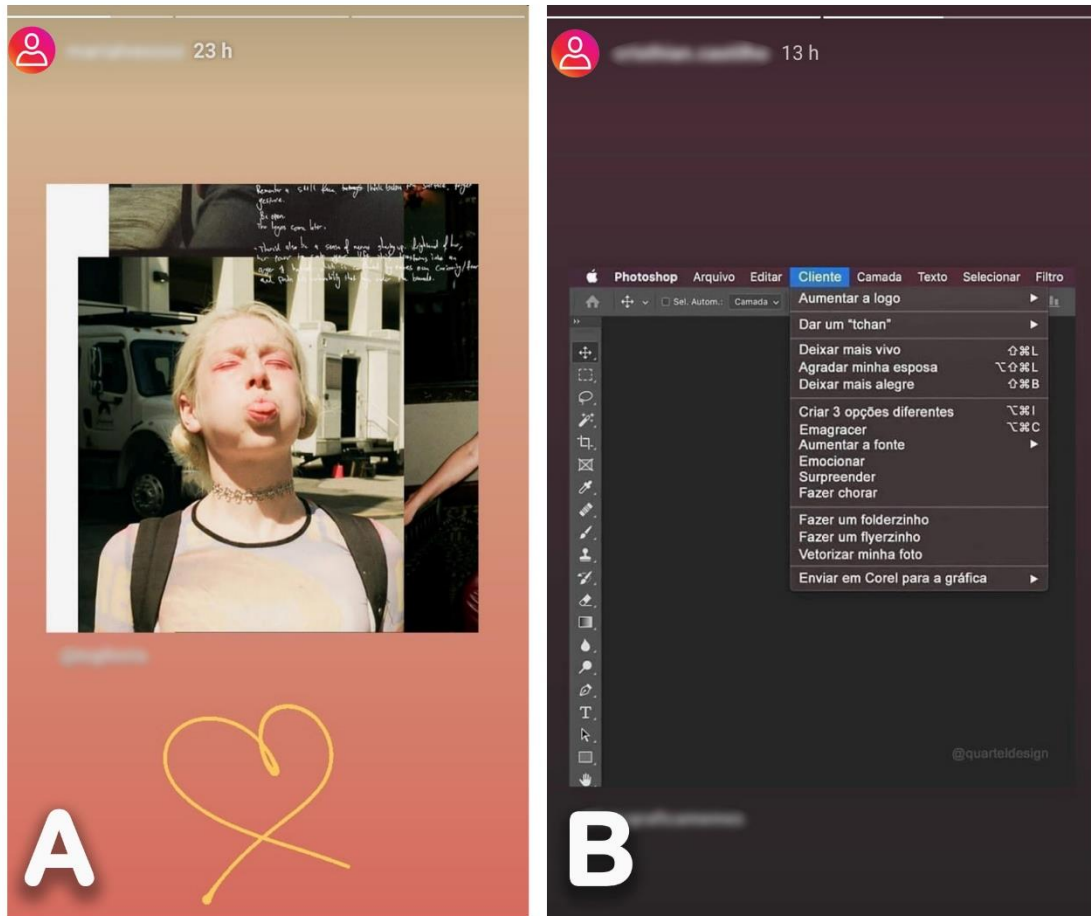
Os participantes mantêm o costume de divulgar suas produções em outros recursos do Instagram em seus *Stories* dos perfis principais, através da ferramenta de *Repost* disponível pela rede social. Com essa ferramenta é possível ser redirecionado ao local original da postagem por meio de um clique na tela. Na Figura 17 (a), o usuário divulga um vídeo postado em seu IGTV, em que ele canta uma música do cantor canadense Shawn Mendes. Já na Figura 17 (b) o usuário divulga uma foto postada em seu *feed*. O participante utiliza um *Sticker* para cobrir a foto, forçando seus seguidores a clicar na imagem para serem redirecionados a postagem original, aumentando assim a chance de receber curtidas e comentários.

Figura 17 - *Reposts* para a promoção dos próprios perfis



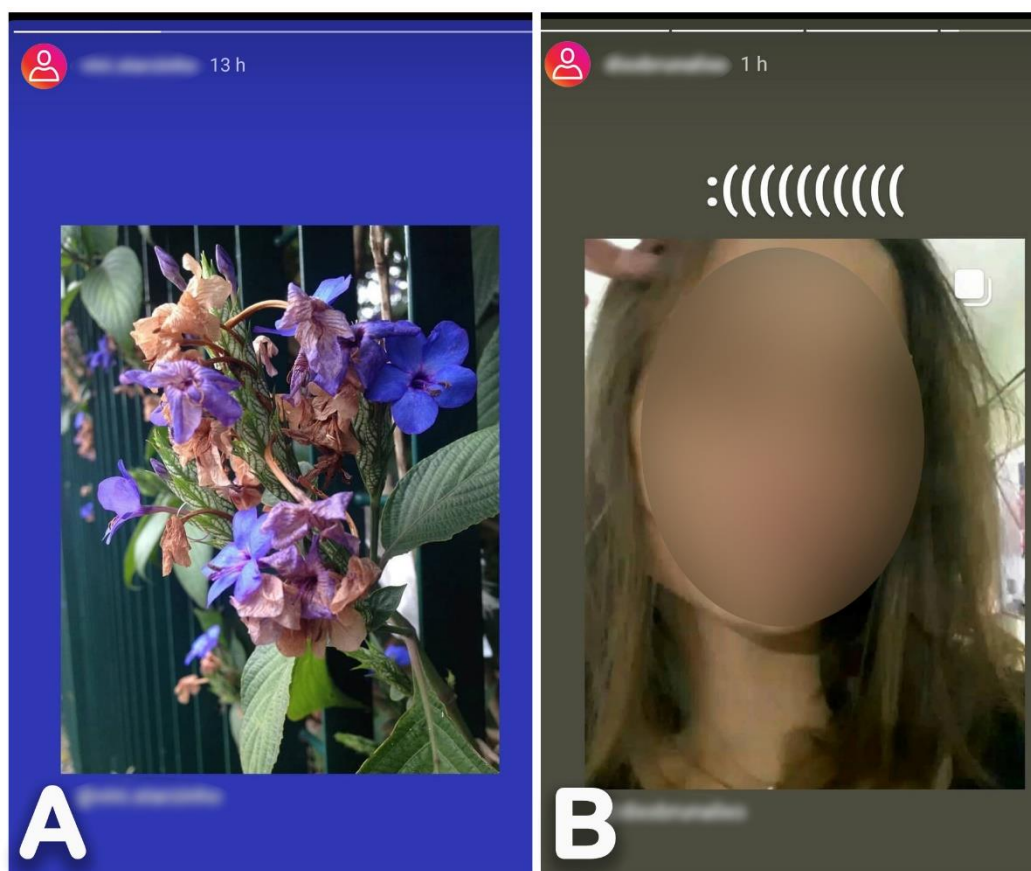
Fonte: Capturas de tela feitas pela autora

O costume de repostar publicações também ocorre com postagens de outros perfis. Os usuários utilizam o recurso para compartilhar conteúdos que correspondem aos seus gostos e vivências. Na Figura 18, estão contidos dois exemplos de publicações com o recurso. Na Figura 18 (a) é repostada a imagem de uma das personagens da série *Euphoria*, transmitida pelo canal HBO, postada originalmente por um perfil dedicado a série. Na Figura 18 (b), o usuário reposta uma imagem da interface do programa de edição de imagem Adobe Photoshop, em que as opções de recursos satirizam frases que designers frequentemente escutam de seus clientes ao desenvolver um projeto.

Figura 18 - *Repost* de conteúdos de perfis de fora

Fonte: Capturas de tela feitas pela autora

Nos perfis Dix o recurso de *Repost* também é amplamente utilizado, entretanto, são repostadas publicações do próprio perfil, não com intenção de divulgar tais publicações, ao contrário das postagens dos perfis principais, mas sim com a intenção de lembrar as postagens feitas anteriormente, como ilustram os dois exemplos de postagens contidos na Figura 19. Deve-se ressaltar ainda que não foram encontrados *Reposts* de perfis externos nos *Stories* dos perfis Dix.

Figura 19 - *Repost* de conteúdo do próprio perfil no Dix

Fonte: Capturas de tela feitas pela autora

Mantendo a atmosfera descontraída dos perfis Dix, percebeu-se o uso de diversos filtros de jogos e desafios, como exemplificado na Figura 20. A Figura 20 (a) apresenta um desafio amplamente reproduzido pelos usuários, em que o objetivo é acertar a sequência de gestos que aparecem sobre o seu rosto no tempo estabelecido pela música que toca ao fundo. Já na Figura 20 (b), a jovem participa de um jogo em que controla o personagem por meio do movimento de sua cabeça, com o objetivo de fazer o personagem subir o maior número de plataformas possível.

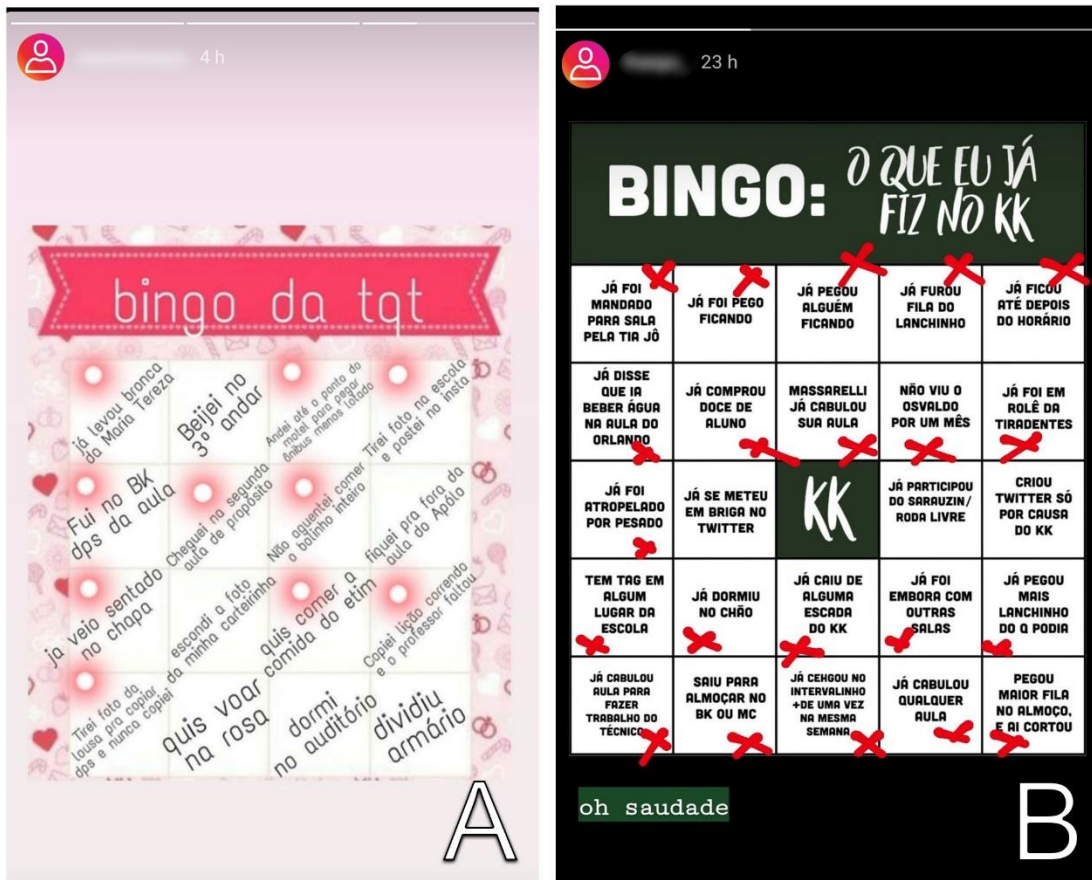
Figura 20 - Filtros com brincadeiras no Dix



Fonte: Capturas de tela feitas pela autora

É comum também que os participantes criem suas próprias versões dos conteúdos amplamente compartilhados nas redes sociais, utilizando temáticas mais próximas de seu cotidiano. A Figura 21 traz dois exemplos de postagens com temáticas sobre as vivências de suas escolas. Enquanto a Figura 21 (a) traz situações específicas vivenciadas pelos alunos daquela unidade, a Figura 21 (b) segue a mesma lógica, porém, alterando as situações.

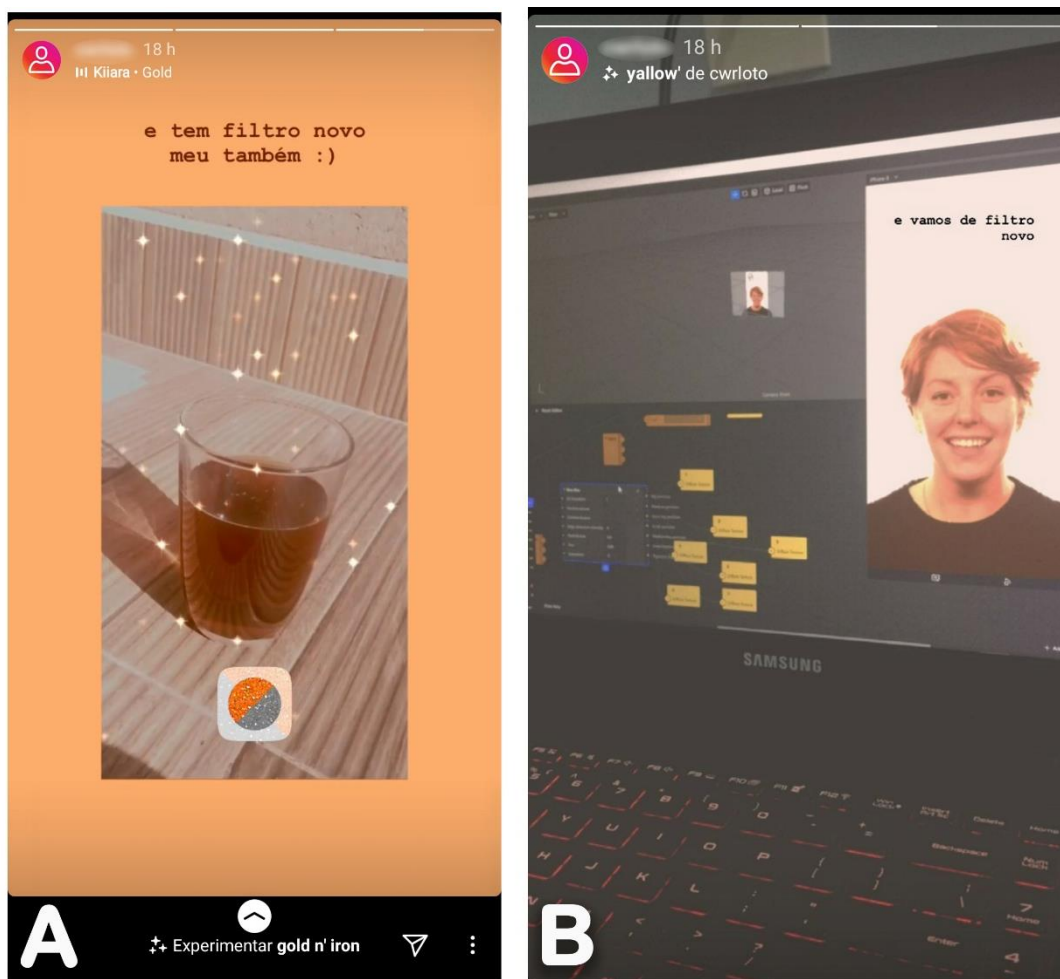
Figura 21 - Postagens com templates sobre a escola no perfil principal



Fonte: Capturas de tela feitas pela autora

Para ilustrar a apropriação da ferramenta filtro pelos jovens, frequentemente utilizada nos *Stories* do Instagram, pode-se destacar a Figura 22, partes (a) e (b), que mostram filtros personalizados pelo Entrevistado 1, que viu um leque de oportunidades profissionais se abrir por conta da repercussão do seu trabalho.

Figura 22 - Filtros feitos por participante



Fonte: Capturas de tela feitas pela autora

O jovem explica os fatores que motivaram a produzir os próprios filtros, prática que começou como um hobby e tomou outras proporções quando ele se interessou mais pelo assunto, estudou as técnicas e se encontrou nessa atividade:

Eu vi que tinham pessoas normais, que não eram pessoas famosas, celebridades que tinham um filtro e aí eu me interessei pelo assunto. [...] eu achei bem legal porque ele envolve tanto o negócio de rede social quanto o Design Gráfico que é uma área que me interessa muito e por isso me motivou bastante a fazer. O que me motiva bastante também são os meus amigos, quando eu vejo alguém usando os meus filtros, eu acho bem legal. [...] Eu vejo o que as pessoas gostam e pergunto para os meus amigos, o que eles gostam de ver e tal, mas eu também procuro referência no Pinterest e também vejo outros filtros de outros criadores. Aí eu me inspiro e crio os meus.

Sobre o processo de criação de seus filtros, o Entrevistado 1 ressalta utilizar ferramentas disponibilizadas pelo próprio Facebook como um incentivo para que a

própria comunidade produza dentro da plataforma, além de utilizar programas de edição de imagem e animação para melhorar suas criações:

Você precisa usar o *After Effects* e o *Photoshop*, é bem interessante usar. Só que tem um programa que é do Facebook mesmo, que o Facebook disponibilizou para o público e aí você programa o filtro como você quer e você tem que usar o Photoshop para criar textura, criar as imagens, criar as coisas e também dá para colocar animação. Eu já usei também o *After Effects* nos filtros.

As redes sociais também abrem portas para o futuro profissional desses jovens, que se empenham em criar uma identidade profissional *on-line* (BOYD, 2014). Nesse sentido, o Entrevistado 1 conta sobre as oportunidades que teve:

Eu já fiz alguns filtros pagos, que me contrataram para fazer, só que a maioria deles eu faço só por diversão mesmo. Não foi nem para ganhar seguidor nem nada, só para fazer mesmo [...] eu também já coloquei no meu portfólio alguns filtros, eu criei um projeto para eles. E já me rendeu também um dono de uma agência me chamar para fazer um filtro.

Desse modo, notou-se que além de servir como um espaço onde os jovens se relacionam socialmente, a rede social também pode exercer um papel importante no futuro profissional dos jovens, gerando visibilidade e renda.

3. A Percepção da Privacidade e Intimidade do Jovem Atual

A relação dos jovens com a sua privacidade ganhou novos significados com o surgimento das redes sociais. Assim, neste item, será analisada a função dos perfis Dix e sua importância nas diferentes relações que envolvem o cotidiano dos jovens. A família é uma das principais motivações para que os jovens decidam fazer um perfil Dix. A vigilância sob o conteúdo que compartilham, somada ao fato de que, na visão do jovem, dificilmente os adultos entendem sua intenção ao postar, desperta a necessidade de muitos jovens em construir um ambiente livre dos olhos de seus responsáveis. Boyd (2014) considera que, na maior parte das vezes, os adolescentes que buscam por privacidade, fazem-no tendo em consideração as pessoas que têm uma relação de poder sobre eles, por isso, “não costumam estar preocupados com governos e grandes empresas. Em vez disso, estão a tentar evitar a vigilância dos pais, professores e outras figuras de autoridade imediata presentes nas suas vidas”

(BOYD, 2014, p. 76). Este fato é ilustrado pela fala da Entrevistada 3, que cita uma reclamação recebida por conta de uma de suas postagens nos *Stories*, feita por uma pessoa ligada à sua família:

Foi assim, eu estava numa banheira com a minha prima e a gente estava brincando, e eu postei a foto dos nossos pés balançando. E aí ela achou horroroso. Ela ligou para minha mãe, aí ela falou “deixa eu ver” aí eu mostrei e falei “o pé”. Que gente louca, inclusive a única pessoa bloqueada no meu *Stories* é essa pessoa, se vai reclamar não vai ver nada também.

Uma vez que o Dix é um ambiente livre de qualquer pessoa ligada a família, é frequente a postagem de conteúdos que envolvem esse grupo, principalmente queixas e reclamações. A Figura 23 exemplifica duas postagens em que essa prática fica evidente. Na Figura 23 (a), a participante segura uma lata de cerveja e reclama sobre as primas. Enquanto na Figura 23 (b), a participante se queixa da falta de atenção do primo com ela, ao ser trocada pelo videogame.

Figura 23 - Postagens sobre a família no Dix



Fonte: Capturas de tela feitas pela autora

Outro motivo encontrado para a criação dos perfis Dix é a oportunidade de pessoas da comunidade LGBTQIA+ se sentirem confortáveis ao expressar sua identidade *on-line*, pois para essas pessoas, tal possibilidade é especialmente importante, uma vez que suas autorrepresentações podem ser estigmatizadas, caras ou ameaçar sua segurança (ANDALIBI *et al.*, 2016; HAIMSON *et al.*, 2016; MARWICK; BOYD, 2011). É o caso da Entrevistada 3, que relata o desconforto que sentia com a hipótese de a família desconfiar de sua sexualidade:

[...] minha família nunca teve meu Dix, ninguém da minha família. Minhas primas chegavam “como assim eu não tenho seu Dix?” e eu “não, você não tem meu Dix e não vai ter também”, porque na época, eu ainda não era assumida para minha família, ninguém sabia e às vezes tinham uns comentários. Tinha algumas amigas minhas tipo “ai meu Deus, que gata” ou tipo “ai meu Deus, me beija” e aí eu já ficava assim “não, a minha família não pode ver essas coisas” [...].

A Entrevistada 2 também se preocupa com os possíveis comentários negativos a respeito de seus conteúdos, o que a faz ter medo de postar fotos com sua namorada em seu perfil principal:

Porque as pessoas sempre apontam e falam se você não está de tal jeito, que não agrada as outras pessoas. Por exemplo, eu posto muita foto com a minha namorada no Dix, então é uma coisa que eu não postaria no meu normal por esse medo de julgamento, sabe? Por essas pessoas que eu sei que... beleza, eu sigo mais por respeito, é família, então a gente não pode deixar de seguir, né?

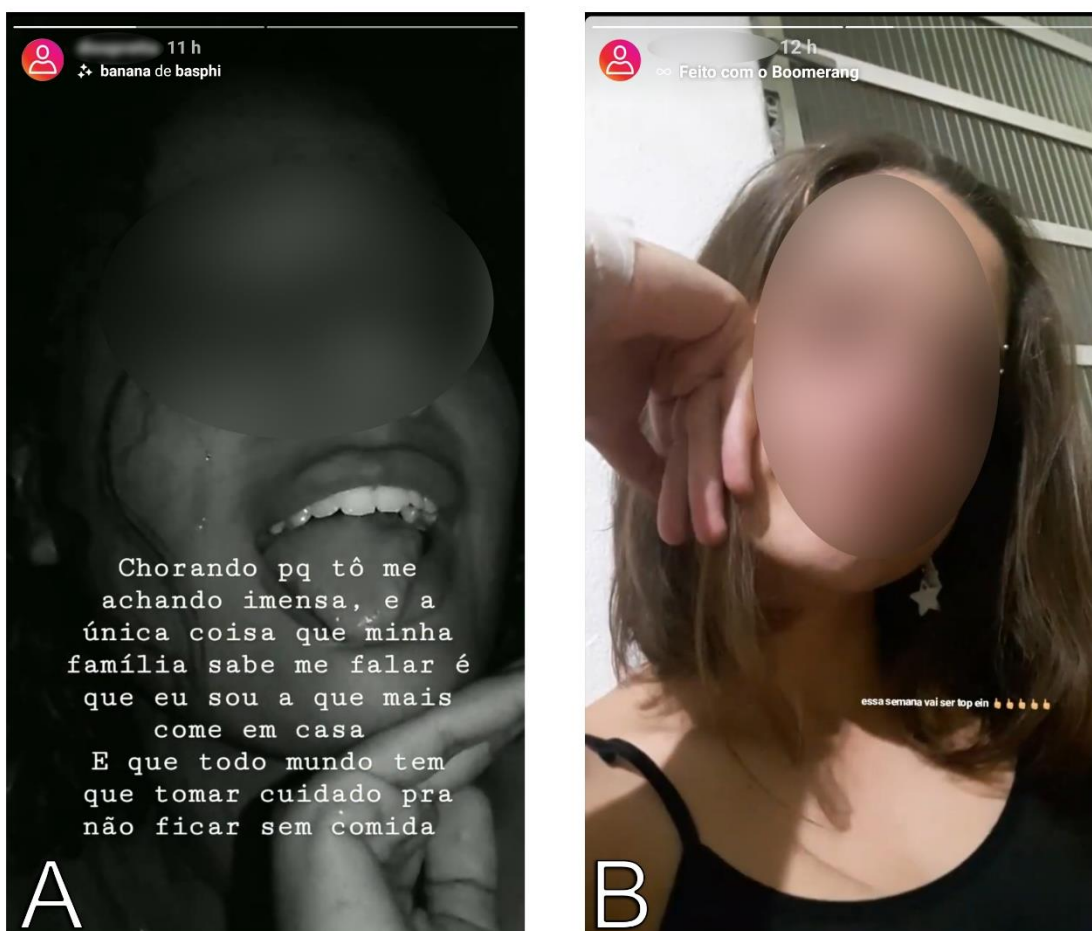
A participante também expõe que outra motivação para as postagens serem feitas apenas em seu perfil Dix envolve questões com a mãe, que não aceita sua orientação sexual:

[...] é uma coisa que eu prefiro não ficar postando e sempre demonstrando, sempre empurrando isso para ela. Porque é uma coisa que eu, assim isso é mais eu mesma, eu não gosto, então respeito o tempo dela, respeito o espaço dela. Se ela não aceita, ela não aceita. Não tem como eu ficar empurrando isso e ficar postando, também ia afetar ela e o jeito que as pessoas iam olhar tanto para ela quanto para mim.

Logo, pessoas que fazem parte de minorias têm um motivo a mais para entender os perfis Dix como um espaço privado que possibilita criar um refúgio para se expressar e interagir apenas com pessoas de confiança.

Os perfis Dix também se apresentam como ambientes propícios para desabaços e exposição de sentimentos, semelhante aos perfis Finstas, os quais podem ser um ambiente seguro para uma saída para catarse emocional (MCGREGOR; LI, 2019). Conforme demonstra a Figura 24, é comum que os usuários compartilhem momentos de vulnerabilidade, como quando estão chorando ou em momentos frustrantes.

Figura 24 - Postagens com exposições de sentimentos no Dix



Fonte: Capturas de tela feitas pela autora

Na Figura 24 (a), a participante relata como está chateada diante de comentários feitos por familiares. Já na Figura 24 (b) outra participante utiliza da ironia para mostrar que está chateada, ao postar uma foto aparentemente chorando com a legenda “essa semana vai ser top ein”. Essa prática pode ser compreendida a partir da visão de Boyd (2014, p. 89):

Muitos adolescentes gostam de representar publicamente os seus dramas sociais para os seus colegas de turma e conhecidos, desde que apenas aqueles que estão por dentro do assunto compreendam realmente o que está a acontecer e que aqueles que não deveriam estar envolvidos fiquem isolados socialmente quanto a saber o que está a acontecer.

Esse comportamento deve-se também ao fato de os usuários perceberem seus públicos de maneiras diferentes. Ao compreenderem que em seus perfis principais se espera um comportamento sempre feliz e positivo, os jovens acreditam que não há espaço para que possam dividir seus problemas com aquele público, entretanto, ao perceberem seus perfis Dix como um espaço entre amigos, se sentem confortáveis para expor não só os momentos positivos, como os negativos também. Nesse sentido, Xiao *et al.* (2020, p. 10, tradução nossa) comentam:

Também vale a pena considerar o impacto no público. Por exemplo, o corolário para o conforto dos usuários em discutir emoções negativas e tópicos importantes é a exposição do público a tal conteúdo, que pode ser emocionalmente exaustivo, desencadeante ou simplesmente indesejado

Compartilhar seus momentos difíceis pode ser também um modo eficaz de receber apoio social, uma vez que ao expor seus sentimentos, podem receber tanto os benefícios psicológicos causados pela divulgação, quanto pelo engajamento positivo da comunidade em resposta a tal compartilhamento (ANDALIBI; OZTURK; FORTE, 2017).

A confusão de sentimentos característica da adolescência também é evidenciada nos perfis Dix, por meio das postagens que demonstram os extremos das emoções. Os jovens registram seus dias felizes e tristes, conforme ilustra a Figura 25.

Figura 25 - Postagens que demonstram sentimentos extremos no Dix



Fonte: Capturas de tela feitas pela autora

Sobre a confusão de sentimentos, a Entrevistada 3 argumenta que o Dix se caracteriza por ser um lugar de extremos, “quando eu estou acabada, quando eu estava triste também eu postava no Dix ou quando eu estava muito feliz”. Entretanto, a participante também deixa claro que não são todos os momentos que precisam ser compartilhados:

Geralmente, quando eu quero que as pessoas saibam. Tem momentos que eu falo “não, vou sofrer sozinha” [...] agora, às vezes tem situação que alguém que eu sei que vai ver, me deixou muito chateada, aí eu posto algum texto, alguma música ou quando é pior ainda, eu faço o que? Eu fico linda, feliz e posto que eu estou feliz, que essa pessoa não me atingiu.

Conforme os jovens adotam novas ferramentas e as inserem em seu cotidiano, tornam perceptível como suas vidas são afetadas pelas principais práticas sociais e culturais. A internet amplifica tudo o que é considerado bom ou ruim pela sociedade e, por esse motivo, “quando os adolescentes estão em sofrimento desligados da rede,

revelam o seu sofrimento online” (BOYD, 2014, p. 40). Um exemplo do papel desempenhado pela rede social como apoio emocional para os jovens é relatado pela Entrevistada 2, quando expõe o falecimento de seu pai e o apoio dos amigos:

No meu Dix, acho que o último post que eu publiquei lá, tinha relação com o meu pai. Meu pai faleceu recentemente e tipo eu não sou muito de postar esse tipo de coisa, mas eu vi e eu falei “ah porque não, sabe?” Só guardar essa memória que eu estava tendo nesse tal dia e aí eu fui lá e postei, coloquei uma legendinha e tal [...] dá uma aliviada, sabe? Você postar e escrever uma legendona ou escrever um textão e escrever até mesmo se for “saudade”, sabe? Você meio que tira um pouquinho desse sentimento. [...] Quando eu posto alguma coisa em relação a isso, antes eu postava mais nos *Stories* em relação ao meu pai. As meninas, minhas amigas, sempre vinham me mandar mensagem no Direct ou então responder aquilo ou então mandar “relaxa, vai passar”, entendeu? Você se sente mais acolhido assim.

Os conteúdos compartilhados pela Entrevistada 2, conforme Figura 26, se encaixam na definição de performances catárticas, “uma espécie de catarse cotidiana, desenvolvida por meio de relatos e postagens na rede, cujas experiências contemplam não apenas eventos trágicos pessoais (...), mas também narrativas de indignação” (REZENDE, 2014, p. 144). A autora explica que “os relatos incorporam elementos enraizados na experiência individual dos usuários na rede, mas que quando circulados nessa plataforma tornam-se experiências coletivas a um só tempo” (REZENDE, 2014, p. 154).

Figura 26 - Postagens com desabafos no Dix



Fonte: Capturas de tela feitas pela autora

A Figura 27 expõe as inseguranças sofridas pela Entrevistada 5, que utiliza seu perfil Dix para compartilhar o processo de aceitação de seu corpo. Tal fato torna evidente como os perfis Dix muitas vezes são utilizados como um diário virtual.

Figura 27 - Postagens sobre aceitação do corpo no Dix



Fonte: Capturas de tela feitas pela autora

Temas como sexualidade, amor, corpo e saúde, comumente presentes em diários, também tomam espaço nas postagens feitas nesses perfis, em momentos que os usuários sentem a necessidade de se expressar e receber apoio dos seus amigos, conforme explica a Entrevistada 5:

No primeiro ano, eu não tinha uma autoestima boa, eu estava muito mal com meu corpo, me sentia horrível porque cheguei no ensino médio e falei tipo “nossa, quanta gente bonita e olha como eu estou”. Daí eu conheci uma pessoa, meu melhor amigo ultimamente, daí ele sempre conversou comigo. Ele sempre foi mente aberta, a gente conversou sobre isso e do segundo ano para agora, que eu estou terminando o terceiro, eu comecei a me aceitar mais. Eu comecei a ver o que eu gosto no meu corpo e melhorar o que eu não gostava um pouco. Comecei a fazer jiu-jitsu, a amar esportes e ver que o que eu quero mesmo é seguir nessa área de esportes. Essa é uma coisa que eu descobri que eu amo e é uma coisa que fez eu me aceitar ainda mais com meu corpo.

Nesse sentido, os perfis Dix se assemelham também a diários em seu aspecto comunicacional, “uma vez que seu autor se preocupou em fazer um registro de suas lembranças ou de suas experiências, acreditando que podem ser únicas e singulares

(...)” (HELLER; PERAZZO, 2016, p. 108). Repletas de uma visão parcial, é possível perceber a subjetividade presente nas postagens, característica semelhante ao formato de um diário. Uma vez que “a arte de narrar é a arte de trocar experiências” (RICOEUR, 1991, p. 193), os participantes escrevem sobre fatos, assuntos e vivências a fim de exteriorizar suas questões. A subjetividade também é uma característica muito comum da escrita de si, como comenta Gomes (2004, p. 14):

a escrita de si assume a subjetividade de seu autor como dimensão integrante de sua linguagem, construindo sobre ela a “sua verdade”. (...) O que passa a importar para o historiador é exatamente a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa. Isto é, o documento não trata de “dizer o que houve”, mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento.

Sendo assim, as postagens evidenciam a necessidade de registrar as experiências vividas. Como no passado, este exercício era feito em um caderno, hoje as redes sociais ganharam essa função de destaque. Entretanto, a Entrevistada 5 admite que suas motivações ao postar sobre o seu corpo não são apenas compartilhar seu processo de aceitação, mas também elevar sua autoestima:

Porque eu já postei essa coisa de aceitação no meu Dix, de falar para as outras pessoas, porque no meu Dix tem umas pessoas que não se aceitam e eu fiz esse texto também pensando em mim e nessas pessoas. Também tem as “biscoitagens” mesmo, que eu posto só para ficar bonita.

A exposição do corpo foi um tema amplamente visto entre os conteúdos compartilhados pelos participantes, postagens em que os jovens aparecem apenas de roupas íntimas, roupas de banho e seminus são comuns entre os conteúdos dos usuários. Filtrar tais conteúdos foi um dos fatores que fez com que a Entrevistada 3 decidisse por criar um perfil Dix, como relata: “[...] às vezes, eu estava no meu Instagram normal e “pá” foto de uma bunda e eu falava ‘gente, não estava a fim de ver isso hoje, né? Podia deixar isso para o Dix’ e aí eu separei as coisas porque senão eu ia ficar maluca [...]”. A Entrevistada 3 também questiona o fato das diretrizes de uso do Instagram não censurarem as postagens que continham conteúdos sexuais ou nudez parcial:

[...] Agora o Dix, a putaria que rola no Dix, os comentários, as fotos que o pessoal postava, as fotos que eu postava e eu fico “gente, mas isso aqui é uma putaria”, cadê a diretrizes do Instagram? Isso que me choca, nunca teve violação das diretrizes do Instagram essas fotos.

Se eu vi um caso de uma foto sendo suspensa foi uma só, mas também era muita putaria. Eu vi a foto e falei “meu pai do céu, as pessoas realmente perderam o limite completamente”, aquele negócio meio tipo “ai, eu estou de biquíni hahaha” ou tipo lá de calcinha e sutiã, nossa que sexy. Meu Deus muito desejada, sim! E era um negócio que era meio para subir a autoestima mesmo, tá? Não era outro motivo, era só para receber elogios, era pelo biscoito.

É comum entre os participantes o uso da gíria “dar biscoito”, expressão que significa elogiar alguém, porém, é utilizada de forma debochada quando uma pessoa está claramente com intenções de receber elogios. No caso das postagens dos participantes, a gíria é utilizada como uma forma de admitir que querem ser elogiados. Na concepção da Entrevistada 5, “biscoitar é tipo, postar foto do corpo, sabe? Tipo de lingerie ou qualquer coisa do tipo. Eu gosto muito de biscoitar no meu Dix e já nos *Stories* eu não posto, né? Biscoitar, eu posto só no meu feed”. Também, a Entrevistada 3 reconhece que sua principal motivação em postar fotos expondo seu corpo é elevar sua autoestima ao receber elogios:

Pelo elogio, pelo biscoito, para subir a autoestima realmente. E porque às vezes eu já tinha ficado com algumas pessoas e eu queria atualizar essas pessoas que eu fiquei, tipo “não quero mais ficar com esses, eu quero outros agora” e eu postava uma que vinha pessoas novas, uma substituição. Mas a gente sempre recicla, a gente pega uma ali, uma ali, não tem problema, a gente gosta de todo mundo.

Sobre a postagem de fotos com poucas roupas, a Entrevistada 2 afirma ter deixado essa prática de lado, apagando todos os conteúdos desse tipo quando fez dezoito anos, e atribui essa atitude a um processo de amadurecimento:

[...] eu pensei “gente o que eu estou fazendo da minha vida?”. Eu apaguei até porque assim, a minha cabeça deu uma mudada, “ah fiz 18, fiz milagres” óbvio que não. Mas eu já tinha esse pensamento de tipo assim, eu não gosto muito de me expor e depois também comecei a namorar e falei melhor não, vou apagar isso aqui ou então deixar um pouquinho guardado ou então arquiva e se der na telha de desarquivar, só desarquiva. Mas eu apaguei mesmo porque depois de um tempo, eu passei a não me sentir tão confortável com aquelas fotos no meu perfil. Ali, qualquer um... não qualquer um, mas sei lá um menino com alguma maldade ia lá, entrava e via. Ou então menina também entrava lá e abria e ficava sei lá, tira print e manda no grupo dos amigos, sabe? Pode acontecer qualquer coisa.

Já a Entrevistada 5 tem outra visão sobre os possíveis perigos de expor fotos do corpo em seu perfil Dix: “eu posto muita coisa assim, mas tenho segurança porque as pessoas que eu sigo, eu sei que me conhecem bem e não vão fazer algo, tipo

‘nossa, vou mostrar para todo mundo’ e mesmo se mostrasse eu ia falar ‘é, sou eu mesma”. Por outro lado, a Entrevistada 4, apesar de não ter Dix, também costumava postar conteúdos sexuais em seu perfil secundário, utilizado por ela para compartilhar conteúdos pessoais. E conta que, por essa razão, mantinha o perfil privado, porém, por insistência dos pais, acabou deixando de postar tais conteúdos, mas acredita que voltará a postar conteúdos sexuais quando for maior de idade:

Eu estava com uma ideia de compartilhar coisas mais sexuais, porque eu estou em uns momentos de autoconhecimento sobre isso, e aí minha mãe tem problema com isso, sabe? Ela não gosta que outras pessoas vejam [...] tem gente que chega que vai achar estranho, sabe? Vai querer vir e zoar com o meu trabalho, querer falar besteira, então eu privo [...] o meu problema maior são meus pais se incomodarem sobre isso, sabe? E também porque eu sou menor de idade ainda, então é tudo uma questão de cuidado e manter o meu posicionamento de responsável para não afetar meus pais também [...] Então, no momento, eu estou segurando assim, [...] com uns vinte, quando eu for maior de idade e a responsabilidade é total minha, eu real “boto fé” de botar esses conteúdos mais fortes, imagens, textos, áudios, tudo isso, sabe?

Logo, pode-se concluir que as postagens com o corpo exposto têm como principal objetivo ganhar elogios demonstrando, assim, a necessidade de aprovação desses jovens. Esse comportamento acaba por gerar oportunidades para flertes e relacionamentos, como relata a Entrevistada 3:

O meu *Stories* do Dix servia mais como uma ferramenta de flerte, né? Não posso negar, não posso realmente. Eu tinha que estar linda, belíssima, e aí eu pensava “nossa essa pessoa aqui, falou no meu último *Stories*”, aí eu ficava “vou ver se vai falar de novo” e aí eu postava alguma coisa. Aí teve um, essa semana, que eu olhei, que eu falei “gente que vergonha alheia, que que eu fazia no meu primeiro ano? Que coisa feia” que era tipo assim “já fiquei ou ficaria”. Gente, o que que eu tinha na minha cabecinha, tadinha? Fiquei com muito dó de mim naquela época, foi triste, mas aí eu cansei disso.

Respeitando a atmosfera de descontração exposta nos perfis Dix, o flerte também vira uma brincadeira entre amigos quando eles aproveitam uma situação em que dois integrantes do grupo se beijam para tirar foto e postar no Dix, para zombar com legendas e comentários posteriormente. A prática se torna uma diversão que só pode ser compartilhada nesse ambiente restrito, como conta a Entrevistada 3:

[...] era sempre assim “vou ficar com alguém da sala”. Não podemos negar que aconteceu, acontecia muito. “Vai ficar ali no canto”, “saiu com alguém e ficou no rolê” [...] Tem foto desses eventos e eu já falei, se tirar foto minha, eu vou matar [...] E elas pararam de postar porque teve uma discussão no Twitter. Uma veterana nossa postou assim, “mas gente, qual é a “nóia” de postar vídeo beijando no Dix?” Aí eu falei “está vendo? Eu não falei para vocês? Olha aqui”, aí elas “não, realmente, né?” Aí hoje em dia a gente fala: “que sem noção que a gente era”. O Instagram é uma rede de humilhação, porque a gente vê o passado e ele ainda lembra, ele manda “um ano atrás vocês estavam fazendo isso”.

Entre as postagens do perfil Dix, também percebeu-se amplo destaque para o consumo de bebida alcoólica. Segundo estudo feito pela Fiocruz, em 2019, aproximadamente 7 milhões de brasileiros menores de 18 anos relataram já ter consumido bebida alcoólica²¹. Como exemplo, a Figura 28 (a) reforça como o álcool é extensivamente presente no cotidiano desses jovens. Apesar de consumir, os participantes têm a consciência de que seu comportamento, se visto por pessoas que estão fora do seu círculo social, seria altamente reprovado, por isso, aproveitam seus perfis Dix para mostrar essa prática. A Entrevistada 3 expõe:

[...] no segundo ano o pessoal já estava mais *vibes*. Postava mais foto de rolê, foto caindo de bêbado, que eu falava “gente, misericórdia!”. Tem um amigo meu que tem um Instagram. O feed dele, na verdade do Dix, é só ele com dois copos ao invés de só um e umas três fotos dessas fui eu que tirei. E aí eu fiquei “gente, peculiar, mas tudo bem, continua meu filho” [...] Acho que ali por janeiro eu devo ter postado algumas coisas quando eu estava em Curitiba, porque eu estava péssima. Para você ter noção, eu nem poderia fazer isso, na verdade é um crime, porém, era uma garrafa de vinho por dia, eu estava totalmente sem limites [...].

²¹ REDAÇÃO FOLHA VITÓRIA . Cerca de 7 milhões de brasileiros menores de 18 anos já consumiram bebida alcoólica. **Folha Vitória (Saúde)**, 12 ago. 2019. Disponível em: <https://www.folhavitoria.com.br/saude/noticia/08/2019/12h-cerca-de-7-milhoes-de-brasileiros-menores-de-18-anos-ja-consumiram-bebida-alcoolica>. Acesso em: 20 ago. 2020.

Figura 28 - Postagens sobre consumo de álcool e drogas no Dix



Fonte: Capturas de tela feitas pela autora

Assim como o consumo de álcool, também foi percebido o uso de drogas por alguns dos participantes, conforme ilustra a Figura 28 (b). Diferentemente das postagens com o consumo de álcool, os conteúdos sobre drogas são compartilhados em menor frequência e, geralmente, enquanto esses jovens estão sob a influência da droga. A Entrevistada 5 revela receio em ser julgada por usar maconha:

Tenho receio, porque no meu Dix eu postava muita coisa de fumar, porque eu fumo maconha, né? Daí eu tinha muito medo de vazarem isso. Minha mãe já descobriu, mas mesmo assim é droga, né? Então, é complicado essa parte. Das pessoas ficarem falando “nossa, olha a maconheira” porque querendo ou não, maconha é um bagulho que é criminalizado ainda, sabe? Que as pessoas vão falar “nossa”, “feio” “não pode”, essas coisas.

O compartilhamento de conteúdos polêmicos levanta uma discussão sobre a falta de preocupação das gerações mais jovens com a privacidade, entretanto, as transformações nas fronteiras entre as esferas pública e privada têm sido uma

característica da contemporaneidade e um dos vetores de distanciamento da modernidade (HABERMAS, 1984; SENNET, 1988).

Com o advento da internet, a população está mais autônoma na produção de sua própria visibilidade, porém, concomitantemente, está sujeita a uma vigilância maior. Nas plataformas da *web 2.0*, muitos sistemas exigem que os usuários tomem providências ativas para limitar a quantidade de conteúdo disponível sobre si em rede, lógica reversa a vista em espaços físicos, em que os indivíduos precisam fazer esforço para se tornarem visíveis a uma grande audiência.

Uma das características concernentes aos jovens é a de procurar um lugar dentro da sociedade. A diferença em relação as gerações anteriores é que, por conta do contato excessivo com os meios digitais, esse público exhibe o desejo de estabelecer contatos sociais e autonomia nas redes. Boyd (2014, p. 26) explica: “os adolescentes participam em públicos em rede pela mesma razão por que sempre gostaram de públicos: querem fazer parte do mundo mais amplo convivendo com outras pessoas e tendo a liberdade da mobilidade”.

Ainda que muitos adultos acreditem que os jovens abdicaram de sua privacidade, participar de uma vida pública através das redes sociais é justamente a forma que esse grupo tem de conseguir ter uma vida particular, independente daqueles que o controlam no cotidiano, como seus familiares. Uma vez que “a arte de mostrar, longe de ser a via de uma transparência total, é também uma forma de esconder ou de driblar o desejo alheio de tudo ver e saber” (BRUNO, 2013, p. 133). Para os jovens, o conceito de privacidade está no controle das informações que são expostas e não necessariamente na quantidade de informações compartilhadas. Nesse sentido, os perfis Dix aparecem como uma tentativa direta desses jovens em conseguir privacidade, uma vez que, ao segregar seu público, é possível ter controle sobre qual informação é obtida e qual parcela de pessoas de seus círculos sociais tem acesso a ela. Esse fato fica evidente quando, ao ser questionada sobre o motivo de se sentir mais confortável ao postar em seu perfil Dix, a Entrevistada 2 responde: “[...] eu me sinto mais à vontade, mas não sei se tem uma questão assim tão aprofundada. É mais receio e medo de sei lá, alguém te ver de uma maneira que você não quer ser tão vista assim, sabe? No seu pessoal”.

As formas como os adolescentes se apropriam das ferramentas presentes à sua volta criam a sensação de que suas práticas de sociabilidade são drasticamente diferentes. No entanto, os jovens utilizam as redes sociais com o mesmo intuito que

gerações anteriores saíam para ir a cinemas, parques ou usar as linhas telefônicas por várias horas. Esse público aspira poder namorar, reclamar, trocar experiências e conversar entre si, sem estar sob os olhos vigilantes dos adultos.

Em um primeiro momento, os conceitos de privacidade e publicidade parecem opostos, no entanto, ao se depararem com situações em espaços públicos, ao invés de renunciarem a privacidade, os jovens buscam novas maneiras de conquistá-la. Boyd (2014, p. 76) comenta:

Compreender como os jovens conceptualizam a privacidade e gerem os media sociais é fundamental para compreender o que a privacidade significa num mundo em rede, um mundo onde gerir fronteiras indistintas faz parte do jogo. Em vez de assinalar o fim da privacidade tal como a conhecemos, a adesão dos adolescentes aos media sociais põe em relevo a interação complexa entre privacidade e publicidade no mundo em rede em que todos vivemos hoje em dia.

Por apresentar uma facilidade maior em entender as lógicas que definem os dispositivos tecnológicos, os jovens compreendem e lidam com as mídias digitais de uma forma natural. Para muitos adolescentes, as tecnologias e as questões que a rodeiam são uma parte óbvia de um cotidiano amplamente conectado. Por essa razão, os adolescentes frequentemente compartilham extensivamente os detalhes de suas vidas, pelo simples fato de não verem razão para limitarem a quantidade de informação exposta. Tal fato é exemplificado pela Entrevistada 3, ao falar sobre sua percepção em relação ao nível em que se expõe no Instagram:

Eu comparo muito com a minha prima e com algumas amigas minhas. E fico tipo, essa pessoa não posta nada da vida pessoal. Eu, já posto algumas coisas tipo, eu dou aula para criança, então todo mundo sabe que eu dou aula, porque às vezes eu apareço e estou com o uniforme. Outras vezes, eu posto foto com uma criança abraçada, então o pessoal sabe mais ou menos, né? Mas, eu nunca posto nada muito privado assim, tipo comemoração do Dia dos Pais, Dia das Mães, aí eu posto alguma foto, alguma coisa, mas a parte mais privada é mais minha, eu sempre guardo. E eu tenho muita foto, às vezes, o pessoal fala “você posta muito no Instagram”, aí eu fico “gente, vocês não tem noção, se eu entrar no meu Google Fotos agora, ele tem mais de 16.000 fotos da minha cara”, é mil para cada ano de vida. Então, eu não acho que meu Instagram tem muitas fotos não.

Não necessariamente privacidade e intimidade são sinônimas, uma vez que a segunda não pertence apenas ao ambiente privado. Conforme os meios de comunicação ampliaram a exposição, estes exigem a administração da intimidade.

Thompson (2002) sugere que as noções de público e privado sejam de uma forma que por “público” designamos o que é aberto e “privado” o que é escuso.

No âmbito da vida privada, a intimidade foi se adaptando e, “em contraposição aos rituais hostis da vida pública, o lar foi se transformando no território de autenticidade e da verdade, um refúgio onde era permitido ser ‘si mesmo” (SIBÍLIA, 2003, s/p), ou seja, um local protegido das exigências e dos perigos do meio público. Esta visão pode explicar por que comumente privacidade e intimidade são relacionadas como conceitos híbridos.

Segundo Dunker (2017, p. 82), a busca atual pela intimidade é conduzida por regras implícitas como “enaltecer a expressão íntima alheia”, que é um “exercício narcísico do que a elaboração coletiva da falta de saber falar sobre si mesmo”. Essa condução da visibilidade nas redes sociais complica a criação de limites entre o público e o privado e reconfigura o debate sobre a intimidade. O autor também reitera que a experiência da intimidade introduz o reconhecimento do que não se pode partilhar e o cuidado com o impossível de ser e de ter. Situação que evidencia o poder de escolha dos jovens, uma vez que eles mesmos elegem quem terá acesso a qual tipo de intimidade.

Naturalmente, as noções de privacidade mudaram de acordo com o passar das gerações e, por essa razão, cada uma interpreta à sua maneira. Os jovens veem a privacidade de uma forma muito própria, pois o ambiente *on-line* amplia seus horizontes, fazendo com que o acesso a diferentes informações seja cada vez maior e mais rápido. Da mesma forma que a relação entre o que é público e o que é privado ganha outras proporções. Os jovens não abdicaram de sua privacidade, no entanto, lidam com ela de outra forma.

4. Melhores Amigos e Dix: Listas Seletas para Objetivos Diferentes

Em novembro de 2018, o Instagram disponibilizou uma atualização para a ferramenta *Stories*. O novo recurso, chamado “Melhores Amigos”, permite ao usuário restringir suas publicações para um grupo seletivo de pessoas. A plataforma explica:

O Instagram *Stories* é um espaço para você se expressar e compartilhar momentos cotidianos, mas nossa comunidade cresceu e, às vezes, o que você deseja compartilhar não é para todo mundo. Com “Melhores Amigos” você tem a flexibilidade de compartilhar momentos

mais pessoais com um grupo escolhido por você (INSTAGRAM, 2018, s/p, tradução nossa).

A criação da funcionalidade deu-se principalmente por uma demanda vinda dos usuários, que procuravam formas de restringir seu perfil em busca de privacidade. Consoante a isso, Jim Squires, vice-presidente de negócios e mídia do Instagram, ressaltou: “Foi algo que fizemos porque os usuários estavam pedindo. Vejo que muitos gostam de manter múltiplas contas porque têm vários interesses para expressar”²².

Durante o período de coleta de dados, foi percebido um movimento de migração de alguns participantes dos perfis Dix para o recurso Melhores Amigos. O acesso a tal ferramenta se deu de forma natural, uma vez que os próprios participantes, ao começarem a utilizar o recurso, incluíram o perfil da pesquisadora em sua lista. A respeito desse movimento, a Entrevistada 2 descreve:

[...] porque agora tem aquele negócio que chama Melhores Amigos no Instagram. Então a galera meio que parou de usar o Dix um pouco, eu vejo isso, tem bastante gente que usa ainda muito, mas tem muita gente que parou. Eu acho que as mesmas que eu colocaria nos meus melhores amigos estão lá no meu Dix, é pouca gente.

A constante busca pelo novo é um fator que impulsiona os jovens a explorarem novas funcionalidades, conforme expõe o Entrevistado 1: “O Melhores Amigos eu uso mais do que o Dix, não sei por quê! Eu fiquei meio saturado do Dix e não tinha muita coisa para postar e comecei a usar o Melhores Amigos, mas é a mesma temática. Eu posto coisas pessoais, que só quero que os meus amigos vejam”.

A alternância entre as contas pode acarretar a troca acidental de mídia, ocasionando assim em fatos comunicativos fracassados, podendo causar constrangimento e exposição indevida do usuário. Este é um dos motivos apontados pela Entrevistada 3 para diminuir o uso de seu perfil Dix e começar a usar o Melhores Amigos:

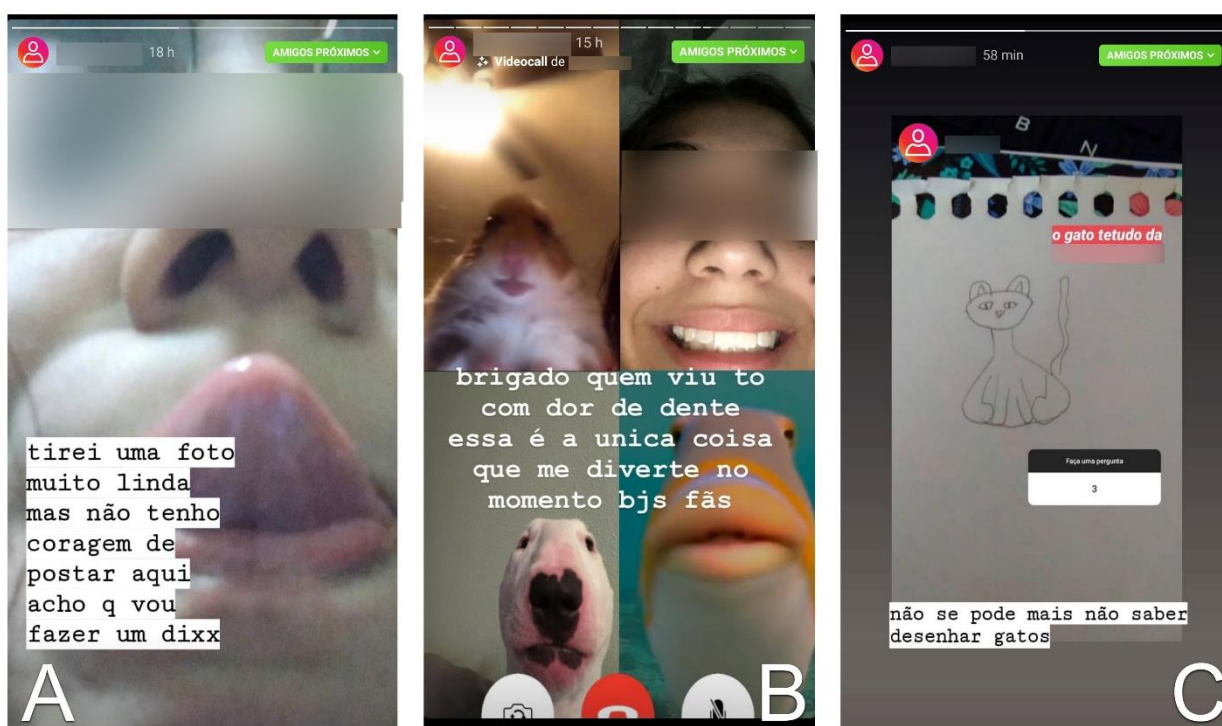
No meu normal eu sigo as pessoas com Insta normal e no Dix eu sigo as pessoas com o Dix. Quem não tem Dix usa o “Melhores Amigos”, igual eu comecei a fazer. Eu esquecia de trocar de conta e postava as coisas erradas e ficava “não, volta. Troca de conta” e decidi usar só o “Melhores Amigos”. É um pouco complicado porque eu tenho tipo 100

²² WOLF, Giovanna; ARIMATHEA, Bruna. Dix: perfil secreto no Instagram é válvula de escape para pressão social. **Link do Estadão**, 3 out. 2020. Disponível em: <https://link.estadao.com.br/noticias/cultura-digital,dix-perfil-secreto-no-instagram-e-valvula-de-escape-para-pressao-social,70003461200>. Acesso em: 03 out. 2020.

pessoas lá. Todo mundo fica tipo “nossa tem muita gente nos melhores amigos” e eu fico: “mas é o pessoal do meu Dix”.

De acordo com o relato dos entrevistados, percebe-se que o recurso é uma ressignificação dos perfis Dix. O conteúdo das postagens é frequentemente semelhante, a exemplo do demonstrado na Figura 29. Trata-se de publicações divertidas, leves, de protesto, sempre retratando o estado de espírito do jovem naquele momento.

Figura 29 - Postagens feitas no recurso Melhores Amigos



Fonte: Capturas de tela feitas pela autora

Entretanto, alguns jovens preferem continuar utilizando os perfis Dix, pois, não veem sentido na criação de uma outra ferramenta com a mesma funcionalidade, uma vez que já utilizavam o perfil Dix há algum tempo, quando o Instagram lançou o Melhores Amigos. Como é o caso da Entrevistada 5:

Então, eu nunca usei os melhores amigos, eu acho que não tenho nada para mandar só para os meus melhores amigos, tipo, quando eu mando alguma coisa para eles, eu vou no chat e mando mesmo, mas acho que não tem essa coisa tipo “aí vou mandar essa coisa para todos meus melhores amigos”, sabe? Eu acho que não uso essa ferramenta.

Outra razão para a preferência dos jovens pelo perfil Dix é a permanência do Feed, pois utilizando apenas o Melhores Amigos, só é possível postar conteúdos que expiram em 24 horas, sendo essa a principal característica dos *Stories*. Como aponta a Entrevistada 2:

Porque na época que a gente criou o Dix, não tinha ainda essa atualização do Melhores Amigos. E também no Instagram, quando você posta só no Melhores Amigos, é uma coisa mais “ah postou e daqui um dia sai, acabou”, sabe? Não é uma coisa que está lá e vai ficar no seu feed ou alguma coisa assim. Então sei lá, dependendo do conteúdo que você vai postar você quer deixar lá no seu feed, então vai lá e cria um segundo Instagram que é uma coisa mais pessoal, mais sua.

Apesar de semelhantes, o critério adotado para criar a lista de Melhores Amigos respeita uma série de regras impostas por cada usuário. Não tendo uma característica tão fechada, como acontece nos perfis Dix, no Melhores Amigos pode-se entrar e sair da lista de pessoas autorizadas com uma maior mobilidade. Sobre os critérios que adota para utilizar o recurso Melhores Amigos, a Entrevistada 3 comenta:

[...], mas o critério no Melhores Amigos, tem vários. Tem o critério “eu estou no seu também”, aí eu ponho a pessoa no meu também, né? Se eu estou no dela, a gente já se considera amigos e eu tenho que ter tido pelo menos uma interação com a pessoa, nem que seja virtualmente tipo, ah comentou uma foto, conversou por Direct, já pode estar no Melhores Amigos porque não é nada demais. Só eu fazendo palhaçada e graça que eu não posto no *Stories* normal [...] por exemplo, essa semana eu comecei a conversar com uma menina que eu conheço de vista, mas a gente nunca conversou muito, a gente virou amigas e já está no meu “melhores amigos”, veja que o filtro é meio falho. Só que tem uma preocupação, tipo assim, essa pessoa mostraria o meu *Stories* para uma que eu não quero que veja? Possivelmente. Aí essa pessoa eu já tiro.

Por dispor de critérios mais fluidos, e conseqüentemente, aceitar uma gama mais aberta de público, os conteúdos possuem características diferentes. O que no Melhores Amigos assume um perfil descontraído, relaxado e muitas vezes superficial, nos perfis Dix são abordados temas mais profundos e frequentemente polêmicos. Ao comentar sobre seu antigo costume de postar conteúdos relacionados a exposição de seu corpo, a Entrevistada 3 deixa clara a diferença entre as publicações feitas em cada recurso:

No Melhores Amigos tem pessoas da minha família, tem pessoas da minha escola, tem pessoas da minha escola antiga e aí eu falo “não gente, aqui eu não posso postar uma palhaçada dessa”. Então, foi assim que eu também aprendi a tomar juízo [...] para que eu posto? No Melhores Amigos é para passar meu tempo mesmo, então os meus melhores amigos vão me ver desocupada. Agora no meu Dix era uma coisa mais, tipo, para flerte ou eram posts com as minhas amigas ou fotos de festa.

Os relatos evidenciam que, de modo geral, o recurso disponibilizado oficialmente pelo Instagram impactou na popularidade dos perfis Dix, ao trazer a possibilidade, tão cara aos jovens, de poder segregar seu público sem a necessidade de alternar entre diferentes contas. Entretanto, para alguns jovens, a prática já havia se tornado intrínseca, fazendo assim com que trocar de ferramenta fosse visto como sem sentido, ou mesmo como uma atitude tola, uma vez que tal troca traria o ônus da perda de funcionalidades, como um Feed para conteúdos mais pessoais.

5. Consumo e produção de conteúdo no Instagram em tempos de pandemia

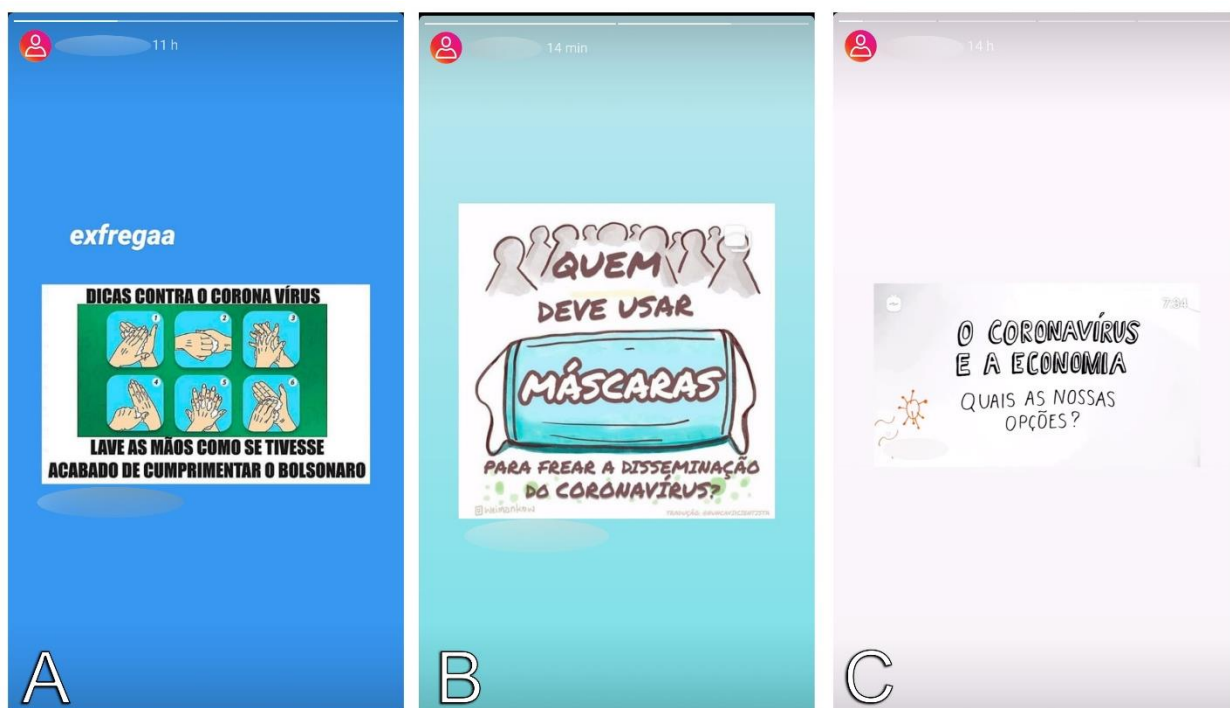
Os coronavírus são uma grande família de vírus comuns em animais como camelos e morcegos, entre outros. Raramente ocorre essa infecção em humanos, porém, em dezembro de 2019, foi registrado na cidade de Wuhan, na China, o primeiro caso deste tipo de infecção causada por um novo coronavírus (SARS-CoV-2). Dando início a uma epidemia de COVID-19, que rapidamente transformou-se em pandemia, causando profundas transformações mundiais.²³

Em fevereiro de 2020, foi registrado na cidade de São Paulo o primeiro caso confirmado da doença no Brasil (OLIVEIRA; LUCAS; IQUIAPAZA, 2020). Na tentativa de conter a transmissão do novo coronavírus, em março de 2020, instituiu-se medida de quarentena no Estado de São Paulo e, conseqüentemente, foram suspensas as aulas presenciais, tanto na rede pública quanto na rede particular de ensino, mudando drasticamente a rotina dos participantes da pesquisa, alterando assim suas relações com o Instagram.

²³ MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Coronavírus (COVID 19):** Perguntas e respostas. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/index.php/perguntas-e-respostas>. Acesso em: 30 nov. 2020.

No início da pandemia, quando tudo ainda era novidade, observou-se no Instagram a reprodução de conteúdo informativo sobre os métodos de prevenção de contágio, como o modo correto de lavar as mãos, o uso correto da máscara em locais públicos e o impacto nos diversos setores, como economia, saúde e educação, entre outros, a exemplo do que mostra a Figura 30.

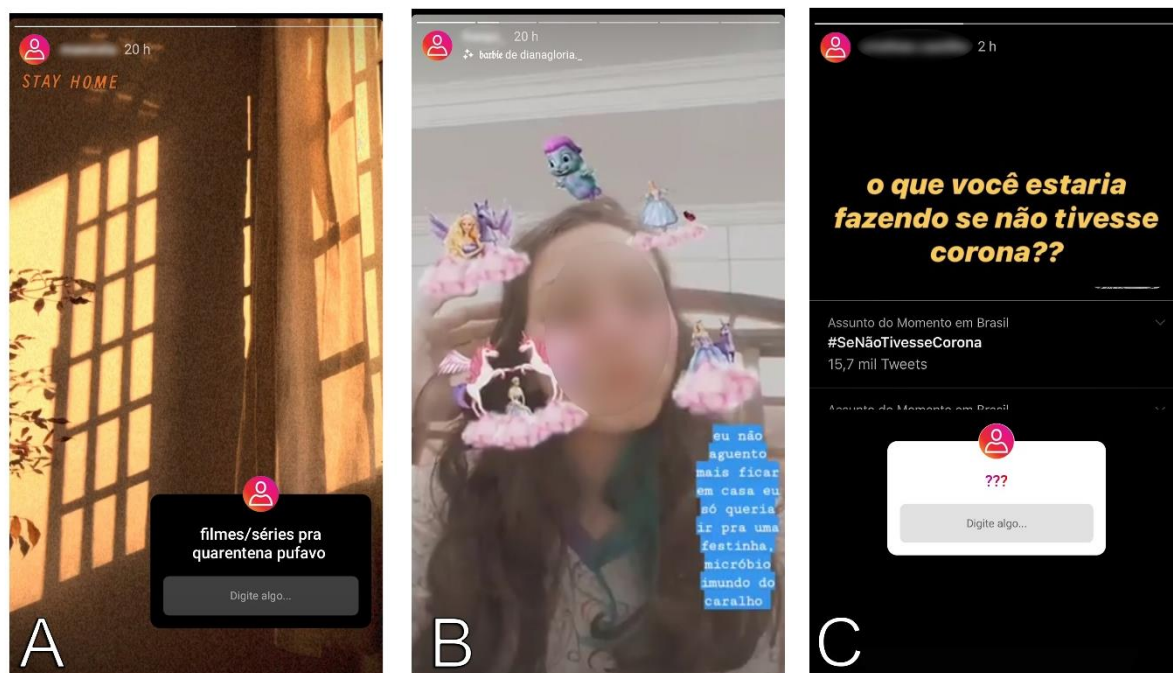
Figura 30 - Postagens sobre a COVID – 19



Fonte: Capturas de tela feitas pela autora

Os temas que inicialmente eram direcionados ao engajamento à nova rotina, deram lugar ao tédio motivado por um cotidiano exclusivamente em casa como principal temática. Com o isolamento social, os jovens começaram a evidenciar em suas postagens um sentimento de enfado. Por consequência, recorreram ao seu público, utilizando a ferramenta Caixa de Perguntas, para pedir sugestões de filmes, séries ou então apenas conversar sobre o período vivido, conforme ilustrado na Figura 31.

Figura 31 - Postagens sobre tédio e interações



Fonte: Capturas de tela feitas pela autora

Ao contrário do que vinham mostrando durante todo o período de coleta de dados até então, houve uma queda considerável na frequência das postagens. Fato esse que pode ser justificado pela comparação dos perfis Dix com o tradicional diário de papel, pois como explicam Heller e Perazzo (2016, p. 114):

Diários, como gênero textual, costumam ter intervalos de silêncio, curtos ou longos. Seja porque há dificuldade de ordem emocional, de natureza política, seja porque não há nada novo que mereça ser registrado, o fato é que raramente encontram-se textos em que todos os dias são relatados.

Entretanto, os entrevistados relatam que o consumo de conteúdos sofreu importantes alterações durante o período de isolamento social. A Entrevistada 2 revela que seu consumo aumentou consideravelmente, até como consequência de ficar mais tempo em casa com o celular:

Eu fico bastante tempo no meu Instagram, seja no Dix, seja no normal, mas no Dix eu mais vejo o que a galera está postando do que posto realmente. No Instagram normal, eu estou perdendo muito seguidor desde que a pandemia começou porque eu não me arrumo, eu não saio de casa, eu não tenho o que postar [...] eu posto mais nos *Stories* do Dix, porque é mais rotina. Mas também não estou saindo, não posto muito no Dix porque não tem muito o que postar mesmo, mas que eu uso o Instagram bem mais, uso com certeza. Eu tenho um negocinho

que alerta, acho que é do próprio iPhone mesmo, que pode colocar um horário, e ele avisa “você ficou duas horas no Instagram” ou “faltam cinco minutos para você ficar duas horas no Instagram ou no Twitter”, alguma coisa assim. [...] Agora eu estou burlando um pouco isso, mas antes quando eu tinha uma rotina eu não burlava não. Dava duas horas e eu dizia “chega, né querida? Já ficou tempo demais”, aí eu saía, mas agora estou dando uma burladinha sim, não vou negar.

O conteúdo consumido pela Entrevistada 4 também se modificou durante o período de isolamento, o que lhe proporcionou experiências diferentes das habituais, ao mesmo tempo que serviu para melhorar seu bem-estar emocional:

Estava na vida agitada de São Paulo, cheia de trabalho, louca, nem pensando em mim, e aí começou a pandemia e parou tudo, e aí nessa que parou tudo, eu achei ótimo porque eu falei “pô, tenho um momento para descansar. Aleluia”, mas ao mesmo tempo veio diversas crises, do tipo “nunca mais me dei uma atenção”, sabe? Porque antes como era corrido, todo tempo que eu tinha a caminho de algum lugar, eu estava consumindo alguma coisa no celular, sabe? Isso principalmente no Instagram, porque eu mexo bastante. Então qualquer coisa eu estava lá vendo, só que o conteúdo que eu buscava bastante antes, era mais tipo grafite. Aí deu a pandemia, veio essas crises e eu falei “meu Deus, estou doente, estou louca” vou fazer o quê? Vou começar a procurar e aí eu chamei umas amigas que eu sigo no Instagram, aí elas passaram página. E aí nessa eu parei de acessar muito grafite e comecei a trabalhar mais o autoconhecimento [...].

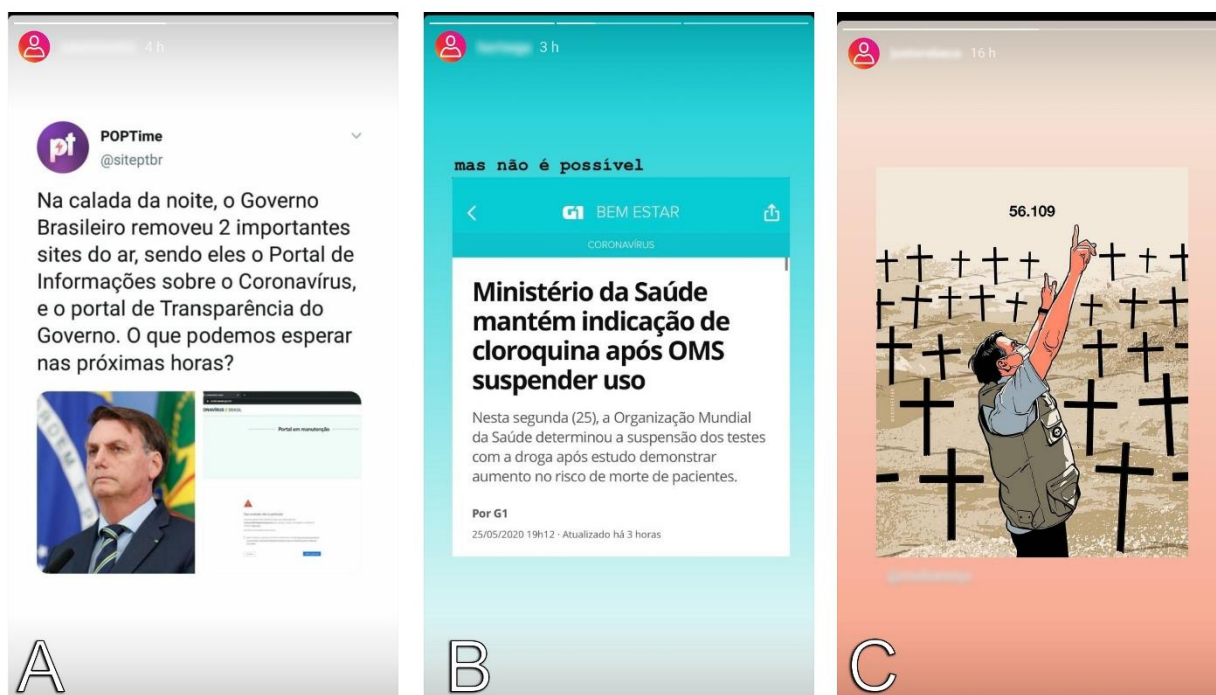
Da mesma forma, os hábitos de consumo e produção de conteúdos no Instagram da Entrevistada 3 sofreram importantes alterações por ocasião da pandemia. Ela começou a postar muito mais *Stories*, inclusive adicionando os próprios vídeos, prática que não fazia anteriormente, uma vez que costumava postar apenas fotos e GIFs. Ainda, passou a utilizar efeitos e a fazer muito mais “gracinhas” no Dix:

Afetou, inclusive o Instagram me avisou disso essa semana, ele falou que eu usei o Instagram 14 horas, aí eu falei “gente, realmente desocupada” e eu comecei a perceber que eu uso muito mais, porque antes eu não tinha nem tempo para isso, eu ia da escola direto pro trabalho, aí eu voltava e eu ainda estudava tipo pro vestibular e as coisas da [nome da escola], tudo mais e eu realmente não tinha tempo de mexer no Instagram, Twitter, eu quase não estava postando nada... E aí eu acabei consumindo bem mais e postando muito mais.

Em um contexto macro, a polarização de ideais políticos tem sido um assunto bastante discutido durante a pandemia. Fato esse que não deixou de afetar os participantes e se tornou um tema recorrente em suas postagens de *Stories*, como

demonstra a Figura 32. As produções de conteúdo político, que até então eram vistas eventualmente, ganharam um viés de crítica social e indignação, com postagens criticando o governo vigente em relação a sua postura de comando, seu despreparo e irresponsabilidade ao que diz respeito ao enfrentamento da pandemia.

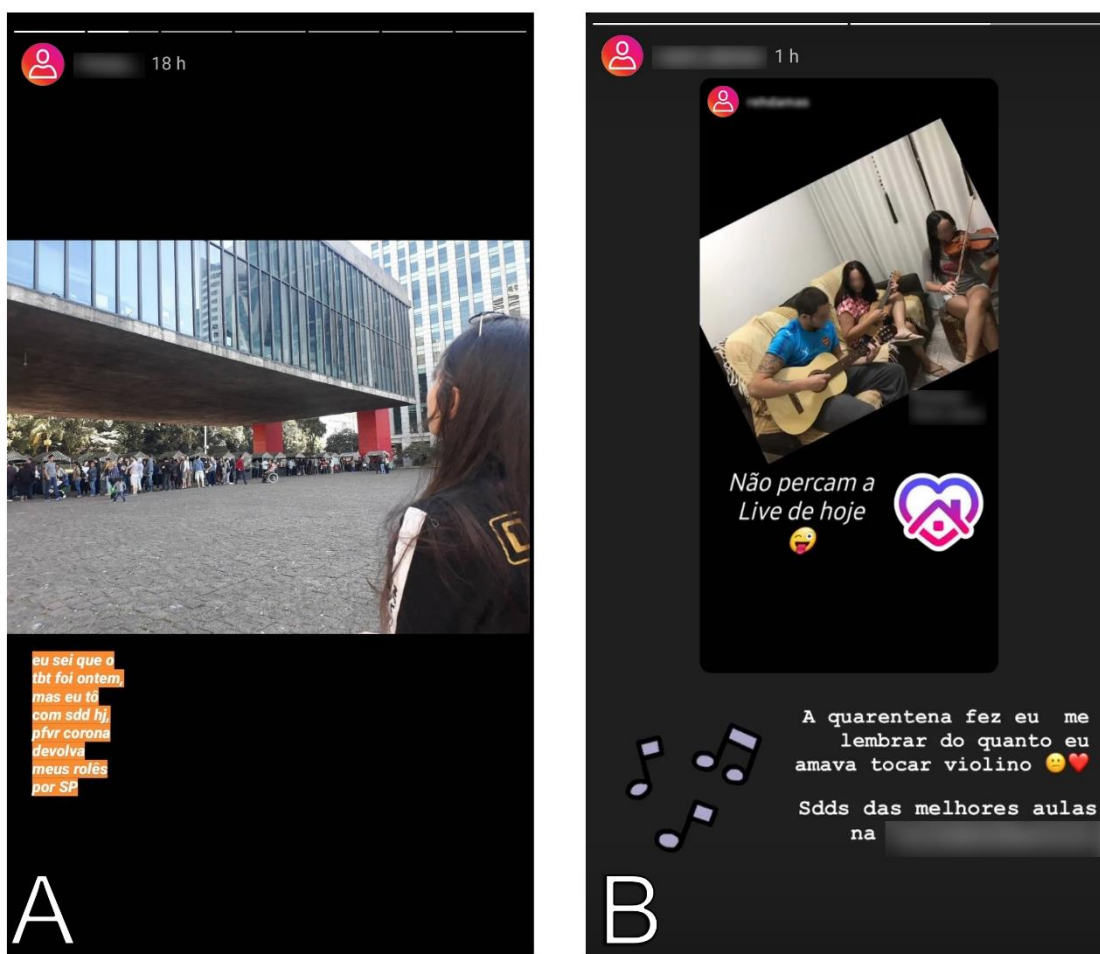
Figura 32 - Postagens sobre Política



Fonte: Capturas de tela feitas pela autora

Conforme os meses de isolamento social foram passando, a nostalgia se tornou recorrente nas publicações dos jovens, com lembranças de fatos sendo divulgadas com maior frequência, principalmente no que se refere às rotinas antigas, a exemplo das postagens ilustradas na Figura 33. O que foi visto nas publicações é uma tentativa de resgate do sentir-se feliz e confortável, diante dos sentimentos de incerteza que tomam conta desses jovens. Sentimento esse compartilhado muitas vezes com a sua rede de amigos. Uma vez que “o conceito de memória é crucial” (LE GOFF, 2003, p. 419), ao compartilhar suas lembranças, os participantes estabelecem um comportamento narrativo, “que se caracteriza antes de mais nada pela sua função social, pois se trata de comunicação a outrem de uma informação, na ausência do acontecimento ou do objeto que constitui o seu motivo” (LE GOFF, 2003, p. 421).

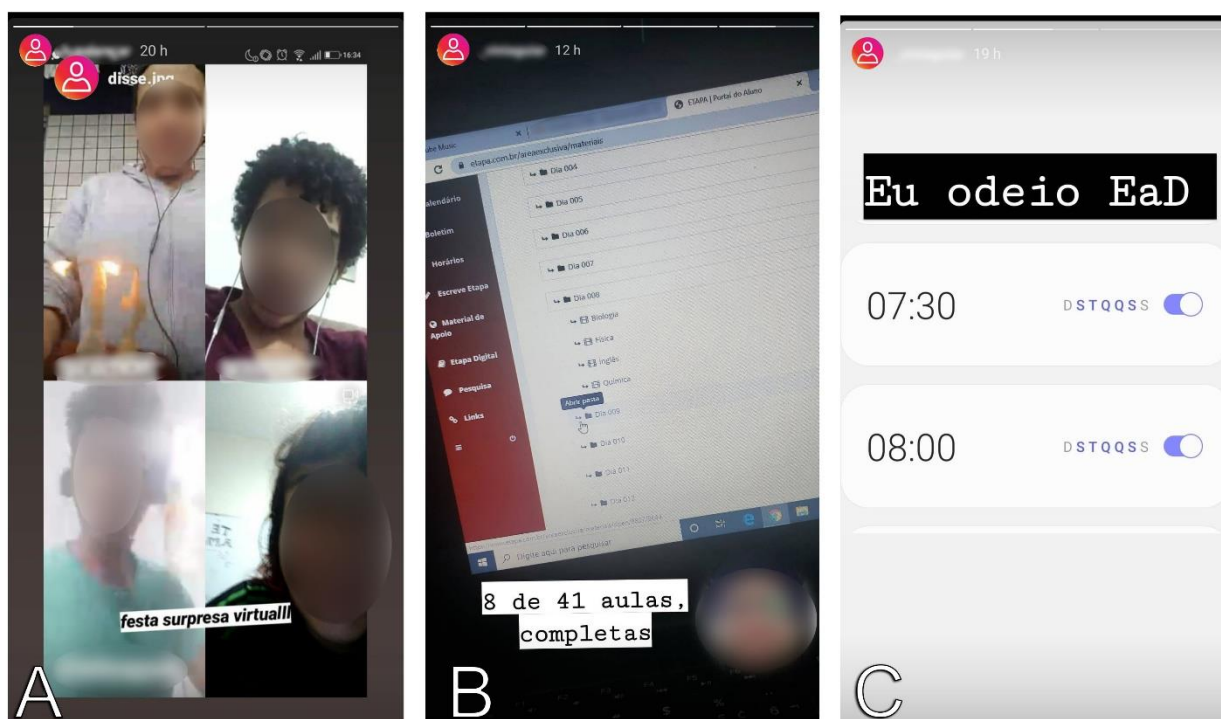
Figura 33 - Postagens com lembranças



Fonte: Capturas de tela feitas pela autora

Ao ver-se em um contexto em que a maior parte de suas relações sociais teriam que ser via internet, os participantes tiveram que adaptar festas de aniversário, reuniões de família e a escola para ambientes completamente *on-line*, como demonstrado na Figura 34. Essa nova rotina também foi amplamente compartilhada por eles. Na rotina escolar, de um modo geral, foi necessária uma adaptação para o ensino à distância, fato que causou certa hostilidade em vários participantes, uma vez que as responsabilidades, como aulas, atividades e provas se acumularam, sem o alívio da convivência presencial diária com os amigos.

Figura 34 - Postagens sobre a nova rotina



Fonte: Capturas de tela feitas pela autora

Por fim, com a flexibilização do isolamento social, decretada em junho de 2020, alguns estabelecimentos foram autorizados a serem reabertos e os participantes começaram a postar sobre sair novamente. Respeitando as normas vigentes com a utilização de máscaras, tendo nesta um novo item do guarda-roupa, como mostra a Figura 35. Desse modo, é possível ter um breve vislumbre sobre como esses jovens se adaptaram ao contexto da pandemia do COVID-19, tendo em vista que todos estão vivendo uma situação inédita. Embora, dividam a sensação de viver algo único com a frustração causada pela sensação de perda, uma vez que os planejamentos precisaram ser revistos e ajustados.

Figura 35 - Postagens sobre voltar a sair de casa



Fonte: Capturas de tela feitas pela autora

CAPÍTULO IV - PRODUTO

Como produto proveniente deste estudo, foi desenvolvido um site, conforme Figura 36, através da plataforma Wix²⁴, com o objetivo de reunir as principais formas de exposição nas redes sociais dos últimos vinte anos. No “Exposição Digital”²⁵, foi compilado o acervo dessas redes para que, assim, sirva como um espaço memorial, visto que, dada a natureza efêmera característica do ambiente virtual, têm-se aí uma ferramenta de resgate do comportamento da época. Dessa forma, torna-se necessária por ser um local onde as principais redes sociais foram compiladas e analisadas de forma inédita. Também, tem a função de desmistificar a visão, tida como senso comum, de que os jovens não se preocupam com a privacidade, pois essa exposição sempre existiu, porém, de formas diferentes. Por fim, auxilia na percepção da dilatação das fronteiras do que é considerado privado e o que pode ser compartilhado ou não. Nesse sentido, os múltiplos recursos disponibilizados pelas redes, como fotos, vídeos, *Lives* e principalmente o alcance dessas redes, em um mundo globalizado e com o acesso à internet facilitado, possibilitam que a audiência dos usuários contemporâneos seja muito maior do que no passado.

Figura 36 - Página Inicial do Exposição Digital



Fonte: Captura de tela feita pela autora

²⁴ Disponível em: <https://pt.wix.com>. Acesso em: 15 mai. 2020.

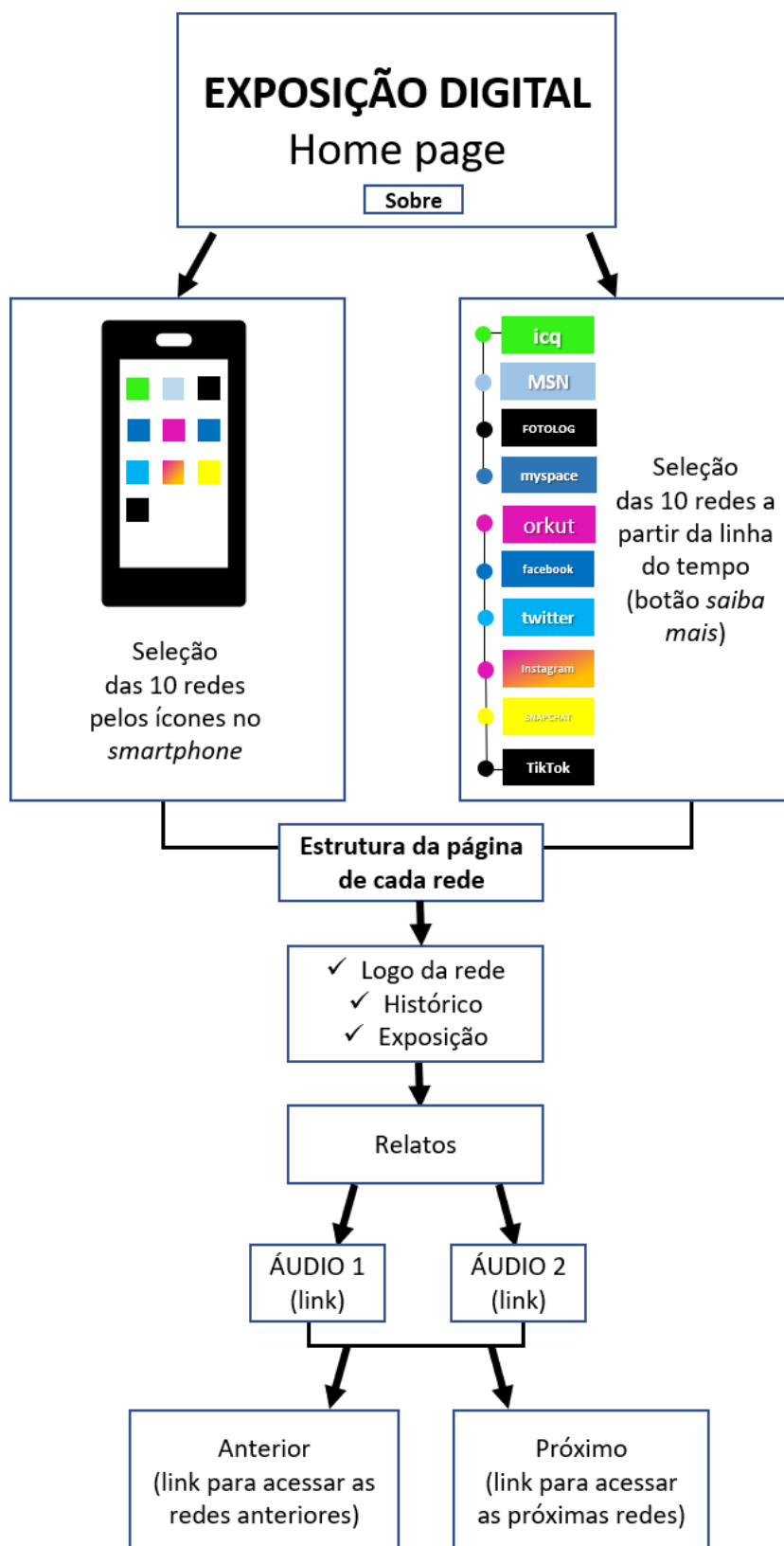
²⁵ Link para acesso ao produto disponível em: <https://bityli.com/C4P46>. Acesso em: 04 dez. 2020.

Um dos poucos trabalhos que se dedicam a resgatar elementos presentes na cultura digital é o #MUSEUdeMEMES²⁶, um projeto desenvolvido pela Universidade Federal Fluminense (UFF) desde 2011, que tem como principal objetivo ser um local de referência para pesquisadores interessados na investigação sobre o universo dos memes, e por essa razão foi utilizado como inspiração para a criação do produto deste estudo, “Exposição Digital”.

No que se refere ao público-alvo do Exposição Digital, centra-se em pesquisadores e estudiosos do tema, mas também é indicado para qualquer pessoa que se interesse pelo assunto.

A plataforma conta com uma lógica que respeita a narrativa temporal e faz a ligação de uma forma didática entre as semelhanças e diferenças das diversas formas de exposição. Para isso, as redes sociais foram organizadas de modo que demonstrassem período a período de sua atividade, da mais antiga para a mais recente. Sendo a linha temporal o ponto de partida para desenvolver esse produto, pode ser visto a seguir um esboço do *layout* do site (Figura 37), desenvolvido para melhor compreensão.

²⁶ Disponível em: <https://www.museudememes.com.br/>. Acesso em: 10 mai. 2020.

Figura 37 - Esboço do *layout* do site

Fonte: Autora

Especificamente sobre as redes sociais escolhidas para o produto, é importante ressaltar que optou-se por um total de dez redes sociais de destaque em suas épocas e que respondem ao conceito estabelecido por Boyd e Ellison (2007), que consideram sites de rede social aqueles que permitem ver e navegar em conexões disponibilizadas na mesma ferramenta e que possibilitam a construção de um perfil público ou semipúblico, além da articulação de uma lista de conexões (também pública ou semi pública). Na sequência, as plataformas selecionadas serão brevemente apresentadas:

- ICQ: criado em 1996, tinha como principal objetivo possibilitar a comunicação instantânea entre usuários do sistema operacional Windows²⁷;
- MSN: a fim de disputar mercado com outros mensageiros da época, em 1999 a Microsoft lançou o MSN, que se tornou um dos principais mensageiros *on-line* dos anos 2000²⁸;
- Fotolog: criado em 2002, seu nome vem da junção entre Fotos e Blogs, onde o usuário postava uma foto seguida de um breve texto e, posteriormente, poderia receber comentários de quem gostasse do perfil²⁹;
- MySpace: fundado em 2003, o site era focado para que as pessoas pudessem usar a rede para compartilhar suas produções artísticas³⁰;

²⁷ SALES, Amanda. ICQ, o que é? Origem e história do famoso aplicativo de mensagens. **Segredos do Mundo – R7**, 01 nov. 2020. Disponível em: <https://segredosdomundo.r7.com/icq/>. Acesso em: 26 out. 2020.

²⁸ MOTA, P.H. MSN Messenger – Ascensão e queda do mensageiro dos anos 2000. **Segredos do Mundo – R7**, 08 ago. 2020. Disponível em: <https://segredosdomundo.r7.com/msn-messenger-historia/>. Acesso em: 26 out. 2020.

²⁹ SEGREDOS DO MUNDO. Fotolog, o que é? Origem, história, altos e baixos da plataforma de fotos. **Segredos do Mundo – R7**, 17 jun. 2020. Disponível em: <https://noticias.r7.com/hora-7/segredos-do-mundo/fotolog-o-que-e-origem-historia-altos-e-baixos-da-plataforma-de-fotos-17062020>. Acesso em: 26 out. 2020.

³⁰ MOTA, P.H. MySpace – História e evolução da rede social sucesso dos anos 2000. **Segredos do Mundo – R7**, 25 out. 2020. Disponível em: <https://segredosdomundo.r7.com/myspace-historia/>. Acesso em: 26 out. 2020.

- Orkut: criado em 2004, no seu início apenas era possível ingressar por meio de convite de outros membros. Além disso, possuía a funcionalidade de postar depoimentos para amigos e seu recurso mais utilizado eram as comunidades³¹;
- Facebook: criado em 2004, tinha como objetivo unir os usuários em um espaço onde pudessem adicionar amigos e compartilhar informações através de seus perfis.³² Anos depois de seu lançamento, o objetivo se mantém o mesmo, porém, ao longo dos anos, a rede tem se adaptado às necessidades dos internautas, incluindo ferramentas e funcionalidades;
- Twitter: é uma rede social e um serviço de *microblogging*. Lançado em 2006, possibilita o envio e recebimento de atualizações pessoais entre os usuários, conhecidos como *tweets*. A rede foi pensada como uma plataforma de comunicação baseada em SMS, em que as pessoas poderiam partilhar com seus amigos o que estavam fazendo por uma mensagem de texto enviada para um mesmo número. E, por isso, impunha uma limitação de 140 caracteres por *tweet*, limite suportado por mensagens de texto da época³³;
- Instagram: lançado em 2010, o aplicativo tinha como principal objetivo a postagem de fotos no formato quadrado, que se tornou característico da rede social. Ao ser comprada pelo Facebook em 2012, foi incorporada uma série de atualizações e novos recursos à plataforma³⁴;

³¹ SEGREDOS DO MUNDO. Orkut – Origem, história e evolução da rede social que marcou a internet. **Segredos do Mundo – R7**, 18 jun. 2020. Disponível em: <https://noticias.r7.com/hora-7/segredos-do-mundo/orkut-origem-historia-e-evolucao-da-rede-social-que-marcou-a-internet-18062020>. Acesso em: 26 out. 2020.

³² REDATOR ROCK CONTENT. Quem inventou o Facebook? Conheça a trajetória de Mark Zuckerberg. **Rock Content Blog**, 17 abr. 2017. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/quem-inventou-o-facebook/>. Acesso em: 26 out. 2020.

³³ KINAST, Priscilla. A História do Twitter. **Oficina da Net**, 24 fev. 2020. Disponível em: <https://www.oficinadanet.com.br/historiasdigitais/29858-historia-do-twitter>. Acesso em: 10 jun. 2020.

³⁴ GIANTOMASO, Isabela. Instagram: lembre as maiores mudanças da rede social de foto. **TechTudo**, 23 abr. 2018. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2018/04/instagram-relembre-as-maiores-mudancas-da-rede-social-de-foto.ghtml>. Acesso em: 10 jun. 2020.

- Snapchat: é um aplicativo que chegou oficialmente ao Brasil em 2016, disponível para *smartphones* iOS e Android, tendo como base a comunicação com imagens. Nele, os usuários podem tirar foto, gravar vídeos e adicionar textos, desenhos e filtros nas imagens para enviar a sua lista de amigos. O tempo de cada *snap*, como são chamados esses envios, é de 1 a 10 segundos e o remetente pode escolher por quanto tempo ele poderá ser visualizado³⁵;
- TikTok: lançada em 2016, é uma rede social de vídeos curtos, com duração de no máximo 15 segundos, em que é possível fazer dublagens de músicas, enquetes, conteúdos interativos e os famosos *challenges*, que são desafios criados por um usuário para que os outros façam as suas próprias versões³⁶.

Cada rede social segue o mesmo padrão estrutural, abarcando “histórico”, “exposição” e “relatos”, dispostos em uma página exclusivamente dedicada a ela. Por meio dos botões “próxima” e “anterior” é possível navegar entre as páginas de cada rede, sempre sendo respeitado o caráter temporal, ou seja, a data de lançamento de cada plataforma, da primeira para a última.

No Histórico, é descrito um texto que explica brevemente a história da rede social em questão, intercalado com *Gifs* que mostram graficamente a evolução das interfaces ao longo dos anos. No caso dos sites mais antigos, os *Gifs* também têm a função de auxiliar na visualização de como funcionavam as redes já extintas. Na aba Exposição, são retratados exemplos de práticas, que muitas vezes se tornam parte da cultura de cada uma, demonstrando, assim, como a interação entre os usuários acaba por incentivar a exposição. Já na aba Relatos, é possível ter acesso a depoimentos de usuários reais, contando sua experiência nas redes. A sequência encontrada em cada página é ilustrada pelas Figuras 38, 39 e 40, que correspondem a rede social Twitter.

³⁵ CRISCUOLO, Isaque. Snapchat chega oficialmente ao Brasil. **Meio e Mensagem**, 24 out. 2016. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2016/10/24/snapchat-chega-oficialmente-ao-brasil.html>. Acesso em: 10 jun. 2020.

³⁶ EXTRA. Fenômeno entre os famosos, TikTok faz sucesso durante a quarentena; entenda como funciona o aplicativo. **Extra – Globo**, 14 maio. 2020. Disponível em: <https://extra.globo.com/tv-e-lazer/fenomeno-entre-os-famosos-tiktok-faz-sucesso-durante-quarentena-entenda-como-funciona-aplicativo-24427089.html>. Acesso em: 28 maio. 2020.

Figura 38 - Histórico do Twitter



Fonte: Captura de tela feita pela autora

Figura 39 - Exposição do Twitter





Fonte: Captura de tela feita pela autora

Figura 40 - Relatos do Twitter

Relatos

Nesse espaço, estão os relatos sobre a utilização das redes sociais por usuários diversos. O que você acha de compartilhar a sua experiência também? Para isso, [clique aqui](#), siga as instruções e preencha o formulário. Ah! E lembre-se, os arquivos devem estar apenas em formato de áudio.

	Amanda 25 anos Usuária há 8 anos			Thais 21 anos Usuária há 4 anos	
---	---	---	---	--	---

© 2020 por Milena Garcia Chelbi.com/Vix.com

Fonte: Captura de tela feita pela autora

Levando em consideração o rápido desenvolvimento de novas redes sociais em curtos períodos de tempo, este site configura-se como um espaço aberto e colaborativo, com possibilidades de ser expandido a partir das contribuições dos usuários, que poderão, futuramente, encaminhar conteúdos sobre suas experiências. Para isso, é disponibilizado na tela de relatos um formulário, desenvolvido por meio da ferramenta *Google Forms*³⁷, que além de servir como uma autorização para uso de imagem e som, também viabiliza o envio do relato em formato de áudio contando sua experiência com as redes disponíveis no site.

³⁷ Disponível em: <https://www.google.com/intl/pt-BR/forms/about/>. Acesso em: 20 set. 2020.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos últimos anos, o Instagram tem se estabelecido como uma das principais redes sociais virtuais, sempre se atualizando com novos recursos, que têm atraído cada vez mais a adesão dos jovens. Dentre as funcionalidades oferecidas na plataforma, os *stories* se destacam na preferência dos usuários. Diante dessa realidade, este estudo buscou compreender as apropriações feitas da ferramenta *Stories* do Instagram pelo público jovem através de seus perfis principais e perfis Dix. Deve-se ressaltar a abordagem inovadora desta investigação, o que fortalece sua contribuição para o meio acadêmico, dado o número incipiente de trabalhos relacionados à ferramenta *Stories* e a inexistência de pesquisas com a participação de perfis Dix.

Inicialmente, foi feita uma revisão teórica pautada em diferentes fontes para sustentar os três eixos apresentados. O primeiro aborda discussões sobre as redes sociais virtuais, imagem e sociedade contemporânea, com destaque para o Instagram. O segundo eixo trata da identidade juvenil na sociedade contemporânea e o terceiro dedica-se a realizar reflexões sobre privacidade e exposição de si na era digital.

Para alcançar os objetivos, esta investigação, de natureza exploratória, apoiou-se nos pressupostos da netnografia, atentando-se rigorosamente aos princípios éticos, de forma a garantir a integridade dos participantes. Para tal, foram selecionados 41 jovens com contas no Instagram (29 perfis principais e 12 perfis Dix) que aceitaram integrar o estudo. Deve-se ressaltar que os usuários tinham entre 15 e 18 anos, todos residentes na Região Metropolitana de São Paulo. Três passos nortearam o percurso netnográfico: *Web Scraping*, técnica que permitiu a extração de dados dos perfis selecionados; observação participante, realizada durante 10 meses com a finalidade de observar diariamente o comportamento dos jovens a partir das postagens; e entrevistas por vídeo com 5 dos participantes do grupo, que trouxeram informações complementares e esclarecimentos sobre questões levantadas durante a observação participante.

Com base na metodologia de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2016), foram definidas cinco categorias que envolvem as discussões e reflexões do estudo. Na primeira, “Conhecendo o Dix”, pôde-se apurar que os perfis Dix são redes interpessoais e que os participantes geralmente têm conhecimento destes por meio de amigos, ou seja, um faz, conta para o outro e o processo se espalha. Há também

a modalidade dos Dix compartilhados, perfis em que grupos de três ou quatro amigos utilizam a mesma senha e postam conteúdos para eternizar os momentos em que estão juntos. E a atmosfera dos perfis Dix é muito leve, descontraída, com postagens de brincadeiras que não costumam aparecer nos perfis principais do Instagram, naqueles perfis de pessoas que têm uma conta só. Também, os usuários de contas Dix costumam seguir apenas usuários da mesma conta, o que torna o ambiente mais fechado ainda. Da mesma forma, os usuários em seus perfis principais seguem somente perfis principais. Enquanto o perfil principal é considerado um espaço para compartilhar imagens bonitas, de viagens, com uma estética perfeita, no perfil Dix não há nenhuma preocupação estética, logo, ocorre um julgamento por parte de usuários quando alguém coloca imagens bonitas. Por ser um perfil privado, o Dix dá ao usuário maior liberdade para tratar de assuntos delicados, como questões referentes à comunidade LGBTQIA+, principalmente quando não há aceitação da sexualidade por familiares.

A segunda categoria, “O Olhar do Jovem para o Instagram como Plataforma Digital”, traz percepções dos jovens sobre a relação entre os perfis principal e Dix. De modo geral, eles veem o perfil principal como um local rígido, que exige conteúdos perfeitos, causando, muitas vezes, uma pressão muito grande sobre o que postar, pois as publicações precisam ser estrategicamente pensadas, com a utilização de recursos multimídia, a exemplo de músicas adicionadas nos *stories* e inserção de *sticker*, tudo com a intenção de compor uma estética irreparável, sem espaço para falar alguma coisa da vida. Já nos perfis Dix tudo é completamente sem pretensão de estar sempre perfeito, performado, são postagens divertidas, que utilizam, em sua maioria, filtros de jogos e brincadeiras. Relativamente a análise utilizando-se o *Web Scraping*, que envolveu 31 contas femininas e 10 masculinas, dentre os principais resultados, pôde-se constatar que os perfis principais são, em sua quase totalidade, abertos, enquanto todos os perfis Dix investigados eram privados. Também, notou-se que os dois perfis apresentam alto índice de utilização de *hashtags* pelos usuários. Percebeu-se ainda que o recurso Carrossel é utilizado pela maioria dos perfis analisados. Com relação aos apelidos, constatou-se que são usados na maioria dos perfis Dix e em uma minoria dos perfis principais. Já a prática de seguir *hashtags* é mais comum nos perfis principais. No que se refere a utilização de destaques dos *stories*, observou-se um certo equilíbrio nos dois perfis, com uma maior incidência no perfil principal.

Na terceira categoria, “A Percepção da Privacidade e Intimidade do Jovem Atual”, ficou evidente a partir das postagens que os jovens se expõem de diversas formas nos Dix, justamente por considerarem um perfil fechado e por conhecerem o público que está lá. Pôde-se observar publicações com exposição de sentimentos, como choro e desabafo, além da exposição do corpo, sendo comum aparecerem com roupas íntimas e trajes de banho, prática que envolve meninas e meninos, com um maior destaque para as meninas. Também, notou-se conteúdos sobre o consumo de álcool e drogas, sendo frequentes postagens que mostravam embalagens de bebidas, como latas e garrafas. A droga em si não aparecia nas publicações, mas pôde ser observada dentro das narrativas, vivências. Entretanto, percebeu-se que o ponto central da discussão sobre privacidade e intimidade é que os jovens não acreditam que a privacidade deles está no que eles expõem, mas sim em quem vê os conteúdos. Logo, se eles têm o controle de quem vê as postagens, consideram que sua privacidade é respeitada e não está sendo exposta.

Por meio da quarta categoria, “Melhores Amigos e Dix: Listas Seletas para Objetivos Diferentes”, pôde-se observar que quando surgem novos recursos dentro das plataformas, os jovens estão atentos para testá-los e avisar os amigos sobre as novas possibilidades. O recurso Melhores Amigos foi colocado no Instagram em novembro de 2018, sendo uma funcionalidade dos *stories*. Com ele, pode-se criar uma lista seleta de quem está liberado para ver os conteúdos. Nesse sentido, foi percebido no período de coleta de dados que ocorreu um movimento de migração de alguns participantes dos perfis Dix para começar a usar o recurso. Naturalmente, os participantes que aderiram a essa nova funcionalidade inseriram a pesquisadora nesta lista. Dentre as motivações apuradas para deixar o Dix e aderir ao Melhores Amigos, pôde-se destacar a saturação do Dix e a centralização de postagens em uma só conta. Por outro lado, constatou-se também jovens que não pretendiam usar o Melhores Amigos.

Por fim, a quinta categoria, “Consumo e Produção de Conteúdo no Instagram em Tempos de Pandemia”, mostra as mudanças comportamentais percebidas nas postagens durante o desenvolvimento da pandemia de Covid-19. A coleta de dados deste estudo ocorreu no período de setembro de 2019 a junho de 2020, absorvendo a crise sanitária que começa a se expandir no Brasil a partir de março de 2020, mudando drasticamente a rotina dos jovens, o que também alterou a relação destes com o Instagram. No começo, quando tudo era novidade, observou-se postagens

sobre Covid, uma reprodução de conteúdos informativos, a exemplo da necessidade de lavar as mãos constantemente, usar máscara e sobre os impactos sociais e econômicos provenientes desta pandemia. Logo depois percebeu-se um período de postagens de tédio e uma redução drástica no número de publicações, fato justificado por eles pela falta do que postar. Paralelamente a isso, os jovens afirmaram que nesta fase o consumo de imagens aumentou significativamente. Na sequência, veio a nova rotina, com aulas, festas e encontros *on-line*. Até que em julho de 2020 os estabelecimentos voltam a abrir gradativamente, e os jovens postam conteúdos sobre voltar a sair de casa com uso de máscara e seguindo todas as recomendações.

Relativamente ao produto desta dissertação, o site “Exposição Digital” foi idealizado como um espaço memorial para mapear, a princípio, discussões sobre a exposição dos usuários envolvendo 10 redes sociais de destaque em diferentes épocas. Os conteúdos do site buscam mostrar que a exposição não começou quando o Instagram foi inventado, mas vem de muito tempo. Seguindo uma narrativa cronológica, pode-se acessar as informações contidas em cada rede social, que tem uma mesma estrutura de navegação: histórico, evolução da interface, formas de exposição e relatos de usuários reais. O produto é expansível e colaborativo, logo, poderá ser ampliado a partir das contribuições de usuários com o envio de conteúdos que representem sua relação com determinadas plataformas, podendo-se tornar uma referência para estudos que envolvam comportamento e exposição nas redes sociais virtuais.

Em linhas gerais, pôde-se concluir que as postagens dos perfis principais utilizam recursos multimídia e filtros que melhoram esteticamente a qualidade das imagens. Também, há recursos para adicionar músicas, de forma a auxiliar na composição da mensagem desejada. Já os perfis Dix privilegiam o humor e a sexualidade, sendo considerados pelos participantes um ambiente seguro para o compartilhamento de emoções negativas, além da exposição de conteúdos delicados, como álcool, drogas e fotos do corpo. Ainda, foi possível constatar que as noções de privacidade mudam com o passar das gerações. Logo, para os jovens, a privacidade é vista de uma forma muito própria, pois o ambiente *on-line* amplia seus horizontes. Dessa maneira, a relação entre o que é público e o que é privado ganha novas proporções, ou seja, os jovens não abdicaram de sua privacidade, no entanto, lidam com ela de um jeito particular.

REFERÊNCIAS

ACASO, María. **La educación artística no son manualidades**: nuevas prácticas en la enseñanza de las artes y la cultura visual. Madrid: Catarata, 2009.

ALMEIDA, Maria Elizabeth B. de; VALENTE, José Armando. Integração currículo e tecnologias e a produção de narrativas digitais. **Currículo sem Fronteiras**, v. 12, n. 3, p. 57-82, set./dez. 2012.

AMANTE, Lúcia; MARQUES, Helena; CRISTOVÃO, Maria do Rosário; OLIVEIRA, Paula; MENDES, Sandra. Jovens e processos de construção de identidade na rede: O caso do Facebook. **Educação, Formação & Tecnologias**, v. 7, n. 2, p. 26-38, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://eft.educom.pt/index.php/eft/article/view/414>. Acesso em: 19 jan. 2020.

ANDALIBI, Nazanin; OZTURK, Pinar; FORTE, Andrea. Sensitive self-disclosures, responses, and social support on Instagram: the case of# depression. *In: Proceedings of the 2017 ACM Conference on Computer Supported Cooperative Work and Social Computing*. Portland, Oregon (EUA): Association for Computing Machinery, 2017.

ANDALIBI, Nazanin; HAIMSOM, Oliver; CHOUDHURY, Munmun; FORTE, Andrea. Understanding social media disclosures of sexual abuse through the lenses of support seeking and anonymity. *In: Proceedings of the 2016 CHI Conference on Human Factors in Computing Systems*. San Jose, Califórnia, EUA: Association for Computing Machinery, 2016.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Revista Estudos Históricos**, v. 11, n. 21, 1998. Disponível em: <http://virtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061/1200>>. Acesso em: 19 dez. 2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**: edição revista e ampliada. Trad. Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BAZAROVA, Natalya N.; CHOI, Yoon Hyung; SOSIK, Victoria Schwanda; COSLEY, Dan; WHITLOCK, Janis. Social Sharing of Emotions on Facebook. *In: Proceedings of the 18th ACM Conference on Computer Supported Cooperative Work & Social Computing – CSCW 2015*. Vancouver, BC, Canadá: Association for Computing Machinery, 2015.

BOURDIEU, Pierre. **Un art moyen**. Paris: Minuit, 1965. 368 p.

BOYD, Danah. Friendster and Publicly Articulated Social Networks. *In: Conference on Human Factors and Computing Systems (CHI 2004)*. Vienna: ACM, 2004.

BOYD, Danah; HEER, Jeffrey. Profiles as Conversation: networked identity performance on friendster. *In: Proceedings of the 39th Annual Hawaii International Conference on System Sciences (Hicss'06)*. Kauai, HI: IEEE Computer Society, 2006.

BOYD, Danah M.; ELLISON, Nicole B. Social Network Sites: definition, history, and scholarship. **Journal of Computer-Mediated Communication**, [s. l.], v. 13, n. 1, p. 210-230, out. 2007. Disponível em: <https://academic.oup.com/jcmc/article/13/1/210/4583062>. Acesso em: 30 nov. 2020.

BOYD, Danah. Social Network Sites as networked publics: affordances, dynamics, and implications. *In*: PAPACHARISSI, Zizi (ed.). **A networked self**: identity, community, and culture on social network sites. London: Routledge, 2011, pp. 39-58.

BOYD, Danah. **É Complicado**: as vidas sociais dos adolescentes em rede. Lisboa: Relógio D'Água, 2014. 307 p.

BORDO, Susan. **Unbearable weight**: feminism, western culture, and the body. Califórnia: University of California Press, 2004. 400 p.

BRIGGS, Charles L.; BAUMAN, Richard. Genre, Intertextuality, and Social Power. **Journal of Linguistic Anthropology**, [s. l.], v. 2, n. 2, p. 131-172, dez. 1992. Disponível em: <https://anthrosource.onlinelibrary.wiley.com/toc/15481395/1992/2/2>. Acesso em: 01 dez. 2020.

BRUNO, Fernanda. **Máquinas de ver, modos de ser**: vigilância, tecnologia e subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2013. 190 p.

CALDEIRA, Sofia P. Identities in flux: an analysis to photographic self-representation on Instagram. **Observatorio (OBS*)**, [s. l.], v. 10, n. 3, p.135-158, 2 nov. 2016. Disponível em: <http://obsdev.addition.pt/index.php/obs/article/view/1031>. Acesso em: 30 dez. 2020.

CAMPOS, Ricardo. Juventude e visualidade no mundo contemporâneo: uma reflexão em torno da imagem nas culturas juvenis. **Sociologia, Problemas e Práticas**, Oeiras, n. 63, p. 113-137, maio. 2010. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65292010000200007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 01 dez. 2020.

CAMPOS, Ricardo. A pixelização dos muros: graffiti urbano, tecnologias digitais e cultura visual contemporânea. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 543-566, maio/ago. 2012. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/12338>. Acesso em: 01 dez. 2020.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**: a era da Informação: economia, sociedade e cultura, v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CATALÀ-DOMÈNECH, Josep M. **A forma do real**. São Paulo: Summus, 2011.

COSTA, João Roberto Vieira da. **Comunicação de Interesse Público**: Ideias que movem pessoas e fazem um mundo melhor. São Paulo: Jaboticaba, 2006.

DABAS, Chitra Srivastava; MCCRACKEN, Sarah; ROMERO, Karina; CHUNG, Sarah. Changing needs of millennial customers: role of social responsibility

perception and Instagram engagement in determining purchase intention. *In: International Textile and Apparel Association Annual Conference Proceedings*, 74, 2017. St. Petersburg, ITAA, 2017.

DEGER, Jennifer. Thick photography. *Journal of Material Culture*, [s. l.], v. 21, n. 1, p. 111-132, mar. 2016. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1359183515623312>. Acesso em: 01 dez. 2020.

DELEUZE, Gilles. **A Imagem-tempo**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DEWAR, Sofia; ISLAM, Schinria; RESOR, Elizabeth; SALEHI, Niloufar. Finsta: creating "fake" spaces for authentic performance. *In: Extended abstracts of the 2019 CHI Conference on Human Factors in Computing Systems*. [s. l.], ACM, maio. 2019.

DEWEY, Susan. "Dear Dr. Kothari...": sexuality, violence against women, and the parallel public sphere in India. *American Ethnologist*, [s. l.], v. 36, n. 1, pp. 124-139, fev. 2009. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/27667533>. Acesso em: 01 dez. 2020.

DUNKER, Christian. **Reinvenção da intimidade**: políticas do sofrimento cotidiano. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

ERIKSON, Erik H. **Identidade, juventude e crise**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

ERIKSON, Erik H. **Identity: Youth and Crisis**. Nova York: Norton, 1968. 336 p.

FAHEY, Tony. Privacy and the family: conceptual and empirical reflections. *Sociology*, [s. l.], v. 29, n. 4, p. 687-702, nov. 1995. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0038038595029004008>. Acesso em: 01 dez. 2020.

FALANDES, Carolina Gois. **A Cultura da Imagem Digital na Vida dos Jovens**: percepções sobre as narrativas em 360°. 1. ed. Aveiro, Portugal: Ria Editorial, 2020. 241p. Disponível em: <http://www.riaeditorial.com/index.php/a-cultura-da-imagem-digital-na-vida-dos-jovens-percepcoes-sobre-as-narrativas-em-360/>. Acesso em: 30 nov. 2020.

FEIXA, Carles. **De jóvenes, bandas y tribus**. Barcelona: Ariel, 1999.

FELDMAN, Illana. **Intervenções artísticas?** 2004. Disponível em www.uol.com.br/tropico. Acesso em: 1 dez. 2020.

FERWERDA, Bruce; SCHEDL, Markus; TKALCIC, Marko. Using Instagram picture features to predict users' personality. *Multimedia Modeling*, [s. l.], p. 850-861, 2016. Disponível em: <https://www.springerprofessional.de/using-instagram-picture-features-to-predict-users-personality/6891360>. Acesso em: 1 dez. 2020.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado**: por uma filosofia do design e da comunicação. Organizado por Rafael Cardoso. Tradução de Raquel Abi-Sâmara. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

FONTENELLE, Isleide Arruda. **O nome da marca**: Mc Donald's, feiticismo e cultura descartável. São Paulo: Boitempo, 2002.

FROMMER, Dan. Here's How To Use Instagram. **Business Insider**, 01 nov. 2010. Disponível em: <https://www.businessinsider.com/instagram-2010-11>. Acesso em: 12 jan. 2020.

FUNDAÇÃO TELEFÔNICA. **Juventude Conectada**. Agência de Conteúdo, 2014.

GADLIN, Howard. Child discipline and the pursuit of self: an historical interpretation. **Advances in Child Development and Behavior**, [s. l.], v. 12, p. 231-265, 1978. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0065240708600397>. Acesso em: 12 jan. 2020.

GANDY JR, Oscar H. Coming to terms with the Panoptic Sort. *In*: LYON, David; ZUREIK; Elia (org.). **Surveillance as social sorting**: privacy, risk and digital discrimination. London: Routledge, 1996. p. 132-155.

GARDNER, Howard; DAVIS, Katie. **The app generation**: how today's youth navigate identity, intimacy, and imagination in a digital world. New Haven e London: Yale University Press, 2013.

GERSHON, Ilana. Language and the newness of media. **Annual Review of Anthropology**, [s. l.], v. 46, n. 1, p. 15-31, 23 out. 2017. Disponível em: <https://www.annualreviews.org/doi/abs/10.1146/annurev-anthro-102116-041300>. Acesso em: 12 jan. 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5a ed. São Paulo: Editora Atlas S. A, 2010.

GOFFMAN, Erving. **A apresentação do Eu na vida de todos os dias**. Lisboa Relógio d'Água, 1993.

GOFFMAN, Erving. **The presentation of self in everyday life**. 1956. 173 f. Monografia (Curso de Social Sciences) – University of Edinburgh, Edimburgo, 1956. Disponível em: https://monoskop.org/images/1/19/Goffman_Erving_The_Presentation_of_Self_in_Everyday_Life.pdf. Acesso em: 12 jan. 2020.

GOMES, Ângela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GROPPO, Luís Antonio. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HAGE, Zakiee Castro Mufarrej; KUBLIKOWSK, Ida. Estilos de uso e significados dos autorretratos no Instagram: Identidades narrativas de adultos jovens brasileiros. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 522-539, ago. 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/44285/30183>. Acesso em: 12 jan. 2020.

HAIMSON, Oliver L.; BRUBAKER, Jed R.; DOMBROWSKI, Lynn; HAYES, Gillian R. Digital Footprints and Changing Networks During Online Identity Transitions. *In: Proceedings of the 2016 CHI Conference on Human Factors in Computing Systems*. [s. l.], p. 1-13, ACM, 7 maio 2016.

HEARN, Alison. Structuring feeling: Web 2.0, online ranking and rating, and the digital 'reputation' economy. **Ephemera Theory & Politics in Organization**, v. 10, p. 421-438, 2010. Disponível em: <http://www.ephemerajournal.org/sites/default/files/10-3hearn.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2020.

HELLER, Barbara; PERAZZO, Priscila Ferreira. Lembrar para não esquecer, não esquecer de lembrar: diários e memórias do holocausto: diários e memórias do holocausto. **Revista Contracampo**, Niterói, v. 35, n. 1, p. 106-124, 27 abr. 2016. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17563>. Acesso: 12 jan. 2020.

HOCHMAN, Nadav; MANOVICH, Lev. Zooming into an Instagram city: reading the local through social media. **First Monday**, Chicago, v. 18, n. 7, jul. 2013. Disponível em: <https://firstmonday.org/article/view/4711/3698>. Acesso em: 14 jan. 2020.

INSTAGRAM. Share with your best friends on Instagram Stories. **About Instagram (Blog)**, 30 nov. 2018. Disponível em: <https://about.instagram.com/pt-br/blog/announcements/curate-instagram-stories-for-close-friends-only>. Acesso em: 14 jun. 2020.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2ª ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KATZ, James. E; AAKHUS, Mark. (eds.). **Perpetual contact**: mobile communication, private talk, public performance. United Kingdon: Cambridge University Press, 2004.

KERCHOVE, Derrick de. Ética de transparência na era do Big Data. *In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; KUNSCH, Margarida Krohling (org.). Comunicação, cultura e mídias sociais*. São Paulo: ECA-USP, 2015. pp. 1-13. Disponível em: http://www.assibercom.org/arquivos/02_congresso_ibercom_2015.pdf. Acesso em: 30 nov. 2020.

KOZINETS, Robert. V. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.

LEE, Eunji; LEE, Jung-Ah; MOON, Jang Ho; SUNG, Yongjun. **Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking**, v. 18, n. 9, set. 2015. Disponível em: <https://www.liebertpub.com/doi/abs/10.1089/cyber.2015.0157?journalCode=cyber>. Acesso em: 19 dez. 2019.

LEMOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet**: em direção a uma ciberdemocracia. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2010. 258p.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LITT, Eden. Knock, Knock. Who's There? The Imagined Audience. **Journal of Broadcasting & Electronic Media**, [s. l.], v. 56, n. 3, p. 330-345, jul. 2012. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/08838151.2012.705195>. Acesso em: 14 jun. 2020.

LIVINGSTONE, Sonia. Children's Privacy Online: Experimenting with Boundaries Within and Beyond the Family. In: KRAUT, Robert; BRYNIN, Malcom; KIESLER, Sara. (ed.). **Computers, Phones, and the Internet**: Domesticating Information Technology, Oxford, New York: Oxford University Press, 2006. p. 128-144.

LIVINGSTONE, Sonia. Tomando oportunidades arriscadas na criação de conteúdo jovem: o uso pelos adolescentes de sites de redes sociais para intimidade, privacidade e expressão própria. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 9, n. 25, p. 91-118, ago. 2012. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/313>. Acesso em: 14 jun. 2020.

LUP, Katerina; TRUB; Leora; ROSENTHAL, Lisa. Instagram #Instasad?: Exploring Associations Among Instagram Use, Depressive Symptoms, Negative Social Comparison, and Strangers Followed. **Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking**, v. 18, p. 247-252, 2015.

MANNING, Paul; GERSHON, Ilana. Animating interaction. **Hau: Journal of Ethnographic Theory**, [s. l.], v. 3, n. 3, p. 107-137, dez. 2013. Disponível em: <https://www.haujournal.org/index.php/hau/article/view/hau3.3.006>. Acesso em: 14 jun. 2020.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. La juventud es más que una palabra. In: ARIOVICH, Laura; MARGULIS, Mario. **Jóvenes como grupo social**. Buenos Aires: Biblos, 2008. p. 1-13. Disponível em: https://perio.unlp.edu.ar/teorias/index_archivos/margulis_la_juventud.pdf. Acesso em: 17 dez. 2019.

MARWICK, Alice. 'I'm a Lot More Interesting than a Friendster Profile': identity presentation, authenticity and power in social networking services. **Association for Internet Researchers 6.0**, New York, p. 1-26, out. 2005. Disponível em: https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1884356. Acesso em: 17 dez. 2019.

MARWICK, Alice E.; BOYD, Danah. I tweet honestly, I tweet passionately: twitter users, context collapse, and the imagined audience. **New Media & Society**, [s. l.], v. 13, n. 1, p. 114-133, 7 jul. 2011. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1461444810365313?journalCode=nmsa>. Acesso em: 17 dez. 2019.

MCGREGOR, Kyle Aaron; LI, Joanna. Fake Instagrams for Real Conversation: a thematic analysis of the hidden social media life of teenagers. **Journal of Adolescent Health**, [s. l.], v. 64, n. 2, p. 39-40, fev. 2019. Disponível em: [https://www.jahonline.org/article/S1054-139X\(18\)30549-4/abstract](https://www.jahonline.org/article/S1054-139X(18)30549-4/abstract). Acesso em: 17 dez. 2019.

MCLUHAN, Herbert Marshall. **Os meios de comunicação**: como extensões do homem. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 2007. 407p.

MCQUAIL, Denis. **Atuação da mídia**: comunicação de Massa e Interesse Público. São Paulo: Penso, 2012. 352 p.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

MEDEIROS, Rosana Fachel de. **Os adolescentes e os aparelhos celulares**: visualidades contemporâneas. 2018. 203 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/183145/001078557.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 17 dez. 2019.

NAGY, Jan; PECHO, Peter. Social Networks Security. *In: 2009 Third International Conference on Emerging Security Information, Systems and Technologies*. [s. l.], p. 321-325, IEEE, 2009.

OLIVEIRA, Adriana Cristina de; LUCAS, Thabata Coaglio; IQUIAPAZA, Robert Aldo. O que a pandemia da Covid-19 tem nos ensinado sobre adoção de medidas de precaução? **Texto & Contexto - Enfermagem**, Florianópolis, v. 29, 8 maio. 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072020000100201&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 30 nov. 2020.

OLIVEIRA, José Manuel Paquete. **Comunicação e Quotidiano**. Lisboa: Tinta da China, 2017. 480 p.

PASSARELLI, Brasilina; JUNQUEIRA, Antonio Helio; ANGELUCI, Alan César Belo. Os nativos digitais no Brasil e seus comportamentos diante das telas. **Matrizes**, v. 8, n. 1, p.159-178, 2014. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/82936>. Acesso em: 01 dez. 2020.

PELLANDA, Eduardo Campos. **Internet móvel**: novas relações na cibercultura derivadas da mobilidade na comunicação. 2005. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp000483.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2019.

PEREZ, Wladmir. **Gramática visual**: a linguagem do visível. 310 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Tecnológicas, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção. 2008. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/91497/250234.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 17 dez. 2019.

POOLE, Deborah. **Vision, Race, and Modernity**: A Visual Economy of the Andean Image World. Nova Jersey: Princeton University Press, 1997. 272 p.

PORRES PLA, Alfred. Jóvenes como productores de cultura visual y instituciones educativas: relaciones y experiencias. *In*: ARRIAGA, Imanoel Agirre (coord.).

Investigar con jóvenes: ¿Qué sabemos de los jóvenes como productores de cultura visual? Pamplona: Pamiela – Edarte (UPNA/NUP), 2013. p. 101-103.

PRENSKY, Mark. Digital natives, digital immigrants. **On the Horizon**, v. 9, n. 5, p. 1-6, 2001. Disponível em: <https://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2019.

QUEIROZ, Bárbara; REZENDE, Renata. “Desconhecidos Íntimos”: A transformação da intimidade no Facebook. *In*: XLII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom, 2019, Belém. **Anais [...]**. Belém: Intercom, 2019. p. 1-15. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-2020-1.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2019.

RAINIE, Lee; BRENNER, Joanna; PURCELL, Kristen. Photos and Videos as Social Currency Online. **Pew Research Center (Internet & Technology)**, 13 set. 2012. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/internet/2012/09/13/photos-and-videos-as-social-currency-online/>. Acesso em: 15 nov. 2020.

RANZINI, Giulia; HOEK, Elles. To you who (I think) are listening: imaginary audience and impression management on Facebook. **Computers in Human Behavior**, [s. l.], v. 75, p. 228-235, out. 2017. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0747563217302893>. Acesso em: 15 nov. 2020.

REZENDE, Renata. A catarse cotidiana: performances dramáticas no Facebook. **Culturas Midiáticas**, n. 13, p. 142-156, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://www.periodicos.ufpb.br/index.php/cm/article/view/24498/0>. Acesso em: 19 dez. 2019.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como um outro**. Trad. Lucy Moreira César. Campinas: Papyrus, 1991.

ROSS, Scott. Being Real on Fake Instagram: likes, images, and media ideologies of value. **Journal of Linguistic Anthropology**, [s. l.], v. 29, n. 3, p. 359-374, 7 maio. 2019. Disponível em: <https://anthrosource.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/jola.12224>. Acesso em: 15 nov. 2020.

ROSSETTI, Regina. Categorias de inovação para os estudos em Comunicação. **Comunicação & Inovação**, São Caetano do Sul, v. 14, n. 27, p. 63-72, jul.-dez. 2013. Disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/2262. Acesso em: 17 dez. 2019.

SANTAELLA, Lucia. A cultura digital na berlinda. *In*: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; KUNSCH, Margarida Krohling (org.). **Comunicação, cultura e mídias sociais**. São Paulo: ECA-USP, 2015. pp. 93-101. Disponível em: http://www.assibercom.org/arquivos/02_congresso_ibercom_2015.pdf. Acesso em: 30 nov. 2020.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação ubíqua**: repercussões na cultura e na educação. – São Paulo: Paulus, 2013.

SENNET, Richard. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SERAFINELLI, Elisa. **Digital Life on Instagram**: New Social Communication of Photography. Bingley: Emerald Publishing Limited, 2018. 240 p.

SHELDON, Pavica; BRYANT, Katherine. Instagram: Motives for its use and relationship to narcissism and contextual age. **Computers in Human Behavior**, v. 58, p. 89-97, maio. 2016. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0747563215303307?via%3Dihub>. Acesso em: 17 dez. 2019.

SIBÍLIA, Paula. A intimidade escancarada na rede: blogs e webcams subvertem a oposição público/privado. *In*: XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, 2003, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: Intercom, 2003. p. 1-12. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/125506014503616501969319127803641204002.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2019.

SILVERSTONE, Roger; MORLEY, David; DAHLBERG, Andrea; LIVINGSTONE, Sonia. Families, technologies and consumption: the household and information and communication technologies. **Centre for Research into Innovation, Culture & Technology**, Uxbridge, UK, 1989. Disponível em: <http://eprints.lse.ac.uk/46657/>. Acesso em: 17 dez. 2019.

SILVIO, Teri. Animation: the new performance? **Journal of Linguistic Anthropology**, [s. l.], v. 20, n. 2, p. 422-438, set. 2010. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/43104272?seq=1>. Acesso em: 17 dez. 2019.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

SONTAG, Susan. **Ensaio sobre Fotografia**. Lisboa: Quetzal Editores, 2012. 208 p.

SOUSA E SILVA, Adriana. From cyber to hybrid: mobile technologies as interfaces of hybrid spaces. **Space and Culture**, v. 9, n.3, p. 261-278, ago. 2006. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1206331206289022>. Acesso em: 17 dez. 2019.

SOUZA, Joana Dourado França de; COUTO, Edvaldo Souza; BONILLA, Maria Helena Silveira. Entre a efemeridade das Stories e a memória da escola. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 53, p. 82-94, 20 jun. 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/33944>. Acesso em: 17 dez. 2019.

STEIN, Laura; SINHA, Nikhil. New Global Media and Communication Policy: the role of the state in twenty-first century. *In*: LIEVROUW, Leah A.; LIVINGSTONE, Sonia. (ed.). **Handbook of New Media: Social Shaping and Consequences of ICTs**. London: Sage, 2002. p. 410-431.

STRAUSS, William; HOWE, Neil. **Generations: the history of America's Future, 1584 to 2069**. New York: William Morrow and Company Inc., 1991.

THOMPSON, John B. **O escândalo político**. Poder e visibilidade na era da mídia. Petrópolis: Vozes, 2002.

TURKLE, Sherry. "Always-On/Always-On-You: The Tethered Self". *In*: KATZ, James E. (org.). **Handbook of Mobile Communications and Social Changes**. Cambridge: MIT Press, 2008. p. 121-137. Disponível em: https://is.muni.cz/el/1423/jaro2013/PSY174/um/39388239/James_E_Katz_Manuel_Castells-Handbook_of_Mobile_Communication_Studies-The_MIT_Press_2008_.pdf. Acesso em: 10 jan. 2020.

TURKLE, Sherry. **The second self: computers and the human spirit**. Cambridge: MIT Press, 2005. 372 p.

TURKLE, Sherry. Who Am We? **Wired**, 01 jan. 1996. Disponível em: <https://www.wired.com/1996/01/turkle-2/>. Acesso em: 10 jan. 2020.

UNICEF. **The state of the world's children 2017 - Children in a Digital World**. New York: United Nations Children's Fund (UNICEF), dez. 2017. Disponível em: https://www.unicef.org/publications/files/SOWC_2017_ENG_WEB.pdf. Acesso em: 15 jan. 2020.

URRESTI, Marcelo. **Ciberculturas juveniles: los jóvenes, sus prácticas y sus representaciones en la era de Internet**. Buenos Aires: La Crujía Ediciones, 2008.

XIAO, Sijia; METAXA, Danaë; PARK, Joon Sung; KARAHALIOS, Karrie; SALEHI, Niloufar. Random, Messy, Funny, Raw: finstas as intimate reconfigurations of social media. *In*: The 2020 CHI Conference on Human Factors in Computing Systems, 2020, [S. l.]. **Proceedings** [...]. [S. l.]: CHI, 21 abr. 2020. p. 1-13.

ZHAO, Xuan; SALEHI, Niloufar; NARANJIT, Sasha; ALWAALAN, Sara; VOIDA, Stephen; COSLEY, Dan. The many faces of Facebook. *In*: The SIGCHI Conference

on Human Factors in Computing Systems - CHI '13, 2013, [S. I.]. **Proceedings** [...].
[S. I.]: ACM Press, 2013. p. 1-12.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - Roteiro de entrevistas semiestruturadas

Entrevistados com DIX

1. Quais conteúdos você costuma consumir nos seus perfis do Instagram?
2. Quais conteúdos você costuma produzir nos seus perfis do Instagram?
3. Como você decide qual conteúdo vai para o *Stories* e qual vai para o *Feed*?
Qual a diferença na produção?
4. Qual a sua relação com a privacidade no Instagram? Você acredita que se expõe nessa rede?
5. Como você decidiu fazer um DIX e por quê?
6. Na sua visão, qual é a diferença entre seu DIX e seu perfil principal?
7. Qual é o critério para deixar alguém entrar no DIX?
8. Como você decide o que vai postar no DIX e o que vai postar no perfil principal?
9. Por que usar o DIX e não o recurso “melhores amigos”?
10. Você acredita que a pandemia afetou a forma como você se relaciona com o Instagram?

Entrevistados sem DIX

1. Quais conteúdos você costuma consumir no Instagram?
2. Como você decide qual conteúdo vai para o *Stories* e qual vai para o *Feed*?
Qual a diferença na produção?
3. Com o que você se preocupa quando cria ou compartilha um conteúdo?
4. Você conhece os perfis DIX? Tem o costume de seguir esses perfis?
5. Qual a sua relação com a privacidade no Instagram? Você acredita que se expõe nessa rede?
6. Você já deixou de postar algo no seu Instagram por medo do que as pessoas iriam pensar?
7. Você acredita que a pandemia afetou a forma como você se relaciona com o Instagram?

APÊNDICE 2 - Entrevistas semiestruturadas

ENTREVISTA 1

Entrevistadora: Quais conteúdos você costuma mais consumir? Então, por exemplo, eu sigo muitas páginas que falam sobre filmes, muitas páginas que falam sobre memes, sabe? Ou só meus amigos... O que você mais segue?

Entrevistado 1: Eu sigo mais páginas, assim, de Cultura pop, Geek. Eu também gosto de seguir página de design para pegar inspiração... é mais isso. Também tem bastante de meus amigos lá no meu feed, mas é mais ou menos isso.

Entrevistadora: E no seu Dix, você acha que é diferente o que você consome por lá?

Entrevistado 1: Sim, hoje em dia eu não uso muito mais o Dix, mas quando eu uso, no meu feed só tem mais coisas dos meus amigos mesmo, uma coisa bem mais pessoal.

Entrevistadora: E aí o que você segue é mais o Dix dos seus amigos?

Entrevistado 1: Isso.

Entrevistadora: Perfil principal não?

Entrevistado 1: Não, normalmente é só o Dix mesmo.

Entrevistadora: O que você mais posta, tanto no Instagram normal quanto no Dix?

Entrevistado 1: É... no meu Dix eu postava mais coisa pessoal mesmo, coisa engraçada com piada interna entre os meus amigos, sabe? No meu Instagram principal, eu posto mais coisa melhor assim, coisas dos meus trabalhos, mais ou menos isso.

Entrevistadora: Uma coisa mais produzida?

Entrevistado 1: Isso, bem mais produzido.

Entrevistadora: E no Dix, quando você posta, perdão eu perdi, é mais piada interna você falou, né?

Entrevistado 1: Isso.

Entrevistadora: É uma coisa mais intimista?

Entrevistado 1: Isso, isso.

Entrevistadora: E como você decide o que você vai postar nos Stories e o que você vai postar no feed? Tipo, tem uma diferença na produção?

Entrevistado 1: Tem, normalmente eu sou mais ativo nos Stories, eu posto foto assim no feed mesmo, é bem raro, mas é uma outra coisa também, porque nos Stories é uma maneira mais rápida de postar as coisas, eu mostro os meus filtros que eu faço, eu posto o que eu faço. No meu perfil, eu posto mais umas fotos que eu gosto de tirar. Assim, fotografia mesmo, e foto minha mais produzido mesmo.

Entrevistadora: Então você acha que entre o Feed e os Stories, o Feed é uma coisa mais pensada do que os Stories?

Entrevistado 1: Isso, uma coisa mais pensada, uma coisa mais conceituada. Nos Stories não tem que combinar nada com nada, não tem esse pensamento.

Entrevistadora: E nos Stories e no feed do Dix. Qual você acha que é a diferença?

Entrevistado 1: Ah, nos Stories eu não posto muito, nos Stories do Dix eu não posto muito e no Dix eu só posto mesmo umas fotos quando dá vontade.

Entrevistadora: E qual você acha que é a sua relação com a privacidade no Instagram? Você acha que você se expõe? Você pensa sobre isso?

Entrevistado 1: Sim, eu penso. Eu me exponho pouco, por isso mesmo que eu fiz o meu Dix mesmo, que eu me expunha muito mais, porque eu sabia que as pessoas estavam vendo meu perfil porque ele é um perfil privado, ele só tem pessoas que eu sigo e que me seguem. E no meu Insta normal é qualquer pessoa, porque o meu Insta é aberto por causa dos meus filtros, e aí no meu perfil principal eu me exponho muito menos, só posto mesmo coisas mais profissionais.

Entrevistadora: E como você se expunha no Dix? Em que sentido?

Entrevistado 1: Ah, com umas piadas meio... com piada mesmo, coisas sem ligar, tipo, o que vão pensar, o que estão falando porque eu e meus amigos, né? Então a gente não liga muito para isso quando é em relação aos nossos amigos.

Entrevistadora: Não tem esse medo de ser julgado, né?

Entrevistado 1: Sim, sim.

Entrevistadora: E na sua visão, qual é a diferença entre o seu Dix e o seu perfil principal normal? Qual a principal diferença?

Entrevistado 1: A diferença é que o meu perfil privado do Dix é mais para postar coisas pessoais, com os amigos, piadas, coisas que só os meus amigos vão entender. E no meu perfil principal posto coisas mais produzidas, coisas que eu faço profissionalmente.

Entrevistadora: E você acha que você é mais...tipo, você aparenta ser mais você no Dix ou no perfil principal?

Entrevistado 1: No meu Dix, no Dix que a gente não tem medo de falar as coisas.

Entrevistadora: É menos polido, né?

Entrevistado 1: Sim, sim. É bem menos polido.

Entrevistadora: E por que que você acha que tem essa pressão, sabe? Para ser uma coisa produzida e uma coisa meio “perfeita” no perfil principal e no Dix não tem essa questão, é tudo mais relaxado?

Entrevistado 1: Então, porque hoje em dia todo mundo quer ter um perfil legal, um perfil que é reconhecido, ser blogueiro e é por isso que as pessoas tentam ter esse feed perfeito pra tentar chamar a atenção do público ou também pra aparentar essa pressão estética que todo mundo bota, você tem que ter um feed que combina cores e tem que ter tudo certinho. E no Dix você faz o que você quiser, porque você não quer fazer nada, você só quer divertir seus amigos.

Entrevistadora: Lá, quando você descobriu o Dix, como foi esse processo? Por que você decidiu fazer um Dix?

Entrevistado 1: Então, foi porque os meus amigos estão fazendo, faz um bom tempo já, acho que faz uns 3 anos já, porque meus amigos estavam fazendo e eu pensei “vou fazer um também”, foi isso.

Entrevistadora: E como você decide o que você vai postar no Dix e no principal? Além dessa coisa de Stories, né? Mas você pensa antes ou é uma coisa tipo, abriu, vou postar aqui o que deu vontade?

Entrevistado 1: É.

Entrevistadora: Ou abre o Instagram e vou postar o que deu vontade?

Entrevistado 1: Sim, no meu Insta, por exemplo, assim, no feed você pede várias opiniões pras pessoas “ah eu posto essa foto? Será que vai ficar legal?”. No Dix não, você só posta pra postar mesmo.

Entrevistadora: Então, você costuma mandar foto antes para amigos e pedir várias opiniões?

Entrevistado 1: Sim, eu peço “ah essa foto tá legal? O que você achou?”.

Entrevistadora: E por que usar o Dix e não usar o recurso “melhores amigos” que tem no Instagram?

Entrevistado 1: Sim, eu uso os dois, o melhores amigos eu tô usando mais do que o Dix porque... não sei por que, deu uma... eu fiquei meio saturado do Dix, aí eu não tinha muita coisa pra postar e comecei a usar os melhores amigos, mas eu... é a mesma temática, eu só posto coisas assim pessoais, que só quero que os meus amigos vejam.

Entrevistadora: E quando você criou o Dix ainda não tinha os “melhores amigos”, né?

Entrevistado 1: Não, não.

Entrevistadora: É um recurso mais recente?

Entrevistado 1: Isso, o “melhores amigos” é um recurso mais recente.

Entrevistadora: E nesse momento que a gente tá vivendo, de pandemia. Você acha que mudou a forma como você se relaciona com o Instagram? De postar mais ou de consumir mais ou continua igual?

Entrevistado 1: Sim, mudou bastante a minha... meu uso de Instagram aumentou bastante, principalmente porque eu comecei a fazer filtros, e aí me fez postar muito mais Stories, usar bastante mais o Instagram. Mudou bastante agora nessa época de pandemia.

Entrevistadora: Pra consumir mais?

Entrevistado 1: Isso, eu consumo muito mais também.

Entrevistadora: Tanto consumir quanto postar mais?

Entrevistado 1: Isso, tanto produzir mais.

Entrevistadora: E pegando esse gancho dos filtros, que eu achei sensacional, e eu não sei como ele funciona, então vou pedir pra você me explicar, mas como surgiu? Como funciona? Qual você acha que é a sua motivação para fazer o filtro?

Entrevistado 1: Então, eu comecei a fazer os filtros só por hobby mesmo, eu vi umas pessoas... eu vi que tinham pessoas normais, que não eram pessoas famosas, celebridades que tinha um filtro e aí eu me interessei pelo assunto, comecei a procurar um pouco, estudei mais como fazia e eu achei bem legal, porque ele envolve tanto o negócio de rede social quanto o gráfico design, Design que é uma área que me interessa muito e daí por isso que me motivou bastante a fazer e o que me motiva bastante também são os meus amigos, quando eu vejo, eu fico muito feliz, quando eu vejo alguém usando os meus filtros. Eu acho bem legal.

Entrevistadora: Inclusive, um dia eu vi um filtro sobre o Jão, não foi? O cantor?

Entrevistado 1: Sim, foi repostado por vários fãs clubes.

Entrevistadora: Que legal!

Entrevistado 1: Aham, eu achei bem legal.

Entrevistadora: E aí você usa, por exemplo, Photoshop ou After? Essa produção mais técnica?

Entrevistado 1: Do quê?

Entrevistadora: Pra fazer o filtro.

Entrevistado 1: Ah sim, então, você precisa usar o After e o Photoshop, é bem interessante usar, só que tem um programa que é do Facebook mesmo, que o Facebook disponibilizou pro público e aí você programa o filtro como você quer e aí você tem que usar o Photoshop pra criar textura, criar as imagens, criar as coisas e também dá pra colocar animação. Eu já usei também o After nos filtros.

Entrevistadora: E na hora de criar, você pensa no quê? Por exemplo, no filtro do João, acredito que você seja fã?

Entrevistado 1: Sim, eu gosto bastante das músicas dele.

Entrevistadora: Mas os outros, qual a sua inspiração para criar? Tipo, vou criar o filtro, também vi que tem do Phineas e Ferb. Qual sua inspiração antes para criar?

Entrevistado 1: Eu vejo o que as pessoas gostam, eu pergunto pros meus amigos, eu já perguntei bastante para [nome da amiga] e pros meus outros amigos, o que que eles gostam de ver e tal, mas eu também procuro referência no Pinterest, eu também vejo outros filtros de outros criadores, aí eu me inspiro e crio os meus.

Entrevistadora: E os feedbacks em relação aos filtros, você recebe bastante ou é quando alguém reposta... como é que ele funciona?

Entrevistado 1: Sim, quando eu divulgo os meus filtros tem bastante feedback, as pessoas, meus amigos principalmente, falam “nossa que legal, muito legal fazer filtro” e tal, só que eu também conheço um pessoal que faz filtro, eu faço parte de um grupo que o pessoal faz filtro e a gente se divulga, a gente ajuda e deles eu também tenho bastante feedback quando eu posto meus filtros.

Entrevistadora: Que é uma coisa mais técnica, né?

Entrevistado 1: Sim, falam “nossa, essas cores” não sei o que, é bem legal.

Entrevistadora: E você considera que é um hobby ou tem uma maneira de ter retorno financeiro sobre isso?

Entrevistado 1: É um hobby, assim, eu já fiz alguns filtros, alguns filtros pagos que me contrataram pra fazer, só que a maioria deles eu faço só por diversão mesmo, não foi nem pra ganhar seguidor nem nada, só para fazer mesmo.

Entrevistadora: E esses que foram pagos, como é que funcionou de a pessoa entrar em contato e tudo mais?

Entrevistado 1: Então, o primeiro filtro que eu fiz foi de uma amiga minha que ela é miss, e aí ela tem alguns seguidores e eu tava conversando com ela e eu falei “você quer que eu faça um filtro pra você?” e ela falou “ah quero”, e aí eu fiz para ela e aí depois por causa dela, ela me divulgou no Instagram dela. E outras pessoas me chamaram e, com isso, eu consegui fazer alguns filtros para algumas pessoas

Entrevistadora: E serve como portfólio também, né?

Entrevistado 1: Sim, eu já coloquei no meu portfólio alguns filtros, tá lá no meu portfólio, eu criei um projeto para eles. E já me rendeu também um dono de uma agência me chamar para fazer um filtro.

Entrevistadora: Que legal! E faz pouquinho tempo, né? Alguns meses só.

Entrevistado 1: Sim, o meu primeiro filtro lançado foi no último dia de março, eu comecei a fazer em abril e aí já rendeu alguns filtros para algumas pessoas.

Entrevistadora: E você falou que você usa uma plataforma do próprio Facebook, né?

Entrevistado 1: Isso.

Entrevistadora: Além dos Filtros, você acha que tem alguma outra forma de você também criar dentro da plataforma? Tanto nos Stories ou até planos para abranger um pouco mais os filtros, por exemplo, como aqueles filtros de brincadeira, alguma coisa assim. Você se inspira no que os outros estão fazendo também para planejar os seus?

Entrevistado 1: Sim, como eu tinha falado, eu procuro outras referências de outros criadores de filtros e aí eu crio os meus. Até porque eu já fiz um filtro de cachorro que ele teve um... várias pessoas falaram que era fofo. E é isso, sim.

ENTREVISTA 2

Entrevistadora: Quais conteúdos você costuma consumir nos seus perfis do Instagram?

Entrevistada 2: Eu acho... que no geral são mais meus amigos e familiares, mas eu sigo bastante coisa sobre design, que é a área que eu quero ingressar e tal. Sigo bastante blogueirinhas (risos), mas não tanto de maquiagem, é mais de moda assim, uma coisa mais de roupa, tal, mas acho que é mais ou menos isso assim, eu não... é bem pequeno o meu... eu sigo pouca gente, eu acho.

Entrevistadora: No Instagram principal, né?

Entrevistada 2: Sim, sim.

Entrevistadora: E o que você consome no Dix, tem diferença?

Entrevistada 2: Tem, com certeza, é mais meus amigos mais próximos assim. É que eu acho que você pegou uma fase bem ruim, porque agora tem aquele negócio que chama “melhores amigos” no Instagram, então a galera meio que parou de usar o Dix um pouco, eu vejo isso, tem bastante gente que usa ainda muito, mas tem muita gente que parou, mas eu acho que as mesmas que eu colocaria nos meus melhores amigos tá lá no meu Dix, é pouca gente.

Entrevistadora: Então é mais o pessoal que você realmente conhece?

Entrevistada 2: Isso, não tanto família, é mais amigo, amigo mesmo.

Entrevistadora: Tá, e por que usar o Dix e não os Melhores Amigos?

Entrevistada 2: Então, na época eu acho... porque na época que a gente criou o Dix não tinha ainda essa atualização dos melhores amigos, então acho que foi por isso. E também no Instagram, quando você posta só nos melhores amigos é uma coisa, mais “ah postou e daqui um dia sai, acabou”, sabe? Não é uma coisa que está lá e vai

ficar no seu feed ou alguma coisa assim, então sei lá, dependendo do conteúdo que você vai postar e você quer deixar lá no seu feed então vai lá e cria um segundo Instagram, que é uma coisa mais pessoal, mais sua, enfim, a meu ver, né? Não sei se todo mundo pensa assim.

Entrevistadora: E trocando, o que você mais produz, o que você mais posta? No Instagram principal, primeiro?

Entrevistada 2: Eu acho que eu troquei muito de conteúdo, mas antes eu acho que era mais coisas do dia a dia assim, rotina, então ai lugar que eu vou e acho bonitinho daí eu vou lá e posto. É mais, tipo, meio que pra deixar lá registradinho que eu tava em tal lugar. Às vezes, nem foi um dia tão especial, mas foi um lugar gostoso, um lugar que eu gostei de ir, então... sei lá, foto minha ou, por exemplo, tem foto de evento que aconteceu lá na [nome da escola], então são coisas que eu quero deixar registrado e que eu gosto de deixar. Então, nos destaques, quando tem aqueles destaquezinhas ou então eu deixo foto minha, ou então foto com os meus amigos, bastante foto com os meus amigos têm, então eu acho que é mais isso.

Entrevistadora: E no Dix, o que você mais posta?

Entrevistada 2: No Dix é tipo... mais foto... a galera criou o Dix mais pra postar foto zoada, então, tipo “ah nossa tô cansada”, foto que você não postaria no seu Instagram normal porque no Instagram normal é tipo aquela performance toda e posta lá toda linda, produzida e não posta a desgraça que a gente tá na quarentena (risos), mas acho que no Dix é mais isso, então eu me sinto mais à vontade de postar mais sobre a minha vida pessoal.

Entrevistadora: E por que você acha que tem diferença, que você se sente mais à vontade em postar sobre a vida pessoal no Dix e no Instagram não?

Entrevistada 2: Ah não sei, acho que é mais por familiar e algum, sei lá, medo de julgamento. Porque as pessoas sempre vão e apontam e falam, então se você não tá de tal jeito que não agrada as outras pessoas, por exemplo, eu posto muita foto com a minha namorada no Dix, então é uma coisa que eu não postaria no meu normal por esse medo de julgamento, sabe? Por essas pessoas que eu sei que... beleza, eu sigo mais por respeito, então... que eu conheça... então é família, então a gente não pode deixar de seguir, né?

Entrevistadora: Por educação?

Entrevistada 2: É, a pessoa foi lá, pediu e você “err não”, fica um climão, né? No almoço de família depois.

Entrevistadora: Segui você e você não segue...

Entrevistada 2: É, então, fica um negócio meio “eita”, ovelha negra da família (risos), mas eu acho que é mais por isso mesmo, eu me sinto mais confortável, me sinto mais à vontade, mas não sei se tem uma questão assim tão aprofundada, é mais isso mesmo, receio e medo de sei lá, alguém te ver de uma maneira que você não quer ser tão vista assim, sabe? No seu pessoal.

Entrevistadora: E a questão do namoro, né? Fora do Instagram, sua família sabe ou é uma coisa que não?

Entrevistada 2: O pessoal aqui de casa sabe, a minha mãe não aceita de jeito nenhum, então é uma coisa que eu prefiro não ficar postando e sempre demonstrando e sempre empurrando isso pra ela, porque é uma coisa que eu, assim, isso é mais eu mesma, eu não gosto, então respeito o tempo dela, respeito o espaço dela, se ela não aceita, ela não aceita, então não tem como eu ficar empurrando isso e ficar postando também, ia afetar ela e o jeito que as pessoas iam olhar tanto pra ela quanto pra mim. Mas é minha família sabe, e minha família tipo tio, tia, prima, primo não, e essa galera me segue no Instagram, então é uma coisa que não, eles não sabem, mas meus amigos, a maioria, sabe.

Entrevistadora: Então, é por isso que você posta no Dix e não no principal?

Entrevistada 2: Exatamente. Porque aí você fica mais tranquila de postar e demonstrar mais, daí posta uma fotinha com uma legendinha (risos), uma coisinha assim bem boiolinha (risos).

Entrevistadora: Eu acho que é uma coisa que você sabe que as pessoas que vão ver não vão te julgar, então você se sente mais à vontade. É isso?

Entrevistada 2: Exatamente.

Entrevistadora: E seus amigos sabem dessa questão? Porque era o que eu ia falar, eu achei muito legal que eu percebi, se eu não me engano foi a [nome da

amiga], que quando foi postar, eu acho que era um desenho seu com a sua namorada, ela postou no Dix, ela não postou no principal...

Entrevistada 2: Sim, isso é uma coisa que eu sempre falei pra ela, porque ela faz esses desenhos mesmo, ela faz há bastante tempo. E ela fez e me mandou primeiro no WhatsApp e eu falei “amiga pelo amor de Deus, se você vai postar isso, você posta no seu Dix, não vai postar no normal” e ela “não, para, não sou doida, não vou postar não”, “então tá”, aí ela foi lá e postou no Dix. E eles respeitam bastante, quando é pra postar alguma foto com alguma legenda, posta uma legenda mais tranquila assim, sem me... sem falar “ah é sapatãozinho” ou alguma coisa assim (risos).

Entrevistadora: (Risos).

Entrevistada 2: Ah, é melhor né? Evita algumas coisas (risos).

Entrevistadora: Tirar do armário a força (risos).

Entrevistada 2: Né, menina? Chega a dar um desespero, um suor frio.

Entrevistadora: Olha pra ver se não marcou no perfil errado.

Entrevistada 2: É, então, já tira a marcação, já falo “ei menina, não vai postar esse negócio não, apaga”.

Entrevistadora: E como você decide o que você vai postar nos Stories e o que você vai postar no feed? Você acha que tem alguma diferença na hora que você vai produzir aquele conteúdo?

Entrevistada 2: Isso pro normal ou pro Dix?

Entrevistadora: Primeiro pro normal e depois pro Dix.

Entrevistada 2: Ah tá, no normal... eu acho que no normal eu não posto muito Storie, eu posto mais, assim, tipo, ah eu vi algum filme que eu gostei. Eu sou muito ligada a filme então... ah, eu também sigo bastante coisa de filme, desculpa, esqueci de falar. Tipo, eu sou muito ligada a filme, então ah, eu vi alguma cena de algum filme que eu gosto aí eu vou lá e sabe aquele negocinho que você pega o post e você posta o post no seu storie? E aí, quando você clica no post dá pra você ir pro Instagram que postou? Então, geralmente eu faço isso, eu posto tipo uma mensagenzinha ou então algum cantor, alguma coisa assim e aí eu posto geralmente no Storie, mas aí no

perfil... ah não sei, no Dix talvez mude um pouco porque eu, sei lá, no Dix quando eu vou postar Storie, eu posto tipo, pego o celular aqui, gravo uma coisinha ou então sabe aqueles joguinhos que tem no Instagram mesmo, aqueles filtros de joguinhos? Então, eu vou lá e posto e não tem necessidade de postar no perfil, aí eu vou lá e posto no status porque já tá lá, já tá gravando aqui e tal. Agora, no perfil, eu acho que é mais algum momento que marcou, uma data ou algum acontecimento, foto com os meus amigos que eu não postaria no meu insta normal. Aí eu vou lá e posta lá, alguma foto mais zoada, alguma coisa mais assim, algum rolê...

Entrevistadora: E você acha que você pensa mais pra postar no Instagram normal do que no Dix?

Entrevistada 2: Ah, com certeza.

Entrevistadora: Por que você acha?

Entrevistada 2: Acho que a gente sempre fica com esse meio que receio, né? De tipo, ah vou postar esse negócio aqui e aí fulano vai ver, ciclano vai ver. O ruim é que você fala isso e a pessoa fala assim “ai por que você só não deixa de seguir? Por que você só não bloqueia?”, porque não funciona assim, né? Tipo, ah só bloquear uma pessoa não...

Entrevistadora: Vai ter que explicar pra ela depois, né?

Entrevistada 2: É, então, principalmente se for uma pessoa, sei lá, ou família ou amigo de amigo que te segue por acaso e você fica meio, quem que é esse doido aqui? Porque o meu Instagram pelo menos, o principal, ele é aberto, ele não é trancado, então qualquer um que entrar lá vai poder ver qualquer coisa que eu posto e é mais, não sei, mais receio mesmo, mais... sei lá, acho que eu me sinto meio desconfortável, até porque eu não gosto muito de ficar publicamente falando as coisas e, sei lá, gravando aqui “ai gente hoje eu tô fazendo tal coisa”, tipo não é muito a minha *vibe*.

Entrevistadora: E qual você acha que é a sua relação com a privacidade no Instagram? Você se sente segura? Você acha que você se expõe?

Entrevistada 2: Então, antes no Dix tinha uma onda das meninas postarem uma foto mais delas assim, mais o corpo e mais uma coisa que você se sente mais à vontade lá no seu Dix, né? Eu depois de um tempo mudei um pouco essa visão, no meu Dix pelo menos, porque minhas amigas postam e eu sigo e tudo bem, agora no meu Dix

eu me sentia meio assim porque, até por... beleza, tem só meus amigos, mas que né? Vai que acontece alguma coisa, vai que eu brigo com alguém e a pessoa tá lá e tira um print e vai com maldade, não sei, né? Não são só amigos, amigos íntimos, tem uma galera que é tipo “vi ali na escola, troquei duas palavras, então segue aí no Dix tem problema não”, então fica nessa e por eu ser...eu era menor de idade, né? Agora não sou mais, mas eu era menor de idade, então eu ficava meio “é melhor não, né?”, aí eu apagava essas fotos, mas no meu Instagram principal, eu não... eu já pensei muitas vezes em privar a minha conta porque sei lá, né? Você corre risco de tipo, literalmente, qualquer pessoa de qualquer lugar entrar no seu Instagram e, sei lá, tirar um print ou então fingir que é você, isso já aconteceu comigo de quando eu postava mais fotos da minha carinha no meu Instagram principal. Uma menina, na verdade, não sei se era uma menina ou um menino, alguém pegou essas minhas fotos e criou um perfil fake, tipo assim, se passando por mim, sabe? E era uma coisa que eu fiquei “gente, como isso aconteceu?” Imagina pra pessoas que são públicas, sabe? Gente pública, imagina o que rola com essas fotos, eu que sou uma pessoa aleatória, assim, na vida, não faço nada, alguém vai lá, pega as minhas fotos e faz um perfil fake, sabe? Então eu meio que até dosei um pouco de postar foto do meu rosto depois desse acontecimento, não que eu fiquei com medo, mas dá um...você meio cabreirinho assim, fica com um pezinho atrás, não boto minha mão no fogo não.

Entrevistadora: Mas, essas fotos que você falou que as meninas postam e tal, você postou também?

Entrevistada 2: Sim, não tanto quanto, mas já postei. E eu apaguei depois que eu fiz dezoito, eu pensei “gente o que eu tô fazendo da minha vida?” (risos). Eu apaguei porquê... até porque, assim, a minha cabeça deu uma mudada, não “ah fiz 18, fiz milagres”, obvio que não, mas eu já tinha esse pensamento de tipo assim, eu não gosto muito de me expor e depois também comecei a namorar e falei ah não, melhor não, vou apagar isso aqui ou então deixar um pouquinho guardado ou então arquiva e se der na telha de desarquivar só desarquiva, mas eu apaguei mesmo porque depois de um tempo eu passei a não me sentir tão confortável com aquelas fotos no meu perfil, ali tipo qualquer um... não qualquer um, mas sei lá, um menino com alguma maldade ia lá, entrava e via lá, ou então menina também, entrava lá e abria, e ficava sei lá, tira print e manda no grupo dos amigos, sabe? Pode acontecer qualquer coisa.

Entrevistadora: Mas, quando você postava, você não pensava muito nessa parte?

Entrevistada 2: Não.

Entrevistadora: Ou pensava que era todo mundo próximo, então não tinha problema?

Entrevistada 2: É, eu pensava mais ou menos isso, eu falava é todo mundo amigo, todo mundo posta, sabe? Minhas amigas tudo postam, as meninas que eu conheço tudo posta, quem eu sigo aqui no Dix posta, então tanto faz, sabe? Não tem problema nenhum, nunca aconteceu nada ou se aconteceu eu não soube que aconteceu, ou então a gente não sabe direito o que acontece, então, ai dane-se, tô aqui, gostei da foto, vou postar. Na época era assim, eu pensava assim.

Entrevistadora: Eu acho que é até amadurecimento mesmo, né?

Entrevistada 2: Uhum, é, amadurecimento, porque esse negócio de ah seu corpo suas regras, acho que não funciona muito bem direito assim quando você é menor de idade, né? (risos) Não é assim que funciona, tem toda uma problemática.

Entrevistadora: Tem o fator idade na questão, né?

Entrevistada 2: Sim, vai muito mais além disso, é uma coisa muito mais problemática do que a gente pensa que é realmente, né? Mas acho que quando você tá nessa idade, nessa *vibe* mais “ai dane-se, meu corpo, vou postar o que eu quiser” você vai lá, posta e tem alguma consequência, acontece alguma coisa, você vê, né? Os casos de meninas que a foto foi parar em tal canto que... bizarro.

Entrevistadora: Não tinha nem ideia que poderia chegar, né?

Entrevistada 2: Exatamente, acha que ninguém tem maldade, que nunca vai acontecer nada, só acontece com os outros, não acontece com você. É pesadinho.

Entrevistadora: E como você decidiu fazer um Dix? Como você decidiu fazer?

Entrevistada 2: Antes de eu entrar na [nome da escola] eu já tinha esse Dix, mas eu não usava. Eu não usava direito ou tipo assim, eu criei porque todo mundo tava criando, aí eu falei “ah vou criar também” só que o meu celular, a câmera não era tão boa, então eu não tirava muita foto, eu não era de tirar foto, quase nunca postava

nada. Aí depois que eu ganhei um celular novo e entrei na [nome da escola], eu vi que o pessoal usava muito, aí eu meio que voltei a usar, mas mais pra interação também e pra... sei lá, pra coisas do dia a dia, eu via que o pessoal postava muito “ah eu tô aqui fazendo um monte de trabalho” ou postando uma foto zoada do seu amigo no dia do aniversário, por exemplo, que ele ia te matar se você postasse no Instagram normal, que tá lá todo mundo lindo, maravilhoso, ele ia te matar se você postasse no normal, então vai lá e posta no Dix uma foto zoada, uma foto mais engraçada assim. E eu acho que foi mais por isso, mais por tipo, interação e, sei lá, postar o dia a dia mesmo. Não sei muito bem, direito.

Entrevistadora: É mais uma brincadeira, né?

Entrevistada 2: É, é mais um negócio engraçadinho ali, você posta, a galera dá uma risada ou então interage com você.

Entrevistadora: Mas a questão, pelo que eu percebi também, eu acho que ele tem duas faces, você me corrija se eu estiver errada. Tem a de brincar, postar foto e não sei o que, mas também tem bastante gente que posta coisas mais pessoais e até mais pesadinhas de sentimento, e o que tá passando naquele momento, de realmente acho que se abrir de um jeito que não se abriria no Instagram pra dois mil seguidores, sabe?

Entrevistada 2: Sim, sim, tem essas duas questões. Tem uma galera que posta coisas pesadíssimas, eu sigo um pessoal que posta umas coisas pesadíssimas e aí você vai lá e tenta ajudar ou então manda alguma mensagem de apoio, uma mensagem de força, porque aí a pessoa tá mais se abrindo mesmo, acho que tem esses dois lados. No meu Dix, acho que o último post que eu publiquei lá, tinha relação com o meu pai, meu pai faleceu recentemente e tipo, eu não sou muito de postar esse tipo de coisa, mas eu vi e eu falei, ah por que não, sabe? Só guardar essa memória que eu tava tendo nesse tal dia e aí eu fui lá, postei, coloquei uma legendinha e tal, então acho que tem muita gente que usa... tipo, tem gente que usa mais do que eu pra isso, então se abre mais, se sente bem mais à vontade pra postar lá do que no normal, com certeza, e aí posta, sei lá, um texto, tem muita gente que produz texto e realmente faz poeminhas assim e posta lá no Dix, então se sente mais confortável e como são só os seus amigos, você sabe que você não vai ser julgado e enfim, acho que tem esses dois lados mesmo.

Entrevistadora: E você acha que quando você fez esse post te ajudou de alguma forma?

Entrevistada 2: Acho que sim, dá uma aliviada, sabe? Você postar e escrever uma legendona ou escrever um textão e escrever até mesmo se for “saudade”, sabe? Eu acho que dá pra você... você meio que tira um pouquinho desse sentimento.

Entrevistadora: Meio que desabafa.

Entrevistada 2: Isso, dá uma desabafada, nem que seja com duas palavras.

Entrevistadora: E as respostas em comentários e tudo mais, também fazem diferença?

Entrevistada 2: Ah, com certeza, tipo, quando eu posto alguma coisa em relação... tipo antes eu postava mais no Storie em relação ao meu pai, as meninas, minhas amigas, sempre vinham me mandar mensagem no Direct ou então responder aquilo ou então mandar “ai relaxa, vai passar”, entendeu? Você se sente mais acolhido assim.

Entrevistadora: É meio que um apoio, né?

Entrevistada 2: É, exatamente.

Entrevistadora: Como você decide o que você vai postar no Dix e o que você vai postar no normal? Por exemplo, você acha que você pensa antes ou então você tá no Dix, então posta no Dix, e depois você tá no principal, então posta no principal...

Entrevistada 2: Eu acho que é mais aquilo que eu tinha comentado, tipo, foto mais bonitinha ou então foto mais arrumadinha você vai lá e posta no normal, acho que é comum, acho que todo mundo pensa isso, sabe? Tem gente, claro, que posta qualquer coisa e não tá nem aí pra julgamentos, inclusive eu tenho invejinha dessas pessoas que posta e não tá nem aí, mas acho que uma foto mais “acordei agora”, “acordei assim”, aí você vai lá e posta no seu Dix porque não tem problema, sabe? Ninguém tá nem aí, a galera posta o que tiver que postar e geralmente quem tem Dix segue só Dix, então é Dix, Dix, Dix, todo mundo segue só o Dix, não segue o Instagram normal. Então, todo mundo ali é Dix, então tanto faz, sabe? Postar uma foto... ou você posta uma foto linda, maravilhosa ou uma foto zoada, no Dix mesmo, acho que no Dix

não tem muito esse problema de postar foto bonita também, é que aí o pessoal fica assim, “ah você tem Dix pra isso? Você posta foto bonita no seu Dix? Não faz sentido nenhum”, aí te julga por você postar fotos bonitas no Dix.

Entrevistadora: É um julgamento ao contrário, né?

Entrevistada 2: Exatamente, o que você seria julgado se postasse uma foto zoada no seu insta normal, acho que as pessoas nem comentariam, mas elas ficariam meio (rosto franzido) tipo “nossa, você tá postando isso? Qualquer coisa...”.

Entrevistadora: Você acha que o contexto de pandemia, de isolamento, quarentena, ficar em casa... mudou de algum jeito como você se relaciona tanto com o Instagram normal quanto com o Dix? Por exemplo, ah, eu posto mais desde que a quarentena começou ou eu posto menos, ou eu consumo mais ou eu consumo menos...

Entrevistada 2: Eu acho que mudou, até porque você fica mais tempo em casa, então você fica mais tempo no celular, é consequência, então você fica bastante... eu fico bastante tempo no meu Instagram, seja no Dix, seja no normal, mas no Dix eu mais vejo o que a galera tá postando do que posto realmente, mas no Instagram normal, isso eu tava vendo, quando você não posta... nunca tinha vivenciado isso, quando você não posta no Instagram normal, no feed, como meu Instagram é aberto e eu tenho assim, alguns seguidores que eu não sei de onde vem mas eu tenho (risos), eu não sei porque eles estão lá, mas eles estão lá e eu não posto, eu perco seguidor, muito seguidor, então eu tô perdendo muito seguidor desde que a pandemia começou porque eu não me arrumo, eu não saio de casa, eu não tenho o que postar, vou postar o quê? Vou postar eu, aqui sentada, sem fazer nada ou então estudando igual uma desgraçada, então eu não posto nada e aí, conseqüentemente, eu vou perdendo seguidor e vou perdendo... é engajamento eu acho que chama e aí você vai perdendo as coisas e aí eu tô lá quase sem seguir, não mentira (risos), mas tipo, perdendo seguidor e aí eu não posto muito no normal, nem no Dix, eu posto mais nos Stories do Dix, posto mais no Story, porque é mais rotina assim, mas como também não tô saindo, não posto muito no Dix porque, tipo assim, não tem muito o que postar mesmo, mas que eu uso o Instagram bem mais, uso com certeza. Eu tenho um negocinho que alerta porque eu não gosto de ficar muito tempo no celular, aí eu tenho um negocinho que alerta, acho que é do próprio Iphone mesmo, que pode colocar um horário, “ai

você ficou duas horas no Instagram, querida pode sair” ou “falta cinco minutos pra você ficar duas horas no Instagram ou no Twitter”, alguma coisa assim, aí eu vou lá, desativo e saio do Instagram e deixo lá um tempo. Aí depois eu dou uma voltadinha e falo “ah passou duas horas, mas não tem problema não, né?” (risos), mas agora eu tô burlando um pouco isso, mas antes quando eu tinha uma rotina eu não burlava não, então dava duas horas e eu dizia “chega, né querida? Já ficou tempo demais”, aí eu saía, mas agora tô dando uma burladinha sim, não vou negar.

ENTREVISTA 3

Entrevistadora: O que você costuma consumir, seguir no Instagram? Por exemplo, ah eu sigo muita página de filme, muita página de meme ou só meus amigos...

Entrevistada 3: Eu sigo muito os meus amigos e sigo muito pessoas que moram em outros países ou viajam muito, eu adoro ver as pessoas viajando e vivendo experiências, tava até agora olhando o stories de uma menina que tá na França, ela mora lá e eu tava vendo e falando “que lindo, que tudo, queria” e aí eu fico sempre procurando coisas referente a viagens, eu gosto muito.

Entrevistadora: Mas brasileiro que está lá fora ou também gringos?

Entrevistada 3: Eu sigo bem mais brasileiros. Gringo eu sigo mais quando é tipo os membros da *One Direction*, todos, a *One Direction* em si e tipo alguns cantores que eu gosto, tipo a Lana Del Rey e Selena Gomez por exemplo, eu sigo as duas. Mas eu não sou muito de procurar artista no Instagram não, não fico muito, eu procuro os mais famosos e os que eu mais gosto, tipo a Beyonce, a Lana, a Selena Gomez que são tipo tudo daí o resto que lutem.

Entrevistadora: Só quando é muito fã?

Entrevistada 3: Exatamente. Eu não sou muito... eu sigo muito mais os meus amigos e por isso que meus amigos falam “nossa não, porque a minha TL só tem comida” aí eu fico “você segue coisa de comida com que intuito, meu filho?” eu sigo meus amigos mesmo.

Entrevistadora: Pra ficar com fome.

Entrevistada 3: Então aí eles ficavam “gente, eu tô morrendo de fome, tô vendo Instagram de comida aqui, tô com fome” e eu fico tipo “a opção tá aí”. Mas é, o meu Instagram, até se eu abrir o meu “explorar” aqui, só tem, meus amigos e pessoas viajando, famosos etc.

Entrevistadora: E qual é a diferença pro que você segue no Dix?

Entrevistada 3: No Dix eu só sigo Dix, essa é meio que a ordem, entendeu? No meu normal eu sigo as pessoas com Insta normal e no Dix eu sigo as pessoas com o Dix, aí quem não tem Dix usa o “melhores amigos” igual eu comecei a fazer, porque eu esquecia de trocar de conta aí eu postava as coisas erradas e ficava “não, volta. Troca de conta” aí eu decidi usar só os “melhores amigos”. É um pouco complicado porque eu tenho tipo 100 pessoas lá, todo mundo fica tipo “nossa tem muita gente nos melhores amigos” e eu fico tipo, “mas é o pessoal do meu Dix”

Entrevistadora: E qual é o critério para tanto alguém estar no Dix ou estar no Melhores Amigos?

Entrevistada 3: Assim, primeiro eu tenho que conhecer essa pessoa de verdade, porque tem gente que eu só conheço né? tipo “aí já ouvi falar” e o que aconteceu, eu criei o Dix porque tinha muita foto de festa, rolê e coisas que eu queria postar, só que assim, o meu Instagram ele é todo bonitinho, princesa, montadinho, aí eu ficava “gente, não combina, né? não vai dar” e aí eu fiz o Dix. Mas aí eu nem usava muito o Dix eu só usava mais os Stories, daí eu parei e falei “não gente, eu vou usar só os melhores amigos mesmo e o Dix se eu quiser postar algumas fotos só para deixar lá, eu deixo”. Mas o critério nos “melhores amigos” tem vários, tem o critério “eu estou no seu também” aí eu ponho a pessoa no meu também, né? Se eu tô no dela, a gente já se considera amigos e eu tenho que ter tido pelo menos uma interação com a pessoa, nem que seja virtualmente tipo ah comentou uma foto, conversou por Direct, já pode estar no “melhores amigos” porque não é nada demais, só eu fazendo palhaçada e graça que eu não posto no Stories normal, porque até já teve alguns problemas, de eu postando palhaçada nos Stories normais e tipo algumas pessoas da minha família falando coisa e eu assim “linda? Vai cuidar da sua vida”.

Entrevistadora: Não poste pra você (risos).

Entrevistada 3: Não, foi assim, tipo eu tava numa banheira com a minha prima e a gente tava brincando, e eu postei a foto dos nossos pés balançando assim. E aí ela achou horroroso, falou “Gente, a [nome da entrevistada]...”

Entrevistadora: Que absurdo (risos).

Entrevistada 3: Ela ligou pra minha mãe, aí ela falou “deixa eu ver” aí eu mostrei e falei “o pé”. Que gente louca, inclusive a única pessoa bloqueada no meu Stories é essa pessoa, se vai reclamar não vai ver nada também.

Entrevistadora: Se reclamou não vai ter acesso.

Entrevistada 3: Exato, tá bloqueada, fechada.

Entrevistadora: Mas então não necessariamente precisa ser alguém que conviva com você?

Entrevistada 3: Não, eu conheço muitas pessoas que colocam tipo “ai é porque são os meus amigos mais próximos, é o pessoal da minha família”. Eu não tenho muito essa nóia não, porque eu me torno próxima das pessoas muito fácil, eu tenho uma facilidade de entrar em contato assim muito fácil, aí sei lá, nunca... Ai nossa só vai ser minha melhor amiga depois de 5 anos conversando” ah, não.

Entrevistadora: Depois que souber a vida inteira da pessoa.

Entrevistada 3: É, a pessoa vai saber a minha vida inteira vendo a minha vida lá no Instagram ué.

Entrevistadora: E o que você mais costuma postar tanto no feed quanto nos Stories?

Entrevistada 3: Eu costumo postar aquilo que eu gosto de consumir, então assim, se eu vejo um texto legal, alguma coisa legal, eu posto geralmente nos Stories e no feed normal sempre tem fotos de viagem ou fotos com momentos que eu gosto. Porque antes eu tinha uma nóia, não sei se você olhou todo o feed, mas antes meu feed era organizado por cor, cada post tinha que ter três, porque não podia desandar meu feed, e aí depois eu falei “cara, o Instagram é meu e eu não estou nem aí” e eu comecei a colocar ele como se fosse um álbum de fotos, claro que eu não coloco qualquer foto porque tem fotos que eu falo não vou pôr aqui, essas pessoas tem que ver isso, essas tem aí vai no Dix, aí eu só posto aí eu tô viajando, eu tô com a minha família e coisas

assim, de festa também, às vezes quando é aniversário de alguns amigos eu posto, porém depende, não posto pra todos, só alguns.

Entrevistadora: Só pra quem merece.

Entrevistada 3: É, é selecionado, o espaço de aniversário no feed é selecionado. No Stories eu posto para todo mundo, no feed não você pode ver tem uns 5 posts de aniversário, porque é uma seleção.

Entrevistadora: E quando você fazia, por exemplo, pra completar a fileirinha e tal. Por que você fazia?

Entrevistada 3: É porque, na época eu gostava disso, eu achava muito fofinho, muito bonitinho, eu gostava da organização do feed, eu tenho um aplicativo que organizava o feed, então no aplicativo eu postava foto antes dela ir para Instagram para eu ver como ela ficaria no meu *feed*, e aí se eu gostava, eu postava no *feed*. Aí depois eu falei “gente, que sem nexa” e o pior de tudo quando eu comecei a não fazer isso o meu *feed* está muito mais organizado, numa fase de cor, porque a semana eu fui olhar meu *feed* assim e estava tipo todas as fotos tem a mesma paleta, assim, meio alaranjado, meio amarelada, uns tons de verde acho que por causa do meu cabelo, e a outra parte embaixo estava mais rosa com roxo e azul, aí eu fiquei “gente organizei sem saber que estava organizando”. Mas eu percebi que foi muito da fase, então assim naquela época estava muito na fase roxo, azul, rosa, então as fotos que eu achava bonitas eram roxo, azul, rosa e depois eu comecei a vir para uma vibe mais, sei lá, amarelo não sei explicar por que a vibe amarela, mas eu estava nela e aí tá assim agora e aí tá meio alaranjado meio amarelo. Então, eu percebi que organizo e que eu gosto daquela organização, mas eu parei até de olhar o meu próprio feed, eu não procuro muito.

Entrevistadora: Então não tinha a ver com seguidores, por exemplo, “ai quem tem o feed organizado tem mais seguidores”?

Entrevistada 3: Não, eu nunca pensei muito nessa questão dos seguidores, porque eu sempre tive muito amigo no Facebook, né? Na época do Facebook eu tinha tipo 1500 amigos, um pouco mais, até hoje tem umas 1.800 pessoas lá eu fico tipo “nem conheço esse povo, mas está todo mundo aí” o pessoal da minha escola tipo assim, na escola tinha 700 alunos e todos os 700 estavam no meu Facebook.

Entrevistadora: Nossa senhora!

Entrevistada 3: Agora a minha escola atual tem muito mais aluno, daí tem bem menos. Só que assim, no meu Instagram antes eu não tinha tantos seguidores, eu tinha tipo uns 300 e aí eu entrei na [nome da escola], quando eu entrei na [nome da escola] (sinal com a mão de que aumentou bastante) mas assim eu também nunca parei para contar nem nada do tipo e assim também “ai a pessoa me segue vou seguir de volta” eu não tenho isso, só sigo de volta quem eu gosto de ver o conteúdo e tá tudo bem, então nunca foi uma questão de seguidores.

Entrevistadora: Qual você acha que a diferença que você usa, por exemplo, para postar alguma coisa nos Stories e para postar alguma coisa no feed?

Entrevistada 3: No feed eu sempre penso “eu vou querer ficar vendo isso depois?” porque o meu feed é tipo o meu álbum e obvio que eu posso arquivar foto, tirar ela dali, mas eu penso “cara, esse momento aqui foi tudo legal e tal” ou senão eu fico “ai faz tempo que eu não posto nada” aí eu posto assim só por nada, mas os Stories é uma coisa que eu não usava tanto e aí eu comecei a usar bem mais, aí eu uso todo dia, eu tava vendo os arquivos e aí eu postava tipo 2 ou 3 Stories por semana, hoje é tipo 10 por dia e tá tudo bem, tá tranquilo e conheço bastante gente que posta bem mais, posta um filme. Mas do *feed* mesmo eu sempre penso se é uma foto que eu gostei muito, que... e eu gosto bastante de editar foto, tirar foto então eu sempre procuro um ângulo legal, um lugar legal, e aí eu sempre falo “nossa essa foto aqui tá muito bonita” então eu posto, “ah essa aqui não tá tanto” e fotos que se eu tiro com os efeitos do Instagram eu posto ela só no Stories, no feed eu nunca posto com os efeitos do Instagram, não sei qual é a minha nória, só eu não gosto delas lá. E não gosto muito de postar selfie no *feed*, só quando eu tô tipo... se tem mais pessoas e tudo mais, mas ainda assim não gosto muito de selfie no *feed*.

Entrevistadora: E aí ela vai para o Stories?

Entrevistada 3: E aí ela vai pro stories quando é selfie. E aí eu tenho a minha fotografia, minha irmã, ela tira todas as minhas fotos, a gente viaja e é ela tirando as minhas fotos eu tirando as fotos dela, então eu acho que meu conceito é esse. Eu acho a foto que eu editei muito bem, que ela tá muito bonita aí eu posto e acho que por isso que fica organizado porque eu edito quase tudo do mesmo jeito, até eu descobrir uma nova edição com uma nova ferramenta aí evolui, nasce um novo Pokémon.

Entrevistadora: E você falou que posta Stories todo dia, você acha que já entrou na rotina? Por exemplo, se você não postar você sente falta?

Entrevistada 3: Não, não sinto falta, inclusive assim, tem dias que eu falo “não, hoje não vou postar não”, sabe? “hoje eu não tô muito bem” e aí eu não posto nada, mas já chegou uns negócios tipo assim “ó eu não tô bem” e eu fiquei uma semana sem postar aí veio gente “amiga você tá viva? Você tá bem?” e eu “tô bem, gente” e aí eu comecei a perceber que os meus amigos, a gente não precisa conversar, eles sabem que eu tô viva pelo meu Stories. Então as vezes eu tô ouvindo uma música daí eu coloco. Teve um momento, como você está me acompanhando há 10 meses, teve uma época que eu estava postando indiretas, não sei se você percebeu, mas foi ali em janeiro que eu tinha acabado um namoro e aí eu postava várias coisas meio que direcionadas assim, mas eram coisas que eu sabia que ela não ia perceber, não ia chegar a atingir a tal da pessoa, só que eu postava mesmo assim porque eu não estava nem aí.

Entrevistadora: Mas se não era pra atingir ela, por que você postava a indireta?

Entrevistada 3: Eu postava porque aquelas indiretas, aquelas coisas, era assim tipo “nossa eu ouvi essa música e me faz lembrar exatamente o que estou passando neste segundo, neste momento” e aí eu postava ela. Eu lembro até hoje, teve um dia que eu falei “cara, essa música da Selena Gomez, é tudo, tudo o que eu estou sentindo no momento, esse álbum inteiro dessa mulher” eu fiquei uma semana inteira ouvindo o álbum.

Entrevistadora: Eu lembro da época da Selena Gomez (risos).

Entrevistada 3: Viu? Tá lá, tá lá.

Entrevistada 3: Entendeu? E assim eram umas músicas meio tipo “cara olha que merda você estragou tudo, realmente” porque realmente foi, né? Foi uma situação bem triste e a última que eu lembro que eu postei da Selena Gomez foi... Feel me e essa foi a última e eu disse “acabou, chega de sofrer” e aí começou a época das *Lives* e não deu pra superar realmente.

Entrevistadora: Veio a pandemia e acabou com tudo.

Entrevistada 3: Destruí, destruí o meu planejamento do ano, mas... e aí eu comecei a fazer outras coisas, minha fase da Selena Gomez eu tava de férias, então era isso

que eu pensava o dia todo, aí eu comecei a [nome da escola] e era o dia inteiro, eu faço monitoria e comecei a trabalhar na mesma escola de inglês e aí tipo assim eu saia da [nome da escola] 4 horas chegava lá, 5 horas, e saí de lá 10 horas, então eu meio que não tinha nem tempo para pensar em outras coisas, o que que eu postava? Eu postava coisas do meu dia a dia, então “cara, eu tô ouvindo muito essa música” postava, postava “aí tô dando essa aula, olha esses alunos que fofinhos” postava com eles, então foi mudando assim, mas aí veio a quarentena eu comecei... você pode ter percebido que eu comecei a postar umas músicas assim meio de novo, uns textos meio assim, aí desandou.

Entrevistadora: Qual que você acha que a diferença, tipo que você posta ou postava porque agora está mais nos melhores amigos, mas postava no Stories do Dix e no feed do Dix?

Entrevistada 3: O meu Stories do Dix servia mais como uma ferramenta de flerte né? não posso negar, não posso realmente. Eu tinha que estar linda, belíssima, e aí eu pensava “nossa essa pessoa aqui, falou no meu último *Stories*” aí eu ficava “vou ver se vai falar de novo” e aí eu postava alguma coisa tipo... Aí teve um essa semana que eu olhei essa semana que eu falei “gente que vergonha alheia, que que eu fazia no meu primeiro ano? Que coisa feia” que era tipo assim “fico ou ficaria” não.. “já fiquei ou ficaria”. Gente o que que eu tinha na minha cabecinha, tadinha? Fiquei com muita dó de mim naquela época, foi triste, mas aí eu cansei disso e o pior que eu cansei disso e agora o pessoal responde a DM mesmo, não tá nem aí.

Entrevistadora: E esse nos Stories?

Entrevistada 3: Isso, eu postava nos Stories do Dix e no Dix também, tipo assim, é uma coisa que era bem louco, a gente abria o Instagram 7 horas da manhã e pá já tinha alguém tipo postando “acordei assim”, sete da manhã e a pessoa posta um negócio desse, que loucura que tá acontecendo? E aí eu meio que saí do Dix porque era só post assim, o pessoal tava realmente usando o Dix mais “ai quem quer me beijar?”. Tem que acabar o adolescente, eu não tenho condição, eu falei “eu preciso parar com isso” daí eu “tchau Dix” e veio a nova fase da [nome da entrevistada] no “melhores amigos”, só que o “melhores amigos” tem pessoas da minha família, tem pessoas da minha escola, tem pessoas da minha escola antiga e aí eu falo “não gente, aqui eu não posso postar uma palhaçada dessa” então foi assim que eu também

aprendi a tomar juízo, porque eu achei uma coisa totalmente desajuizada postar isso em uma rede social, achei mesmo, me julguei.

Entrevistadora: Então, tecnicamente, o “melhores amigos” não é a mesma coisa que o Dix?

Entrevistada 3: Tecnicamente não, assim o que eu... para que eu posto? No “melhores amigos” é para passar meu tempo mesmo, então os meus melhores amigos vão me ver desocupada, agora no meu Dix era uma coisa mais tipo “oi gente, tudo bom?” ou era tipo posts com as minhas amigas ou umas coisas tipo ah olha essas fotos... fotos de festa. Fotos de festa no Instagram normal a gente postava tipo todo mundo ainda tranquilo depois já era tipo 5 horas de festa já tava assim (acabada) E aí tem foto jogada no chão tipo “gente cansei”, sentada no chão porque cansou, tem uma foto minha que eu tô assim (jeito de cansada/entediada), em um canto, esperando a vida me levar e eu coloquei até arqueei essa foto porque eu tô... (jeito de cansada/entediada), parecia que o rolê tava sendo uma bosta e assim, o mundo inteiro acontecendo atrás de mim, pessoal dançando, comendo carne na churrasqueira, pessoal aí... um negócio que eu não suporto é o pessoal do narguilé, não dá para mim, não consigo ficar lá, eu entro na rodinha, fico 5 segundos e falo “gente, não quero não, sai”

Entrevistadora: Mas você já fumou?

Entrevistada 3: Narguilé não, porque eu vi um narguilé explodindo em uma criança, eu tava dentro do carro a mulher tava tipo ela, a mulher, a filha dela, uma amiga e o narguilé explodiu e queimou a criança, sabe? Então sinceramente, eu não consigo e isso faz uns cinco anos, mas isso nunca sai da minha cabeça, então eu pro narguilé e fico (sinal de não com a mão) ...não. E aí eu só tenho amigo narguilero e eu fico tipo sai daqui e aí “ah vamos em uma tabacaria” não vou, me recuso, não entro nesses lugares.

Entrevistadora: Me chama pra outro rolê.

Entrevistada 3: Me chama pra ir no parque, eu sou muito natureza, não dá pra ir nesses lugares. E aí tá todo mundo, o mundo inteiro acontecendo atrás de mim e eu tô assim neutra, acabou o role pra [nome da entrevistada], mas assim o Dix que era meio que pra isso, quando eu tô acabada, quando eu tava triste também eu postava

no Dix ou quando eu tava muito feliz, o Dix era um lugar de extremos, nunca foi um lugar de tipo ah melhores amigos, não, foi um lugar de extremos mesmo, eu nunca soube por que que eu fiz um Dix, depois eu fiquei pensativa de “gente, porque eu fiz uma segunda conta?”. E no meu primeiro ano, no meu Instagram tinham 4 contas, a minha normal, o Dix, eu acho que você segue, o [terceiro Dix] e o [segundo Dix] que era só eu e uma das [terceiro Dix] porque as [integrantes do terceiro Dix] se juntaram mais depois do meio do ano do 1º ano e o [segundo Dix] é do primeiro semestre do primeiro ano e assim no [segundo Dix] não tinha nada era só eu e a [nome da amiga], né? E sempre tinha uma pessoa a mais e a gente chamava de [nome do segundo Dix] porque sempre tinha uma pessoa junto com a gente, não interessa quem, todas as fotos era eu, ela e mais alguém no meio, mas assim a gente usou ele só até a metade e quando veio o [terceiro Dix] a gente meio que largou e ele virou só um álbum de recordações, nossas fotos e vídeos estão lá, os Stories eram impagáveis, a gente morria de rir e aí a gente parou e foi pro [terceiro Dix]. O [terceiro Dix], vou admitir que teve a fase da vergonha também e dessa eu não fiz parte.

Entrevistadora: Você saiu ilesa?

Entrevistada 3: Saí ilesa, porque é assim, tem o [terceiro Dix], né? E aí era sempre assim “aí vou ficar com alguém da sala” não podemos negar que aconteceu, acontecia muito, “aí vai ficar ali no canto” “aí saiu com alguém e ficou no rolê” e aí o pessoal tirava foto que eu nunca entendi qual é a noíia de tirar foto disso, e aí postava no Dix e eu ficava “gente se um dia eu aparecer aí, eu juro por Deus que eu mato vocês. Vocês mancham minha reputação”. Falei “gente, eu não... pelo amor de Deus eu sou apaixonada em cinco pessoas, vocês não podem fazer isso comigo”.

Entrevistadora: Se um souber do outro acabou o esquema?

Entrevistada 3: Pior que não, sabe? Isso que eu acho muito louco, eles não tão nem aí, nem aí mesmo, ninguém tá nem aí, você gosta dele? Problema seu, minha filha. Era muito isso, tanto que a gente ficava meio assim, porque o [terceiro Dix] por exemplo, a [nome da amiga] namora com a [nome da amiga] e todo mundo do [terceiro Dix] já beijou a [nome da amiga], todo mundo, inclusive eu fui a primeira aí depois foi a [nome da amiga], porque a [nome da amiga] era hétera nessa época, ela falava “ não gente, não, eu só tenho uma quedinha pela [nome da amiga], não é nada” a quedinha tá aqui a dois anos, mas foi assim bem louco, e todo mundo ficou com a

[nome da amiga], teve uns que foi tipo verdade ou desafio, mas todo mundo já beijou a [nome da amiga]. “E aí [nome da amiga], rola um ciúme?” não. Tem um outro também que já beijou quase o [terceiro Dix] inteiro, o [nome do amigo], esse também. Ai pra que, sabe? E aí tem foto desses eventos e eu já falei se tirar foto minha, eu vou matar vocês. E o único vídeo que eu aparecia eu não tava beijando, estava conversando, beijei depois, mas eu estava conversando. E elas pararam de postar porque teve uma discussão no Twitter, uma veterana nossa postou assim “mas gente, qual é a nóia de postar vídeo beijando no Dix?” Aí eu falei “tá vendo? Eu não falei para vocês? Olha aqui” aí elas “não, realmente né?” Aí hoje em dia a gente fala “que sem noção que a gente era” o Instagram, ele é uma rede de humilhação, porque a gente vê o passado e fica assim... e ele ainda lembra, ele manda tipo assim “um ano atrás vocês estavam fazendo isso” aí eu fico (cara de indignada).

Entrevistadora: É pra lembrar a vergonha.

Entrevistada 3: Eu olho para aquilo e penso “gente, um ano atrás eu postei isso?” ainda bem que foi um ano atrás e não foi hoje.

(Falha na gravação)

Entrevistada 3: Eu não quero nem olhar para o Facebook, eu não tenho baixado, eu não entro no Facebook, eu me recuso, porque a minha mãe... teve uma época da minha vida que eu usei o Facebook da minha mãe, porque ela não queria que eu tivesse um Facebook só meu. Eu postava umas coisas que eu não tinha nexa e a minha mãe, ela renasce essas memórias, ele fala “cinco anos atrás” e ela vai e compartilha e me marca, aí eu fico assim “tirar meu nome dali” pelo amor... mãe. E o ruim é que como eu usava o Facebook dela, todos os meus amigos mais antigos têm a minha mãe no Facebook, por isso que eu me afastei dessa galera, graças a Deus.

Entrevistadora: Pelo menos se não vê não sofre, é mais fácil.

Entrevistada 3: Então e agora esse pessoal tá todo mundo no Instagram, mas eu percebo que várias pessoas ainda usam o Facebook eu fico assim... corajosos, porque eu não consigo.

Entrevistadora: Facebook é mais para família... pra BuzzFeed.

Entrevistada 3: *Buzzfeed* eu vejo pelo Twitter, o Twitter é uma rede que está todo mundo muito presente assim, pelo menos do meu círculo social, muita gente, de

verdade. E o Twitter é assim, no Instagram tá todo mundo assim (posando pra foto), “olha essa música aqui, gente” “olha esse efeito” “hahaha” e no Twitter “eu não aguento mais” “hoje eu já pensei em surtar 59 vezes” e o pessoal fala mesmo, da vida e tudo mais, e aí a gente sabe como o outro tá, não precisa conversar, a gente abre o Insta e o Twitter. Se a pessoa tá super feliz no Insta e não tá postando quase nada no Twitter isso significa que ela tá feliz de verdade, aí se a pessoa tá tipo ok no Insta e no Twitter tá falando “ai mano, que saco, não sei o que lá” ela tá tipo meio off e se a pessoa não tá no Insta e tá só no Twitter reclamando é o fundo do poço e eu já tentei ser a pessoa que não sofre no Twitter, porque por acaso a minha ex, a pessoa com quem terminei lá em janeiro, não é esse tipo de pessoa, não posta no Twitter, só que eu sou muito twiteira, eu tenho 22k de tweet ela não era assim, e ela vivia perguntando, passou um tempo que a gente terminou e ela se arrependeu muito e ela vivia procurando o meu Twitter e eu bloqueei ela em tudo, e ela vivia procurando o meu Twitter, meu Insta e perguntando pras minhas amigas, aí eu falei “ah é? Ela quer saber como eu tô? Então não vou postar nada” e eu não postava nada, eu fiquei off do meu Twitter por tipo, uma semana, eu não falava nada, aí ela me chamou, tentou me ligar, falou com as minhas amigas se eu tava bem, porque eu não tava no Twitter, então sabe? É um negócio desesperador real, a gente só sabe que as pessoas estão bem por ali e a gente vê se vale a pena ir lá e perguntar ou se não, mas é bem complicado. Só que isso também, de não chamar, acaba atrapalhando um pouquinho porque por exemplo, teve um dia que a gente tava super feliz no grupo do WhatsApp do [terceiro Dix] conversando e falando várias coisas, empolgadas com viagem te formatura que na época a gente estava empolgada e a gente estava falando tudo isso e naquela madrugada o pai da [nome da amiga] morreu, só que no Dix e no Twitter antes ela tinha postado que tava tudo bem e ele morreu no meio da noite e tipo o pessoal, tava rindo, conversando, postando coisas super felizes e legais e só a gente sabia, e aí ela fez uma publicação no Facebook pra avisar a família, né? De onde ia ser o enterro e tudo mais e aí todo mundo ficou tipo... e aí foram lá no Twitter, apagaram os twittes mais assim, sabe? Pra deixar ela respirar um pouco, aí foi uma comoção meio geral, todo mundo foi, o [terceiro Dix] pelo menos, foi acompanhar ela no enterro, mas foi um momento que eu falei “gente, a gente tem que tomar muito cuidado com isso aqui, né?” Porque a gente tava super aham assim, o pessoal super interagindo com a gente e aí aconteceu uma tragédia e tava todo mundo tipo “como que eu vou responder essas pessoas agora, sabe? Não tô mais daquele jeito”.

Entrevistadora: Muda muito rápido, né?

Entrevistada 3: Sim, eu tava falando disso essa semana, que é tipo, as vezes a gente posta uma coisa e uma semana depois já não é mais aquela coisa porque a gente tem muita informação, muita coisa, acontece tudo muito rápido, e eu falei “cara, eu vou parar de postar coisas polêmicas” antes eu postava muito sobre política e tudo mais, porque inclusive é uma área que eu quero seguir, é uma área que eu gosto de ver coisas sobre, mas não tinha condição, se eu postei uma coisa em 2016 isso reflete na minha vida hoje, pessoas falam dela até hoje e eu fico tipo “gente, não é assim, olha o tanto de coisa que aconteceu depois”, sabe? Daí eu parei, eu não falo mais, se não chegam pra mim em uma conversa e a gente começa a falar sobre, no meu Instagram eu quase não falo mais nada.

Entrevistadora: E quando você postava tinha repercussão, por exemplo, se você postasse um stories sobre política, tinham pessoas respondendo no Direct?

Entrevistada 3: No Instagram não, mas quando eu postava muito polemica mesmo, eu era militante quando ainda era moda ser militante, né? Eu era militante 2016 ali, e eu era bem pequenininha, eu tinha o que? 12 anos e eu tava no meu sexto ano só que no meu sexto ano, eu virei militante real, eu e as minhas amigas, a gente falou “gente, olha isso tudo que tá acontecendo” e foi meio que um negócio geral, a mãe da minha amiga era professora e teve alguma coisa com os professores em 2016, teve umas greves, umas revoltas, uns negócios e a gente falou “gente, bora acordar, né?” e a gente levantava bandeira sempre assim e no meu Facebook tinha muita repercussão porque assim, a minha família a maior parte é de esquerda mesmo, o pessoal meio petista assim, minha vó se ela puder beijar o Lula, ela beija e meus pais já não são tanto, meus pais são mais centro assim, mais tipo “vamos com calma”, mas eles nunca falaram nada eu sempre falei “olha aqui, é a minha opinião, vocês cuidem das suas vidas e eu não estou nem aí” e sempre foi muito respeitado isso aqui, mas um pessoal mais distante aí era um inferno.

Entrevistadora: Sempre tem aquele tio que você vê uma vez por ano.

Entrevistada 3: Ai sim, tem uma mulher, é uma amiga da minha vó e ela me mandava tipo “meu Deus, [nome da entrevistada], você é uma menina tão linda, você tinha que ser uma jovem cristã e de valores, fica aí apoiando essas coisas” quais coisas? Aborto ser legalizado. E ela achava o cumulo e aí se eu postava alguma coisa sobre o

Bolsonaro, nossa aí era o surto, vinha o pessoal distante e queria me matar e eu tipo “gente, eu não estou nem aí”, então eu nunca fui de responder nem nada, só falava assim...Like e saia, tava nem aí. E aí eu meio que parei de fazer isso porque eu percebi que não fazia diferença nenhuma na minha vida, até que um desses parentes começou a se tornar muito próximo dos meus pais e aí ele minha aqui quase todos os dias e ele tinha Instagram, né? E eu postava alguma coisa contra o Bolsonaro no Instagram e ele vinha falar aqui tipo “nossa Cá, meu Deus, né? E eu tipo “É isso mesmo, não gostou, você pode ir embora” não estava nem aí, tanto que no dia do primeiro turno ele veio aqui em casa e falou “agora que eu votei, o Brasil vai melhorar, porque vai acabar essas coisas de viadagem” aí eu estava prestes a sair de casa, né? Eu ia pra um passeio com os meus amigos, tipo parque assim aí o que eu fiz? Eu tava levando a minha bandeira LGBT pra gente pôr no chão, tava na minha mala, aí o que eu fiz? Peguei minha bandeira e coloquei no pescoço e sai andando pela minha própria casa com ele falando que ia acabar as viadagens e saí, tranquilamente. Mas foi uma revolta, inclusive esse cara nem é mais próximo da minha família, porque né? Rolaram muitas discussões. Talvez assim, em algum momento eu tenha expulsado ele da minha casa.

Entrevistadora: E como foi o processo de você criar o Dix?

Entrevistada 3: O meu Dix, ele foi feito quando o meu Instagram começou a ter muita... tipo assim, meu Instagram era privado no meu primeiro ano, agora eu tô no terceiro então foi 2018 e meu Instagram normal tinha muito Dix me seguindo e eu acompanhava esses Dix e falava “nossa, muito legal” porque o pessoal postava coisa de rolê, coisa engraçadinha, coisa que não tinha nos Feeds normais, aí eu falei “cara, vou criar um Dix pra mim” isso foi logo no primeiro mês de [nome da escola], porque você não tem noção do quanto subiu o número de seguidores e eu fiquei “o que é isso?”, minha prima falou “mano, você conhece isso de gente?” e eu falei “o pior é que eu conheço”, isso que é mais louco. E aí eu fiz o Dix com esse intuito de seguir os Dix com o Dix e os normais com o normal, porque ficava muita confusão, as vezes eu tava no meu Instagram normal e pá foto de uma bunda e eu falava “gente, não tava a fim de ver isso hoje, né? Podia deixar isso por Dix” e aí eu separei as coisas porque senão eu ia ficar maluca, juro eu abria o Dix e era sete da manhã e pá “cortei o cabelo gostaram?” sete da manhã, era uma coisa meio sem limites, mas isso vem mudando, tipo isso foi no primeiro ano, aí no segundo ano o pessoal já tava mais vibes, postava

mais foto de rolê, foto caindo de bêbado que eu falava “gente, misericórdia”, tem um amigo meu que tem um Instagram, o feed dele na verdade do Dix é só ele com... várias fotos dele com dois copos ao invés de só um e umas três fotos dessas fui eu que tirei e aí eu fiquei “gente, peculiar, mas tudo bem, continua meu filho”.

Entrevistadora: Se você gosta...

Entrevistada 3: Assim, gostar eu gosto, postar não posto. A gente gosta e deixa em off. Acho que ali por janeiro eu devo ter postado algumas coisas quando eu tava em Curitiba, porque eu estava assim... péssima, pra você ter noção, eu nem poderia fazer isso, na verdade é um crime, porém era uma garrafa de vinho por dia assim, eu estava totalmente sem limites.

Entrevistadora: Pior que eu acho que eu lembro.

Entrevistada 3: Eu acho que você lembra de um momento específico que é a do miojo com vinho, esse foi o meu auge, eram três horas da tarde e eu estava almoçando miojo com vinho.

Entrevistadora: Então não teve uma motivação, por exemplo, “ah eu não quero que a minha família veja o que eu tô postando”?

Entrevistada 3: Tinha também, minha família nunca teve meu Dix, ninguém da minha família tem meu Dix, minhas primas chegavam “como assim eu não tenho seu Dix?” e eu “não, você não tem meu Dix e não vai ter também” porque na época eu ainda não era assumida pra minha família, ninguém sabia e as vezes tinham uns comentários, tinha algumas amigas minhas tipo “ai meu Deus, que gata” ou tipo “ai meu Deus me beija” e aí eu já ficava assim “não a minha família não pode ver essas coisas” e aí começaram a perder o limite, comentar nas minhas fotos normais e aí eu parei de ligar também. E teve o questionamento, uns seis meses depois, teve o questionamento “será que a [nome da entrevistada]?” será que a [nome da entrevistada] que saiu desfilando com a bandeira no pescoço? Será? E aí eu comecei a namorar aí eu cheguei pros meus pais e falei “é isso mesmo galera” aí eles ficaram tipo (chocados) “eita” aí eu no dia seguinte levei em uma festa de família, nem aí pra nada. Aí né? Essa festa de família era uma festa mais fechada, assim a minha família que já sabia, já tinha falado com eles, inclusive foi minha tia que convidou, não fui eu. A minha tia tirou uma foto nossa e postou no Facebook dela, tipo assim porque minha

prima tava com o namorado dela e minha prima foi lá com a minha priminha que tava fazendo aniversário com o namorado e tirou uma foto os dois, aí minha tia falou assim “vai vocês duas agora” aí a gente foi tipo achando gracíssima. Uma semana depois que a minha tia tinha postado todas as fotos, minha prima me manda “que fofinhas vocês no Facebook da sua tia” aí eu “que?” aí eu abri o Facebook tava lá, aí eu fiquei só observando porque tem minha família toda no Facebook da minha tia. E aí todo mundo sabe, porém é bem bizarro porque quase ninguém comenta, e assim, eu tenho tios e tias que continuam meio que “e os namoradinhos?” e o pior é que eu sei que essas pessoas sabem, porque essas pessoas tipo ligaram para minha vó, ligaram para a minha mãe, aí eu fico assim “tudo bem, gente” aí eu nem respondo, eu falo “namoradinho? Não gosto disso não” aí eles ficam “Ai meu Deus, olha o que ela tá falando aqui” e eu rindo

Entrevistadora: Mas você falou que geraram alguns questionamentos antes de você falar para os seus pais, mas questionamentos que vieram do Instagram? Ou eles só começaram a perceber?

Entrevistada 3: Não, foi uma coisa tipo assim, “olha o que a [nome da entrevistada] tá postando, será que ela é?” mas era tipo assim “respeitem LGBTs, não matem LGBTs” e eles “será que a [nome da entrevistada] é?”. E aí começou tipo assim, a minha madrinha quando eu contei para ela, que falei pra ela “dinda, eu fico com meninas também” aí ela me levou na parada gay e quando ela me levou, meus pais não sabiam ainda.

Entrevistadora: Estavam na desconfiança.

Entrevistada 3: É, quando eu falei pra minha mãe ela falou “não vou dizer que eu não esperava, porque eu esperava” e meu pai “é, tava meio na cara, né?” e minha mãe “e também, você aparecer com uma amiga nova do nada? Muito nada a ver”.

Entrevistadora: Então eles foram de boa.

Entrevistada 3: Não, eles realmente falaram “é, você realmente não soube esconder nada querida”, mas assim tinha a minha bandeira que eu comprei na parada gay, ela tava amarrada na janela do meu quarto, então assim, meus vizinhos, minha família vinha aqui em casa, via ela lá e ficava “não, não é não gente, ela só apoia o movimento. É que ela não é homofóbica, meu. Para de falar que ela é gay”, não rolou.

E o pior é que assim, eu escondi desde o meu sétimo ano e aí eu contei pra minha madrinha no segundo e pros meus pais no segundo também, e depois eu também comecei a ligar, mas eu tinha muito medo dos meus parentes quando era mais novinha, depois eu falei “oxe se abrir a boca pra mim a gente solta uma Bíblia, não tem problema” minha mãe fala que eu sou respondona eu falo “sim, eu sou”.

Entrevistadora: E como você acha que é a sua relação com privacidade no Instagram? Tipo, você acha que você se expõe?

Entrevistada 3: Assim eu sempre penso e eu fico pensando, comparado por exemplo, a minha prima realmente posta a vida inteira dela no Instagram, tipo assim ela recebeu o cartão dela do banco quando ela fez uma conta e ela falou “gente, eu tenho um cartão” e eu fiquei assim “você sabe que dado bancário não se divulga né, [nome da prima]?” e ela “não, porque eu tenho um cartão, o meu cartão é lindo” e eu sim divulga aí o número e o número que fica atrás fazendo favor. Coloca assim, uma foto frente e verso, coloca seu CPF também, já te ajudo” eu falei “gente, maluquice”. Mas aí, eu assim não costumo postar muito coisas que tenham, que sejam muito íntimas minha, o que eu posto no meu Instagram é meio superficial assim, tipo “ah estou nesse rolê” todo mundo sabe que eu tô no rolê, tá todo mundo no rolê. “estou falando com tal pessoa” ninguém sabe muito a gente deixa isso tudo em off, agora essas partes da minha vida eu comparo muito com a minha prima e com algumas amigas minhas, e fico tipo “essa pessoa não posta nada da vida pessoal” eu já posto algumas coisas tipo “ah eu dou aula para criança” então todo mundo sabe que eu dou aula para criança, porque as vezes eu apareço e estou com o uniforme, às vezes eu posto foto com uma criança tipo abraçada, então o pessoal sabe mais ou menos, né? porque tem gente que fala “é sério?” e eu fico “sim gente, é real”. Essa semana mesmo já me perguntaram “mas é sério que você dá aula?” e eu tipo assim “gente, faz seis meses que eu dou aula”, mas eu nunca posto nada muito privado assim, tipo comemoração do Dia dos Pais, Dia das Mães, aí eu posto alguma foto, alguma coisa, mas a parte mais privada é mais minha assim, eu sempre guardo. E eu tenho muita foto, as vezes o pessoal fala “você posta muito no Instagram” aí eu fico “gente, vocês não tem noção, se eu entrar no meu Google Fotos agora, ele tem que de 16.000 fotos para minha cara”, é mil para cada ano de vida, então eu não acho que meu Instagram tem muitas fotos não.

Entrevistadora: E a questão mais emocional, por exemplo, você posta?

Entrevistada 3: Geralmente quando eu quero que as pessoas saibam, tem momentos que eu falo “não, vou sofrer sozinha” ou que eu fico muito feliz e muito animada com alguma coisa, algum projeto, alguma coisa prestes a acontecer, eu costumo não postar isso porque minha vó fala que atrai mau olhado e aí eu não posto quando eu tô muito animada pra algo, agora às vezes tem situação que alguém que eu sei que vai ver, me deixou muito chateada aí eu posto algum texto, alguma música ou quando é pior ainda, eu faço o que? Eu fico linda, feliz e posto que eu tô feliz, que essa pessoa não me atingiu. Teve isso, inclusive no da minha irmã eu já fiz isso, porque eu tinha bloqueado no meu Insta aí eu fui lá e falei “[nome da irmã] você vai postar um GIF comigo agora” e aí tipo, eu tava linda, a gente tava estudando juntos e aí a gente tava ouvindo uma música porque a gente tinha acabado de estudar algumas matérias, a gente tava tipo “uou, estudamos muito hoje” e a gente postou um GIF juntas e a música que estava tocando de fundo era “S de saudade”. E a minha ex falou “nossa, estou desse jeito mesmo” aí ela “quem mandou você ser burra?” a minha irmã não gosta muito dela não.

Entrevistadora: E você tinha falado do Dix, que você postava em extremos, né? Quando estava muito triste ou muito feliz, e aí...

Entrevistada 3: Era uma coisa tipo “eu não aguento mais”.

Entrevistadora: E aí, era pela mesma motivação? tipo para as pessoas saberem ou para as pessoas responderem...

Entrevistada 3: Geralmente não, porque geralmente todo mundo já sabia que tinha acontecido alguma coisa, porque era assim, meu círculo de amigos na escola todo mundo conhece, porque assim eu conheci uma parte, a [nome da amiga] conhecia outra, a [nome da amiga] conhecia outra e a [nome da amiga] conhecia outra, aí isso juntou e juntou a escola inteira basicamente, então todo mundo meio que conhecia aí era uma palhaçada, porque todo mundo sabia quando acontecia alguma coisa e ninguém fazia questão de esconder, que nem o [nome do amigo] que beijou todo mundo, ele é muito sentimental, ele é muito dramático, e aí ele pediu pra namorar comigo aí eu falei “mano, não” era almoço e o almoço é tipo a escola inteira, ele estava triste o dia inteiro, a sala inteira dele tava tipo “gente, o que aconteceu com o [nome do amigo]” e a gente andava em bonde e o [nome do amigo] fazia parte do Bonde que eu andava, e aí tava o bonde inteiro sentado na mesa e o [nome do amigo] sentado

no banco lá atrás com o fone no ouvido assim (na fossa) então todo mundo sabia que tinha algo errado, sabe? E aí eu tava esquentando a minha comida com a [nome da amiga] e a [nome da amiga] me cutucou e falou “olha ali” e eu vi o [nome do amigo] assim, aí eu “não vou rir” e aí eu tava indo para mesa tipo, as meninas todas “hahaha” meio Mean Girls, não posso negar que a gente andava parecendo “As Patricinhas de Beverly Hills” versão Brás. E aí a gente chegava assim na mesa, aí ele fez assim para mim conversar com ele aí eu fui, né? Para que eu fui? Muito drama, isso no meio do pátio, então assim a gente tava num canto? Tava, mas todo mundo sabia porque o [nome do amigo] já era tipo “oh meu deus todas as meninas morriam por ele” e eu fazia parte do [terceiro dix] então todo mundo conhecia quem estava ali, e aí pronto, o [nome do amigo] não me chora na frente de todo mundo? Olha eu passei raiva nessa semana, eu passei raiva, e uma coisa muito louca porquê... E aí ele me ligava e postava no Instagram, no Dix dele, e ela é muito louco porque ele me ligava todo fim de semana e falava assim “não porque eu tô com muita saudade sua, vi não sei o que lá” e eu assim (cara de pouco caso) bêbado em todas as vezes, na outra semana ele ligava “não porquê foi melhor mesmo você não ter aceitado, a gente não tem nada a ver” até hoje o [nome do amigo] continua meio nessa, mas bem menor o ritmo, a cada 3 meses ele manda uma mensagem.

Entrevistadora: Mas ele postava como? Tipo vídeo dele te ligando?

Entrevistada 3: Não ele postava uns vídeos muito tristes assim, falando tipo “gente eu tô muito mal, saudade dela” e todo mundo sabia quem era ela, tipo quem que ele tava chorando aquele dia, e eu ficava “seu maldito, que infernação” e o povo vinha pra mim e falava assim “oh [nome da entrevistada], ele gosta tanto de você” e minhas amigas “não vai não” e eu “não vou não”.

Entrevistadora: Todo mundo se metia?

Entrevistada 3: Sim e eu odiava isso e aí eu meio que parei assim, as minhas relações eu não divulgo muito e aí eu comecei a namorar, né? Com essa tal felizarda que me fez sofrer, linda, fofinha, só que dela você pode ver, o meu Dix tinha muito ela, aí eu arquivado todas as fotos, mas aí no meio da quarentena ela me ligou chorando, falando que se eu não atendesse ela ia se matar, aí eu atendi, né? A gente conversou e aí ela tipo ficou um mês enchendo meu saco, tipo “te amo” que não sei o que é lá e mil palhaçadas e agora tá meio bosta aí eu falei “tá bom querida Tchou” e ela “não,

fica aqui que eu gosto que você, eu te amo” e eu “não, querida, acabou. Tá surtada que eu vou ficar postando no meu Instagram música da Selena Gomez pra você de novo? Não, já acabou”.

Entrevistadora: E qual que você acha que a principal diferença entre o perfil normal e o perfil Dix?

Entrevistada 3: A diferença é que no Dix realmente não tem família. Tipo, no Insta tem menos família? tem menos família, mas tem. Agora o Dix a putaria que rola no Dix, os comentários, as fotos que o pessoal postava, as fotos que eu postava e eu fico “gente, mas isso aqui é uma putaria” cadê a diretrizes do Instagram? Isso que me choca, nunca teve violação das diretrizes do Instagram essas fotos, se eu vi um caso de uma foto sendo suspensa foi uma só, mas também era muita putaria, Eu vi a foto e falei “meu pai do céu, as pessoas realmente perderam o limite completamente” aquele negócio meio tipo “aí eu estou de biquíni hahaha” ou tipo lá de calcinha e sutiã, nossa que sexy, meu Deus muito desejada sim. E era um negócio que era meio pra subir a autoestima mesmo, tá? Não era outro motivo, era só para receber elogios, era pelo biscoito.

Entrevistadora: E você postava?

Entrevistada 3: Algumas, postei alguns, mas não muito também. Eu nunca fui muito fã, tiro muitos, porém eles são meus, para mim, pra eu olhar e falar “nossa eu sou linda realmente, gata”, mas é meu e eu.

Entrevistadora: E quando você postava era pelo elogio?

Entrevistada 3: Pelo elogio, pelo biscoito, para subir a auto estima realmente, e porque as vezes eu já tinha ficado com algumas pessoas e aí eu queria atualizar essas pessoas que eu fiquei tipo “ai não quero mais ficar com esses, eu quero outros agora” e aí eu postava uma que vinha pessoas novas, uma substituição. Mas a gente sempre recicla, a gente pega uma ali, uma ali, não tem problema, a gente gosta de todo mundo.

Entrevistadora: E como você decide o que que você ia postar o Dix e o que você ia postar no Instagram? por exemplo, no Dix eu abri e nem pensei, postei e no Instagram não, teve toda uma preparação e um pensamento...

Entrevistada 3: Eu nunca fui muito da preparação, tanto que minha prima que é muito blogueira, ela posta a vida inteira dela, mas ela se arruma o tempo inteiro para estar o tempo inteiro apresentável para o Instagram e eu nunca fui muito assim, as vezes tem foto no Instagram no dia que eu tô tipo assim (descabelada) até no Stories do normal eu tô assim, correndo pela [nome da escola], fazendo Paulo Freire e eu postava nem aí. E assim, isso nunca mudou nada, sabe? Obvio que eu comecei a me arrumar mais, mas acho que foi pela idade e pelas posições que eu comecei a ocupar, tipo eu comecei a ir mais arrumada para escola porque eu tinha reunião com a coordenação quase sempre, sou representante da sala, sou do grêmio então eu sempre tive isso e eu saia da escola e ia direto para o trabalho e eu sou professora lá, então eu não podia chegar de qualquer jeito, então eu comecei a me arrumar mais, mas não pelo Instagram em si, foi pelas circunstancias da vida.

Entrevistadora: E o “melhores amigos” você começou a usar mais recentemente?

Entrevistada 3: Sim, antes eu postava algumas coisas, mas não muitas, e tinha bem menos gente porque eu realmente não me importava, eu nem mudava lista nem nada, tava nem aí, mas hoje em dia, como eu posto muito mais lá, eu interajo bastante com o pessoal de lá, eu comecei a meio que filtrar assim, mas aí depois eu não tinha... eu tinha tipo assim, duas ou três pessoas lá, porque eu clicava sem querer e ela ia para lá, porque eu realmente não postava nada no “Melhores Amigos”. Eu tinha um preconceito no começo sim, falando “gente, eu tô segregando o pessoal do meu Instagram” e aí eu comecei a segregá-los mesmo, realmente eu estou segregando o pessoal do meu Instagram, tem gente que eu não quero que veja, não vai ver, mas assim por exemplo essa semana eu comecei a conversar com uma menina que tipo, eu conheço de vista, mas a gente nunca conversou muito e eu comecei a conversar com ela, a gente virou amigas e já está no meu “melhores amigos”, veja que o filtro é meio falho. Só que tem uma preocupação, tipo assim, essa pessoa mostraria o meu Stories para uma que eu não quero que veja? Possivelmente, aí essa pessoa eu já tiro quando eu terminei meu namoro eu tirei um monte de gente do meu “melhores amigos” e do meu Dix porque eu sabia que essas pessoas estavam mostrando para ela, e aí eu falei “não, não vai mostrar, meu bem”, tirei até do meu Twitter e mesmo assim tinha gente mandando para ela que até hoje eu tô tentando descobrir quem foi para poder tirar, porque assim, eu nunca gostei de privar minhas contas, porque meus

amigo vinham seguir e eu não lembrava de deixar seguir e aí ficavam “gente, deixa eu seguir aí” e eu ficava “ah verdade” ia lá e tinha que aceitar, aí eu falei deixa os árabes, mas eu nunca gostei de privar principalmente o meu Twitter e quando eu terminei, tive que privar e tirar um monte de gente, e fiquei... tem que ter muita paciência realmente, aí eu só bloqueei ela, e falei “querem mostrar? que mostrem então, não estou nem aí” e abri minha conta de novo, mas foi uma revolução eu começar a achar que as minhas redes sociais eram para mim e não para as outras pessoas.

Entrevistadora: E esse processo de meio que abandonar o Dix para vir para o “melhores amigos” ele foi do nada ou ele...

Entrevistada 3: Foi meio que eu fui percebendo que eu não tava mais postando no Dix, eu não interagia real, eu não ia nos Stories, não postava nada, eu nem abria, então eu nem via outros Dix e um pessoal começou a meio que migrar para o Instagram normal, ninguém tava usando mais o Dix porque os Dix que eu seguia com a minha conta normal também não estavam mais aparecendo e eu entrei no Dix um dia e tava tipo muito fraco, não tinha quase nenhum Story, não tinha nada para ver, nada para falar, nada pra nada, e aí eu falei “meu Instagram normal está muito mais legal que isso” aí eu falei “então galera, um beijo, qualquer dia eu apareço por aqui e posto algumas fotos” que eu acabei nem postando, porque aí eu entrei numa outra vibe de falar “não gente, eu quero postar essa foto aqui que eu estava feliz eu vou postar, o problema é meu, o Instagram é meu” e aí veio a quarentena e acabou com tudo, porque não tem mais nenhum momento eu estou feliz no meio das pessoas.

Entrevistadora: E quando você criou o Dix ainda não tinha o “melhores amigos”?

Entrevistada 3: Não, não tinha, isso que é o B.O porquê eu já tinha o Dix quando ele começou e aí eu fiquei tipo “se eu tenho o Dix pra que eu vou usar o melhores amigos? Pra nada” e eu não usava tanto Instagram, eu usava bem mais o Twitter e aí quando eu comecei a usar mais o Instagram, eu comecei a usar mais o normal, aí o pessoal começou a ficar mais no meu normal do que no meu... meus amigos mesmo, do que no Dix, aí eu falei “cara, eles já estão aqui, sabe? tem que mudar de conta para ver minha outra vida? minha outra personalidade? Não, fica nessa mesma, vê tudo de uma vez” meus Stories é assim, você clica e vê duas personalidades [nome da

entrevistada] muito feliz para todo mundo[nome da entrevistada] meio triste no “melhores amigos” e vai trocando, tem variações.

Entrevistadora: E você acha que a pandemia afetou o tanto que você usa o Instagram? Tanto pra mais quanto pra menos?

Entrevistada 3: Afetou, inclusive o Instagram me avisou disso essa semana, ele falou que eu usei o Instagram 14 horas, aí eu falei “gente, realmente desocupada” e aí eu comecei a perceber que eu uso muito mais, porque antes eu não tinha nem tempo para isso, eu ia da escola direto pro trabalho, aí eu voltava e eu ainda estudava tipo pro vestibular e as coisas da [nome da escola], tudo mais e eu realmente não tinha tempo de mexer no Instagram, Twitter, eu quase não estava postando nada... E aí eu acabei consumindo bem mais e postando muito mais, mas eu comecei a postar muito mais Stories que era uma coisa que eu não fazia tanto. Inclusive eu não gravar vídeo no Story, eu só postava foto ou GIF, e posts alheios, mas eu comecei a gravar vídeo, comecei a fazer gracinhas com efeitos e tudo mais, coisas que eu fazia raramente no Dix, mas que eu não tinha feito tanto antes, quanto eu tô fazendo agora.

ENTREVISTA 4

Entrevistadora: E aí, só para eu explicar um pouquinho, é completamente anônimo, nem seu nome, nem @, nem nada assim vai aparecer no relatório final, vou sempre me referir como participante, como entrevistado. Mas se tiver alguma coisa que você não queira falar, não tem problema. Aí a gente se entende depois.

Entrevistada 4: Tudo Bem.

Entrevistadora: Mas é só uma conversa, não é uma entrevista formal pro Fantástico no domingo à noite.

Entrevistada 4: Tudo bem.

Entrevistadora: É mais entender mesmo como você se relaciona com o Instagram, qual a sua percepção da plataforma e coisas mais assim. Tá bom?

Entrevistada 4: Tá certo.

Entrevistadora: Então, vamos começar por quais conteúdos você consome mais no Instagram? Então por exemplo, ah, eu sigo muitas páginas de cinema ou muitas páginas que compartilham meme. Coisa assim, sabe?

Entrevistada 4: Sim, oh, ultimamente eu tenho consumido bastante páginas que falem sobre autoconhecimento, tipo Xamanismo. Eu curto bastante maquiagem, que é negócio de moda. Como eu trabalho com o grafite, eu também vejo bastante conteúdo de página que mostra produto de grafite, artes. Aqueles vídeozinhos, sabe, deles aplicando que é maravilhoso!

Entrevistadora: É satisfatório!

Entrevistada 4: Nossa, demais! Meu Deus! É minha emoção ver aqueles vídeos. E ver umas roupinhas assim, eu acho que é um negócio até meio normal. Eu, eu tenho ligação com páginas que falem, falam de uma questão estética, né, corporal, maquiagem e também de autoconhecimento, pra dentro de mim, aquelas publicações que falam “não dedilhem as publicações, pa, pa, pa... Como ser mais leve no dia a dia. Essas coisas. Eu procuro, eu tenho muita... consumo muito essas páginas assim, sabe?

Entrevistadora: E, ao contrário, né. O que você mais posta no Instagram tanto no Feed como nos Stories?

Entrevistada 4: Eu posto, eu tenho o [perfil principal], né? que é o que eu separo para produções de arte visual, que é o *grafitte*, ilustração, aí eu posto bastante só nesse foco mesmo. E nessa conta eu sigo outros artistas que trabalham nesse mesmo ramo de arte visual, audiovisual, essas coisas. E lá eu público isso, trabalho em postagens referente a essas produções que eu faço e tem outra conta que é o [perfil secundário], onde é um bagulho mais pessoal meu, que é aquele “vou postar uma fotinho aqui, porque hoje tô me sentindo mó bonitinha”, entende? E também postar fotos de lugares, porque eu tô em uma pira, pra ver tipo daqui cinco anos, rever essa foto e postar ela de novo e ver como mudou aquele espaço, então nessa conta também eu busco bastante essa questão, de mostrar o visual, me mostrar, mostrar os outros, as coisas... Sabe assim? Então, é tudo levado nesse tipo de publicação.

Entrevistadora: E qual veio primeiro?

Entrevistada 4: Veio o [perfil principal], que foi bem no comecinho, eu entrei nessa vibe aí do outro que é o [perfil secundário] faz pouco tempo, vai tipo começo do ano que eu criei, e o [perfil principal] já faz uns dois anos que eu criei, porque antes eu tinha que era tipo uma conta pessoal, só que aí eu não achava muita graça, sabe? Eu falava “porque só isso, sabe? E aí eu comecei a me envolver com grafite, com as artes, entrei em um curso, aonde eu explorei mais essas minhas questões de trabalhar com arte, mexer com as coisas, ver outros horizontes, e aí eu acabei fazendo o [perfil principal] como uma conta de meio artístico para as coisas que eu produzo, né? Uma parte, porque eu acho que tudo é produção, tudo o que a gente tá fazendo, a gente tá produzindo de certa forma, então é no [perfil principal] que eu tô produzindo, só que o [perfil principal] tem um foco maior em questões visuais.

Entrevistadora: E de onde veio essa ideia de diferenciar e ter duas contas?

Entrevistada 4: Não então, sabe aqueles negócios que falam que tem o Dix? Então, aí eu falei “pô” o [perfil principal] primeiro entra muitas questões, né? Porque tipo o [perfil principal] em si, como ele trabalha com grafite, no começo, eu, por ser uma mina dentro do grafite, porque tem muitas questões do machismo dentro disso, eu fiquei “mano, eu quero começar a postar meu trampo de parede, trampo visual e não quero postar nenhuma foto minha”, ou seja, eu vou excluir todas as minhas fotos aqui agora e vou deixar só os trampo e deixar para ver o que vai acontecer, né? Ver qual que é o posicionamento dos homens no meio do grafite, e aí, no começo, hiper deu certo assim, várias fitas, chegavam homens para me chamar para o rolê e tudo mais, aí viam que era uma mina e era o maior choque, sei lá, os cara fica meio estranho e aí com tempo eu fui tirando essa minha questão de misturar o [perfil principal] com tudo, com fotos minhas pessoais, com o meu pessoal e com meu outro lado que um bagulho mais sério, sabe? Profissional. Aí veio esse lance do Dix que eu vi que muita gente tá criando uns Dix e eu não sabia o que era, que era umas continhas pessoais que você postava as coisas que você queria sem mostrar para os pais, aí eu fique “vou lá”, só que aí eu acabei criando tipo nessa... não criei realmente um Dix, mas eu criei uma continha onde eu ia mostrar mais eu mesmo, sabe? Mais o meu rosto, não ia ser um bagulho mais profissional, tipo “eu vou mostrar só isso aqui e ninguém vai ver meu rosto” queria mesmo ter aquela ideia ilusória de rede social, tipo “quero mostrar meu

rostinho aqui, olha minha roupinha, galera” aí veio isso, veio a partir disso, querer me exibir.

Entrevistadora: A parte mais entretenimento do Instagram?

Entrevistada 4: Exatamente, o que também faz bem se a gente souber trabalhar com isso, né? Então, acho ótimo

Entrevistadora: E aí o [perfil secundário], ele é privado ou os dois são abertos?

Entrevistada 4: O [perfil principal] ele é aberto, só que o [perfil secundário] às vezes eu privo ele, às vezes eu abro, às vezes eu privo de novo aí eu abro de novo, então eu nem sei se ele tá aberto agora ou não, entende? Eu vou trabalhando com isso.

Entrevistadora: Mas porque você priva e...

Entrevistada 4: Não então, é primeiro porque eu estava numa ideia de compartilhar coisas mais sexuais porque eu tô em uns momentos de autoconhecimento sobre isso, e aí minha mãe tem problema com isso, sabe? Tipo, ela não gosta que outras pessoas vejam, também tem homens, pessoas de fora, tipo nem me importa tanto, mas tem gente que chega que vai achar estranho, sabe? Vai querer vim e zoar com o meu trabalho, querer falar besteira, então eu privo, mais para aquelas pessoas que eu sei que de certa forma vai ver aquilo, mas não vai fazer uma algazarra sobre aquilo, sabe?

Entrevistadora: Não vai julgar...

Entrevistada 4: É, bem querendo ou não julgar ela, né? Ela tem total liberdade para isso, mas tipo não vim me apedrejar pelas redes sociais.

Entrevistadora: Nada que te afete.

Entrevistada 4: É, exatamente, eu fico no meu campo de proteção assim, por isso que eu fico privando e depois eu desprivo e privo de novo, aí eu vou indo, sabe? Mas uma hora eu boto fé que não vou precisar disso tudo não, vai estar aberto, livre para todo mundo ver.

Entrevistadora: Mas que para você não seria um problema se as pessoas não levassem para um lado diferente?

Entrevistada 4: É, não seria nem um pouco, e eu também, hoje não tenho tanto problema o meu problema maior é tipo os meus pais se incomodam sobre isso, sabe?

E também porque eu sou menor de idade ainda, então é tudo uma questão de cuidado e manter o meu posicionamento de responsável para não afetar meus pais também, tudo isso, né? Manter tudo tranquilo.

Entrevistadora: Com quantos anos você tá agora?

Entrevistada 4: 17 anos.

Entrevistadora: Mas aí, quando ele chegou para falar, é porque eles seguem as contas? Ou alguém conta?

Entrevistada 4: Não, sou eu mesmo que conto, eles seguem só que eu também falo, porque eu sou uma pessoa que gosta das pessoas vendo antes e falando, então tipo eu chego para mostrar “o que você acha disso aqui” e aí eles veem, eles aprovam só que eu fala “ah vou postar no Instagram” aí eles ficam tipo meio “como assim? Você vai postar isso?”, sabe? Aí tem que ter esse tipo de cuidado. Eu até parei de postar uns negócios lá, tá meio esquecido, mas esse tipo de atividade que eu vou levando pelo [perfil secundário].

Entrevistadora: E qual você acha que é o público que você tem nos dois Instagram?

Entrevistada 4: No [perfil principal] eu tenho artistas mesmo, que trabalham nesse ramo, seja qual arte for, sabe? Mas também tem um pouco misturado com amigos, colegas que eu tive contato, eu saí misturando tudo mesmo, porque vamos se ajudar. Eu vejo também a rede social como lugar de ajudar o trabalho do outro, né? Então seja o que ele produz. Eu tô seguindo bastante no [perfil principal], e lá tem bastante gente mais jovem assim, que não passa dos seus 30 anos. No [perfil secundário] é mais amigo mesmo, amigos do cotidiano que eu tive um tipo de contato, são mais colegas assim que eu vejo no dia a dia.

Entrevistadora: Então em um não necessariamente você conhece e no outro você conhece, né?

Entrevistada 4: É, é isso aí.

Entrevistadora: Mas aí são amigos que você conhece presencialmente ou não necessariamente?

Entrevistada 4: Tem uns que eu conheço presencialmente, que é a maioria, agora tem alguns que eu não conheço, mas vivem ao redor do meu bairro, tipo eu não conheço, mas tá por aqui, tá pertinho de casa, mas é bem pouco assim, no [perfil secundário] é mais um foco mesmo para quem eu conheço.

Entrevistadora: É uma coisa mais intimista.

Entrevistada 4: Isso mesmo.

Entrevistadora: E como você decide qual conteúdo vai para o Stories e qual vai pro Feed?

Entrevistada 4: Nossa, é uma ótima pergunta, nem sei como. Mas então, no Stories eu levo mais como uma ideia de compartilhar uma ideia rapidamente e que eu sei que alguém vai ver de uma forma mais forte, sabe? Vai absorver aquele conteúdo mais rápido e mais forte, e aí no Stories eu compartilho um negócio que a pessoa vai lá ver aquele conteúdo rápido que você pega, lê e aí eu vou compartilhando por lá assim, já no Feed, que é as publicação, também entra um pouco nessa questão de que é um conteúdo, mas eu acho que é mais um negócio para apresentar, sabe? Tipo então eu vou fazer aqui, eu apresento, curtiu? Da hora nós, entendeu? Tipo que compartilhar, da hora também, mas eu acho que eu tenho mais atenção nos Stories, porque querendo ou não eu tô compartilhando uma ideia e é uma ideia que eu também consumo e eu apoio, eu boto força, fé nessas ideologias que eu tô repassando no Stories. Então acho que eu tenho mais atenção ao postar, a praticar, ao mostrar para as pessoas que estão vendo e consumindo essas coisas que eu compartilho, já na publicação eu tô exibindo mais o meu, né? Então é tipo, eu paro para pensar, né? Porque a gente não pode postar qualquer coisa, vai que eu estou escrevendo um texto e eu tô sendo preconceituosa e essas coisas, mas tipo não é com tanta atenção como nos Stories, né? Porque além de ser você repassando um negócio, você também tá repassando um conteúdo do criador, então acho que tem que ter muito cuidado dentro dessas coisas.

Entrevistadora: Então no Feed é mais uma criação sua e nos Stories além de suas, tem de outros criadores também.

Entrevistada 4: É isso mesmo.

Entrevistadora: E você conhece os perfis Dix?

Entrevistada 4: Possivelmente eu conheço, assim tipo eu já tive contato com um, foi do meu namorado bem no começo, assim desculpa, é a minha opinião, é bem coisa de jovem mesmo, né? Não pode mostrar para os pais (risos) que não pode mostrar o que tá aprontando para os pais, então eu vou mostrar ali no Dix aprontando as coisas que eu faço de verdade para os seus amigos da minha roda. E aí é isso que eu tive assim ao ver os Dix, aí eu fiquei tipo “ah beleza” mas como eu não tenho muito essa questão de “eu não quero mostrar para os meus pais” por que eu mostro tudo, eu tenho uma relação muito aberta com eles, não vi muita graça no Dix, sabe? Só gostei da ideia de ter um perfil separado só pra um bagulhinho, mas eu já tive contato com dois de outras pessoas, e aí tipo conteúdos que elas postavam assim para o fechado era mais tipo “tô bebendo aqui na praça”, “tô aqui zuando”, sei lá tá fazendo alguma coisa da vida aproveitando a vida de alguma forma, então acho que a única diferença é isso que é fechado e que não exhibe para aquelas pessoas que eles não queiram e aí já é uma parte que eles podem selecionar quem tá querendo ver o que elas estão postando tudo mais né então é isso uma forma A única diferença é isso que é fechado e não exhibe para aquelas pessoas que eles não queiram né? E é uma parte que eles podem selecionar quem tá querendo ver o que elas estão postando e tudo mais, né? Então é isso, mas é bem coisa de jovem.

Entrevistadora: E você não segue perfis Dix?

Entrevistada 4: Não, eu não sigo, eu acho que é porque eu não tenho mais amigos que tenham, ou se tem eu não sei. Acho que chegou aos 17, todo mundo parou de fazer Dix.

Entrevistadora: Eu percebi que tem uma idade que as pessoas começam a questionar ter o Dix.

Entrevistada 4: É verdade, o meu namorado mesmo, ele tinha e parou do nada, mas cada um tem um motivo, pra mim não tinha muita utilização, eu achava até engraçado, é uma coisa de idade mesmo.

Entrevistadora: E até pelo recurso “Melhores Amigos”, também.

Entrevistada 4: É verdade, é tudo interação.

Entrevistadora: Você usa o “Melhores Amigos”?

Entrevistada 4: Eu uso, comecei a usar agora, recentemente, pra ver como funcionava e aí eu vi que é aquele negócio de selecionar quem pode ver, né? Aí só foi essa a minha descoberta, até então eu não sabia não.

Entrevistadora: E você já deixou de postar alguma coisa no Instagram por medo do que alguém ia pensar?

Entrevistada 4: Ah, com certeza. Eu tenho muita insegurança em questão do conteúdo que eu estou postando no Instagram porque eu não sei me expressar direito, eu tava até falando com o pessoal aqui de casa, falando “nossa, deixa eu comer porque eu quero estar conseguindo falar de uma forma coerente que ela entenda”, porque eu sou muito difícil de me expressar, então como eu sou difícil de me expressar falando, pra formar isso em uma escrita bonitinha... então a minha insegurança, nada mais é do que um medo de estar postando um negócio e que ninguém tá entendendo, bem insegurança de jovem mesmo, não de jovem porque não existe uma faixa etária, mas um medo do que os outros vão pensar, várias vezes eu paro pra olhar um trampo e pensar “nossa, eu achei feio, não vou postar não” e depois passarem uns anos, eu achar que estava bonito e vacilei e agora tô postando ou querer posar um texto em uma publicação, mas pensar “muito difícil se expressar, né?” e aí eu apago, deixo só um título e a imagem. É a insegurança, acho que é a maior parte das redes sociais, é o que o outro vai pensar, sabe? Eu tô trabalhando mais sobre essas questões, porque a rede social hoje tá mais a apresentação do seu conteúdo, do seu ser e do que você tem a passar para aquelas pessoas, então eu tô trabalhando mais essa questão de eu me apresentar e apresentar as minhas ideias, não pensando no que as pessoas vão gostar ou não, né? Porque se eu ficar pensando isso. eu vou me limitar, então não adianta ficar se limitando por causa dos outros, eu sou uma pessoa que jogo naquela causa de tipo “seja você mesma” “lute pelas suas coisas” então vamos começar, sabe? Mas insegurança...

Entrevistadora: Então sempre com produções suas, coisas que tenham a ver com você, é aí que a insegurança pega?

Entrevistada 4: Exatamente.

(Falha na ligação)

Entrevistadora: E você acha que o contexto de pandemia mudou sua relação com o Instagram?

Entrevistada 4: Nossa, eu vou falar que a pandemia tipo me fez eu retrair um pouco o meu corpinho, voltar para mim, porque lá no começo, né? Tava na vida agitada de São Paulo, cheia de trabalho, louca, nem pensando em mim, tava só fazendo, dale TCC, vamos fazer os trabalhos loucos, e aí começou a pandemia e parou tudo, e aí nessa que parou tudo foi tipo... eu achei ótimo porque eu falei “pô tenho um momento para descansar. Aleluia”, mas ao mesmo tempo veio diversas crises, do tipo “nunca mais me dei uma atenção”, sabe? nunca mais tive um contato com meu corpo de tipo dar um carinho, tocar no meu cabelo tem um momento de hidratação no cabelo, ficar tranquila, sabe? Eu vi como isso fez falta e nessas minhas reflexões eu tava nesse meu consumo diário, por que antes como era corrido todo tempo que eu tinha a caminho algum lugar, eu tava consumindo alguma coisa no celular, sabe? Isso principalmente no Instagram, porque eu mexo bastante, então qualquer coisa eu tava lá vendo, só que o conteúdo que eu buscava bastante antes era mais tipo grafite, porque era a época que eu tava vendo bastante, aí deu a pandemia, veio essas crises e eu falei “meu Deus, tô doente, tô louca” vou fazer o que? Vou começar a procurar e aí eu chamei umas amigas que eu sigo no Instagram, falando tipo “mano eu preciso me conhecer, eu não sei o que tô fazendo, mas eu preciso de algum tipo de ajuda” aí me ajudaram, passaram páginas e aí nessas questões de contato o meu conteúdo no Instagram foi mudando e ultimamente eu tô consumindo coisas de autoconhecimento, uns chás para melhorar a condição física, e agora que tá geral fazendo Live no Instagram e aí tem muita Live boa e parece que o conteúdo no Instagram agora tá tendo mais vida, todo mundo tá tendo acesso e não só naquela hora, mas também está aberto para qualquer outro tipo de horário, eu tô achando ótimo porque se eu perco, eu posso assistir depois. E aí nessa eu parei de acessar muito grafite e comecei a trabalhar mais o autoconhecimento, cuidado, como cuidar da plantinha, como não deixar a plantinha morrer, essas coisas assim. E mudou total o cenário, sabe? Não ficou um bagulho tão profissional, eu fui tipo dando liberdade para mim ver, experienciar, ver conteúdos, tomar conteúdos sobre essas questões que eu acho que vai me fazer bem, sabe? E isso mudou pra caramba, porque eu entro hoje no meu Instagram, só dá coisa de autoconhecimento assim, pouco se vê de grafite, eu estou achando isso ótimo.

Entrevistadora: Então teve um lado positivo também.

Entrevistada 4: Teve, foi tudo louco, mas sempre tem os seus lados positivos.

Entrevistadora: E o que você acha de que quando você tiver 20 ou 25 anos essas postagens que você falou ainda estarem disponíveis? Como você vê essa questão?

Entrevistada 4: Eu boto fé que eu vou querer continuar com essas questões exibicionista do corpo, né? Porque eu gosto desse... eu tô nesse meu autoconhecimento também sobre sexualidade, ao mesmo tempo que eu tô vendo que o nosso sexual, a maior parte sexual nossa é a pele, e aí eu tô loucamente assim vibrando em vários assuntos. Eu hoje, me vejo como se eu não tivesse tanta liberdade, tanta responsabilidade de me expor, sabe? Porque se me afeta, não só me afeta, mas afeta os meus responsáveis e isso já não é legal, sabe? Então se afetar, tem só que me afetar porque sou eu que estou fazendo o conteúdo, entendeu? Não pode afetar outras pessoas não, calma. Então, no momento eu tô segurando assim, é porque eu não tenho tanto preparo então eu acho que também tem que ter um estudo assim para ver as coisas, o que pode acontecer e o que não pode acontecer para mim tá preparada para alguma coisa, né? Porque a gente nunca está realmente preparado a gente só tem uma introduçãozinha assim, e aí o resto o caminhão vai andando, então com uns vinte quando eu for maior de idade e a responsabilidade é total minha, eu real boto fé de botar esses conteúdos mais fortes, imagens, textos, áudios, tudo isso, sabe? E é isso, porque a responsabilidade vai ser total minha, parte daquela questão de ser independente.

Entrevistadora: E aí eu queria saber qual o seu principal objetivo em postar sobre assuntos como lutas sociais e minorias?

Entrevistada 4: Sim, primeiro eu vivo numa margem da sociedade de certa forma e querendo ou não, tipo ao mesmo tempo que tem pessoas que consomem os conteúdos, que estão bastante informados, que sejam maiores do que eu em questão de informação, também tem as pessoas que estão chegando, no começo dessas informações e descobrindo o mundo delas, sabe? Eu tenho minhas sobrinhas de 12 anos que tá me seguindo nessas redes sociais, então ao mesmo tempo que eu tenho que ter um cuidado porque ela só tem 12 anos, eu também tenho que ter aquela responsabilidade de colocar o conteúdo que quem sabe ela entra e aquele conteúdo

bate com a realidade dela, sabe assim? Então eu acho que essas causas, eu tenho mais uma questão de compartilhamento pra rolar uma identidade e as pessoas se informarem sobre, porque até então eu não tinha uma informação sobre nada, tipo a rede social no começo a gente só tá jogando para lá, para cá e a primeira coisa que chega na gente é aquele consumo do patriarcado, é uma realidade diferente da nossa, mostrar as pessoas se divertindo, alegres, falando sobre estética e beleza, por mais que eu goste, mas eu vejo uma questão muito forte, que chega de uma forma muito agressiva, a questão do sexismo, as imagens que são mostradas, os padrões que chegam na gente nas redes sociais, então quando a gente vai vendo o que a gente gosta e até a gente chegar no conteúdo que a gente gosta, a gente passa por várias coisa que querem nos padronizar de diversos jeitos, e quando a gente chega, e é uma explosão de representatividade, você fica “Deus eu tenho que compartilhar isso até para o meu cachorro” porque eu me achei, sabe assim? Porque eu hoje como me encontrei, não me encontrei, mas eu tô em um ponto onde eu tenho bastante acesso sobre a minha representatividade, coisas que eu convivo e que eu posso estar falando e passando para frente, sabe? Eu hoje me vejo também como outro tipo de canal para estar mostrando para essas pessoas que consomem o meu conteúdo, por menos que seja de pessoas, esteja também vendo aquilo que eu tô fazendo por causas, lendo aqueles assuntos, sei lá vindo conversar sobre esses assuntos comigo, né? Porque é tudo uma questão de conversa, então acho que essas causas mesmo, eu apoio por passar informação, representatividade, porque felizmente também o público que está ao meu redor, são essas pessoas que são minorias e que não tem tanto reconhecimento de identidade, dentro da TV ou coisas assim, sabe? Eu acho importantíssimo.

Entrevistadora: E você acha que gera um impacto? Que tipo de impacto?

Entrevistada 4: Então, eu não sei, porque isso vai de pessoa, né? Tipo, para minha mãe que ela já tá tem os seus cinquentinha, tem coisas que eu posto que ela fala “como assim?”, por exemplo, a gente estava debatendo sobre racismo porque eu postei um negócio falando sobre cabelo, coisas assim, e aí gera uns impactos e ela fala “como assim isso aqui é racismo?” E aí, a gente tem um debate ao mesmo tempo que esse choque ele é normal, porque em um sociedade em que a gente é ensinado que o branco é bonito, ter a pele sem cravos é perfeito, o corpo de violão é lindo e tudo mais, ao mesmo tempo que a gente é induzido dentro disso de uma forma muito

brusca e 24 horas, é normal que quando a gente veja um conteúdo falando que não, a gente fique em choque tipo “como assim?”.

(Falha na ligação)

Entrevistada 4: É um choque de diversas formas, já para as pessoas que consomem isso e estão nesse mesmo cotidiano ou até correndo mais nesse cotidiano aí que fala dessas causas já é mais tipo “da hora, tô passando outras informações mais acima” então tipo, é tudo uma questão de evolução, sabe? Mas com certeza, eu imagino na minha cabeça pessoas de 12 anos, as crianças que me seguem devem ver alguma coisinha ali e fica tipo “como assim?”, sabe? E eu posto bastante coisa também falando sobre vulva, né? Sexualidade e tudo mais, e com certeza deve bater assim na cabeça porque não é um bagulho exposto falar sobre a nossa sexualidade, sobre o sexo em si, então quando a gente expõe isso se torna um choque porque a sociedade não quer que a gente fale, então quando a gente fala eles vão ficar tipo “meu Deus!” mas aí é tudo uma questão de ou você vai lá ver informação e toma aquele conteúdo ou você fica nesse choque e lida da forma que você foi ensinado pela sociedade, não posso fazer nada, quem vai fazer alguma coisa por você, é você mesmo.

Entrevistadora: E sobre essas postagens “polêmicas” você já teve algum retorno tanto positivo quanto negativo? De tipo, responder Stories, sabe? Conversar sobre.

Entrevistada 4: Não polêmica, mas as pessoas chegando para falar comigo tipo “Nossa isso é que aconteceu comigo”. Tipo, teve um post que era uma folha de caderno escrita “que tipo de racismo a sua escola construiu?” uma coisa assim, eu nem lembro.

(Falha na ligação)

Entrevistada 4: E aí tipo, já teve uma amiga minha que chegou para falar tipo “ah isso já aconteceu comigo na época e é muito feio esse tipo de atitude”, também já teve uma vez que eu fosse alguma coisa sexual, falando de pornografia e um amigo meu chegou para falar comigo dissertando mesmo sobre o assunto, mas não tipo vindo querer brigar sobre o assunto, nunca aconteceu isso comigo, mas eu já vi em perfis de fora, falando sobre a cultura do hip hop e várias pessoas chegarem nele para falar tipo “rap faz apologia ao crime”, sabe? Tipo irmão você tem que escutar de uma outra

forma você tem que ver qual que é a realidade, então tipo comigo nunca aconteceu tanto, pelo menos no meu perfil as pessoas vêm mais falar sobre o assunto, rolar uma conversa sobre, sabe?

Entrevistadora: Gera uma identificação, né?

Entrevistada 4: Sim, mesmo porque o público que eu tenho e que me conhece é o mesmo público que vive nessa margem aqui comigo, então tudo isso facilita.

ENTREVISTA 5

Entrevistadora: Quais conteúdos você costuma consumir nos seus perfis do Instagram?

Entrevistada 5: No meu Dix, eu vejo mais coisas dos meus amigos mesmo, porque é onde eu interajo mais com os meus amigos, porque eu sigo mais conta de Dix no meu Dix, eu vejo mais o dia a dia deles e na minha conta normal eu vejo mais maquiagem, vejo algumas coisas de dança, essas coisas.

Entrevistadora: E o que que você acha que você mais produz, tanto no Dix quanto no perfil principal?

Entrevistada 5: Assim, no meu Instagram normal eu não público quase nada, eu público de vez em quando e às vezes eu até arquivo as minhas fotos, eu não sou muito de postar no normal, eu posto mais no Dix que é quando eu tô fazendo alguma coisa engraçada, ou tipo, qualquer coisa do meu dia a dia mesmo, eu posto quando eu me arrumo ou quando eu tô com meus amigos fazendo alguma, que é o que eu mais faço lá.

Entrevistadora: Por que que você acha que você usa mais o Dix do que o Instagram principal?

Entrevistada 5: Eu acho que é porque eu tenho mais intimidade com as pessoas que eu tenho no meu Dix, são pessoas que convivem comigo ou já conviveram muito, daí eu não tenho, tipo toda essa pressão, também porque no meu Instagram normal tem familiares, daí imagina eles vendo as coisas que eu posto no meu Dix, no meu normal, sabe?

Entrevistadora: E aí porque que, mesmo não postando tanto, por que que você mantém o principal?

Entrevistada 5: Ah, porque lá eu... tipo, eu diferencio, lá eu sigo famoso, o meu Dix é só amigos e lá eu sigo famoso, as pessoas que eu acompanho mais, daí lá é mais pra ver as coisas de famoso e no meu Dix mais pros meus amigos, sabe?

Entrevistadora: E qual que você acha que é a diferença, por exemplo, do que você posta no feed e o que você posta nos Stories?

Entrevistada 5: No Feed, eu não tenho muito feed, né? Vou falar do meu Dix, do meu Dix quando eu posto alguma coisa no meu feed é tipo quando eu tô mais arrumadinha ou alguma coisa engraçada, uma foto minha zuada que tipo meus amigos verem e “nossa, mano”, eu também gosto de biscoitar muito no meu Dix, eu posto muita biscoitagem, você já deve ter visto.

Entrevistadora: Me conta o que é biscoitar.

Entrevistada 5: Então, biscoitar é tipo, postar foto do corpo, sabe? Tipo de *lingerie* ou qualquer coisa do tipo, sabe? Eu gosto muito de biscoitar no meu Dix e já nos Stories eu não posto, né? Biscoitar, eu posto só no meu feed normal.

Entrevistadora: E por que que você gosta tanto de biscoitar?

Entrevistada 5: Porque tipo, na época, né? Porque agora eu tô namorando, né? Eu tava solteira daí eu falei “não tem para ninguém mandar essa foto, então vou postar no meu Instagram, no meu Dix” daí todo mundo vê que eu sou linda.

Entrevistadora: E já engatando um pouquinho nessa parte, eu percebi bastante e achei muito legal mesmo, que você posta coisas sobre o corpo e aceitação do corpo, tipo me conta um pouquinho sobre esse processo.

Entrevistada 5: Então no começo, eu tô no terceiro ano, né? E no primeiro, eu não tinha uma autoestima boa, eu estava muito mal com meu corpo, me sentia horrível porque cheguei no ensino médio falei tipo “nossa, quanta gente bonita e olha como eu tô”, daí eu conheci uma pessoa, meu melhor amigo ultimamente, o [nome do amigo], ele sempre... ele é da mesma [nome da escola] que a minha, era né? Porque agora ele já saiu, daí ele sempre conversou comigo, ele sempre foi mente aberta daí a gente conversou sobre isso daí do segundo ano pra agora, né? que eu tô terminando

o terceiro, eu comecei a me aceitar mais, eu comecei a ver o que eu gosto no meu corpo e melhorar o que eu não gostava um pouco, comecei a fazer jiu-jitsu, comecei a amar esportes e ver que o que eu quero mesmo é seguir nessa área de esportes, é uma coisa que eu descobri que eu amo, daí meu, é uma coisa que fez eu me aceitar ainda mais com meu corpo.

Entrevistadora: E aí quando você posta no Instagram, você acha que é tipo para compartilhar esse processo?

Entrevistada 5: Sim, os dois, né? Porque eu já postei essa coisa de aceitação no meu Dix, de falar para as outras pessoas, porque no meu Dix tem umas pessoas que não se aceitam e eu fiz esse texto também pensando em mim e nessas pessoas que não se aceitam, e também tem as biscoitagens mesmo que eu posto só para ficar bonita.

Entrevistadora: Pra receber um elogiozinho?

Entrevistada 5: Sim, é bom de vez em quando.

Entrevistadora: E geralmente, como é o que você sabe de volta, né? Comentários ou coisa assim sobre essas fotos mais de biscoitagem? Você acha que tem alguma diferença?

Entrevistada 5: Tem, quando eu postei a minha primeira coisa sobre o texto, falando do meu corpo era mais o pessoal falando que eu sou linda e tal, daí na biscoitagem já é diferente, né? É mais os meninos, me chamam na DM, começa a falar “nossa como você está diferente” começa a chamar para conversar, daí eu já entendo, mas a maioria das vezes eu dou o papo, às vezes não.

Entrevistadora: É mais um Tinder no Instagram. E você acha que tem diferença no que você vai postar, por exemplo, nos Stories e no feed? Por exemplo assim “ah porque quando eu vou postar no Stories eu nem penso vou lá, abro a câmera e posto e quando eu vou postar no feed aí tem uma arrumação maior, eu penso um pouco mais” você acha que tem essa diferença?

Entrevistada 5: Acho que tem, no meu Stories é isso mesmo que você disse, eu posto qualquer coisa, tipo não tô fazendo nada, tô com os meus amigos aí eu falo “ah vou gravar, foda-se, vou postar isso aqui” independente de estar ruim ou não, já no feed eu dou uma pensada, penso “será que eu vou postar isso para as pessoas verem ou não?”, daí eu acabo postando mesmo porque eu sou um poucas.

Entrevistadora: E qual você acha que é a sua relação com a privacidade no Instagram? Você acha que você se expõe? Você acha se sente segura? como é que é mais ou menos assim?

Entrevistada 5: Ah, eu já me expus bastante, né? Eu posto muita coisa assim, uma tenho uma série de seguranças porque as pessoas que eu sigo eu sei que me conhecem bem e não vão fazer algo, tipo “nossa vou mostrar pra todo mundo” e mesmo se mostrasse eu ia falar “é, sou eu mesma”.

Entrevistadora: E quem você considera que é seu público no Instagram? Quem são as pessoas que estão no seu Dix? Você conhece na “vida real”?

Entrevistada 5: Conheço na vida real, assim, pessoas que estudam comigo agora, que já estudaram, conhecido de fora, sabe? Da minha vida, são a maioria amigos meus, que eu conheço pessoalmente.

Entrevistadora: Nenhum você só conheceu online? ou alguma coisa assim?

Entrevistada 5: Não, tem alguns online sim.

Entrevistadora: Mas todos você tem extrema segurança de que são pessoas confiáveis?

Entrevistada 5: Sim, de tipo amigos virtuais que eu conheço há anos, sabe? Conheço não, né? Converso há anos.

Entrevistadora: E nunca rolou um medinho de vazar nada? Sei lá, brigou com alguém, alguma coisa assim?

Entrevistada 5: Ah, as vezes eu tenho, né? Porque eu postava algumas coisas tipo “ai, eu tô puta”, vai que sei lá, a pessoa vai e conta pra pessoa que eu tô puta com ela, que não é para contar, mas depois só conversar e tudo certo.

Entrevistadora: E com quantos anos você tá?

Entrevistada 5: Vou fazer 18 agora em dezembro, eu tô com 17.

Entrevistadora: E você tem algum receio, alguma coisa assim, pelo fato de ser menor de idade?

Entrevistada 5: Tenho, porque no meu Dix eu posto muita coisa de... não posto mais, mas postava muita coisa de fumar, porque eu fumo maconha, né? Daí eu tinha muito

medo de vazarem isso, minha mãe já descobriu também, mas mesmo assim é droga, né? Então, é complicado essa parte.

Entrevistadora: E como é que é essa relação? Quem sabe e quem não sabe?

Entrevistada 5: A maioria dos meus amigos já sabe que eu uso, né? Eles falam “nossa, você tem cara de maconheira, a gente pode conversar sobre isso” daí eu falei “não, vamos conversar sobre isso, eu fumo e tals” daí eles sabem que eu fumo, a maioria sabe sim.

Entrevistadora: E desde quando?

Entrevistada 5: Desde os 14 ou 15, eu acho.

Entrevistadora: E aí, você falou que sua mãe descobriu e tipo não rolou um barraco?

Entrevistada 5: Rolou, no começo ela ficou muito brava, ela saiu de casa e ligou para o meu pai porque eles são separados, né? Aí eles conversaram, meu pai é bem mais suave que a minha mãe, ele entende essas coisas, mas ela ficou super brava, só que eu não parei de imediato, eu falei para ela “não dá para parar agora de fumar maconha, porque você descobriu, só que é uma coisa muito complicada, um vício de anos”, então eu falei para ela “não vou parar, mas eu vou dar uma diminuída” aí eu dei uma diminuída, falei pra ela que eu tinha parado, só que eu não parei mesmo, né? Às vezes quando dá na telha eu fumo um pouquinho, mas ela também nessa quarentena, eu conversei com ela, falei “tá me dando abstinência, é difícil porque faz meses que eu não usava nada” daí agora ela comprou uma ervas naturais para mim que não é maconha e eu fumo cigarro também.

Entrevistadora: E aí, no Dix você posta sobre, mas tipo do seu uso, certo? Não é uma coisa, tipo post sobre alguma coisa de fora e coisa assim.

Entrevistada 5: Não, sobre mim mesmo, fumando.

Entrevistadora: Como é a relação desses posts com os seus amigos, sabe? Tipo para eles também é ok? Eles fumam também ou não?

Entrevistada 5: Então, tem alguns amigos meus que fumam sim, mas também eu nunca fui de influenciar ninguém, isso é um negócio que eu sempre fui correta, meus amigos sempre falaram “posso experimentar?” e eu falo “pode, mas não comigo”

porque sempre fui uma pessoa muito cética nisso daí, porque eu sei que é uma coisa ruim, que te vai deixar marcas um dia, então eu posto as vezes só vídeozinho, meus amigos sabem que eu fumo, tem alguns que fumam daí eles falam “ah legal, vamos marcar um dia pra fumar junto”, então, se a pessoa já fuma, eu falo “não, beleza” mas se não fuma também para mim não.

Entrevistadora: E quando você falou que você tem receio por postar sobre. Qual é o seu receio?

Entrevistada 5: Das pessoas ficarem falando “nossa, olha a maconheira” porque querendo ou não, maconha é um bagulho que é criminalizado ainda, sabe? Que as pessoas vão falar “nossa”, “feio”, “não pode”, essas coisas.

Entrevistadora: É um tabu ainda, né?

Entrevistada 5: É.

Entrevistadora: Mas os seus amigos mesmo, você tem receio deles falarem?

Entrevistada 5: É que tem alguns que são mais sérios, que eu não tenho mais convivência, entendeu? Que eu já tive mais convivência, mas não falam muito mais comigo daí vão pensar de mim “nossa, olha a maconheira, olha o que ela se tornou” a maioria é que eu tenho agora, mas eu tenho alguns antigos.

Entrevistadora: E como você decidiu criar o Dix? Por quê? Como é que foi esse primeiro contato?

Entrevistada 5: Eu não vou mentir para você, eu falei assim para o [nome do amigo], você até entrevistou ele, falei “Eu vou criar um Dix pra postar biscoitagem” porque eu não tenho onde postar, daí ele falou “é, faz mesmo, posta mesmo” daí eu criei o Dix pra biscoitagem, mas depois virou um bagulho que tipo é onde eu gosto de postar né? Que eu posto tudo o que eu faço e tal, as minhas palhaçadas

Entrevistadora: Com você, eu percebi algumas postagens até meio que tipo parece um diário assim, sabe? Tipo você tem essa sensação quando você vai postar?

Entrevistada 5: Às vezes sim, as vezes eu posto quando eu saio com os meus amigos, ou com o meu melhor amigo, o [nome do amigo], daí eu falo “nossa gente, eu tô muito feliz” sei lá o que, é como se eu tivesse falando mesmo do meu dia e contando tudo

Entrevistadora: E você usa também né? Você falou, a questão do corpo, a questão da maconha tal, mas você acha que você o Dix também em questões emocionais?

Entrevistada 5: Sim, quando eu tô muito feliz as vezes eu posto, no momento com os amigos, na maioria das vezes quando eu tô em rolê com os meus amigos eu posto o quanto feliz eu tô com eles. Acho que de tristeza eu postei poucas vezes, eu não lembro de ter postado quando eu fico triste no dix, porque não é um bagulho que eu posto, sabe?

Entrevistadora: E essas postagens, qual que é seu objetivo na hora que você posta? Tipo “ah eu quero deixar uma lembrança” ou “eu só quero que as pessoas se sintam felizes juntas” ou que saibam que eu estava que eu estava feliz.

Entrevistada 5: Então, eu acho que é mais questão de lembrança, porque no meu Dix, a maioria das fotos que eu posto são com os meus amigos, acho que eu tenho poucas fotos sozinha lá, se tiver sozinha é tipo de biscoitagem ou alguma coisa que eu tô mais bonita, a maioria é com os meus amigos, fazendo alguma coisa, então acho que é mais lembrança mesmo eu tenho bastante foto com meu melhor amigo lá, então eu deixo registrado, sabe? Para ficar marcado.

Entrevistadora: E a questão dos Stories que passam muito rápido, tem essa questão de sumir muito fácil, você acha que o objetivo é qual? Tipo qual que é essa diferença, sabe?

Entrevistada 5: O Stories é uma coisa mais cotidiana mesmo, você não vai postar algo que tipo te marcou mesmo para deixar lá, porque o *feed* é um bagulho que você vai ver para sempre, né? Vai estar lá, caso você apague não vai estar mais, né? Mas o Stories acho que é uma coisa mais simples, só para postar o que você tá fazendo no momento, acho que é tipo uma ferramenta do dia a dia para mostrar o que está acontecendo mesmo na sua vida, diferente do feed que é mais acho que importante.

Entrevistadora: É uma coisa mais “acontecimentos” né?

Entrevistada 5: Sim.

Entrevistadora: E na sua visão qual é a diferença, eu sei que você não usa muito, mas qual que é a diferença entre o seu perfil principal e o seu Dix? Qual que é a principal diferença?

Entrevistada 5: Acho que a principal diferença é o conteúdo só, porque lá eu posto foto, no meu Instagram normal postava bastante coisa de maquiagem, foto com maquiagem, bem bonita, só que eu parei também, daí eu comecei a postar foto normal só tem uma foto lá no meu Instagram normal. E no meu Dix é mais besteira, essas coisas tudo, acho que essa é a diferença, lá eu sou uma pessoa mais séria do que no Dix.

Entrevistadora: E em qual dos dois perfis você acha que você é mais você?

Entrevistada 5: Então, no meu Instagram eu postei uma foto que mostra muito como eu sou, mas no Dix eu acho que aparenta mais, né? Porque eu falo mais, eu mostro o que eu tô fazendo, já no meu Instagram não, no normal.

Entrevistadora: E não tem um grupo de pessoas que coincidam nos dois Instagram?

Entrevistada 5: No meu Dix tem, eu sigo perfil normal da pessoa e o Dix dela, no meu Instagram normal também, só que eu vejo mais pelo Dix mesmo.

Entrevistadora: O que você consome mais no dia a dia é o Dix mesmo. E qual que é o critério para deixar a pessoa entrar no seu Dix? Acredito que ninguém da família entre...

Entrevistada 5: Não, acho que é mais amigos mesmo, se eu tenho uma amizade com a pessoa eu deixo ela me seguir.

Entrevistadora: Mas você acha que tem uma coisa, tipo, “eu conheço a pessoa dois meses” ou não “eu já sinto que eu conheço super bem essa pessoa e ok” tipo é uma coisa de feeling ou é uma coisa mais estruturada assim, sabe?

Entrevistada 5: Ah não, no meu Dix é uma coisa mais estruturada.

Entrevistadora: E aí você acha que, por exemplo, tem que conhecer um tempo ou tem que ter conversado x vezes, o que você acha?

Entrevistada 5: Não, acho que tempo é irrelevante se você teve uma conexão boa com a pessoa isso é o importante.

Entrevistadora: Então você tem que sentir que conhece ela realmente?

Entrevistada 5: Sim.

Entrevistadora: E sentir a confiança?

Entrevistada 5: Sim.

Entrevistadora: Você acha que a confiança é o fator principal?

Entrevistada 5: No Dix?

Entrevistadora: Sim.

Entrevistada 5: Eu acho que depende porque eu tenho amigos meus que foram bem importante na minha vida, mas não estão mais comigo, sabe? No meu dia a dia, não tem mais tanta amizade, já passou na minha vida, mas agora não é mais, então acho que não é tão relevante

Entrevistadora: E mesmo assim continuam lá no Dix?

Entrevistada 5: Sim.

Entrevistadora: E por que, por exemplo, usar o Dix e não usar o recurso “melhores amigos” do Stories?

Entrevistada 5: Então, eu não contei os melhores amigos, eu acho que não tenho nada para mandar só para os meus melhores amigos, tipo quando eu mando alguma coisa para eles eu tipo vou no chat e mando mesmo, mas acho que não tem essa coisa tipo “aí vou mandar essa coisa para todos meus melhores amigos”, sabe? Eu acho que não uso essa ferramenta.

Entrevistadora: Por exemplo, se você não tivesse o Dix e tivesse todo mundo que tá no seu Dix no seu perfil principal e fechasse só para os melhores amigos, você acha que teria algum ônus, por exemplo “eu perco o feed” porque não tenho um feed separado.

Entrevistada 5: Daí eu usaria sim esse recurso, daí é bem melhor para o meu para o meu perfil normal usar os melhores amigos porque daí seria diferente, porque lá no

Dix é tipo para todo mundo ver, daí no Instagram normal o Melhores Amigos seria bem mais eficiente.

Entrevistadora: Mas mesmo assim tá fechada com o Dix?

Entrevistada 5: É.

Entrevistadora: E quando foi mais ou menos que você criou?

Entrevistada 5: Acho que desde 2018 eu tenho.

Entrevistadora: E quando você criou ainda não tinha o recurso melhores amigos, né?

Entrevistada 5: Sim.

Entrevistadora: É uma atualização mais recente. E nesse momento a gente de pandemia, mudou a forma como você se relaciona com o Instagram?

Entrevistada 5: Afetou completamente, Instagram era um bagulho que eu não usava muito, tipo usava o Dix e pronto, mas depois que começou a pandemia, tipo, eu usar o Instagram virou um bagulho rotineiro, todo dia, toda hora tô vendo alguma coisa lá vendo alguma informação também, que o Instagram traz isso agora para gente, é um bagulho que eu tô usando muito mais e postando mais ou menos, né? Porque não tem mais o que postar, né? Mas eu posto no Dix algumas coisas bestas, mas é isso.